



UNIVERSIDADE FEDERAL DA SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Cristiano Constante

Quem era o rei, quem não era o rei:
uma História Antiga Global do colapso do reino de Acade

Florianópolis

2024

Cristiano Constante

Quem era o rei, quem não era o rei:
uma História Antiga Global do colapso do reino de Acade

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Dominique Vieira Coelho dos Santos.

Coorientador: Prof. Dr. Fábio Augusto Morales Soares

Florianópolis

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.

Dados inseridos pelo próprio autor.

Constante, Cristiano

Quem era o rei, quem não era o rei : uma História Antiga Global do colapso do reino de Acade / Cristiano Constante ; orientador, Dominique Vieira Coelho dos Santos, coorientador, Fábio Augusto Morales, 2024.
218 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. História. 2. História Global. 3. Colapso de sociedades complexas. 4. Assiriologia. 5. Akkad. I. Santos, Dominique Vieira Coelho dos. II. Morales, Fábio Augusto. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. IV. Título.

Cristiano Constante

Quem era o rei, quem não era o rei:
uma História Antiga Global do colapso do reino de Acade

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 21 de fevereiro de 2024,
pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Kátia Maria Paim Pozzer, Dra.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Uiran Gebara da Silva, Dr.
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Prof. Dominique Vieira Coelho dos Santos, Dr.
Universidade Regional de Blumenau (FURB)

Prof. Fábio Augusto Morales, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado
adequado para obtenção do título de Mestre em História.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof. Dominique Vieira Coelho dos Santos, Dr.

Orientador

Florianópolis, 2024.

Dedico este trabalho a José Anélio Constante
(*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A escrita de uma dissertação é um trabalho que exige diálogo com nossos colegas de ofício. Enquanto pesquisadores, não podemos caminhar sozinhos, a construção do saber não é uma construção de um único indivíduo pensando sozinho. Ela é produto de uma coletividade. Que seria de nós sem a sustentação dos ombros de gigantes?

Em primeiro lugar, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, que me permitiu cursar o mestrado em História. Agradeço igualmente ao Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais (LABEAM), ao grupo de estudos Humanitas e ao Laboratório de História Antiga Global (MITHRA) pelas contribuições prestadas à pesquisa.

Agradeço a todos que contribuíram com este trabalho, sobretudo, ao professor Dr. Dominique Santos e ao professor Dr. Fábio Morales, que aceitaram orientar esta pesquisa. Agradeço à Prof. Dra. Katia Pozzer e ao Prof. Dr. Uiran Silva, por gentilmente aceitarem compor a banca avaliadora desta dissertação. Minha gratidão a todos vocês!

Agradeço aos colegas de Pós-Graduação que também contribuíram com discussões, debates, sugestões, reflexões e críticas para a composição desta dissertação, sobretudo aos colegas de pós-graduação Thomé Mendes Ribeiro Bisneto, Dyel Gedhay da Silva e Vitória Meneses Vargas.

Meus agradecimentos ao meu pai, José Anélio Constante (*in memoriam*), a quem devo muito do aprendizado para a vida, a quem dedico esta pesquisa. Meus agradecimentos à Maestra Mônica Kropp Constante, que tem me apoiado muito desde a graduação. Agradeço aos deuses pela força que têm me dado nos últimos anos, sobretudo à deusa Inanna, por me permitir lutar a guerra contra as inúmeras dificuldades. Eterna gratidão!

“Ter espírito científico é estar exercendo essa constante crítica e criatividade em busca permanente da verdade, propondo novas e audaciosas hipóteses e teorias e expondo-as à crítica intersubjetiva” (Köche, 2015, p. 37).

RESUMO

Resumo: Muitas sociedades antigas já não existem mais, foram enterradas nas areias do tempo. Dessas, nos restam apenas fragmentos que se apresentam em desordem e sem sentido aparente, precisam ser interpretados. As condições que levam a rupturas nos níveis de complexidade adquirida por uma sociedade e que podem, ou não, representar o seu fim é o que denominamos de colapso de sociedade. A desestruturação do reino acadiano na Mesopotâmia, após um século de resiliência, desde sua fundação por Sargão até o colapso após o governo de Šarkališarri, é o caso investigado nesta dissertação. Esse antigo reino colapsou em circunstâncias apresentadas contraditoriamente em diversos campos do saber. A problemática de pesquisa visa compreender as principais razões que levaram ao colapso sociopolítico do reino de Acade. Para confrontar esse problema, dialogamos com os estudos da História Global, da Cultura Material, da Assiriologia e da História Ambiental. Conclui-se que o colapso sociopolítico do reino de Acade ocorreu devido a uma combinação de fatores, dentre os quais a ruptura da rede de patrocínio real foi o principal fator.

Palavras-chave: História Global; Mesopotâmia; Colapso de sociedades complexas.

ABSTRACT

Many ancient societies no longer exist, they have been buried in the sands of time. Of these, we are left with only fragments that are in disarray and make no apparent sense; they need to be interpreted. The conditions that lead to ruptures in the levels of complexity acquired by a society, and which may or may not represent its end, are what we call societal collapse. The collapse of the Akkadian kingdom in Mesopotamia, after a century of resilience, from its foundation by Sargon to its collapse after the rule of Šarkališarri, is the case investigated in this dissertation. This ancient kingdom collapsed under circumstances presented contradictorily in various fields of knowledge. The research problem aims to understand the main reasons that led to the socio-political collapse of the kingdom of Akkad. To confront this problem, we dialogued with studies in Global History, Material Culture, Assyriology and Environmental History. We conclude that the socio-political collapse of the kingdom of Akkad occurred due to a combination of factors, among which the breakdown of the royal patronage network was the main factor.

Keywords: Global History; Mesopotamia; Collapse of complex societies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tablete cuneiforme CBS 13972.....	34
Figura 2 - Mati Akkadi, território de Acade.....	46
Figura 3 - A escadaria da evolução cultural clássica.....	52
Figura 4 - Mapa da antiga Ásia ocidental.....	82
Figura 5 - Cena de preparação de um banquete.....	88
Figura 6 - Sinal ÍL e as representações de figuras reais exatamente na mesma posição.....	104
Figura 7 - Impressão de selo cilíndrico - Equipe de arado.....	109
Figura 8 - Cultura Material e vida social.....	111
Figura 9 - O tamanho do reino de Agade sobre Sargão na primeira fase.....	121
Figura 10 - Condições materiais do tablet Ni 3200.....	122
Figura 11 - O tamanho do reino de Agade sobre Sargão na segunda fase de formação.....	128
Figura 12 - O tamanho do reino de Agade nos reinados de Rimuš e Manistušu.....	131
Figura 13 – Cabeça de maça com inscrição de Naram-Sîn à Ištar (OIM A30975).....	135
Figura 14- Tamanho do reino de Acade no governo de Naram-Sîn.....	136
Figura 15 - Vaso de Alabastro NBC 2527.....	137
Figura 16 - Base da estátua de Bassekti.....	139
Figura 17 - Inscrição gravada na base da estátua Bassetki.....	140
Figura 18 - Planta do Palácio de Naram-Sîn em Nagar (Tell Brak).....	145
Figura 19 - Tijolo do armazém de Nagar (Tell Brak).....	146
Figura 20 - Mapa do período acadiano - SMN 4172.....	148
Figura 21 - Obelisco de Manistušu.....	152
Figura 22 - Tablete Ashm 1932-0346 de Mugdan.....	156
Figura 23 - Selo MS 5106 da Schøyen Collection.....	163
Figura 24 - Selador de tijolo com inscrição de Šarkališarri, construtor do Ekur.....	167
Figura 25 - Paleoclima mesopotâmico e o colapso de Acade.....	179

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Transcrição e tradução da inscrição real – RIME 2.1.1.2	35
Tabela 2 - Texto da Inscrição RIME E2.1.4.4	38
Tabela 3 - Tradução da fonte Enki and Ninmah.....	103
Tabela 4 - Tabela das inscrições RIME 2.1.1.1-15 nos tabletes CBS 13972 e Ni 3200	120
Tabela 5 - Inscrição Rime 2.1.4.37.....	135
Tabela 6 - Inscrição RIME 2.1.4.4	137
Tabela 7 - Texto da Inscrição RIME 12.1.4.10 da estátua de Bassekti.....	141
Tabela 8 - Inscrição MAD 5 67 do tablete Ashm 1932-346	157
Tabela 9 - Texto da inscrição RIME E2.1.4.16	163
Tabela 10 - Texto da inscrição RIME 2.1.5.3	167

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.E.C.	Antes da Era Comum, equivale a a.C. (antes de Cristo).
AO	Der Alte Orient
BM	British Museum
CAD	The Assyrian Dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago
CBS	Catalogue of the Babylonian Section - the University Museum in Philadelphia
Cf.	Confira, conferir
CDLI	Cuneiform Digital Library Initiative
EC	Era Comum, equivale a d.C. (depois de Cristo).
ETCSL	The Electronic Text Corpus of Sumerian Literatur
IM	Iraq Museum
NBC	Nies Babylonian Collection
RIME	Royal Inscriptions of Mesopotamia Ealy Periods
TCL	Textes Cunéiformes du Louvre

CRONOLOGIA DOS REIS DA SUMÉRIA E DE ACADÉ¹

PERÍODO DINÁSTICO INICIAL OU ANTIGO DINÁSTICO

Kiš

Mebaragesi	aprox.	2650? A.E.C.
Agga	aprox.	2600? A.E.C.
Mesalim	aprox.	2550? A.E.C.

Ur

Meskalamdug	aprox.	2620? A.E.C.
Akalamdug	aprox.	2600? A.E.C.

Lagaš

Enhegal	aprox.	2570-? A.E.C.
Lugal-saengur	aprox.	2550-? A.E.C.
Ur-Nanše	aprox.	2494-2465 A.E.C.
Akurgal	aprox.	2464-2455 A.E.C.
Eannatum	aprox.	2454-2425 A.E.C.
Enannatum I	aprox.	2424-2404 A.E.C.
Enmetena	aprox.	2403-2375 A.E.C.
Enannatum II	aprox.	2374-2365 A.E.C.
Enentarzi	aprox.	2364-2359 A.E.C.
Lugalanda	aprox.	2358-2352 A.E.C.
Uruinimgina	aprox.	2351-2342 A.E.C.

Uruk	aprox.	2341-2316 A.E.C.
-------------	--------	------------------

PERÍODO ACADIANO

Agade

Sargão	aprox.	2340-2284? A.E.C.
Rimuš	aprox.	2284-2276 A.E.C.
Manistušu	aprox.	2275-2261 A.E.C.
Naram-Sîn	aprox.	2260-2224 A.E.C.
Šarkališarri	aprox.	2223-2198 A.E.C.
[governo gútio]		? A.E.C.

PERÍODO NEO-SUMÉRIO

Uruk (segunda “dinastia”)

Utuhegal	aprox..	2119-2112 A.E.C.
----------	---------	------------------

Lagaš

Gudea	aprox.	2141-2122 A.E.C.
-------	--------	------------------

Ur III

Ur-Nammu	aprox.	2113-2096 A.E.C.
----------	--------	------------------

¹ Cronologia média adaptada de LEICK, G. **Historical dictionary of Mesopotamia**. 2. ed. Lanham, Md: Scarecrow Press, 2010a. (Historical dictionaries of ancient civilizations and historical eras, v. no. 26), p. 197–198. Uma discussão sobre os problemas com as cronologias na Assíriologia, Cf. LIVERANI, M. **The ancient Near East: history, society and economy**. Tradução: Soraia Tabatabai. London; New York: Routledge/Taylor & Francis Group, 2014), p. 9–16.

Šulgi	aprox.	2094-2047 A.E.C.
Amar-Suen	aprox.	2046-2038 A.E.C.
Šu-sin	aprox.	2037-2027 A.E.C.
Ibbi-Sin	aprox.	2026-2004? A.E.C.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 O REINO DE ACADE E A HISTÓRIA ANTIGA GLOBAL	23
1.1 ACADE NO MUNDO MESOPOTÂMICO	24
1.1.1 As cidades mesopotâmicas	28
1.1.2 Um grande “contexto”: o período acadiano e seus reis	31
1.2 PROBLEMA DAS FORMAS E CONCEITOS EM HISTÓRIA ANTIGA	40
1.2.1 Dinastia e Império: críticas da História Intelectual Global.	42
1.2.2 Selvageria, barbárie e civilização: uma escadaria do progresso civilizacional	49
1.2.3 Eurocentrismo morfológico às avessas: as sociedades complexas	54
1.3. TEORIAS DO COLAPSO.....	58
1.3.1 Hipóteses para o colapso do reino de Acade	59
1.3.2 Teorias do colapso	61
1.3.3 Uma teoria para pensar o colapso de Acade.....	64
2 FUNDAMENTO MATERIAIS DO REINO DE ACADE.	72
2.1 CULTURA MATERIAL, MATERIALIDADE E COMPLEXIDADE.....	73
2.2 AGRICULTURA E AQUISIÇÃO DE NÍVEIS COMPLEXIDADE	81
2.3 ESTRATIFICAÇÃO DO TRABALHO NA ANTIGA MESOPOTÂMIA	99
3 REI DAS QUATRO REGIÕES: CONEXÕES GLOBAIS DE AGADE	117
3.1 POLÍTICAS DE EXPANSÃO NA FORMAÇÃO DO REINO DE ACADE.....	117
3.2 A ESTRUTURA SARGÔNICA DE MANUTENÇÃO DE PODER.	144
4 QUEM ERA O REI? MOTIVOS DO COLAPSO DO REINO DE ACADE	161
4.1 O GOVERNO DE ŠARKALIŠARRI.....	161
4.2 EVENTO 4.2 KA COMO FATOR DO COLAPSO DO REINO DE ACADE?.....	173
4.3 REI MODELO E REI MALDITO: REFLEXÕES SOBRE LITERATURA NARŪ ..	182
CONSIDERAÇÕES FINAIS	190
REFERÊNCIAS	196
A) FONTES	196
a) Fontes Textuais.....	196
b) Imagéticas	198
c) Cultura Material	198
B) OBRAS DE REFERÊNCIA	200
C) BIBLIOGRAFIA	200

INTRODUÇÃO

Estudar a Mesopotâmia é como viajar para outra época habitada por pessoas que possuíam visões de mundo, modos de pensar e de ser bastante distintos do ser humano no presente. Por outro lado, enquanto produto historiográfico, a Mesopotâmia é uma construção dos historiadores, arqueólogos, antropólogos e de outros cientistas sociais que buscam compreendê-la e explicá-la na tentativa de torná-la compreensível ao leitor contemporâneo. Nesse sentido, a Assiriologia é um campo do saber fascinante, mas também desafiador. Para nós brasileiros, torna-se um desafio ainda maior, devido às condições de pesquisa e o nosso lugar como periferia do mundo globalizado e conectado às inúmeras formas de obter informações. A antiguidade mesopotâmica é muitas vezes representada na mídia como exótica, bárbara, “berço da civilização” ou então criam-se ficções popularizadas em redes sociais.

Pode ocorrer que professores de História pensem não haver materiais disponíveis sobre algum período histórico para produzir aulas interessantes fora dos livros didáticos e dos filmes audiovisuais exibidos em sala para “ensinar pelo entretenimento”. Porém, o problema não é a falta de materiais, mas a falta de acesso a eles. Nós, brasileiros, temos pouco acesso a museus e bibliotecas para pesquisar. Alguns não possuem acesso à internet. Outros, embora possuam acesso, não sabem onde e como procurar por um bom livro, por um artigo, por uma resenha ou uma fonte confiável qualquer. No campo dos estudos da Mesopotâmia, não é difícil encontrar grupos sobre Mesopotâmia nas bolhas das redes sociais. Isso significa haver pessoas que se interessam pelas culturas cuneiformes.

Há milhares de tabletas cuneiformes, selos cilíndricos, relevos, estelas, inscrições reais, crônicas, poemas, presságios e artefatos espalhados em museus da Europa e dos Estados Unidos, longe das periferias, porém, a internet atualmente já nos possibilita acessar virtualmente grandes acervos, acessar livros e artigos, fazer reuniões virtuais com pessoas do mundo todo. Conforme demonstra um artigo de Dominique Santos, a era digital oferece novas ferramentas para a pesquisa e o ensino da história das culturas cuneiformes, embora ainda haja desafios a serem superados, como limitações financeiras, burocráticas e linguísticas, além da falta de incentivo por parte dos professores de História Antiga². Muita coisa mudou nos últimos 10 anos. Importantes nomes surgiram na Assiriologia brasileira e, produziram teses e dissertações magníficas. Para citar dois exemplos recentes, Simone A. Dupla, em 2019, que

² SANTOS, D. V. C. dos. De tablet para tablet - novas ferramentas para a pesquisa e o ensino da história das culturas cuneiformes na era digital. **Revista Tempo e Argumento**, [s. l.], v. 6, n. 12, p. 212–241, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/2175180306122014212>. Acesso em: 10 nov. 2023.

produziu uma excelente tese na qual a autora analisa o imaginário e devoção à deusa mesopotâmica Inanna/Ištar³. Janaina de Fátima Zdebskyi, que analisou a guerra, a morte e o sexo nos atributos de Inanna utilizando o banco de dados *Electronic Text Corpus of Sumerian Literature* (ETCSL)⁴. Essas obras foram possibilitadas por ferramentas digitais em diferentes níveis, seja no acesso a bibliografias especializadas, seja no acesso a fontes das culturas cuneiformes transliteradas ou traduzidas para idiomas contemporâneos.

O caso desta dissertação não é diferente. Não seria possível produzi-la sem acesso a ferramentas digitais. Nesse trabalho foi utilizado o gerenciador de bibliografias Zotero, que permite fazer anotações nos pdfs, criar fichamentos, fazer buscas por palavras e expressões específicas dentro de centenas de artigos, livros, dissertações e teses. Foi utilizado também o *Electronic Text Corpus of Sumerian Literature* (ETCSL)⁵, um projeto da Universidade de Oxford, que compreende uma seleção de quase 400 composições literárias registradas em fontes que vêm da antiga Mesopotâmia, para acessar algumas das fontes discutidas nesse trabalho. O *Cuneiform Digital Library Initiative* (CDLI), que ao disponibilizar on-line as transliterações e traduções dos tabletos mesopotâmicos, está abrindo caminhos para a riqueza histórica das culturas cuneiformes⁶. Esses exemplos demonstram a importância dessas ferramentas para trabalhos de pesquisa em História Antiga.

Existem obras gerais importantes para o estudo da Mesopotâmia, que serviram para esta dissertação e que servem para qualquer outra pesquisa relacionada às culturas cuneiformes. Destaco aqui livros como *A history of the ancient Near East ca. 3000-323 BC*, de Marc Van de Mieroop, de 2016⁷, por ser uma obra que aborda vários períodos da história mesopotâmica; *The ancient Near East: history, society and economy*, de Mario Liverani, de 2014, que faz uma abordagem marxiana da história, sociedade e economia da antiga Ásia ocidental⁸; *The Oxford history of the ancient Near East*, de Karen Radner et al., de 2020⁹, por reunir diversos artigos

³ DUPLA, S. A. **Imaginário e devoção no culto à deusa Mesopotâmica Inanna/Ishtar (2012-1600)**. 224 f. 2019. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR, 2019.

⁴ ZDEBSKYI, J. de F. **A deusa precisa ser satisfeita: guerra, morte e sexo na Suméria nos atributos da deusa Inanna**. 2022. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/247429>

⁵ Electronic Text Corpus of Sumerian Literature (ETCSL). Disponível em: <https://etcsl.orinst.ox.ac.uk/>. Acesso em 15. jan. 2024.

⁶ Cuneiform Digital Library Initiative (CDLI). Disponível em: <https://cdli.mpiwg-berlin.mpg.de/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

⁷ MARC VAN DE MIEROOP. **A history of the ancient Near East ca. 3000-323 BC**. Third editioned. Chichester, West Sussex, UK: John Wiley & Sons Inc, 2016.

⁸ LIVERANI, 2014.

⁹ RADNER, K.; MOELLER, N.; POTTS, D. T. (org.). **The Oxford history of the ancient Near East**. New York, NY: Oxford University Press, 2020.

sobre assuntos ao Egito e antiga Ásia ocidental; *A companion to ancient agriculture*, de David B. Hollander e Timothy Howe, de 2021¹⁰, que reúne diversos autores para discutir agricultura nas culturas cuneiformes e; *A Companion to the Ancient Near East*, organizado por Daniel C. Snell¹¹, por reunir diversos especialistas para discutir formas, economia e sociedade, discurso, cultura e patrimônio.

Na categoria dos dicionários utilizamos 3 principais: *Historical dictionary of Mesopotamia*, de Gwendolyn Leick, de 2010¹², que discute os verbetes da perspectiva historiográfica; *A concise dictionary of Akkadian*, de Jeremy et al. de 2000¹³, dicionário de língua acadiana e; *Gods, demons, and symbols of ancient Mesopotamia: an illustrated dictionary*, de Jeremy et al., de 1992¹⁴.

O tema principal deste trabalho é colapso do reino de Acade como resultado do processo de aquisição de níveis de complexidade sociopolítica na antiga Mesopotâmia. O colapso de sociedades com muitos níveis de hierarquias e desigualdade é a preocupação de Joseph Tainter¹⁵ autor com quem dialogamos para pensar o processo. Embora Tainter seja presentista, em sua abordagem, o que nos interessa é o núcleo teórico discutido por Norma B. Mendes no seu artigo¹⁶. Dialogamos com os estudos da cultura material, pensando as fontes como vetores sociais inseridos em um espaço geográfico. Utilizamos perspectivas e abordagens da História Global, explícita ou implicitamente. Essas focam nas comparações, nas conexões, contextualizações, nas conceitualizações, nas interações, nas redes articuladas, nas espacialidades micro e macro e nas temporalidades de curta e de longa duração. Com isso, visamos compreender o desenvolvimento do processo de formação do reino, seu colapso, e a construção da imagem de Sargão e Naram-Sîn na literatura narû, esta última desenvolvida na Mesopotâmia durante e após o período acadiano. Propomos tais articulações em consonância

¹⁰ HOLLANDER, D. B.; HOWE, T. (org.). **A companion to ancient agriculture**. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021. (Blackwell companions to the ancient world).

¹¹ SNELL, D. C. (org.). **A companion to the ancient Near East**. Malden, MA: Blackwell Pub, 2005. (Blackwell companions to the ancient world).

¹² LEICK, 2010a.

¹³ BLACK, Jeremy Allen; GEORGE, A. R.; POSTGATE, J. N. **A concise dictionary of Akkadian**. 2nd (corrected) printing. Wiesbaden: Harrassowitz, 2000. (Santag, v. 5).

¹⁴ BLACK, Jeremy A.; GREEN, A.; RICKARDS, T. **Gods, demons, and symbols of ancient Mesopotamia: an illustrated dictionary**. London: Published by British Museum Press for the Trustees of the British Museum, 1992.

¹⁵ TAINTER, J. A. **The collapse of complex societies**. Cambridge, Cambridgeshire; New York: Cambridge University Press, 1988a. (New studies in archaeology).

¹⁶ MENDES, N. M. Um Modelo de Colapso de Sociedades Complexas. **PHOÏNIX**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 157–169, 1995.

com as proposições teóricas de Diego Olstein e Sebastián Conrad¹⁷. Benjamin R. Foster descreveu esse período como um período de diversas inovações epistemológicas, artísticas, literárias e políticas na Mesopotâmia, em grande escala no tempo e espaço no antigo oriente¹⁸. Visamos estabelecer um diálogo interdisciplinar entre disciplinas das ciências humanas e das ciências da natureza, pois, entendemos que a História Global requer esse diálogo no movimento de ampliar e reduzir as escalas de olhar teórico sobre as redes e conjuntos de fontes, bibliografias e perguntas. Além disso, esta pesquisa foi pensada em consonância com a área de concentração do PPGH em História Global, uma vez que usa como chave interpretativa o termo “conexões”. Busca-se, portanto, enfatizar as diversas interações¹⁹ que ocorreram durante o reino de Acade e defende-se que essas interações, antagônicas em muitos casos, contribuíram ao seu colapso sociopolítico do reino acadiano, inspirando o escriba da *Lista dos Reis Sumérios* a questionar: “quem era o rei? Quem não era o rei?”.

O conjunto de fontes mesopotâmicas que nos permitem compreender o problema são contemporâneas e posteriores a Acade, sua tipologia é diversificada. Trata-se de artefatos, de imagens e de textos do gênero chamado “inscrições reais”, bastante utilizadas pelos reis mesopotâmicos. As principais fontes fazem parte de um conjunto documental relacionado aos reis do período sargônico, gútio e neosumério, publicadas em 1993 por Douglas Frayne em seu monumental “*Sargonic and Gutian Periods (2334-2113 BC)*”, volume 2 de 5 volumes intitulados RIME - The Royal Inscriptions of Mesopotamia, Early Periods - referentes a inscrições reais que compreendem os períodos entre 2700 e 1595 A.E.C. O RIME contém a transcrição das fontes textuais em caracteres cuneiformes para caracteres latinos, bem como a tradução das fontes originais para o inglês moderno. Também utilizamos fontes publicadas no livro “*Legends of the Kings of Akkade: The Texts*” de Joan Goodnick Westenholz publicado pela Eisenbrauns em 1997. O projeto de um estudo investigativo de Épicos Heróicos Mesopotâmicos foi concebido em 1984 na Universidade de Chicago e iniciado em 1985²⁰. Utilizamos, também, algumas das fontes publicadas no ETCSL e do CDLI, projetos que mencionamos anteriormente.

O quadro teórico-metodológico desta pesquisa opera a partir de quatro abordagens relacionadas a quatro campos da História, a saber: da História Global, dos Estudos da Cultura

¹⁷ CONRAD, S. **O que é a História Global?** Tradução: Teresa Furtado; Bernardo Cruz. Lisboa: Edições 70, 2016a.: OLSTEIN, D. A. **Thinking history globally**. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan, 2015.

¹⁸ FOSTER, Benjamin R. **The Age of Agade: inventing empire in ancient Mesopotamia**. London; New York, NY: Routledge/Taylor & Francis Group, 2016a.

¹⁹ CONRAD, 2016a, p. 83.

²⁰ WESTENHOLZ, J. G. **Legends of the kings of Akkade: the texts**. Winona Lake, Ind: Eisenbrauns, 1997.

Material, da Iconologia e da Análise de Discurso. Embora não existam definições exatas acerca do que seja a História Global, nesta pesquisa adotamos as sete escolhas metodológicas da História Global indicadas por Sebastian Conrad, pois, elas sintetizam os procedimentos teórico-metodológicos deste campo de pesquisa histórica,²¹ e os quatro Cs de Diego Olstein²².

A primeira escolha no nosso trabalho envolve ir para além da macroperspectiva que seria decorrente da análise do processo de aquisição de complexidade em larga escala de tempo e de espaço, pois, “os historiadores globais não estão apenas preocupados com as macroperspectivas”²³. Nesse sentido, visamos perceber as relações internas do reino acadiano, suas relações de trabalho, explorar algumas diferenças entre norte e sul da Mesopotâmia e os seus problemas internos, sobretudo aqueles relacionados com a manutenção do exército acadiano e com a rede de patrocínio real. Em consonância com a segunda escolha metodológica²⁴, visamos experimentar noções alternativas de espaço, explorando, por exemplo, o espaço enquanto condição física e agente social que possibilita a existência de sociedades complexas, ou sociedades urbanas, ao mesmo tempo que pode significar restrições de acesso a determinados recursos. Nesse sentido, buscamos desterritorializar o olhar, ou seja, mover o sujeito do conhecimento e acompanhar as diferentes perspectivas, de modo a mover o olhar para o “[...] estudo daquelas articulações ao nível inter-regional, macrorregional ou global, que devem ser pertinentes para o estudo de um fenômeno histórico específico”²⁵. Em terceiro lugar, adotamos uma abordagem relacional²⁶. A pesquisa explora as relações entre o reino de Acade e as cidades da Suméria, entre Acade e os povos estrangeiros — relações estas que são conexões comerciais, acordos de patrocínio real ou disputas bélicas. Além disso, por relacional entendemos que as diferentes perspectivas teóricas e as quatro abordagens centrais do trabalho que visamos pôr em diálogo estão interligadas por condições relacionais. Defendemos uma perspectiva relacional em nossa epistemologia, ao relacionarmos ciências da natureza, ciências sociais e ciências formais enquanto uma síntese global que nos permite abarcar o problema a partir dos conceitos de materialidade e complexidade, da Geografia física e da Paleoclimatologia. Nesse sentido, a concepção de realidade que pressupomos é a ideia de que

²¹ CONRAD, 2016a, p. 84–87.

²² OLSTEIN, 2015.

²³ CONRAD, 2016a, p. 84.

²⁴ CONRAD, 2016a.

²⁵ SILVA, U. G. da. Outra história global é possível? Desocidentalizando a história da historiografia e a história antiga. **Esboços: histórias em contextos globais**, [s. l.], v. 26, n. 43, p. 473–485, 2019, p. 476.

²⁶ CONRAD, 2016a, p. 85.

a realidade é mitigada, que não pode ser reconstruída, enquanto a que verdade é relacional²⁷. Consequentemente, exploramos as principais razões que podem ser pertinentes ao processo de aquisição de complexidade sociopolítica acadiana. A abordagem que adotamos nos permite considerar toda proposição, argumento ou fonte como incompleta e provisória, de modo que a abordagem consiste em constante revisita ao que escrevemos para confrontá-los com novos dados, novas fontes e novas leituras. Em quarto lugar, damos importância às conexões através do espaço geográfico, destacando-se as relações do reino de Acade com povos distantes como *Meluhha*, *Dilmun* e *Magan*, e ao espaço como agente social²⁸. Nossa abordagem dialoga com a sincronia e diacronia²⁹, por exemplo, quando não temos fontes contemporâneas ou diretamente relacionadas a algum assunto específico, utilizamos comparativamente aquelas que forem mais próximas, porém, prestando atenção ao problema do anacronismo. A sexta escolha envolve constante atenção ao problema do eurocentrismo³⁰. Isso não significa demonizar a produção historiográfica europeia, mas adotar um constante cuidado com o risco de colocar a visão europeia acerca da Mesopotâmia num pedestal de infalibilidade e inquestionabilidade. O sétimo ponto é reconhecimento de que a escrita do trabalho é feita de um lugar específico³¹, na periferia do mundo globalizado, que isso influencia muitas das escolhas devido a certas restrições e dificuldades, desde linguísticas até o acesso a obras importantes para a pesquisa.

Também nos apoiaremos na teoria da imagem e método de análise de imagens proposta por Erwin Panofsky em três níveis: descrição pré-iconográfica, análise iconográfica e interpretação Iconológica³², a qual utilizamos na análise de fontes imagéticas, sobretudo aquelas representadas em selos cilíndricos. A iconologia proposta por Panofsky, vem sendo utilizado na Assiriologia brasileira para a análise de imagens. Pozzer resume o método do seguinte modo:

1ª etapa: realização da descrição pré-iconográfica, isto é, a enumeração dos motivos artísticos para cada temática. Devem-se analisar séries de imagens e não imagens isoladas. Motivos artísticos são as formas puras (linha, cor, volume) que representam objetos naturais (seres humanos, animais, plantas, casas, ferramentas, etc.). Trata-se de “coisas concretas”. Devem-se descrever estas formas com precisão.

2ª etapa: realização da análise iconográfica, ou seja, da identificação de imagens, estórias e alegorias. Isto é a combinação de motivos artísticos com assuntos/temas e conceitos. Motivos artísticos portadores de significados são imagens e as combinações

²⁷ MARTINS, E. C. de R. VERITAS FILIA TEMPORIS? O CONHECIMENTO HISTÓRICO E A DISTINÇÃO ENTRE FILOSOFIA E TEORIA DA HISTÓRIA. *Síntese: Revista de Filosofia*, [s. l.], v. 36, n. 114, p. 5, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.20911/21769389v36n114p5-25/2009>. Acesso em 10 nov. 2023.

²⁸ CONRAD, 2016a, p. 85.

²⁹ CONRAD, 2016a.

³⁰ *Ibid.*, p. 86–87.

³¹ *Ibid.*, p. 87.

³² PANOFSKY, E. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1991, p. 50–55.

de imagens criam estórias e alegorias. Então, neste passo, devem-se identificar estas combinações, descrevê-las e classificá-las.

3ª etapa: realização da interpretação iconológica, que é a descoberta e a interpretação dos valores simbólicos nas imagens. A iconologia é uma iconografia que se torna interpretativa. É necessária uma exata análise das imagens, estórias e alegorias para se realizar uma correta interpretação iconológica. Devemos nos familiarizar com aquilo que os autores das representações liam e sabiam e isto deve ser feito a partir de fontes literárias.³³

As imagens podem nos dizer muitas coisas que não estão em textos. Elas, juntamente com a cultura material, são “plenas de revelações”³⁴. Entende-se pela análise de discurso que os textos podem nos dizer nas entrelinhas, aquilo que não dizem textualmente. Utilizaremos também as reflexões e abordagens proposta no livro “análise de discurso: princípios e procedimentos” de Eni Orlandi que destaca que “a análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”³⁵. Sua abordagem consiste em tratar o discurso como palavra em movimento ou prática da linguagem, que por sua vez não é apenas um produto do sujeito, mas externo a ele. Análise de discurso é a leitura do não dito, mas que está implícito no discurso do texto. Essa abordagem é adequada para as fontes textuais que utilizamos, visto que em sua maioria são discursos de inscrições reais e de textos sagrados que dizem muito sobre certas coisas e silenciam sobre outras.

A estrutura da dissertação foi pensada em quatro capítulos interconectados teórico-metodologicamente e sistematizados conforme a tipologia das fontes, com os objetivos específicos e com as Teorias e Métodos adequados à cada capítulo em consonância com o problema, a espinha dorsal da dissertação. Cada capítulo cumpre um dos objetivos, de modo que a inter-relação dos capítulos com o todo da pesquisa cumpra o objetivo geral que é responder ao problema da pesquisa: por que o reino de Acade colapsou no fim do governo de Sarkališarri?

O objetivo geral da pesquisa é problematizar o processo de aquisição e reversão de complexidade sociopolítica enquanto modelo para o colapso do reino de Acade. Os objetivos específicos são: problematizar os conceitos de dinastia, império, civilização e sociedades complexas; analisar o fundamento material do reino de Acade utilizando a abordagem dos estudos Cultura Material no estudo da História Antiga; compreender o processo de

³³ POZZER, Katia Maria Paim. Do prazer e da dor em estudar a Antiguidade Oriental: uma reflexão sobre o uso de fontes. **Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos**, [s. l.], n. 8, p.29, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/rom.v0i8.15163>. Acesso em 10 nov. 2023.

³⁴ *Ibid.*, p. 26.

³⁵ ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2000, p. 15.

complexificação política acadiana observada na rede de patrocínio real, utilizando fontes do gênero inscrição real analisadas a perspectiva da análise de discurso.

Pensando em tais objetivos e no problema da pesquisa, dividimos o trabalho em quatro capítulos. O capítulo primeiro, por sua vez, foi dividido em 3 tópicos. O primeiro tópico faz um breve panorama contextualizando os períodos dinástico antigo e período acadiano, de modo a compreender o surgimento da figura do *Lugal*, a função dos templos e palácios. O segundo tópico discute as formas da História antiga no contexto da Assiriologia e destacam-se críticas aos conceitos de dinastia, império, civilização e a categoria “sociedades complexas” necessárias às teorias sistêmicas de colapso de Joseph Tainter. O terceiro tópico desenvolve uma discussão teórica do conceito de colapso e o de sociedades complexas desenvolvido no século XX, e justifica a escolha pela teoria de Tainter.

No segundo capítulo, problematiza-se o conceito de cultura material, o espaço geográfico e a sua importância para o desenvolvimento das cidades da região. Discutimos também, a agricultura irrigada, o problema da salinização e, por fim, a estratificação do trabalho, a conscrição, o trabalho dependente e as relações de transmissão de propriedade de herança.

No terceiro capítulo discute-se as quatro fases de formação do reino de Acade, suas interações militares e comerciais com povos estrangeiros. Além disso, destacamos a centralidade da rede de patrocínio real mantida com recursos vindas de conquistas, confiscos, compras, conscrição e tributos.

O quarto capítulo ocupa-se das políticas de construção de dispendiosos templos, como o Ekur, para Enlíl em Nippur, o principal templo mesopotâmico. Discute-se a provável escassez de recursos após os grandes projetos, que combinados com revoltas internas e campanhas contra outros povos teriam comprometido muitos recursos das redes de patrocínio, possibilitando a entrada gradual dos gútios no território do reino ao leste, próximo de Lagaš. Além disso, aborda-se brevemente a questão paleoclimática e a relação do colapso com textos posteriores que atribuem a destruição de Agade à arrogância de Naram-Sîn. Por fim, nas considerações finais, apresenta-se uma conclusão provisória de que o colapso sociopolítico de Acade ocorreu por várias razões, sobretudo pela possível ruptura nas redes de patrocínio real.

1 O REINO DE ACADÉ E A HISTÓRIA ANTIGA GLOBAL

Conscientes de que o nosso recorte temporal se refere ao passado longínquo; que o período acadiano é uma Forma³⁶ construída pelos historiadores; que alguns conceitos utilizados na Historiografia para pensar a Mesopotâmia são eurocêntricos e; que o colapso do reino de Acadé é complexo e processual, desenvolvendo-se no globalmente tempo e no espaço, dividiu-se o primeiro capítulo em três tópicos apresentando questões teóricas importantes para as discussões desenvolvidas nos capítulos seguintes.

O primeiro tópico visa problematizar duas das principais instituições que importam ao problema: o templo e o palácio. Destaca-se o aparecimento da figura do *lugal*, o rei, importante figura para o desenvolvimento do tema. Nesse sentido, aponta-se para a importância dos sujeitos governantes de Acadé durante o período acadiano e de algumas das relações de confrontos destes com cidades da Suméria. Portanto, pensando nas formas, o primeiro tópico possui um caráter contextualista, no sentido de tratar de um “grande contexto”, sinônimo de forma. No segundo tópico, pensando em dois dos principais problemas confrontados pela História Global, o eurocentrismo morfológico e o internalismo metodológico, segue-se um segundo tópico de críticas, discussões teóricas e historicização diacrônica de conceitos que possuem conotações civilizatórias eurocêntricas tais como dinastia, império, civilização e indiretamente, por eurocentrismo às avessas, o conceito de sociedade complexa. No terceiro tópico revisitamos as hipóteses, explicamos o conceito de sociedades complexas, contextualizamos os estudos das quedas, declínios e colapsos no século XX e discutimos a Teoria do colapso de sociedades complexas do antropólogo Joseph Tainter que adotamos, com certas ressalvas, nesta dissertação.

O pano de fundo acima apresentado é necessário à compreensão e à explicação³⁷ das circunstâncias do colapso das instituições sociopolíticas de Acadé. A fundação de Acadé³⁸ e sua posterior expansão de controle político sobre as cidades sumérias do sul mesopotâmico não

³⁶ Por forma entendemos grandes contextos e períodos que os historiadores produzem a partir das relações extraídas do universo incoerente de vestígios do passado para tornar o passado compreensível.

GUARINELLO, N. L. Uma Morfologia da História: As Formas da História Antiga. **Politeia - História e Sociedade**, [s. l.], v. 3, n. 1, 2003, p. 45.

³⁷ Não concordamos com a ideia de que compreensão e explicação sejam epistemologicamente antagônicas. Destacamos, no entanto, que por explicação entendemos duas coisas principais: a instância simbólica do raciocínio, o “porquê”, aqui denominado implicação lógica (relacionado sempre à linguagem sobre a qual decorre o raciocínio dos sujeitos); e a instância empírica da realidade, o “como”, aqui denominado causalidade (relacionado sempre aos objetos em relação aos sujeitos).

³⁸ Nesta dissertação utiliza-se, para evitar ambiguidades, o termo Acadé para referir-se à cidade e Acadé para referir-se aos domínios de Acadé, ou seja, o reino acadiano ou Acádia. Este uso é adotado pelo Assiriólogo Benjamin R. Foster. Cf. FOSTER, Benjamin R. **The Age of Acadé: inventing empire in ancient Mesopotamia**. London; New York, NY: Routledge/Taylor & Francis Group, 2016b, p. xvi.

representaram uma ruptura como o modelo do período dinástico antigo de relações entre cidades. Porém, ocorreram diversas inovações no período acadiano, a “forma” ou grande contexto³⁹, que interessam às nossas comparações e conexões entre o que mudou e o que permaneceu quando Acade surgiu no cenário, e do mesmo modo quando colapsou — referindo-se a alguns níveis de complexidade ou heterogeneidade sociopolítica perdidas no processo.

1.1 ACADE NO MUNDO MESOPOTÂMICO

Dentre muitas sociedades da antiguidade que fascinam o ser humano, estão as denominadas culturas cuneiformes da Mesopotâmia. Nessa região surgiu uma das primeiras formas estratificadas e hierarquizadas de sociedade, o que levou alguns pesquisadores a considerá-la como “o berço da civilização”⁴⁰, uma afirmação incorreta derivada do hábito de procurar traços civilizatórios eurocêntricos na África e na Ásia⁴¹, ou de buscar pelas origens míticas da historiografia do ocidente na historiografia da antiguidade⁴².

Ao buscarmos em plataformas como Google Acadêmico, Semantic Scholar, Jstor, Scielo, dentre outras, por termos como “colapso” e seus sinônimos, com relação colapso sociopolítico de sociedades do passado, percebemos que as bibliografias sobre o tema, sobretudo as bibliografias mais antigas, deram bastante atenção ao colapso de grandes unidades sociopolíticas como o Império Romano, o império Maia, a União Soviética, o Império Britânico. Algumas das preocupações nos debates sobre colapso envolvem um possível colapso global como consequência das mudanças climáticas globais que vêm preocupando cientistas, ambientalistas e políticos do mundo todo. Porém, o colapso sociopolítico de sociedades do passado que não importam muito ao discurso eurocêntrico praticamente desaparece das discussões. Quando, por exemplo, o colapso de uma sociedade mesopotâmica é discutido nos debates sobre colapso sociopolítico, tal discussão é quase sempre uma preocupação com o que o “colapso civilizatório” poderia representar as sociedades complexas contemporâneas. Nesse sentido, não se trata necessariamente de preocupações epistemológicas visando a compreensão do colapso enquanto fenômeno no passado. Isso acontece porque a morfologia da História é eurocêntrica, privilegiando as sociedades que importavam para justificar características

³⁹ GUARINELLO, 2003b.

⁴⁰ Um exemplo interessante que nos remete a essa ideia é o título do livro “Mesopotâmia: o berço da civilização” de Samuel N. Kramer.

⁴¹ MORALES, F. A.; SILVA, U. G. da. História Antiga e História Global: afluentes e confluências. **Revista Brasileira de História**, [s. l.], v. 40, p. 126, 2020.

⁴² SILVA, U. G. Da, 2019, p. 477.

civilizatórias do Ocidente, enquanto sociedades sem tais características foram marginalizadas⁴³ ou tratadas como secundárias.

Considerando que o problema do colapso do reino de Acade exige pensar a partir de noções como conexões, comparações e causalidade no nível de estruturas sociopolíticas amplas no tempo e espaço, ponderamos esta dissertação com a linha de pesquisa “Conexões Globais: Teoria, Arte e Narrativas”. Além disso, dialogamos com o campo História Global, com ênfase na abordagem da história conectada e, embora a História seja um campo em processo de formação⁴⁴ desde a década de 90, enfatizamos em nossa abordagem, as interconexões, as interações, os entrelaçamentos, os fluxos, as comparações e as transferências que são características fundamentais da História Global⁴⁵. Em consonância com essas observações, visamos enfatizar na pesquisa a mobilidade, a fluidez, a volatilidade, a transposição de fronteiras, a articulação e circulação de ideias, objetos e sujeitos. Concordamos, portanto, com Sebastian Conrad que se pudéssemos definir o que entendemos por “global”, a palavra-chave seria “conexões”⁴⁶. Tal perspectiva acerca do global sugere que a história global não é necessariamente uma história da globalização ou uma história do globo.

Pensar o reino acadiano da perspectiva da História Global envolve, portanto, analisar as conexões e as interações entre diversos níveis dessa sociedade, pois, como observa Uiran Gebara da Silva, a História Global é “[...] o estudo daquelas articulações ao nível inter-regional, macrorregional ou global, que devem ser pertinentes para o estudo de um fenômeno histórico específico”⁴⁷. Ponderamos, que a História Global permite-nos pensar nas sociedades da Mesopotâmia como uma rede de conexões que não existe pela soma de seus constituintes, mas pelas relações diversas que se estabelecem entre as partes, permitindo múltiplas combinações possíveis em função das perguntas do historiador conexcionista⁴⁸. Pensar em redes de conexões requer maior atenção às periferias, à circulação de pessoas, de objetos e de ideias. Além disso, por redes de conexões e circulação de objetos e ideias estamos nos referindo às relações entre as bases materiais e às estruturas simbólicas, ou seja, à materialidade física natural e sua apropriação social, a cultura material, e; às estruturas simbólico-sociais, aqui denominado de

⁴³ MORALES; SILVA, 2020.

⁴⁴ FERRI, G. K. História global à prova: um balanço sobre críticas e proposições historiográficas. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, [s. l.], v. 1, n. 39, p. 280–293, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/253484.1.39-15p.282>.

⁴⁵ CONRAD, S. **O que é a História Global?** Lisboa: Edições 70, 2016.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 83.

⁴⁷ SILVA, U. G. Da, 2019, p. 476.

⁴⁸ HARTOG, F. Experiências do tempo: da história universal À história global? **História, histórias**, [s. l.], v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/hh.v1i1.10714>. Acesso em: 12 mar. 2023, p. 179.

realidades imaginadas⁴⁹, pensado como “o imaginário social elaborado e consolidado por uma coletividade” segundo Bronislaw Baczko⁵⁰.

A história global⁵¹, pressupõe a existência de conexões inter-relacionadas cujas conexões sempre ocorrem na realidade física que lhe serve de suporte material. Entretanto, como observou Marcelo Rede, “em geral, os historiadores desprezaram ou falharam em considerar adequadamente as articulações entre a vida social e a materialidade [...]”⁵². Essas articulações são em outras palavras conexões articuladas entre o simbólico e as coisas materiais que por sua vez são produtos e vetores de relações sociais⁵³. Isso significa que as sociedades se apropriam do mundo físico e, ao mesmo tempo, são moldadas por ele. O tecido complexo ou rede de interações que emergem disso podem nos auxiliar a explicar os condicionais materiais interconectadas que podem ter contribuído para o colapso de Acade. Por esse motivo entendemos que as abordagens da cultura material aliada às abordagens dos estudos do simbólico e às abordagens da história global permitem-nos cumprir nossos objetivos e testar nossas hipóteses.

Muito do que se sabia da Mesopotâmia até o século XVII provinha de estudos da bíblia e dos clássicos. Porém, isso passou a mudar depois dos séculos XVIII e XIX com a descoberta e decifração de textos cuneiformes da Mesopotâmia que haviam passado séculos, ou milênios, enterrados nas areias do deserto do Iraque e da Síria. A descoberta, a decifração e a pesquisa de todo o material encontrado pela arqueologia na Mesopotâmia, tabletas cuneiformes, selos cilíndricos, inscrições, estelas, documentos administrativos, e outros tipos de registros, nos permitem compreender que esta era uma região interconectada, dinâmica e culturalmente mais rica e complexa do que se pensava até então, embora a textualidade tenha sido privilegiada nas

⁴⁹ O termo “realidade imaginada” é utilizada nesta dissertação como uma categoria de análise para abordagem heurística e referência à construtos sociais que não existem no mundo físico como entidades, mas, que existem como ideias ou crenças compartilhadas por um conjunto de pessoas e sustentada por expectativas. Alguns exemplos de realidades imaginadas são o valor do dinheiro, a ideia de nação, as leis, a democracia, as formas da história, etc. Cf. ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.; HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breva história da humanidade**. Tradução: Janaína Marcoantonio. 30 ed.ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

⁵⁰ BACZKO, B. A imaginação social. In: LEACH, E. (org.). **Anthropos-Homem 5**. [S. l.]: Imprensa nacional - Casa da Moeda, 1985, p. 296–332, p. 309.

⁵¹ Com enfoque nas 7 escolhas metodológicas da história global apontadas por Sebastian Conrad. CONRAD, 2016b, p. 84–87.

⁵² REDE, Marcelo. História e cultura material. In: NOVOS DOMÍNIOS DA HISTÓRIA. [S. l.: s. n.], 2012, p. 132.

⁵³ MENESES, U. T. B. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, [s. l.], v. 0, n. 115, p. 103, 1983a. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i115p103-117p>. 113.

pesquisas até atualidade, em detrimento da materialidade inerente a esses materiais arqueológicos.

O estudo das culturas cuneiformes, a Assiriologia, atualmente está bastante desenvolvido nos países ocidentais do norte global. Isso se deve, principalmente, ao maior acesso ao financiamento que as universidades e instituições de pesquisa nesses países possuem, ao acesso às bibliotecas, museus e acervos que se encontram em grande medida, é claro, na Europa e América do Norte.

A Assiriologia surgiu como um empreendimento europeu. Isso sugere algumas razões do porquê muitos conceitos, formas e categorias acerca da Mesopotâmia carregam conotações europeias, razões que Morales e Gebara denominam adequadamente como “eurocentrismo morfológico”. Por essa razão, encontramos concepções como oriente próximo, civilização, cidade-estado, império, berço da civilização, e a ideia de que a história nasceu na Suméria com a escrita, concepções que imaginam as sociedades ágrafas como sociedades “sem história”. A Mesopotâmia como conhecida atualmente é em grande medida uma construção pensada e repensada desde o surgimento da Assiriologia como campo de estudos orientais na Europa nos séculos XVIII e XVIII.

A palavra Mesopotâmia foi pensada pelos gregos a partir de uma observação geográfica, a terra “entre rios”. Outras perspectivas podem dar destaques a outras características. Por exemplo, a escrita cuneiforme, também denominada como cultura cuneiforme, pode referir-se à mesma Mesopotâmia a partir da observação de que os povos que ali moravam utilizavam majoritariamente a escrita cuneiforme. Esta, por sua vez, pode ser entendida como um dos elementos que permitiam conexões globais na Mesopotâmia, pois, conectava seus habitantes em modos comuns de ser e representar suas ideias no mundo. Mesmo assim, apontamos ser impossível unificar com justiça toda a cultura dos povos da Mesopotâmia em termos cronológicos, geográficos e linguísticos conforme observado por Karen Radner e Eleanor Robson no livro *The Handbook of Cuneiform Culture*⁵⁴ que adotamos para pensar a textualidade das fontes cuneiformes desta pesquisa com o conceito de Cultura Material. Realizados tais apontamentos, passamos então para a discussão da cidade mesopotâmica e do lugar ocupado pelos templos e palácios no espaço urbano.

⁵⁴ RADNER, K.; ROBSON, E. (org.). **The Oxford handbook of cuneiform culture**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2011. (Oxford handbooks), p. xxviii.

1.1.1 As cidades mesopotâmicas

As primeiras cidades mesopotâmicas desenvolveram-se, por volta do quarto milênio A.E.C., na baixa Mesopotâmia, região conhecida como Suméria⁵⁵. A cidade é uma realidade ou comunidade imaginada, formada não apenas por becos, estradas, casas, templos, palácios e outros segmentos materiais, mas constituída também por expectativas e crenças coletivas que podem ser comparadas às redes compartilhadas de símbolos e discursos que lhe dão sentido⁵⁶. Elas “[...] possuíam três funções principais: centro político, centro de comércio e centro religioso”⁵⁷. Em razão dessas funções, elas eram formadas por muitas construções como casas, templos, palácios, ruas, portos e muros de proteção⁵⁸. No período dinástico antigo, as cidades mesopotâmicas eram relativamente autônomas⁵⁹, interagindo e competindo constantemente entre si⁶⁰, geralmente pelo direito de acesso às terras e à água, “força vital dos assentamentos mesopotâmicos”⁶¹. Tais particularidades caracterizam a segunda parte do período dinástico antigo por um policentrismo mais acentuado em relação aos períodos anteriores⁶².

Em decorrência dessas rivalidades, os comandantes militares puderam alcançar posições de poder e as cidades passaram a ter muros fortificados⁶³, são desse período os famosos muros de Uruk, mencionados na epopeia de Gilgamesh. As interações e conexões, percebidas em forma de alianças entre cidades nesse período que antecede o período acadiano, indicam que a relativa autonomia dessas cidades não dependia puramente de fatores políticos internos dessas cidades, mas das conexões que conseguiam estabelecer com outras cidades, formando, assim, grupos coesos de cidades, que podiam trabalhar juntas para repelir o ataque de inimigos. Durante o período acadiano, esse tipo de conexão conjuntiva entre cidades da Suméria era

⁵⁵ Ki-engir - Sumer

⁵⁶ ANDERSON, 2008.; GRAEBER, D.; WENGROW, D. **The dawn of everything: a new history of humanity**. First American edition. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2021.; HARARI, 2017.; ORLANDI, 2000, p. 42–45.

⁵⁷ POZZER, Kátia Maria Paim. Cidades mesopotâmicas: história e representações. **Anos 90**, [s. l.], v. 10, n. 17, p. 61–73, 2003, p. 61.

⁵⁸ REDE, M. **A Mesopotâmia**. São Paulo: Saraiva, 2002, p. 13. Confirma também o exemplo de Larsa apresentado por POZZER, Kátia Maria Paim, 2003, p. 65–66.

⁵⁹ Embora fossem relativamente autônomas, as cidades da Suméria dependiam uma das outras tanto para obter recursos quanto proteção. Além disso, o conceito de cidade-estado simplifica a grande diversidade existente entre as cidades enfatizando os aspectos políticos e econômico em detrimento dos aspectos sociais e do culturais compartilhados.

⁶⁰ VAN DE MIEROOP, M. **A history of the ancient Near East, ca. 3000-323 B.C.** 2ed. Malden, MA: Blackwell Pub, 2007, p. 41.

⁶¹ “Lebenselixier der mesopotamischen Siedlungen” HROUDA, B. **Mesopotamien: die antiken Kulturen zwischen Euphrat und Tigris**. Orig.-Ausged. München: Beck, 1997, p. 21.

⁶² LIVERANI, M. **Antigo Oriente História, Sociedade e Economia**. Tradução: Ivan Esperança Rocha. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016, p. 151.

⁶³ LEICK, 2010a, p. 42.

formada algumas vezes na tentativa de derrotar os reis acadianos. Não raras vezes invocavam-se os deuses, cujas moradias eram os templos, para auxiliar nas batalhas.

Os templos eram os edifícios mais importantes das cidades mesopotâmicas. Nesse sentido, Kátia M.P. Pozzer argumenta que “as causas da origem dos grandes centros urbanos continuam em discussão, mas hoje podemos afirmar que o principal fator foi o desenvolvimento dos templos, que exerceram um papel religioso, mas também econômico e administrativo”⁶⁴.

Em toda cidade havia pelo menos um templo que era considerado a morada do deus patrono, que escolheu a cidade⁶⁵ e no templo é representado por sua estátua⁶⁶. Os templos, além de serem locais de culto aos deuses, eram também locais de importância econômica,⁶⁷ funcionando, de acordo com Mario Liverani, “como centro ideológico, decisório e administrativo”⁶⁸. Desse modo, os templos não eram simples instituições culturais religiosas⁶⁹, mas locais de exercício do poder dos reis.

Os deuses eram, para os povos da Mesopotâmia, seres reais que tinham personalidade, desejos, pensamentos e sentiam fome necessitando serem alimentados, razões pelas quais a produção dos campos, pastagens e oficinas ligadas aos templos eram utilizadas para alimentar os deuses⁷⁰. Dada a semelhança entre as sociedades humana e o divino, os deuses eram, portanto, seres antropomórficos, ou seja, espelhavam as formas, características e atributos humanos, tais como a fala, o pensamento, os sentimentos, a posse de servos e moradia⁷¹.

Os templos e os palácios eram as duas principais instituições da maioria das cidades da Mesopotâmia. Os templos, morada dos deuses, e os palácios, morada dos reis, eram denominados pela categoria “casa”, em sumério *é*⁷² e em acadiano *bîtum*⁷³, representando uma unidade produtiva básica⁷⁴. O templo e o palácio eram as duas principais construções de uma cidade mesopotâmica e representavam a dualidade divino-humano, representado nas figuras do sacerdote e do rei, do poder nas culturas cuneiformes⁷⁵. Essas duas instituições, que relacionavam o divino e o profano, permitiam conectar e entrelaçar as dimensões materiais e

⁶⁴ POZZER, Kátia Maria Paim, 2003.

⁶⁵ Ibid., p. 61.

⁶⁶ REDE, Marcelo, 2002, p. 28.

⁶⁷ Ibid., p. 19.

⁶⁸ LIVERANI, 2016, p. 155.

⁶⁹ ANTONIO CABALLOS RUFINO; DELGADO, J. M. S. *Sumer y Akkad*. Madrid: Akal, 1988. (Akal historia del mvndo antiguo / [dir. de la obra: Julio Mangas Manjarrés], v. 1: Oriente), p. 25.

⁷⁰ LEICK, 2010a, p. 168.

⁷¹ JACOBSEN, T. Primitive Democracy in Ancient Mesopotamia. *Journal of Near Eastern Studies*, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 67, 1943. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/370672>. Acesso em 10 nov. 2023.

⁷² HALLORAN, J. A. *Sumerian lexicon (deletar e corrigir)*. Los Angeles: Logogram Pub, 2006b, p. 55.

⁷³ BLACK, Jeremy Allen; GEORGE; POSTGATE, 2000, p. 46–47.

⁷⁴ LIVERANI, 2016, p. 156.

⁷⁵ O debate sobre as estruturas sócio-políticas específicas de Acade é aprofundado no capítulo II deste trabalho.

simbólicas do ser humano, dialogando com as três dimensões da realidade discutidas nos próximos capítulos: a natureza, as condições materiais e os sistemas de crenças, algo inerente a todas as sociedades humanas.

Embora os templos e os palácios fossem centrais na vida das cidades, as duas instituições não surgiram na mesma época. O palácio, *é-gal* a casa grande, surgiu no cenário mesopotâmico, no período dinástico por volta de 2600 A.E.C.⁷⁶, a partir da figura do *lugal*⁷⁷, o rei, quando esse título deixou de ser provisório, referindo-se ao comando militar escolhido por assembleia⁷⁸, e passou a ser um título permanente, apresentando um sentido político e religioso. O *lugal*, passou a ser considerado mediador entre deuses e homens, símbolo de justiça, da vontade dos deuses. Nesse sentido, o rei era “um fator de equilíbrio cósmico, atuando nas dimensões humanas e divinas da existência”⁷⁹ de modo que o rei, inicialmente como representante militar da comunidade, acumulou funções sacerdotais e mais tarde tornou-se uma autoridade independente do templo e dos serviços sacerdotais⁸⁰.

O assiriólogo alemão Barthel Hroud argumenta que o uso secular do palácio como residência e como edifício administrativo demonstra que havia, já no início do período dinástico antigo, uma separação da unidade entre secular e espiritual, entre o *lugal* e os príncipes sacerdotais⁸¹. O palácio, sendo a casa do rei, era o centro administrativo das cidades mesopotâmicas e cumpriam funções diversas em pátios separados e distinção entre espaços públicos e privados⁸². Segundo Emanuel Bouzon, “em pouco tempo, o palácio tomou-se o centro da vida social, política e econômica da cidade-estado, embora os templos continuassem os grandes proprietários das terras cerealíferas”⁸³, assim, os templos permaneciam essenciais economicamente, porém, matizados e condicionados pelo palácio⁸⁴. Devemos observar que as

⁷⁶ BOUZON, E. O templo, o palácio e o pequeno produtor na baixa Mesopotâmia Pré-Sargônica. **PHOÏNIX**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 137–158, 1998b, p. 142.

⁷⁷ O logograma sumério LUGAL designa o termo acadiano *šarrum*, “grande homem”. O termo passou a designar o rei de modo geral, e mesmo na língua acadiana foi mantido a forma original sumeriana.

⁷⁸ Alguns autores sugerem que há indícios de formas “primitivas” de democracia na Mesopotâmia do período dinástico, momento em que surge o palácio como poder junto ao templo nas cidades sumérias. O assiriólogo Thorkild Jacobsen, em um artigo apresentado na reunião da *American Oriental Society* realizada em Chicago em abril de 1941, argumenta que as assembleias judiciárias eram de alguma forma democráticas e que a ideia de “assembleia dos deuses” reflete essas antigas assembleias, embora provavelmente fossem informais. Cf. JACOBSEN, 1943.; MARTIN, M.; SNELL, D. C. Democracy and Freedom. In: SNELL, D. C. (org.). **A companion to the ancient Near East**. Malden, MA: Blackwell Pub, 2005. (Blackwell companions to the ancient world), p. 397.; REDE, Marcelo, 2002, p. 33–34.

⁷⁹ REDE, Marcelo. O “rei de justiça”: soberania e ordenamento na antiga Mesopotâmia. **Phoïnix**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 135–146, 2009, p. 137.

⁸⁰ REDE, Marcelo, 2002, p. 34.

⁸¹ HROUDA, 1997, p. 25.

⁸² LEICK, 2010a, p. 139.

⁸³ BOUZON, 1998b, p. 142.

⁸⁴ LIVERANI, 2016, p. 156.

duas instituições estavam interconectadas, assim como se pensava estarem o humano e o divino, porém, sem necessariamente se confundirem quanto às suas funções nas culturas cuneiformes.

1.1.2 Um grande “contexto”: o período acadiano e seus reis

O recorte temporal deste trabalho é o período acadiano (2340 – 2198 A.E.C.), embora ocorram diálogos com outras temporalidades do grande contexto chamado dinástico antigo e com períodos posteriores ao acadiano. Nossa escolha envolve o debate sobre as formas da narrativa histórica, considerando o argumento de Norberto Guarinello de que “empregando contextos mais vastos, enriquecemos nossa compreensão do passado, damos maior significado a realidades locais ou coleções documentais, mas também corremos maiores riscos”⁸⁵. Por outro lado, consideramos que a abordagem da história global permite-nos mitigar esses riscos por meio de variações entre micro e macroescalas e por meio de maior variação tipológica de fontes que nos auxiliam a confrontar o problema de vários ângulos. No escopo do período acadiano, a pesquisa envolve a aquisição de níveis de complexificação do reino acadiano durante as fases de formação territorial do reino e a reversão da complexidade que resultou no colapso.

O início do período acadiano é entendido a fundação de Agade por Sargão após esse rei ter derrotado Lugalzagesi, rei de Uruk. Embora a origem de Sargão seja difícil de determinar, conhecemos diversas biografias pseudobiográficas sobre este rei nos períodos posteriores, tais como a narrativa do nascimento de Sargão analisadas no quarto capítulo desta dissertação. Acade teve um tempo de vida curto relativamente comparado aos impérios, como o Império Assírio e Império Romano. O período acadiano pode ser dividido em duas fases, a primeira fase é a fase dinástica sargônica caracterizada pela unificação da Mesopotâmia do sul e do norte sob o controle político da dinastia sargônica e; a segunda fase é a fase anárquica caracterizada pelo colapso da primeira fase e o controle político acadiano restritos aos arredores da capital Agade.

A seguir tratamos de apresentar brevemente os reis sargônicos e as principais características de seus governos que importam, neste capítulo, para o problema do colapso de Acade enquanto sociedade complexa, cujo tempo é explicado no terceiro tópico. Para fins de compreensão dos corpus textuais, primeiramente chamamos a atenção para a observação crítica de Augusta McMahon acerca dos textos e das circunstâncias em questão:

Os textos mesopotâmicos descrevendo as ações dos reis acadianos caem dentro de três grupos: **inscrições contemporâneas** em obras de arte e objetos votivos, **cópias**

⁸⁵ GUARINELLO, 2003b, p. 48.

posteriores de inscrições e narrativas posteriores, incluindo registros pseudo-históricos como a Lista de Reis Sumérios⁸⁶.

Neste tópico, visamos problematizar o período acadiano e seus reis discutindo algumas características partilhadas pelos reis acadianos importantes para a compreensão do colapso de Acade. A principal dessas foi a questão da legitimidade, preocupação constante dos reis sargônicos, que segundo nossa principal hipótese forçou esses reis a estabelecerem uma rede de patrocínios mantida através terras obtidas por conquista, confiscos e compras a dignatários fiéis à coroa provocando ressentimentos nas antigas elites políticas e sacerdotais da Suméria, consequentemente gerando revoltas. Os grandes proprietários de terras, como os templos e nobres que tiveram suas terras confiscadas ou compradas à força, frequentemente formavam alianças rebeldes de cidades contra a capital Agade.

Sargão de Agade (2340 – 2284 A.E.C.) foi o fundador e primeiro rei de Acade. Embora pouco se saiba acerca da vida de Sargão antes deste tornar-se rei (*sarru*), muito já é compreendido na Assiriologia acerca deste personagem enquanto rei acadiano. Estelas e inscrições reais permitem-nos compreender razoavelmente os principais aspectos do seu governo. Por outro lado, alguns textos lendários da literatura *narû*, como a narrativa do nascimento de Sargão, visam representá-lo como rei ideal cuja conduta é aprovada no imaginário político e religioso da Mesopotâmia dos séculos seguintes.

Segundo a historiografia, citando Benjamin R. Foster, “[...] os seus triunfos começaram na Suméria, onde derrotou e capturou Lugalzagesi, rei de Uruk, que estendera a sua hegemonia sobre muitas das cidades-estado [...]”⁸⁷. Em primeiro lugar, conforme podemos perceber, já havia uma unidade política na Mesopotâmia que poderia se chamar “imperial”⁸⁸ antes de Acade surgir no cenário global mesopotâmico, portanto, isso confronta a tese de que “Acade foi o primeiro império”⁸⁹. Em segundo lugar, Sargão aparentemente já possuía certo poder político a ponto de conseguir derrotar Lugalzagesi de Uruk. Sargão, ao derrotar Lugalzagesi, assumiu uma unidade política de cidades que já estavam sobre um domínio centralizado, de modo que a sua subida ao poder foi desencadeada por vitória sobre

⁸⁶ MCMAHON, A. The Akkadian Period: Empire, Environment, and Imagination. In: POTTS, D. T. (org.). **A companion to the archaeology of the ancient Near East**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012. (Blackwell companions to the Ancient world), p. 652.

⁸⁷ FOSTER, Benjamin R., 2016b, p. 3.

⁸⁸ Um “pequeno império” nas palavras de Douglas Frayne FRAYNE, D. **Sargonic and Gutian periods, 2334-2113 BC**. Toronto; Buffalo: University of Toronto Press, 1993. (The Royal inscriptions of Mesopotamia, v. v. 2), p. 7.

⁸⁹ A ideia de que Acade foi o primeiro império é evocado no título de um livro de Mario Liverani. Cf. LIVERANI, M. (org.). **Akkad: The First World Empire: Structure, Ideology, Traditions**. Rome: Sargon, 1993.

Lugalzagesi, conquistando, portanto, o controle sobre todas as cidades da Suméria⁹⁰. Nesse ponto, assim argumentamos, surge um dos problemas centrais para os reis acadianos, o problema da legitimidade.

Podemos perceber a preocupação dos reis acadianos com questão da legitimidade política em vários momentos do período acadiano, porém, uma delas destaca-se: o nome de Sargão, *Sarrukinu*, cujo significado é “rei legítimo”⁹¹. A vitória de Sargão sobre Lugalzagesi é retratada na forma literária de inscrição real nos tabletes CBS 13972 e Ni 3200 da coleção do Penn Museum publicados no texto RIME2 E2.1.1.2 por Douglas Frayne. A fonte é datada do período babilônico antigo (1900 – 1600 A.E.C.), portanto uma fonte posterior ao período acadiano⁹². O material de escrita é argila e o tipo de artefato é tablete cuneiforme. No entanto, conforme bibliografia especializada e indicação da própria fonte, os presentes tabletes provenientes de Nippur são cópias do texto originalmente escrito em uma estátua e tratam da derrota de Lugalzagesi e de vitórias de Sargão sobre cidades sumérias de Ur, Eninmar, Lagaš e Umma.

Ao todo, o texto possui 134 linhas, das quais reproduzimos as linhas 1 a 23, a partir das transliterações do RIME2. As inscrições reais, nos 5 volumes de RIME, foram publicadas em duas colunas: à esquerda contendo a transliteração em acadiano e; à direita contendo uma tradução para o inglês. Traduzimos as colunas à esquerda, para o português, e revisamos nossa tradução consultando a coluna à direita, publicada em inglês, no RIME2⁹³. O suporte material do texto, o tablete cuneiforme, está bastante danificado, e partes do texto foram perdidas, de modo que trechos das linhas 21 a 23 foram reconstruídas hipoteticamente por Frayne.

⁹⁰ LEICK, 2010a, p. 150.

⁹¹ Não sabemos se esse é seu nome verdadeiro ou um nome de trono adotado visando destacar a legitimidade desse rei sobre as cidades da Suméria, essa questão é disputada. Cf. FRAYNE, 1993, p. 13.

⁹² “Não temos mais as estátuas em si, mas os escribas no início do segundo milênio copiaram os textos em que os cinco primeiros reis acadianos se gabavam de suas façanhas militares, e algumas dessas cópias sobreviveram” MARC VAN DE MIEROOP, 2016, p. 71.).

⁹³ Salvo indicações ao contrário, esse processo foi realizado com todas as fontes textuais em língua acadiana. As principais obras de referência utilizadas na tradução foram: “Um dicionário conciso de acadiano”, de Jeremy Black et al. e; “Uma gramática de acadiano, de John Huehnergard”. Cf. BLACK, Jeremy Allen; GEORGE; POSTGATE, 2000.; HUEHNERGARD, J. **A grammar of Akkadian**. Atlanta, GA: Scholars Press, 1997. (Harvard Semitic studies, v. no. 45).

Figura 1 - Tablete cuneiforme CBS 13972



Fonte: TABLET FRAGMENT - CBS13972 | COLLECTIONS - PENN MUSEUM. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.penn.museum/collections/object.php?irn=347461>. Acesso em: 21 mar. 2023.

Tabela 1 - Transcrição e tradução da inscrição real – RIME 2.1.1.2

1	<i>sá-ru</i> -GI	1	Sargão,
2	LUGAL	2	rei de
3	<i>à-kà-de</i> .KI	3	Acade,
4	MAŠ.KI.GI ₄	4	oficial de
5	^d INANNA	5	Ištar
6	LUGAL KIŠ	6	rei de Kiš,
7	PA ₄ . ŠEŠ AN	7	sacerdote ungido de Anu
8	LUGAL	8	rei,
9	KALAM.MA.KI	9	senhor da terra,
10	ÉNSI	10	governador distrital
11	^d <i>en-líl</i>	11	de Enlil
12	<i>in</i>	12	Em
13	UNU.KI	13	Uruk
14	<i>iš</i> ₁₁ - <i>ar</i>	14	foi derrotada
15	<i>ù</i>	15	E
16	50 _n ÉNSI	16	cinquenta governadores
17	<i>in</i> ŠITA	17	com a maça de
18	<i>ì-la-ba</i> ₄	18	Ilaba
19	<i>ù</i>	19	E
20	URU.KI	20	a cidade
21	[S]AG.GIŠ.[RA]	21	Conquistou
22	[<i>ù</i>]	22	E
23	BA[D- <i>śu</i>]	23	[seus m]uros
24	I.GUL.GUL	24	Arrasou ⁹⁴ .

A inscrição acima destaca uma condição comum ao problema da legitimidade, o favor dos deuses. O rei não permanecia no trono caso não fosse, conforme o pensamento mesopotâmico, apoiado pelos deuses, visto que o rei era mediador entre o divino e o humano. Essa fonte, cujo suporte material é um tablet de argila, permite pensar “materialidade da escrita cuneiforme”⁹⁵, Sargão é retratado como um representante de *Inanna* (*Ištar* em acadiano) e ungido de Anu, evocando o sacerdócio sumério. Sargão carrega o título de *Lugal Kiš* que no contexto possui o sentido de “rei do mundo”, conforme traduziu Frayne⁹⁶ e indicaram McMahon

⁹⁴ FRAYNE, 1993, p. 13–14.

⁹⁵ RANIERI, L. P.; FATTORI, A. Mãos na argila: notas para uma abordagem da materialidade da escrita cuneiforme. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, [s. l.], v. 29, p. 1–34, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672021v29e58p.11>.

⁹⁶ FRAYNE, 1993, p. 13.

e Mieroop⁹⁷. Além disso, observa a assirióloga Gwendolyn Leick, “o título de ‘rei de Quich’ sugere uma pretensão de domínio sobre toda a região: [que] aparece escrito pela primeira vez com Mesilim (c. 2400)”⁹⁸. Os títulos reais que evocam a noção de domínio de larga escala na Mesopotâmia não é uma invenção acadiana, porém, os reis acadianos aprofundaram seus sentidos e implicações políticas, principalmente por adotarem o título de rei de *Kiš* que denota o sentido de “rei da totalidade”.

A cena da batalha de Uruk culmina com Lugalzagesi capturado e sendo levado ao portão de Enlíl. Grande parte das inscrições reais de Sargão tratam de questões relacionadas às batalhas de conquista, tais como as campanhas contra Uruk e o sul mesopotâmico designado como Suméria, campanha contra os Elamitas, campanha contra Mari⁹⁹. As campanhas militares de Sargão integraram o norte e o sul mesopotâmico em escala jamais vista antes disso, o que nos permite falar em uma história conectada global acadiana¹⁰⁰ percebida, por exemplo, nos textos de Sargão que indicam navios de *Magan, Meluha e Dilmun* atracando em Agade¹⁰¹. Por fim, tais características, do seu governo, indicam preocupações com a expansão do poder, político e econômico, frequentemente atrelado a discursos e iconografias que evocam o favor divino que legitima as ações do rei, conforme discutido no capítulo terceiro.

Após a morte de Sargão, Acade foi governado por Rimuš (2284–2276 A.E.C.). Seu governo foi caracterizado por revoltas generalizadas das cidades sumérias¹⁰² descontentes com o jugo de Sargão, vendo na transição de poder uma oportunidade de quebra do *status quo*. O governo de Rimuš, cuja duração é disputada entre 9 e 15 anos, também foi caracterizado por campanhas militares contra Adab, Zabala, Umma, Lagaš, Ur, Parachšum, Zachara e Elam¹⁰³. Apesar das rebeliões generalizadas na Suméria, contra o domínio de Agade¹⁰⁴, ele conseguiu manter o controle sobre o reino acadiano herdado de Sargão¹⁰⁵. Em síntese, conforme observou Macmahon¹⁰⁶, as inscrições de Rimuš seguem o mesmo padrão das inscrições de Sargão

⁹⁷ Sumerian LUGAL.KIŠ, in which “Kish” stands for Akkadian kiššatu, or “totality”. MARC VAN DE MIEROOP, 2016, p. 73.; MCMAHON, 2012, p. 652.

⁹⁸ LEICK, G. **Mesopotâmia - A Invenção da Cidade**. Rio de Janeiro: Imago, 2003, p. 113.

⁹⁹ FRAYNE, 1993, p. 8.

¹⁰⁰ CONRAD, 2016b.

¹⁰¹ MCMAHON, 2012, p. 652.

¹⁰² LEICK, 2010a, p. 147–148.

¹⁰³ FRAYNE, 1993, p. 40.

¹⁰⁴ CHARPIN, D. 1954-. The history of ancient Mesopotamia: an overview. In: SASSON, J. M. **Civilizations of the ancient Near East**. New York: C. Scribner’s sons, 1995, p. 810.

¹⁰⁵ BERTMAN, S. **Handbook to life in ancient Mesopotamia**. New York: Facts on File, 2003. (Facts on File library of world history), p. 100.

¹⁰⁶ MCMAHON, 2012, p. 652.

registrando conquistas, destruição de cidades sumérias e detalhes de cativos e mortos, além dos espólios.

A transição de poder entre Rimuš e Manistušu foi obscura. Benjamin Foster e Jean-Jacques Glassner sugerem que teria ocorrido um complô que levou ao assassinato de Rimuš¹⁰⁷ conforme sugere um presságio posterior¹⁰⁸. Foster sugere uma possível disputa entre irmãos¹⁰⁹. Em suma, a ideia aqui é que houve continuidade entre Sargão e Rimuš no âmbito da política expansionista de Agade.

Rimuš foi sucedido por Manistušu (2275–2261 A.E.C.), filho de Sargão. Esse último, assim como Sargão e Rimuš, reprimiu rebeliões no sul mesopotâmico, realizou comércio de longa distância e dedicou-se à construção¹¹⁰. Samuel Noah Kramer considerou os esforços de Rimuš e Manistušu como uma tentativa de preservar a herança de Sargão¹¹¹. Em decorrência disso, no governo de Manistušu houve um aumento na produção iconográfica, “embora estelas e monumentos esculpidos já tenham sido usados desde o período Uruk”¹¹². Posteriormente, quando Naram-Sîn assumiu o governo de Acade, a arte iconográfica atingiu níveis elevados de complexidade, cujo principal exemplo é a estela da vitória desse rei.

Naram-Sîn (2260-2224 A.E.C.) foi o quarto rei de Acade e neto de Sargão. Assim, como os reis anteriores, enfrentou revoltas contra seu governo, mantendo o poder político centralizado em Acade¹¹³. Durante seu governo, Naram-Sîn promoveu diversas inovações no sistema administrativo, incursões militares em terras distantes, construção e reforma de templos e, por fim, sua própria divinização. Nesse sentido, “com Naram-Sîn, o sucessor de Manistušu, encontramos outra personalidade forte que marca profundamente a história do estado acadiano e cuja memória pode ser comparada à de Sargão”¹¹⁴. Textos pseudobiográficos comparando Naram-Sîn e Sargão não demoraram a surgir na Mesopotâmia, conforme podemos verificar na denominada “literatura *narû*”¹¹⁵. No entanto, embora os reis sejam personagens importantes quando se trata de Acade, nossa intenção aqui não é fazer uma história dos grandes nomes

¹⁰⁷ FOSTER, Benjamin R., 2016b, p. 260.; GLASSNER, J.-J. **La chute d’Akkadé: l’événement et sa mémoire**. [S. l.]: BRD, 1986a, p. 68.

¹⁰⁸ Há importantes relações entre presságios e historiografia mesopotâmica conforme demonstrado por Jean-Jacques Glassner, especializado em crônicas, presságios e literatura cuneiforme, no livro “o historiador adivinho na Mesopotâmia” que discute presságios na historiografia cuneiforme. Cf. GLASSNER, J.-J. **Le Devin historien en Mésopotamie**. Leiden; Boston: BRILL, 2019.

¹⁰⁹ FOSTER, Benjamin R., 2016b, p. 260.

¹¹⁰ LEICK, 2010a, p. 111.

¹¹¹ KRAMER, S. N. **Mesopotâmia: O Berço da Civilização**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969, p. 69.

¹¹² BAHRANI, Z. **La Mesopotamie. Arte e architettura**. Torino: Einaudi, 2017, p. 113.

¹¹³ LEICK, G. **Naram-Sîn**. In: HISTORICAL DICTIONARY OF MESOPOTAMIA. Lanham: Scarecrow Press, 2010b, p. 124–125, p. 124.

¹¹⁴ ANTONIO CABALLOS RUFINO; DELGADO, 1988, p. 43.

¹¹⁵ WESTENHOLZ, J. G., 1997.

acadianos, mas contextualizar esses personagens em antagonismo com as cidades sumérias, produzindo complexidade ao aumentarem o alcance e a intensidade das interações sociopolíticas na Mesopotâmia. Esse aspecto do problema está diretamente relacionado com a teoria da complexidade e com a teoria do colapso de Tainter, que enfatiza a complexidade como fator explicativo de colapsos de sociedades complexas como Acade¹¹⁶. Isso nos importa por ser durante o reinado de Naram-Sîn que Acade atingiu seu auge e sua maior extensão territorial, de modo que o rei adotou o título “*sarrum kibratim arbaim*” que significa rei dos quatro cantos, ou seja, de toda a Mesopotâmia, visando expressar tal condição, real ou imaginada.

Um bom exemplo das interações e conexões, ainda que antagonônicas, de Acade no mundo mesopotâmico pode ser observado na inscrição real de Naram-Sîn encontrada em quatro vasos de alabastro provenientes de Ur e Babilônia, que relaciona o título “rei dos quatro cantos” ao saque de Magan.

Tabela 2 - Texto da Inscrição RIME E2.1.4.4

1) <i>na-ra-am</i> - ^d ENZU	1) Naram-Sîn,
2) LUGAL	2) Rei das
3) <i>ki-ib-ra-tim</i>	3) quatro
4) <i>ar-ba-im</i>	4) regiões.
5) BUR	5) Um vaso,
6) NAM.RA.AK	6) espólio
7) <i>má-gan</i> .KI	7) da terra de Magan ¹¹⁷ .

Há pelo menos quatro pontos que podemos observar nessa inscrição: o título “rei das quatro regiões”, o material utilizado para a inscrição, o lugar de procedência do vaso e o nome do rei em primeiro como ponto de partida da inscrição. Um aspecto relevante, para os objetivos desse trabalho, talvez seja e embora expressão real “rei das quatro regiões” que representa, conforme sugere Mu-chou Poo¹¹⁸, uma atitude egocêntrica do rei, e do reino por extensão, perante os estrangeiros na Mesopotâmia. Além disso, a ideia de que a realeza foi constituída nos céus, divina conforme a lista dos reis sumérios, reforça esse argumento, pois, o rei adotou o título de rei dos quatro cantos em circunstâncias de revoltas de cidades do sul mesopotâmico

¹¹⁶ TAINTER, 1988a.

¹¹⁷ FRAYNE, 1993, p. 100.

¹¹⁸ PU, M. **Enemies of civilization: attitudes toward foreigners in ancient Mesopotamia, Egypt, and China.** Albany: State University of New York Press, 2005. (SUNY series in Chinese philosophy and culture), p. 42.

e batalhas envolvendo povos estrangeiros e se proclamando rei após batalhas com os *Lullubi* nas montanhas Zagros, ao leste da Mesopotâmia. Desse modo, concordamos com Marc Van Mieroop que ao analisar o título “rei das quatro regiões”, sugere que “a influência de longo alcance de Acade teve um grande efeito sobre como os reis se percebiam e se apresentavam a seus súditos”¹¹⁹. Dito isto, ressaltamos o caráter expansionista e integrador de Naram-Sîn como uma continuidade de práticas políticas comuns dos reis acadianos.

Depois de Naram-Sîn Acade foi governada por Sarkališarri, entre 2223 e 2198 A.E.C.¹²⁰. Do mesmo modo que os reis acadianos anteriores, dos quais “herdou” o reino¹²¹, Sarkališarri manteve as políticas de combates nas fronteiras,¹²² mas, enfrentou intensa oposição na própria Mesopotâmia¹²³, ou seja, o rei era pressionado militarmente em todas as frentes, internas e externas e, embora tenha sido razoavelmente bem-sucedido nos combates, estes já estavam acontecendo cada vez mais próximos da capital, Agade¹²⁴. O aspecto de continuidade da política dos reis acadianos desde Sargão nos permite traçar uma linha de contínua da política de legitimação de Sargão a Sarkališarri e compará-las com outra linha sincrônica de continuidade, as contínuas revoltas que contestavam a legitimidade dos reis acadianos como governantes sobre toda a Mesopotâmia.

As contínuas revoltas internas e os combates em regiões cada vez mais distantes do centro político foram dois dos principais problemas que os reis acadianos tentaram resolver inserindo complexidade no sistema sociopolítico, aumentando, portanto, os custos de manutenção de tal estrutura, desse modo, a “complexidade se torna um mecanismo cada vez menos ineficiente para gerir conflitos”¹²⁵. É difícil precisar de que maneira Sarkališarri lidou com os altos custos de manutenção de Acade e com a administração das redes de patrocínio real, e como isso sobrecarregava a agricultura no sul enquanto o norte sofria com a seca relacionada ao evento Ka. 4.2, uma das secas globais do período geológico do Holoceno, forçando tanto os habitantes do norte quanto os estrangeiros das montanhas dos Zagros a irem para as planícies da Suméria, onde a agricultura era irrigada e já sofria com processo de salinização. Importa ressaltar que o aumento de complexidade sociopolítica significa o aumento

¹¹⁹ MARC VAN DE MIROOP, 2016, p. 73.

¹²⁰ SHAR-KALI-SARRI. *In*: HISTORICAL DICTIONARY OF MESOPOTAMIA. Lanham: Scarecrow Press, 2010, p. 159, p. 159.

¹²¹ FOSTER, Benjamin R., 2016b, p. 22.

¹²² LEICK, 2003, p. 122.

¹²³ *Ibid.*

¹²⁴ FOSTER, Benjamin R., 2016b, p. 23.

¹²⁵ MENDES, 1995, p. 167.

de custos e; que o aumento de custos em condições de diminuição de recursos podem tornar o sistema insustentável e levá-lo ao colapso, ou seja, a diminuição da complexidade¹²⁶.

Dois dos empreendimentos mais custosos de Naram-Sîn, para e Sarkališarri, foram a reconstrução do templo *E.kur*, em Nippur, e a manutenção de templos de *Ištar* e *Illaba*, deuses da guerra e tutelares de Acade, na baixa Mesopotâmia, que aparece pela primeira vez nas fontes durante o governo desse rei¹²⁷. Embora muitos paralelos ocorram entre Sarkališarri e seus predecessores, Foster argumenta que as estelas triunfais de seu tempo são muito escassas e que, portanto, a historiografia não sabe se o rei manteve o controle até a sua morte e depois ocorreu a anarquia¹²⁸ ou se Acade colapsou no fim do seu reinado. Argumentamos que Sarkališarri iniciou seu governo nos moldes de seus predecessores, porém, que por motivos diversos ainda não explorados¹²⁹, ocorreu a reversão da complexidade sociopolítica, ou colapso, durante ou logo após o seu governo deixando o reino na anarquia, ou confusão, destacada pelo escriba da Lista dos Reis Sumérios. Entendemos que esse argumento é válido, pois, da perspectiva da arqueologia, “o rápido declínio pode ser imaginado como a perda de um dos mais níveis de complexidade”¹³⁰. Conforme é possível perceber, a compreensão das dinâmicas do governo de Sarkališarri é fundamental para a adequada explicação do problema do colapso de Acade, um reino que constituiu por quase dois séculos a unificação do norte e do sul da Mesopotâmia, modificando as dinâmicas políticas, comerciais, diplomáticas e militares por toda a região cujas relações nem sempre eram favoráveis ao espírito expansionista de Acade. Considerando isso, o tópico seguinte fazemos críticas a algumas noções e conceitos que remetem eurocentrismo morfológico, alvo de questionamento pela História Global.

1.2 PROBLEMA DAS FORMAS E CONCEITOS EM HISTÓRIA ANTIGA

A questão das formas ainda não é suficientemente problematizada em Teoria e Filosofia da história e na História Antiga. Por esse motivo, consideramos importante ponderar sobre esse assunto, ainda que brevemente, por dizer a respeito das teorias e métodos do ofício

¹²⁶ MENDES, 1995.; TAINTER, 1988a.

¹²⁷ FOSTER, Benjamin R., 2016b, p. 23.

¹²⁸ Trata-se da anarquia mencionada na lista dos reis sumérios que inspirou o título desse trabalho, “quem era o rei? quem não era o rei?”, e que está no escopo do problema da pesquisa: Por que (perspectiva explicativo-compreensiva) e como (perspectiva empirista) Acade, enquanto sociedade complexa (teoria complexista tainteriana), Acade colapsou?

¹²⁹ Chamo a atenção aqui para a observação crítica de que o colapso, de um sistema complexo, é sempre complexo e integra diversas constantes e variáveis condicionais de modo relacional.

¹³⁰ WOOLF, G. Archaeological narratives of the collapse of complex societies. *In:* , 2017. **Decline and Decline-Narratives in the Greek and Roman World, Proceedings of a Conference held in Oxford in March.** [S. l.: s. n.], 2017, p. 113–122, p. 117.

do historiador. Afinal, o que são “formas”? Quais são as vantagens e riscos envolvendo as formas? Neste tópico, discutiremos essas indagações e alguns problemas com conceitos que são, em si, categorias de problemas relacionados às formas. Nesse sentido, este tópico buscará historicizar e problematizar os conceitos de dinastia, império e civilização comumente utilizados na historiografia acerca culturas cuneiformes.

As formas são, podemos dizer, objetos de estudo das morfologias da pesquisa histórica. O conceito de “Forma” refere-se a uma dimensão do ofício do historiador necessária para explicar seu ofício e a interpretação do passado com as teorias, os modelos e as fontes¹³¹. A ideia de Guarinello é que as formas são o produto de um procedimento de correlacionar fontes do universo incoerente de fragmentos vestigiais e interpretá-los no escopo de conjuntos coerentes, os grandes contextos ou “generalizações” do historiador¹³². Assim exposto, compreende-se que necessariamente as formas transpassam a narrativa histórica de todo historiador, por ele lidar com grandes recortes temáticos e temporais, permitindo aos historiadores produzirem coerência e ordem a partir da incoerência e desordem das fontes do passado no presente. Citamos alguns exemplos de formas: Império, História Antiga, Civilização, Dinastia, Feudalismo, Literatura *narû*, Mesopotâmia, História mundial, todos os grandes contextos que os historiadores utilizam para historicizar o passado. Não há como escapar delas, o que poderia nos parecer que são “naturais”¹³³, que nasceram prontas. Porém, esse é o principal erro que devemos evitar, pois, desse erro decorrem muitos outros que seriam dificilmente percebidos sem a consciência do problema das formas.

A ciência histórica é produto de seu tempo. Ela é histórica em pelo menos dois sentidos: primeiro porque investiga os vestígios do passado histórico caracterizado pela mudança e; segundo, porque ela mesma está em contínua mudança, embora o passado não possa, por definição, ser modificado¹³⁴ ou reconstruído. Além disso, todo objeto histórico, intenção e ação, está sujeito experiência humana no tempo¹³⁵, portanto, as formas que não consideram as múltiplas experiências no tempo levam ao risco de anacronismo, ao risco de generalizações indevidas. Por essa razão, o principal argumento de Guarinello é de que as formas “não são inocentes ou totalmente inofensivas”¹³⁶. Nesse mesmo sentido, indica-nos

¹³¹ GUARINELLO, 2003b, p. 45.

¹³² *Ibid.*

¹³³ *Ibid.*, p. 46.

¹³⁴ BLOCH, M. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 75.

¹³⁵ JORDHEIM, H. Against Periodization: Koselleck’s Theory of Multiple Temporalities. **History and Theory**, [s. l.], v. 51, n. 2, p. 151–171, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1468-2303.2012.00619.xp>. 153.

¹³⁶ GUARINELLO, 2003b, p. 50.

Kent V. Flannery que, termos vagos e ambíguos mais obscurecem que esclarecem¹³⁷. As experiências, atos, intenções e conceitos no passado não são os mesmos de hoje, devido ao contínuo devir do tempo que se apresenta como um emaranhado de continuidades e mudanças¹³⁸, de modo que, as formas são necessárias, porém, elas mesmas podem ser arbitrárias¹³⁹ e precisam ser problematizadas, visto que o historiador não pode livrar-se delas ou da dimensão tempo¹⁴⁰ e tudo que ele representa para a ciência da História, a ciência dos homens no tempo¹⁴¹. Em suma, não podemos nos libertar dos conceitos do presente, mas devemos utilizá-los com rigor e olhar crítico.

A pesquisa em História Antiga utiliza-se de muitos termos que são formas. Seria necessário compêndio, dedicado a esse assunto, para dar conta dos principais problemas com as formas utilizadas na Assiriologia. Não é nosso objetivo fazê-lo, nossa ideia nesse tópico é discutir quatro dos principais conceitos e formas comumente utilizadas em pesquisas acerca de Acade. Trata-se dos seguintes conceitos: dinastia, império acadiano, civilização e sociedades complexas. Segue-se então as discussões das quatro formas mencionadas.

1.2.1 Dinastia e Império: críticas da História Intelectual Global.

Na Assiriologia, o conceito de dinastia é um muito utilizado e pouco discutido. Neste subtópico exploraremos, portanto, o conceito e sua adequação para referir-se aos reis sargônicos, ou seja, os reis acadianos que são da família da Sargão. O termo dinastia ocorre sempre em contextos associados à noção de poder, domínio e senhorio, sentido derivado etimologicamente do lexema grego δυνάστεϊα (dunasteiã).

A definição mais aceita é de dinastia como uma sucessão de governantes da mesma família que por laços de parentesco, posição social e ocupação legitimam-se no poder. Diversos autores apontam para definições semelhantes. Jeroen Duindam observou que “derivando do antigo termo grego para senhorio e soberania, ‘dinastia’ é agora comum entendida como uma

¹³⁷ FLANNERY, K. V. The Cultural Evolution of Civilizations. *Annual Review of Ecology and Systematics*, [s. l.], v. 3, p. 399–426, 1972, p. 400.

¹³⁸ FONSECA, C. F. A. Continuidade, mudança e tempo: o problema da periodização e outros problemas no estudo da História. *Revista de História*, [s. l.], v. 35, n. 72, p. 563–570, 1967. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1967.126805>

¹³⁹ GUARINELLO, 2003b, p. 57.

¹⁴⁰ BARROS, J. D. A historiografia e os conceitos relacionados ao tempo. *Dimensões*, [s. l.], n. 32, p. 240–266, 2014, p. 241.

¹⁴¹ BLOCH, 2001, p. 55.

família dominante, uma linha de reis ou príncipes”¹⁴². Amir Mazor e Efraim Lev sugerem que “uma Dinastia é uma sequência de governantes ou líderes sucessivos, ou uma série de membros da família, que se distinguem por status, riqueza ou ocupação”. Nesse sentido, dinastia não é necessariamente uma família com poder político. Pedro P. Funari e Paulo P. Duprat definem dinastia como “conjunto de monarcas sucessivos escolhidos pelo príncipe em função, permite entender os períodos longos de adoção bem-sucedida de governantes”¹⁴³. Essa definição de Funari e Duprat parece coerente com a ideia de uma dinastia sargônica, principalmente quando consideramos a transição do poder entre Naram-Sîn e Šarkališarri, visto que o primeiro aparentemente preparou o sucessor para substituí-lo¹⁴⁴. Porém, o conceito não é neutro ou inocente, ele carrega muitos sentidos políticos na atualidade que podem deformar nosso olhar sobre a antiguidade. Isso pode ser problemático, sobretudo quando utilizado para pensar questões sucessórias e continuidades políticas nas culturas cuneiformes.

Em um artigo, que consideramos um marco na História intelectual global de crítica ao conceito de dinastia, Ilya Afanasyev e Milinda Banerjee argumentam que o conceito é banalizado e quase onipresente nos meios de comunicação de massa contemporâneos, de modo que dinastia aparenta ser um conceito neutro e transparente ao invés de um conceito político que deva ser problematizado e provincializado¹⁴⁵. Além disso, conforme argumenta Banerjee referindo-se aos modos de transmitir e organizar o poder, “é enganoso agrupar todos ou mesmo a maioria deles sob um único monólito conceitual como ‘dinastia’, por mais ampla que seja a definição do conceito”¹⁴⁶. Tais definições, e as implicações que delas é possível derivar, sugerem a necessidade da utilização do conceito com cautela, crítica e problematização.

Longe de ser neutro e transparente, o atual sentido de dinastia é uma invenção europeia do século XIX diretamente relacionado à manutenção e a promoção do colonialismo, conforme aponta a História Global intelectual. Dinastia, argumentam Afanasyev e Banerjee, “adquiriu

¹⁴² DUINDAM, J. F. J. **Dynasties: a global history of power, 1300-1800**. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2016, p. 4.

¹⁴³ DUPRAT, P. P.; FUNARI, P. P. DISCURSO, GÊNERO LITERÁRIO E HISTÓRICO: A PROPÓSITO DO IMPERADOR CLÁUDIO E DE TÁCITO. **Revista (Entre Parênteses)**, [s. l.], v. 8, n. 2, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.32988/rep.v2n8.1053>. Acesso em: 18 mar. 2023, p. s.p.

¹⁴⁴ A transição de poder entre Naram-Sîn e Sar-kali-sarri é discutido no terceiro capítulo, no tópico “reis sargônicos”

¹⁴⁵ AFANASYEV, I.; BANERJEE, M. The Modern Invention of ‘Dynasty’: An Introduction. **Global Intellectual History**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 407–420, 2022, p. 2. Cf. também: “The Invention of Dynasty” acerca da conferência organizada por Ilya Afanasyev, em 2017, para discutir o conceito de dinastia: GEEVERS, L. The Invention of Dynasty. **The Court Historian**, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 224–226, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14629712.2017.1389183>

¹⁴⁶ BANERJEE, M. How ‘Dynasty’ Became a Modern Global Concept: Intellectual Histories of Sovereignty and Property. **Global Intellectual History**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 421–452, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23801883.2020.1796232p.16>

seu significado atual apenas na segunda metade do século XVIII”¹⁴⁷. Portanto, dinastia é um conceito moderno que passou a ter alguns dos atuais sentidos em determinadas circunstâncias europeias muito distintas do mundo mesopotâmico que estamos discutindo. O conceito é eurocêntrico e suas definições são carregadas de determinados interesses que precisam ser provincializados.

O sentido de dinastia (δυνάστειά) desde Aristóteles até o século XVIII era basicamente o de “poder”. Foi esse o sentido do termo, por exemplo, utilizado no livro 03, capítulo 62 de guerra do Peloponeso de Tucídides¹⁴⁸. Esse sentido do lexema permaneceu praticamente inalterado até 1755 EC quando a enciclopédia francesa *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* [Enciclopédia ou Dicionário Razoável de Ciências, Artes e Ofícios] apresentou confusamente um segundo sentido de “linhagem de príncipes que reinaram sobre um país”¹⁴⁹. Após essa inovação da mencionada enciclopédia, o novo sentido tornou-se usualmente generalizado nos catálogos, dicionários e enciclopédias europeias a partir do final do século XVIII, popularizado inclusive por historiadores¹⁵⁰.

No processo de desenvolvimento do sentido moderno de dinastia, alguns autores europeus utilizaram-no reforçando-o com sentidos políticos das circunstâncias europeias dos séculos XVIII e XIX. Uma das primeiras disputas acerca do significado e sentido de dinastia ocorreu, em um momento em que o conceito ainda não era claro, entre os franceses Voltaire e Pierre-Henri Larcher de 1767 a 1774 E.C. Este último, que questionava a autoridade de Voltaire como historiador¹⁵¹ e o criticava argumentando que o termo se referia a “uma sucessão de reis da mesma família” ao que Voltaire replicou chamando-o de ignorante, pois, para este, dinastia significava poder¹⁵².

¹⁴⁷ AFANASYEV; BANERJEE, 2022, p. 1.

¹⁴⁸ ἡμῖν μὲν γὰρ ἡ πόλις τότε ἐτύγχανεν οὔτε κατ’ ὀλιγαρχίαν ἰσόνομον πολιτεύουσα οὔτε κατὰ δημοκρατίαν: ὅπερ δέ ἐστι νόμοις μὲν καὶ τῷ σωφρονεστάτῳ ἐναντιώτατον, ἐγγυτάτῳ δὲ τυράννου, δυναστεία ὀλίγων ἀνδρῶν εἶχε τὰ πράγματα [Pois a cidade não era então uma cidade que não era governada por uma oligarquia, nem por uma república: mas o que é contrário às leis e ao legislador, e o garante de um tirano, era um poder de poucos homens.] THUCYDIDES, THE PELOPONNESIAN WAR, BOOK 3, CHAPTER 62. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0199:book=3:chapter=62&highlight=du+nastei%2Fa>. Acesso em: 21 mar. 2023. tradução nossa.

¹⁴⁹ NOWAKOWSKA, N. What’s in a Word? The Etymology and Historiography of Dynasty – Renaissance Europe and Beyond. *Global Intellectual History*, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 453–474, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23801883.2020.1796233p.3-4>.

¹⁵⁰ Ibid., p. 4–7.

¹⁵¹ RATTO, A. Historia y física: a propósito de las críticas de Larcher a Voltaire. *Contrastes. Revista Internacional de Filosofía*, [s. l.], v. 20, n. 2, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.24310/Contrastescontrastes.v20i2.2330>. Acesso em: 18 mar. 2023, p. 298.

¹⁵² BANERJEE, 2022, p. 2–3.

Outro autor que ajudou a popularizar o novo sentido de dinastia no âmbito das monarquias e dos estados nacionais europeus foi Hegel. O filósofo alemão, argumenta Banerjee¹⁵³, insistia na rígida primogenitura e na sucessão dinástica, motivado pela questão da soberania do estado, que deveriam ser reproduzidos de forma estável, assim como a transmissão hereditária da propriedade privada. Não é necessário historicizar as especificidades das mudanças semânticas ocorridas com o conceito nos séculos XVIII e XIX, pois, o que nos importa é ter consciência de que o sentido de dinastia não é neutro, nem “natural”, que foi construído em um contexto sociopolítico moderno e; que o uso ingênuo do conceito implica não apenas em anacronismos, conforme sugere Natália Nowakowska¹⁵⁴, ms também na simplificação de realidades pretéritas complexas que ainda não compreendemos suficientemente. Isso vale também para conceitos de império e civilização¹⁵⁵ constantemente utilizados na Assiriologia e que possuem sentidos semânticos problemáticos construídos em contextos europeus. Portanto, conforme esperamos ter brevemente demonstrado, dinastia tornou-se um conceito politicamente carregado, portanto nada inofensivo. Desse modo, podemos aferir que “dinastia acadiana” é um conceito carregado de eurocentrismo que pode levar ao erro de pensar, por exemplo, que Maništušu era filho de Rimuš - visto que dinastia poderia significar sucessão hereditária de poder nas atuais definições do conceito. Realizadas essas observações, passamos então ao subtópico de análise diacrônica do conceito de civilização, que também envolve problemas gravíssimos com relação à História antiga.

Devido ao eurocentrismo morfológico, há uma busca no Império romano por características civilizacionais, das quais uma dessas características é o *imperium*. Pedro T. Magalhães observa que essa é a raiz etimológica de império¹⁵⁶. Segundo Mark Chavalas, “para os romanos, o termo descrevia a autoridade executiva possuída pelos magistrados romanos. Na era moderna, a termo começou a denotar uma política expansiva que incorporava vários estados”¹⁵⁷. Por política expansiva pode-se entender aqui o colonialismo de conquista e poder sobre o outro das políticas europeias dos séculos XVI ao XX, sendo o principal exemplo o Império britânico, “o império em que o sol nunca se põe” de modo que essa definição de império não estaria desassociada de imperialismo.

¹⁵³ Ibid., p. 5.

¹⁵⁴ NOWAKOWSKA, 2022.

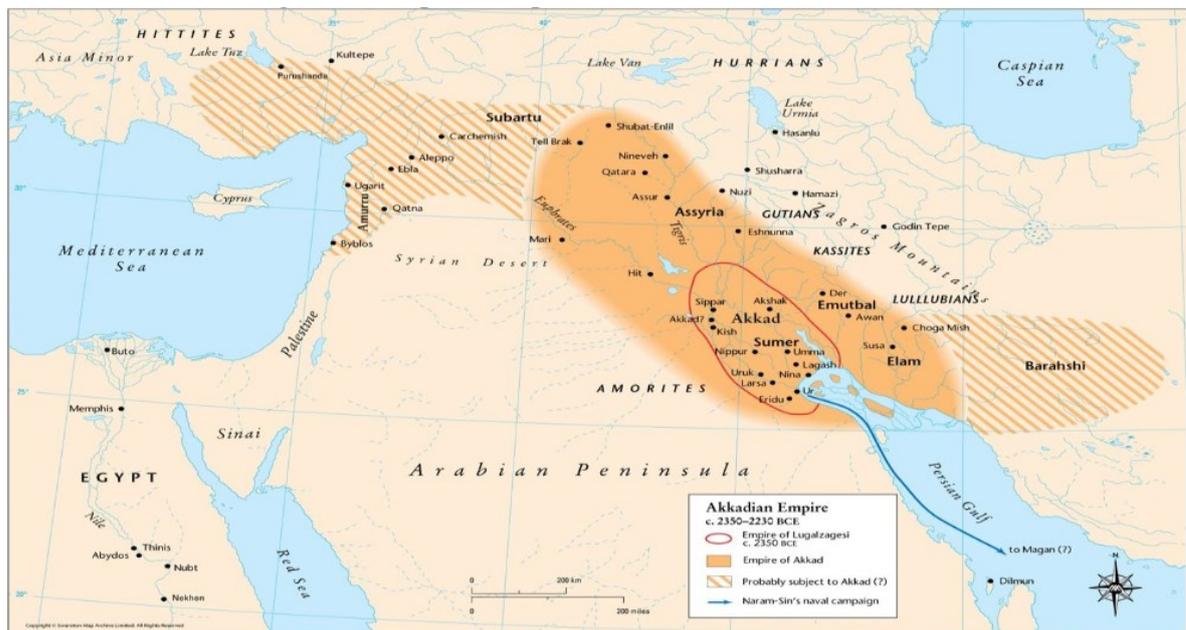
¹⁵⁵ Bem como para outros conceitos semelhantemente problemáticos, que não serão abordados neste trabalho, mas que requerem boa dose de atenção quanto às formas e seus usos pela historiografia. Ex. reino, cidade-estado, Mesopotâmia, etc.

¹⁵⁶ MAGALHÃES, P. T. Império: notas sobre o alcance de um conceito. [s. l.], 2013, p. 79.

¹⁵⁷ CHAVALAS, M. The Age of Empires, 3100–900 BCE. In: SNELL, D. C. (org.). **A companion to the ancient Near East**. Malden, MA: Blackwell Pub, 2005. (Blackwell companions to the ancient world), p. 34.

Definir o que é um império não é uma tarefa simples. Utilizando-se do conceito de tipos ideais weberianos, Ian Morris delimitou 5 critérios para caracterizar um império. Segundo esse autor, impérios são organizações políticas, exercem poder coercitivo mediante organizações militares, dominam áreas geograficamente extensas, internamente possuem prioridade em aspectos importantes sobre todas as outras organizações e, por fim, súditos de um império enxergam os governantes como uma força estrangeira¹⁵⁸. No entanto, essas definições são problemáticas caso de Acade. Primeiro porque os critérios de Morris são baseados em exemplos ocidentais. Segundo porque Acade não atende necessariamente aos cinco critérios, embora seja possível pensar em Acade como um “protoimpério” ou um reino forte (*danum sarrum*)¹⁵⁹ na perspectiva das dimensões material e simbólica de Acade. Atentamo-nos a essas especificidades de modo a não definir Acade como “império” apenas por vias comparativas devido aos riscos inerentes às comparações e analogias na formação de argumentos para explicar relações de semelhança entre conjuntos e categorias, sejam elas sociais, políticas, militares, ou de outra ordem.

Figura 2 - *Mati Akkadi*, território de Acade



Fonte: The Map Archive. Disponível em: <https://www.themaparchive.com/product/akkadian-empire-c-2350-2230-bce/> Acesso em: 18 de abril de 2023.

¹⁵⁸ MORRIS, I. Empire and Military Organization. In: BANG, P. F.; BAYLY, C. A.; SCHEIDEL, W. (org.).

The Oxford world history of empire. New York, NY: Oxford University Press, 2021, p. 155–178, p. 156.

¹⁵⁹ Esta questão é desenvolvida nos capítulos 2 e 3 dessa dissertação.

No mapa acima, observamos que Acade incluía o que era o já citado “império de Lugalzagezi” somado a territórios ao norte, enquanto há dúvidas quanto a regiões como Barahši e Subartu serem sujeitas ao domínio político de Acade. Isso é importante, pois, em linhas gerais, um império é entendido como a dominação formal ou informal de uma unidade política sobre outras unidades políticas. Michael W. Doyle aponta para a existência de diversas definições de império que podem ser resumidas na existência e exercício assimétrico, formal ou informal, de poder de controle político de um Estado sobre outros a partir da força, pela colaboração política e pela dependência econômica, social e cultural¹⁶⁰. Nesse sentido, uma das características desse conceito é a imprecisão e a ambiguidade¹⁶¹. Imprecisão, ambiguidade e eurocentrismo relacionados a este conceito são riscos que o historiador precisa avaliar caso a caso quando trata da História antiga, pois, “império” é uma forma envolta em confusão, ambiguidades e incongruências¹⁶². Além disso, entendemos o significado atribuído entre os séculos XVI e XXI ao império como uma nota na história do eurocentrismo morfológico que enxerga no império romano um dos pilares do ocidente.

O problema de definições, usos e sentidos de Império é percebido na historiografia acerca de Acade. Mario Liverani observa que “o próprio termo ‘império’ é empregado com demasiada frequência de forma simplista, sem deixar claro o seu significado específico, como se designasse algo óbvio, inequívoco e de natureza quase física”¹⁶³. O assiriólogo Benjamin R. Foster defende o argumento de que Acade foi exatamente um império, pois, conforme a sua definição, Império é “um domínio político supremo e extenso, liderado por governantes dinásticos, que reivindicaram poderes extraordinários, até mesmo sobre-humanos ou divinos”¹⁶⁴. Na mesma linha de pensamento de Liverani, o assiriólogo francês Dominique Charpin argumenta que “[...] não existe um termo na língua acadiana correspondente à nossa noção de império, herdada de Roma. Mas isto não excluiria a existência do fenômeno em si”¹⁶⁵. Outros assiriólogos como, por exemplo, Irene Winter, que pesquisa História da Arte na Mesopotâmia, se contrapõe ao seu uso afirmando que “[...] resistiria a esse termo, argumentando em vez disso, para o estabelecimento de um ‘estado-nação’, unificando políticas

¹⁶⁰ DOYLE, M. W. **Empires**. Ithaca, N.Y: Cornell University Press, 1986. (Cornell studies in comparative history).

¹⁶¹ MAGALHÃES, 2013, p. 80.

¹⁶² GUARINELLO, 2003b, p. 54.

¹⁶³ LIVERANI, 1993, p. 19.

¹⁶⁴ FOSTER, Benjamin R., 2016b, p. 80.

¹⁶⁵ CHARPIN, 1995, p. 810.

anteriormente autônomas sob uma regra centralizada”¹⁶⁶. E de acordo com Russell D. Foster, “a palavra é usada frequentemente, com significados muito diferentes que mudam dependendo de quando, onde, em que contexto e por quem ela é usada”¹⁶⁷. Esses problemas não significam que devemos demonizar o conceito, significa apenas que devemos ter cuidado com ele do ponto de vista das formas e das implicações de seus usos. Considerando tais problemas com as indefinições conceituais e suas ambiguidades, destacamos que se trata de uma tarefa infrutífera buscar estabelecer Acade como um império, embora não façamos oposição ao uso do conceito, desde que sejam delimitadas as definições que estão sendo utilizadas.

Na Historiografia há tais problemas. Do mesmo modo, da perspectiva da Arqueologia é igualmente difícil, e infrutífero, tentar definir Acade como um “primeiro império”, por exemplo, a partir dos cinco critérios de Ian Morris. As mudanças pressupostas pelo estabelecimento de um império não ocorrem bruscamente na cultura material de modo que Nicholas Postgate afirma que “[...] a busca do arqueólogo pelos primeiros impérios é imediatamente confrontada com a questão de como distinguir a integração cultural da integração política”¹⁶⁸. Integração cultural não é condição necessária para a integração política imperial. Daí o risco da perspectiva da Arqueologia e dos Estudos de Cultura Material, a possível sobreposição indevida dos diferentes tipos de integração.

Embora os reis sargônicos tenham conquistado um vasto território, “o antigo estado acádio não existia em um vazio político, mas era cercado por estados com os quais tinha de negociar em um nível de igualdade. Infelizmente, esses últimos só são conhecidos por nós por meio dos olhos acádios [...]”¹⁶⁹. Embora os reis de Acade, por meio da rede de patrocínio, conseguissem manter muito poder em suas mãos, também colocavam poder nas mãos dos governadores locais (*énsi*) que mantinham certa independência e podiam eles mesmos distribuir terras para subordinados fiéis criando sua própria rede privada de patrocínio. O controle acadiano sobre o território era aparentemente fraco, cuja presença permanente é comprovada apenas em Susa¹⁷⁰. O título rei de Kiš, que se presume significar “rei da totalidade”, indicando

¹⁶⁶ WINTER, I. J. Touched by the gods: visual evidence for divine status of the rulers in the Ancient Near East. In: BRISCH, N. M. (org.). **Religion and power: divine kingship in the ancient world and beyond**. Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago, 2008. (University of Chicago Oriental Institute Seminars, v. no. 4), p. 33.

¹⁶⁷ FOSTER, R. D. The Concept of Empire. In: OATHWAITE, W.; TURNER, S. P. (org.). **The Sage handbook of political sociology**. 1st editioned. Thousand Oaks, CA: SAGE Inc, 2017. v. 2, p. 445–460, p. 447.

¹⁶⁸ POSTGATE, J. N. In Search of the First Empires. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**, [s. l.], n. 293, p. 1–13, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1357273> p. 3.

¹⁶⁹ MARC VAN DE MIEROOP, 2016, p. 73.

¹⁷⁰ PIOTR MICHALOWSKI. The Kingdom of Akkad in Contact with the World. In: RADNER, K.; MOELLER, N.; POTTS, D. T. (org.). **The Oxford history of the ancient Near East**. New York, NY: Oxford University Press, 2020, p. 686–764, p. 41.

poder sobre a Mesopotâmia, tem sido superestimado e alguns usos da expressão revela seu sentido metafórico sugerindo a necessidade de cautela devido à observação de que as inscrições reais sargônicas estão carregadas do discurso triunfalista visando declarar a grandeza da família real¹⁷¹. Os reis de Acade fizeram muitos esforços para expandir seus domínios para regiões vizinhas, porém, a real natureza da presença acadiana em muitas regiões é incerta e um assunto de muitas grandes disputas¹⁷². Na região do Kabur, onde se situava o principal armazém de grãos acadiano no norte, não há evidências de controle político direto. Sugere-se que nessa região, em Urkeš, a filha de Naram-Sîn, Tar'am-Agade, era provavelmente casada com governador, *endan*, de Urkeš¹⁷³, indicando que em certos locais havia mais influência política estratégica indireta que controle político efetivo. Fora do armazém de Nagar, mod. Tell Brak, a única menção ao nome de Naram-Sîn na região do Kabur veio de Urkeš.

Considerando esses problemas apontados: a indefinição, ambiguidade, a incongruência e a conotação eurocêntrica do conceito, a indefinição de fronteiras territoriais em Acade, a dificuldade de separar o político do cultural nas fontes arqueológicas, o baixo poder explicativo do conceito e às disputas com relação conceito de império para o caso de Acade, optamos por utilizar “reino”, que embora tenha seus problemas, traduz aproximadamente o substantivo acadiano *šarrutu* e o sumério NAM.LUGAL, ambos portando o sentido de realeza, posição real, reino, reinado e governo¹⁷⁴ e relacionados a rei, *šarru* (acadiano) e *lugal* (sumério). Essa escolha não visa resolver o problema do conceito de império aplicado à Acade, isso sequer é possível, visto que não temos os arquivos da capital Agade e por haver muitas incertezas e disputas sobre a questão. Pensamos ser mais adequado o uso da palavra “reino”, pois ela, além de possuir correspondentes próximos nos idiomas mesopotâmicos, tem seu uso estabelecido na Assiriologia.

1.2.2 Selvageria, barbárie e civilização: uma escadaria do progresso civilizacional

¹⁷¹ Ibid., p. 38.

¹⁷² PAULETTE, T. Grain, Storage, and State Making in Mesopotamia (3200-2000 BC). In: MANZANILLA, L.; ROTHMAN, M. S. (org.). **Storage in ancient complex societies: administration, organization, and control**. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2016, p. 92.

¹⁷³ BUCCELLATI, G.; BUCCELLATI, M. K. Tar'am-Agade, Daughter of Naram-Sin, at Urkesh. In: WERR, L. al-Gailani *et al.* (org.). **Of pots and plans: papers on the archaeology and history of Mesopotamia and Syria presented to David Oates in honour of his 75th birthday**. London: NABU, 2002, p. 11-31.

¹⁷⁴ BLACK, Jeremy Allen; GEORGE; POSTGATE, 2000, p. 361.; REINER, E. *et al.* (org.). **The Assyrian dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago. Vol. 17 Pt. 2: Š / Erica Reiner, ed.-in-charge Šaq - Šil / Erica Reiner, ed.-in-charge**. 2. printed. Chicago, Ill: Oriental Inst. [u.a.], 2004b. v. 17p. 114.

O conceito de civilização é uma Forma, ou grande contexto, quando utilizado na expressão “civilização mesopotâmica”. O principal problema com esta ideia é a concepção daquela região como “berçário” civilizacional, algo percebido na expressão “berço da civilização”. A conotação da expressão é clara: a Mesopotâmia produziu a “civilização ocidental” ou algumas de suas características.

O conceito desenvolveu-se na França e seu sentido foi registrado em 1760 no contexto do iluminismo. A evidência literária mais antiga é encontrada em uma obra de Mirabeau derivado do verbo civilizar¹⁷⁵. O termo lexical “*civilifation*”, civilização, apareceu 11 anos depois, na edição de 1771 do *Dictionnaire de Trévoux* que, depois apresentar o sentido jurídico desse conceito, faz alusão a Victor Riqueti de Mirabeau, “o amigo dos homens usou esta palavra para a sociabilidade. [...] a religião é o primeiro e mais útil travão da humanidade: é o primeiro esforço de civilização”¹⁷⁶. A sociabilidade apresentada como sinônimo de civilização foi objeto de estudo de Norbert Elias em seu primeiro volume de “o processo civilizador”, que trata o desenvolvimento da ideia de civilização a partir de noções de *Courtoisie* [cortesia] e *Civilité* [civildade] sendo cortesia e civildade sinônimos de uma forma de comportamento das cortes feudais até o século XVII¹⁷⁷. Erasmo de Rotterdam em 1530 E.C., observa Maria C. B. A. Pilla, foi o primeiro a compilar uma obra preceitos de conduta de civildade dedicado às crianças, denominado civildade pueril¹⁷⁸. A versão latina *De civilitate morum puerilium*¹⁷⁹ tornou-se popular e depois disso, muitos colóquios e manuais de civildade foram produzidos para ensinar o comportamento polido, a civildade, para preservar antigos hábitos cortesias e preparar o homem para as novas condições sociais no contexto do iluminismo e da revolução francesa¹⁸⁰. O conceito representava o comportamento polido da classe dirigente francesa e logo passou a ser adotado por toda a França em um sentido coletivo de “civilização francesa”, conforme veremos a seguir.

A passagem da civildade do indivíduo para a civildade de toda a nação foi facilitada por ideias que já existiam nas elites cortesias. Os modelos de comportamento estudados por

¹⁷⁵ PILLA, M. C. B. A. Manuais de civildade, modelos de civilização. **Revista do núcleo de documentação histórica: História em revista**, [s. l.], v. 9, n. 9, p. 105–134, 2003, p. 03.

¹⁷⁶ *L'ami des hommes a employé ce mot pour sociabilité. [...] la religion est fans contreditt le premier & le plus utile frein de l'humanité : c'est le premier reffort de la civilisation.* DICTIONNAIRE UNIVERSEL FRANÇOIS ET LATIN, VULGAIREMENT APPELÉ DICTIONNAIRE DE TRÉVOUX. [S. l.]: par la Compagnie des Libraires Associés, 1771, p. 617. Tradução e Adaptação nossa.

¹⁷⁷ ELIAS, N. **O Processo Civilizador. 1: Uma história dos costumes.** S.l.: [s. n.], 1994, p. 111.

¹⁷⁸ PILLA, 2003, p. 2.

¹⁷⁹ Latim. *De civilitate morum puerilium* (Sobre a civildade do comportamento pueril). Foi um manual de “comportamento civilizado” dedicado a Henrique de Borgonha, filho de Adolfo de Borgonha (1489 - 1540 E.C.).

¹⁸⁰ ELIAS, 1994, p. 171.; PILLA, 2003, p. 13.

Elias foram primeiro adotados pelas classes dirigentes e depois por toda a sociedade¹⁸¹. Além disso, foi no contexto das revoluções burguesas na França e na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX que os estados nacionais se impuseram com vistas ao progresso e destacaram a percepção, principalmente de franceses e ingleses, da emergência civilização ocidental. Dito isso, voltamos ao *Dictionnaire de Trévoux* e verificamos que o verbo “civilizar” cuja definição lexical é dada como “tornar civil e educado, tratável, sociável” segue da proposição “a pregação do evangelho civilizou os povos bárbaros mais selvagens”¹⁸². Percebe-se nessas definições, do *de Trévoux*, a conotação de que outros povos podem ser transformados em civilizados, educados e sociáveis, saindo, assim, da “selvageria” e da “barbárie”.

Civilização, para Fernand Braudel, “desde o nascimento, designa um ideal profano de progresso intelectual, técnico, moral, social”¹⁸³. Um exemplo de estudo antropológico do século XIX, que postulou a evolução da humanidade em estágios de progresso, indo da selvageria, passando pela barbárie e culminando na civilização, encontramos no livro *Ancient Society* [Sociedade Antiga] do etnólogo Lewis Henry Morgan (1818 – 1881 E.C.)¹⁸⁴. Para desenvolver seu livro, Morgan estudou os iroqueses no estado de Nova York como modelo para as sociedades pré-civilizadas¹⁸⁵. O modelo de progresso por estágios progressivos pode ser observado conforme a representação abaixo.

¹⁸¹ DOMÍNIOS DA HISTÓRIA: ENSAIOS DE TEORIA E METODOLOGIA. 5. ed. Rio de Janeiro (RJ): Campus, 1997, p. 269.

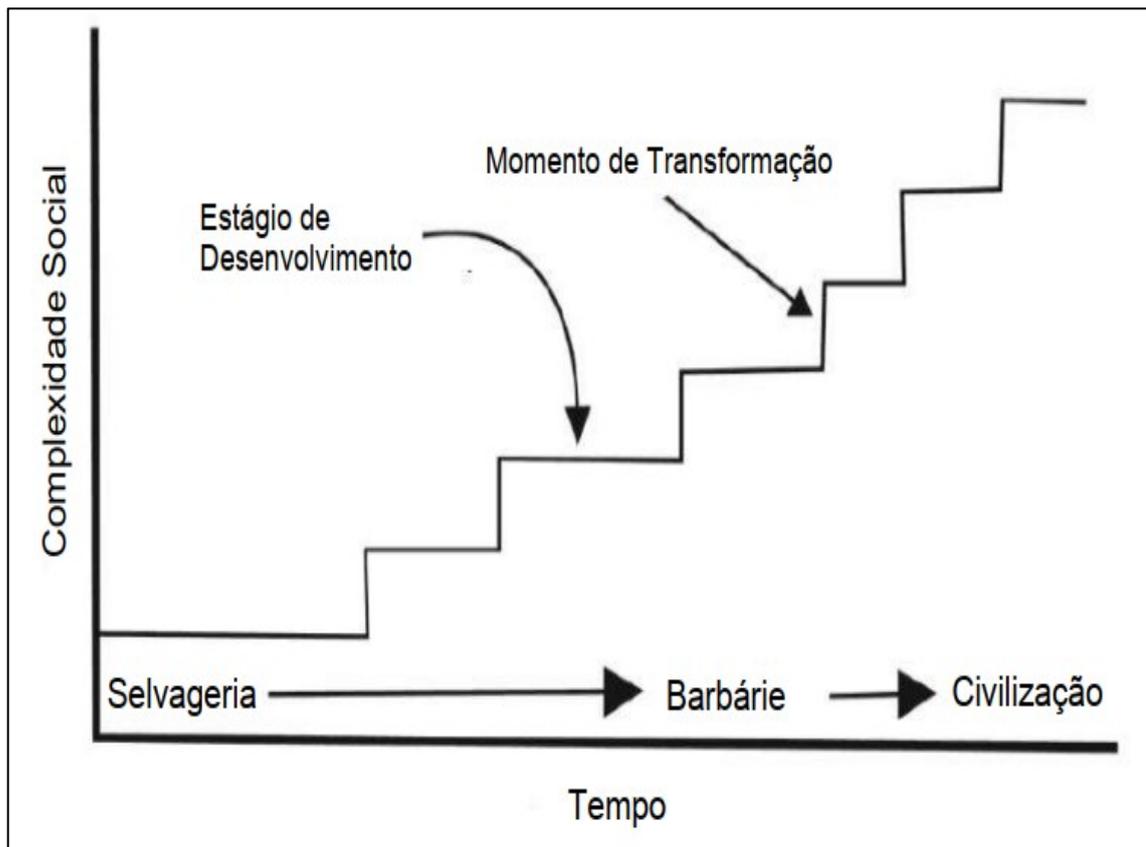
¹⁸² CIVILISER - v. a. rendre civil & poli, traitable, fociable. Aliquem ad omne officii munus instruere. La prédication de l'Évangile a civilisé les peuples barbares le plus sauvages. DICTIONNAIRE UNIVERSEL FRANÇOIS ET LATIN, VULGAIREMENT APPELÉ DICTIONNAIRE DE TRÉVOUX, 1771, p. 617.

¹⁸³ BRAUDEL, F. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 239.

¹⁸⁴ MORGAN, L. H. **Ancient society**. Tucson, Ariz: University of Arizona Press, 1985. (Classics of anthropology).

¹⁸⁵ CARDOSO, C. F. S. (Ciro F. S.; VAINFAS, R. (org.)). História e Paradigmas Rivais. In: CARDOSO, C. F. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. 5. ed. Rio de Janeiro (RJ): Campus, 1999. ; DILL, H.-O. Kultur vs. Zivilisation–Genesis zweier anthropologischer Grundbegriffe. **Sitzungsberichte der Leibniz-Sozietät der Wissenschaften zu Berli**, [s. l.], p. 131–158, 2011, p. 148.; MORGAN, 1985.

Figura 3 - A escadaria da evolução cultural clássica



Fonte: JENNINGS, Justin. *Killing Civilization: A Reassessment of Early Urbanism and Its Consequences*. Albuquerque: UNM Press, 2016 (Adaptação nossa).

Tais observações importam, pois, “o primeiro uso concentrado do termo civilização na Inglaterra e na França coincidiu com a ascensão dos países da Europa Ocidental como potências coloniais [...]”¹⁸⁶ e porque a ideia de progresso tem seu auge no século XIX¹⁸⁷. Ademais, a instituição da História enquanto ciência emergiu desse contexto em que “a civilização era vista como uma forma superior de cultura, a culminação de etapas sucessivas”¹⁸⁸ de modo que o “Oriente Próximo, Grécia e Roma foram assim colocados numa espécie de sucessão, num processo civilizatório que culminaria na civilização ocidental europeia”¹⁸⁹. Sugerimos que a ideia de “civilização mesopotâmica” e “Mesopotâmia, o berço da civilização”, devem ser abandonados, ou utilizados com extrema cautela devido ao aspecto legitimador do eurocentrismo colonialista e racista atrelado ao conceito de civilização.

¹⁸⁶ DILL, 2011, p. 138.

¹⁸⁷ SANTAMARÍA, V. A. La crítica de Rousseau al concepto de civilización. *Nuevo Pensamiento*, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 13, 2013, p. 299.

¹⁸⁸ CARDOSO, C. F. S. (Ciro F. S.; VAINFAS, 1999, p. 2.

¹⁸⁹ GUARINELLO, 2003b, p. 56.

Pensando na morfologia da História, percebemos que os conceitos de civilização e de progresso determinaram e ainda determinam as formas da História Antiga¹⁹⁰, pois, “o conceito ainda continua a moldar nossa compreensão de como surgiram entidades como cidades, estados, especialistas em ofícios e governantes”¹⁹¹. Há, portanto, muitos riscos de arbitrariedades envolvidos no conceito de “civilização”, tais como generalizações indevidas¹⁹², anacronismos e legitimação da perspectiva eurocêntrica quando aplicado à Mesopotâmia sem critérios adequados e bem delimitados. Nesse sentido, Guarinello argumenta que a formas maiores ou contextos mais vastos representam maiores riscos, embora seja impossível produzir uma Historiografia científica sem as formas, porque precisamos delas¹⁹³. Feitas essas considerações e conscientes dos riscos envolvendo o conceito de civilização e da Forma “civilização mesopotâmica” e da problemática denominação “Mesopotâmia, o berço da civilização” optamos por não utilizar o termo nesta dissertação.

Muitos autores, conscientes dos problemas com o conceito de civilização, optaram por pluralizá-lo e, assim, falar de “civilizações” ou culturas. A ampliação do conceito de civilização para incluir outras sociedades além da *civilisation française*¹⁹⁴. Essas abordagens podem ser observadas em diversos campos influentes de discussões do século XX, por exemplo, na monumental obra de 12 volumes *A Study of History* [Um Estudo da História] do historiador britânico Arnold J. Toynbee; em *Decline of the West: Perspectives of World-History* [Declínio do Ocidente: Perspectivas da História do Mundo] do filósofo alemão Oswald Spengler¹⁹⁵ e; e *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order* [O choque das Civilizações e a Remodelação da Ordem Mundial] escrito depois da Guerra Fria pelo cientista político Samuel P. Huntington no qual argumenta que a política global passaria a ser dominada por conflitos

¹⁹⁰ Ibid.

¹⁹¹ JENNINGS, J. Civilization, or Morgan’s Golem. In: KILLING CIVILIZATION: A REASSESSMENT OF EARLY URBANISM AND ITS CONSEQUENCES. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2016, p. 1–23, p. 16. Tradução nossa.

¹⁹² Esse tipo de erro indutivo ocorre quando não há evidências representativas específicas (amostragem suficiente) que permitam conclusões gerais sobre todo o conjunto. Embora nem toda generalização seja perniciosa, em muitos casos ela atropela as diferenças específicas entre os elementos do conjunto, seja ele um contexto, um grupo social, ou uma classe de objetos. O que importa é que saibamos que tais riscos existem e saibamos como evitá-los para não criarmos estereótipos, reificações e monolitizações sobre os nossos objetos de pesquisa. O todo não é a soma das partes e não é porque, por exemplo, 3% de um conjunto A possui a característica *x* que os outros 97% do conjunto também terão necessariamente a característica *x*. Cf. FIORIN, J. L. **Argumentação**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 129–132.; MUNIZ, M. J. Hasty Generalization. In: ARP, R.; BARBONE, S.; BRUCE, M. **Bad arguments: 100 of the most important fallacies in western philosophy**. Hoboken (N.J.): Wiley Blackwell, 2019, p. 354–356.

¹⁹³ GUARINELLO, 2003b, p. 48.

¹⁹⁴ “Civilização francesa”, como pretendia Nietzsche, de acordo com Braudel. Cf. BRAUDEL, 1978, p. 268.

¹⁹⁵ SPENGLER, O. **Decline of the West: Perspectives of World-History**. Tradução: Charles Francis Atkinson. London, UK: G. Allen & Unwin, 1926. v. 1

ideológico-culturais, o “choque de civilizações”¹⁹⁶. Com isso, podemos perceber que novos problemas foram adicionados ao conceito enquanto os antigos ainda persistem. Nesse sentido, observa Nibert Elias: civilização tornou-se tão ampla que qualquer coisa pode ser descrita pelas formas civilizada ou incivilizada¹⁹⁷. Disso decorre que o conceito não é científico por ser anacrônico, excessivamente vago e ideológico¹⁹⁸ possibilitando dicotomias como ocidente avançado frente ao oriente atrasado¹⁹⁹. Diante desses riscos, destacamos que a “História Global seja interdisciplinar e que sua produção e elaboração busquem quebrar a divisão internacional do trabalho historiográfico”²⁰⁰, se faz necessário desocidentalizar a História antiga.

Considerando as formas e a problemática dos conceitos eurocêntricos, optamos por não utilizar civilização, ou civilizações, como conceito ou categoria de análise, embora reconheçamos a importância deles e consideramos que não se pode negar que houve complexificações sociais²⁰¹, desde que ocorreu a revolução cognitiva, a 70 mil anos²⁰², acentuando-se na segunda metade do paleolítico com a domesticação de animais e plantas²⁰³. Considerando todas essas questões, no entanto, optamos por utilizar o conceito de *sociedade complexa*, necessário à compreensão da Teoria do colapso de Joseph Tainter, utilizada nesta dissertação. Sociedade complexa, assim como todo conceito que visa abarcar condições amplas, tem seus próprios problemas. Discutiremos no tópico seguinte alguns desses problemas com o conceito de sociedades complexas.

1.2.3 Eurocentrismo morfológico às avessas: as sociedades complexas

Sociedade complexa é um conceito que passou a ser muito utilizado a partir da década de 60 em substituição às de civilização. No entanto, as definições de sociedades complexas continuaram muito semelhantes ao de civilização, quase como trocar 6 por 2/12. Um dos problemas com isso é que “oferecer novas tipologias de civilização é apenas uma pequena melhoria [...]”²⁰⁴. Falar em sociedade complexa, assim argumentamos, inclui o risco de ser

¹⁹⁶ HUNTINGTON, S. P. **The clash of civilizations and the remaking of world order**. New York: Simon & Schuster, 1996.

¹⁹⁷ ELIAS, 1994, p. 24.

¹⁹⁸ GUARINELLO, 2003b, p. 56.

¹⁹⁹ MORALES; SILVA, 2020, p. 141.

²⁰⁰ SILVA, U. G. Da, 2019, p. 482.

²⁰¹ JENNINGS, 2016, p. 3.

²⁰² HARARI, 2017, p. 10–27.

²⁰³ MCNEILL, J. R. Global Environmental History: The First 150,000 Years. *In*: MAULDIN, E. S.; MCNEILL, J. R. (org.). **A companion to global environmental history**. Chichester, West Sussex ; Hoboken, N.J: Wiley, 2012. (Wiley-Blackwell companions to history), p. 3–17, p. 6.

²⁰⁴ JENNINGS, 2016, p. 7.

apenas um modo de repetir a perniciosa escada civilizacional clássica, desta vez partindo das sociedades simples até chegar às mais complexas, criando, portanto, uma teleologia em que se troca primitivos por simples e civilizados por complexo. Nesse sentido, Acade, sendo uma sociedade complexa, estaria em uma fase superior aos sumérios, povo “rebelde e bárbaro”, que desejava destronar os “reis civilizados” de Acade e voltar às formas mais simples, ou menos civilizadas, de “cidades-estado”. Conforme sugerimos, vários exemplos de usos poderiam ser levantados para questionar as sociedades complexas quase da mesma maneira que as civilizações. Não basta apenas substituir uma categoria por outra sem estabelecer critérios claros do que se entende por sociedade complexa.

Não é nosso objetivo elaborar uma extensa discussão dos muitos problemas que existem como o conceito antropológico de “sociedades complexas”, tal discussão ocorrerá ao longo do trabalho. Entretanto, de início importa-nos apontar algumas observações gerais e importantes quanto ao lugar de produção desse conceito e indicar os alguns riscos que precisamos estar cientes da sua existência.

Importa-nos perguntar: em que circunstâncias o conceito foi pensado? Com quais objetivos? Ao buscar respostas a essas questões descobrimos que o conceito foi muito utilizado na década de 80²⁰⁵, inclusive por Joseph Tainter, cuja teoria do colapso adotamos nesta dissertação²⁰⁶. No entanto, Mariza Peirano demonstrou em um texto de 1983 intitulado “Etnocentrismo às avessas: O Conceito de Sociedade Complexa” que este conceito foi pensado durante a crise antropológica dos anos 60 em um momento em que os antropólogos estavam preocupados com a extinção da antropologia uma vez que seu objeto de estudo, as sociedades tribais ou simples tendiam ao desaparecimento²⁰⁷. Nesse sentido, argumenta Peirano, “pode-se afirmar que somente nos anos sessenta se iniciou o processo de inclusão das ‘sociedades complexas’ como objeto legítimo da Antropologia [...]”²⁰⁸. A ideia de que a Antropologia

²⁰⁵ Sociedades complexas (ou complex societies) ocorre em muitas obras de Antropologia, e de Arqueologia, a partir de 1975 sendo utilizada até hoje. Das bibliografias das décadas de 70, 80 e 90, que foram adotadas nessa dissertação, e utilizam direta ou indiretamente o termo “sociedades complexas”, citamos: ATKINS, P. J.; SIMMONS, I. G.; ROBERTS, B. K. **People, land and time: an historical introduction to the relations between landscape, culture and environment**. London ; New York: Arnold, 1998; FLANNERY, 1972.; GOLDMAN, M. Antropologia contemporânea, sociedades complexas e outras questões. **Anuário Antropológico**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 113–153, 1994. ; PEIRANO, M. G. S. Etnocentrismo às avessas: O Conceito de Sociedade Complexa. (Ethnocentrisme à rebours: le concept de Société Complexe). **Dados — Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 97–115, 1983. ; TAINTER, 1988.; WINTHROP, R. H. **Dictionary of concepts in cultural anthropology**. New York: Greenwood Press, 1991. (Reference sources for the social sciences and humanities, v. no. 11).

²⁰⁶ TAINTER, 1988a.

²⁰⁷ PEIRANO, 1983, p. 98.

²⁰⁸ Ibid., p. 97.

poderia se tornar uma ciência sem objeto perturbou, por exemplo, Claude Lévi-Strauss. Ele faz a seguinte indagação:

Em primeiro lugar e na medida em que nossa ciência se liga fundamentalmente ao estudo das populações "primitivas" podemos nos perguntar se, no momento em que a opinião pública lhe reconhece o valor, a antropologia não corre o perigo de tornar-se uma ciência sem objeto²⁰⁹.

Uma solução para a crise foi reafirmar os métodos e objetos da antropologia, incluindo, portanto, as sociedades “complexas”, as sociedades “civilizadas”, “modernas”. Dessas soluções surgiram os estudos denominados “antropologia das sociedades complexas”²¹⁰. Embora já houvesse na década de 60 a consciência de que a ideia etnocêntrica tivesse “[...] que ser relegada pelos danos causados às etnias e aos indivíduos”²¹¹, o conceito de sociedade complexa pode ser apenas mais uma forma de eurocentrismo às avessas quando reconhecemos que sociedades complexas é geralmente sinônimo de estado-nação, formações recentes²¹². Portanto, conforme podemos inferir dessas observações, sociedades complexas, assim como dinastia, império e civilização, não são conceitos neutros ou inocentes.

Diante desses inúmeros problemas com categorias, conceitos e formas, pode-se perguntar: então, como é possível produzir uma história do colapso de Acade sem que a própria pesquisa não colapse em contradições lógicas, incoerências textuais e ambiguidades semânticas? A solução, assim argumentamos, passa por um equilíbrio entre a necessidade dos conceitos e o cuidado com seus usos. Os conceitos precisam ser historicizados para não os demonizar e para não utilizá-los indevidamente. Além disso, se faz necessário definir, portanto, em quais sentidos utilizaremos sociedades complexas nesta dissertação.

Há diversas definições de sociedades complexas e muitas delas são antônimos para “sociedades simples”, “sociedades primitivas”, etc. Alguns exemplos podem explicitar isso. A ideia de que sociedades complexas são grandes e bem conectadas, análogas às nossas aldeias-mundo atuais, conforme argumenta Scott A. Johnson²¹³. A ideia de que sociedades que praticam caça e coleta são “sociedades simples” da perspectiva evolutiva de Peter J. Richerson e Robert

²⁰⁹ LÉVI-STRAUSS, C. A crise moderna da antropologia. **Revista de Antropologia**, [s. l.], p. 19–26, 1962, p. 21.

²¹⁰ PEIRANO, 1983, p. 100.

²¹¹ PACHECO, M. F. de S. D. Conceito de civilização. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, [s. l.], n. 13, p. 58–59, 1963, p. 59.

²¹² PEIRANO, 1983, p. 110.

²¹³ JOHNSON, S. A. J. **Why did ancient civilizations fail?** New York, NY: Routledge/Taylor & Francis Group, 2017, p. 5.

Boyd²¹⁴. Ou ainda, segundo a observação de Robert Chapam, de que “quando os arqueólogos anglo-americanos falam de 'sociedades complexas', estão usando uma espécie de estenografia, um dispositivo para se concentrarem em sociedades que são mais como ‘nós’”²¹⁵, ou seja, os estados-nações contemporâneas. Esse sentido de sociedade complexa como sociedade civilizada ou sociedade com estado é generalizado em estudos de sociedades complexas do presente e do passado.

A dicotomia, falso dilema ou dilemática entre pares binários “selvagem e civilizado”, “primitivo e moderno”, “desenvolvido e subdesenvolvido”, “simples e complexo”, “justo e injusto”, “verdadeiro e falso”, “nômade e sedentário”, e assim por diante, representam a lógica binária aristotélica sobre o qual se assentou a ciência europeia. Não estamos sugerindo que dicotomias não existam. O que sugerimos é a existência de riscos com os argumentos dilemáticos²¹⁶. Peirano sugere que “o perigo das dicotomias é o de o cientista social tomar como ponto de referência um dos pólos e dar-lhe um determinado valor ideológico”²¹⁷. Da perspectiva epistemológica, “o falso dilema reflete um pensamento incorreto porque apresenta um problema ou questão como tendo apenas duas soluções possíveis quando de fato há mais”²¹⁸. Uma das alternativas, por exemplo, para tornar conceitos como civilização ou sociedade complexa tem sido pluralizá-los de modo a torná-los inclusivos. Porém, isso não combate o problema, pois, a dicotomia permanece e continuamos a falar em “civilizados” e “não civilizados”, “sociedades simples e sociedades complexas”. Portanto, rejeitamos todos os sentidos e usos que recorrem a algum tipo de dicotomia que tenha a forma “ou P ou Q”,²¹⁹ pois, sociedades não podem ser reificadas como “coisas”, sociedades são conjuntos abstratos conceituais²²⁰ ou realidades imaginadas que se apoiam na materialidade.

A definição de sociedade complexa que adotamos nessa dissertação apoia-se no predicado “complexa” a partir do conceito de *complexus* da teoria da complexidade de Edgar Morin

[...] a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o

²¹⁴ RICHERSON, Peter J.; BOYD, Robert. Complex societies: The evolutionary origins of a crude superorganism. *Human nature*, v. 10, p. 253-289, 1999..

²¹⁵ CHAPMAN, R. **Archaeologies of complexity**. London; New York: Routledge, 2003, p. 7.

²¹⁶ Argumentos que apresentam premissas e conceitos disjuntivos. Isso ocorre quando um argumento coloca duas constantes proposicionais contrárias P e Q na forma de exclusão “ou P ou Q”, sem que uma terceira via ou diferentes opções de meio-termo sejam consideradas. Além disso, os argumentos dilemáticos prendem os argumentadores em um círculo vicioso. Cf. FIORIN, 2016, p. 146–148.

²¹⁷ PEIRANO, 1983, p. 103.

²¹⁸ CULVER, J. False Dilemma. In: ARP, R.; BARBONE, S.; BRUCE, M. **Bad arguments: 100 of the most important fallacies in western philosophy**. Hoboken (N.J.): Wiley Blackwell, 2019, p. 346.

²¹⁹ Pa^vQa

²²⁰ Realidades ou comunidades imaginadas. O aspecto simbólico da sociedade será discutido no terceiro capítulo.

paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento. A complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomênico²²¹.

Essa perspectiva assume que a realidade não é apenas um conjunto ordenado de coisas, fenômenos e relações, mas engloba constituintes heterogêneas, acasos, e redes caóticas, um caos emaranhado de ambiguidades e incertezas postas em ordem pelo raciocínio científico²²², pelas dicotomias e, claro, pelas formas que os historiadores utilizam para tornar o passado inteligível para o presente²²³. Além disso, o conceito de complexidade destaca a inseparabilidade da cultura, da natureza e da linguagem no estudo da formação das sociedades e das suas interações, sendo, portanto, útil às nossas abordagens alinhadas à História Global. Considerando o adjetivo “complexa”, adotamos a seguinte definição de Norma Busco Mendes: “as sociedades complexas são entendidas como sistemas de interações onde os seus componentes constituem um conjunto interligado, cuja organização segue uma disposição ordenada”²²⁴. Com isso, sugere-se a existência de vários níveis e tipos de complexidades. Consequentemente, toda sociedade humana é complexa de diversas maneiras²²⁵ e o “simples”, o “primitivo” é simplificação feita no presente, seja pela disposição das evidências, seja por ignorância do passado, ou seja, pela comparação do passado com os estados nacionais contemporâneos²²⁶. Feitas essas considerações, que compreendemos serem suficientes, passamos ao tópico seguinte que trata de algumas hipóteses acerca do colapso de Acade e da teoria do colapso de sociedades complexas que adotamos para esta pesquisa.

1.3. TEORIAS DO COLAPSO

As razões para o fim do sistema sociopolítico de Acade são questões pouco compreendidas e explicadas na Historiografia. Não aspiramos apresentar uma resposta final à essas indagações, ou esgotá-las. Visamos, no entanto, abordá-las a partir da perspectiva da

²²¹ MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005, p. 13.

²²² Ibid.

²²³ GUARINELLO, 2003b, p. 42.

²²⁴ MENDES, 1995, p. 159.

²²⁵ Complexidade econômica, ou política, ou sociológica, ou psicológico, ou afetiva, ou mitológica, etc. Cf. SALLES, V. O.; MATOS, E. A. S. Á. de. A Teoria da Complexidade de Edgar Morin e o Ensino de Ciência e Tecnologia. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, [s. l.], v. 10, n. 1, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.3895/rbect.v10n1.5687>. Acesso em: 9 mar. 2023, p. 122.

²²⁶ Conforme observam “quando lidamos com as provas concretas, sempre vemos que as realidades da vida social humana nos seus primórdios eram muito mais complexas e bem mais interessantes do que qualquer teórico moderno do Estado de Natureza seria capaz de imaginar” GRAEBER, D.; WENGROW, D. **O despertar de tudo**. 1. ed. [S. l.]: Companhia das Letras, 2022. v. 1p. NP.

História Global e da teoria do colapso de Joseph Tainter, de modo a encontrar respostas abrangentes, concisas e coerentes a essas interrogações que possam ser sintetizadas no cumprimento do objetivo geral da pesquisa.

1.3.1 Hipóteses para o colapso do reino de Acade

Diante das diversas respostas para colapsos, entendemos que a melhor abordagem é resumi-las em três principais respostas²²⁷ para discutir o colapso do reino de Acade. Estas três respostas gerais são nossas três hipóteses globais para confrontar o problema de pesquisa. A primeira hipótese, e talvez a mais influente, denominamos de hipótese paleoclimática do colapso²²⁸, trata-se da ideia de que fatores climáticos levaram o reino à ruptura. A segunda hipótese, denominamos de hipótese do colapso sociopolítico, pressupõe que o colapso se deva às questões sociais e políticas internas do reino. A terceira hipótese é derivada da fonte denominada “a *maldição de Agade*”. Ela foi predominante na Assiriologia durante o século XX²²⁹, esta denominamos de hipótese das invasões estrangeiras.

Na segunda metade da década de 80 ocorreram diversas discussões acerca dos motivos e razões que levaram diversas sociedades do passado a entrarem em declínio, a caírem ou a colapsarem. Desse contexto, surgiu uma nova família de hipóteses visando explicar o colapso de inúmeras sociedades do Holoceno relacionado ao evento 4.2 ka., que foi caracterizado por condições climáticas secas e frias ao nível global, desempenhando papel ativo no colapso de muitas sociedades antigas²³⁰.

Um dos principais defensores da hipótese paleoclimática do colapso na década de 90 foi Harvey Weiss. Em 1993, ele e sua equipe publicaram um artigo na revista científica *Science* e, a partir de dados arqueológicos e estratigráficos, concluíram que a mudança abrupta para um clima mais seco provocou o abandono de núcleos urbanos no norte da Mesopotâmia, bem como

²²⁷ Estas hipóteses são apresentadas brevemente na introdução, porém, devido à discussão das teorias do colapso nesse último tópico, optamos por mencioná-las aqui de modo a facilitar a compreensão teórica do tópico na totalidade. Optamos assim proceder por considerarmos que as teorias de complexidade e teorias do colapso de sociedades complexas requerem explicitar que estamos lidando com hipóteses multifatoriais inter-relacionadas em escala global no âmbito de uma história global conectada e da interdisciplinaridade.

²²⁸ O conceito de colapso difere de declínio, queda ou fim. Esse conceito será problematizado no tópico seguinte. A grande maioria das explicações de colapso entende esse termo como sinônimo de “declínio”, “queda” ou “fim”. No entanto, basta lembrar que por “colapso”, neste trabalho, entendemos como uma perda significativa de complexidade sócio-política MENDES, 1995, p. 160.

²²⁹ GLASSNER, J.-J. *La chute d’Akkadé: l’événement et sa mémoire*. Berlin: D. Reimer, 1986b. (Berliner Beiträge zum Vorderen Orient, v. Bd. 5).

²³⁰ RAN, M.; CHEN, L. The 4.2 ka BP climatic event and its cultural responses. *Quaternary International*, [s. l.], v. 521, p. 158–167, 2019b. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.quaint.2019.05.030>

o colapso de Acade²³¹. Heidi M. Cullen chegou a conclusões semelhantes à de Weiss por meio de análises mineralógicas e geoquímicas de sedimentos de dolomita detrital, calcita e quartzo, coletadas do golfo de Omã, que foram depositadas por vento, indicando aridez abrupta na Mesopotâmia cuja datação foi estabelecida por acelerador espectrômetros de massa (AMS) em foraminíferos mono-específicos²³². Estima-se que ocorreu entre 30 e 50% de queda na precipitação média de chuvas no mediterrâneo, no Levante e na Mesopotâmia por um período de cerca de 300 anos²³³. Portanto, a hipótese paleoclimática importa, visto que a seca teria afetado a agricultura e estressado as periferias, já sobrecarregadas pelos custos de manutenção da onerosa estrutura sociopolítica acadiana.

A segunda hipótese está relacionada de modo mais direto com as teorias do colapso. Essa hipótese afirma que os motivos para o colapso foram problemas sociopolíticos internos, tais como instabilidade e “*overstretch*”²³⁴, tensões entre centro e periferia²³⁵, falha em manter as conexões²³⁶, guerras civis²³⁷ e falta de coesão política²³⁸. Conforme indicamos no terceiro capítulo, estas variáveis estão provavelmente relacionadas aos problemas decorrentes da rede de patrocínio real.

Por fim, a terceira hipótese para o colapso é a hipótese das pressões externas e invasão gútia. As fontes denominadas “maldição de Agade”, “crônica de Weiner”, a “lista dos reis sumérios” e a “narrativa Cuta” atribuem o colapso de Agade à invasão dos gútios a partir das montanhas Zagros²³⁹. Portanto, conforme esperamos ter indicado, há três hipóteses principais para o colapso, e elas se sustentam em diversas premissas inter-relacionáveis. Além disso, ressaltamos que o desmembramento e falseamento das premissas que justificam as hipóteses de modo a problematizá-las deve-se a dois principais motivos: primeiro, trata-se de um problema

²³¹ WEISS, H. *et al.* The Genesis and Collapse of Third Millennium North Mesopotamian Civilization. **Science**, [s. l.], v. 261, n. 5124, p. 995–1004, 1993a. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.261.5124.995p.1002>.

²³² CULLEN, H. M. *et al.* Climate change and the collapse of the Akkadian empire: Evidence from the deep sea. **Geology**, [s. l.], v. 28, n. 4, p. 379, 2000. Disponível em: [https://doi.org/10.1130/0091-7613\(2000\)28<379:CCATCO>2.0.CO;2](https://doi.org/10.1130/0091-7613(2000)28<379:CCATCO>2.0.CO;2)

²³³ KANIEWSKI, D. *et al.* The 4.2 ka BP event in the Levant. **Climate of the Past**, [s. l.], v. 14, n. 10, p. 1529–1542, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5194/cp-14-1529-2018>

²³⁴ MCMAHON, 2012, p. 666.

²³⁵ YOFFEE, N. The Collapse of Complex Societies. *In: MYTHS OF THE ARCHAIC STATE: EVOLUTION OF THE EARLIEST CITIES, STATES AND CIVILIZATIONS*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 131–160, p. 138.

²³⁶ WOOLF, 2017, p. 114–115.

²³⁷ BUTZER, K. W. Collapse, environment, and society. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, [s. l.], v. 109, n. 10, p. 3632–3639, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1073/pnas.1114845109p.3>.

²³⁸ MIDDLETON, G. D. Introducing Collapse. *In: MIDDLETON, G. D. Understanding collapse: ancient history and modern myths*. New York, NY: Cambridge University Press, 2017, p. 1–50, p. 17.

²³⁹ FOSTER, Benjamin R., 2016b.; VIRTANEN, N. M. **The Collapse of the Akkadian Empire: A Review of Historical and Textual Sources**. 72 f. 2019. Mestrado em História - University of Helsinki, Helsinki, 2019, p. 57.; WESTENHOLZ, J. G., 1997.

complexo; segundo, porque as “[...] razões para o colapso têm sido frequentemente selecionadas conforme os preconceitos do escritor, antigos e modernos, e a natureza dos dados [...]”²⁴⁰. Considerando essas, e outras razões, compreendemos que uma abordagem global nos auxiliará a mitigar esses problemas.

1.3.2 Teorias do colapso

Declínio, queda, fim e colapso de sociedades, reinos e impérios são temas que fascinam o ser humano. Grandes reinos e impérios do passado desapareceram, restando somente fragmentos desorganizados e sem sentido aparente. Os pesquisadores e o público compartilham dessas preocupações quando pensam nas suas próprias sociedades²⁴¹. Por outro lado, a mídia explora essas preocupações apresentando muitas vezes respostas simplistas, como, por exemplo, um anúncio no rádio afirmando que o problema do colapso da sociedade Maia havia sido resolvido assumindo-se que foi causado por uma seca²⁴². Nesse sentido, observou o arqueólogo Karl W. Butzer que “grande parte da literatura alarmista atual que afirma se basear na experiência histórica é pouco focada, simplista e inútil”²⁴³. No entanto, as preocupações dos pesquisadores e do público são legítimas, se trata de problemas contemporâneos globais, tais como pandemias, do risco real de uma hecatombe nuclear e das mudanças climáticas que podem colapsar não apenas uma sociedade, mas toda a humanidade. O colapso sociopolítico de sociedades contemporâneas é uma problemática complexa, mas o colapso de sociedades antigas é ainda mais complexo, sobretudo, devido ao fator tempo.

As primeiras explicações para o colapso de sociedades possuíam a forma “cíclicas²⁴⁴”. A concepção de história de Políbio permitia a ideia de *anacyclosis ton politeion* [ciclos de governos], formando uma teoria cíclica da evolução das instituições²⁴⁵, embora seja uma noção cíclica parcial de Políbio, não implicando necessariamente que a historiografia grega fosse cíclica²⁴⁶. Já no século XIV Ibn Khandun (1332 – 1406 E.C.), por exemplo, pensava uma

²⁴⁰ YOFFEE, 2005, p. 11.

²⁴¹ MIDDLETON, 2017, p. 132.

²⁴² *Ibid.*, p. 1.

²⁴³ BUTZER, 2012, p. 3632.

²⁴⁴ O termo cíclico aqui deve ser entendido de modo não determinístico, ou seja, probabilístico. Formas de sociedades, de governo, etc, desaparecem e reaparecem sem que isso esteja determinado teleologicamente.

²⁴⁵ SANT’ANNA, H. M. de. Políbio e os princípios de sua investigação histórica: algumas considerações. **Revista Mundo Antigo**, [s. l.], v. 01, n. 02, 2012. ; TAINTER, J. A. How Scholars Explain Collapse. In: CENTENO, M. *et al.* **How Worlds Collapse**. 1. ed. New York: Routledge, 2023, p. 25–36. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781003331384-4>. Acesso em: 1 mar. 2023, p. 26.

²⁴⁶ MOMIGLIANO, A.; DI DONATO, R. **The classical foundations of modern historiography**. Berkeley Los Angeles London: University of California Press, 1990. (Sather classical lectures, v. volume 54), p. 18.

História Global em termos de ciclos de dinastias ou poderes²⁴⁷. Outros autores, além desses mencionados, também defendiam explicações cíclicas para o fim de sociedades²⁴⁸. Por enquanto, importa mencionar que tal concepção é conhecida desde a Grécia.

No século XX, a visão cíclica do colapso foi retomada no livro ‘*O Declínio do Ocidente*’, de Oswald Spengler, e em ‘*Um Estudo da História*’, de Arnold Toynbee. Spengler entendia a civilização como “o inevitável destino da Cultura”²⁴⁹. Além disso, entendia as culturas e a história mundial como organismos vivos, em analogia com plantas e animais²⁵⁰. Nesse sentido, para Spengler, a cultura (*kultur*) seria um estágio inicial do desenvolvimento social e a civilização (*zivilization*) a sua maturidade. Essa visão percepção de Spengler sofreu diversas críticas como a de Norman Yoffee indicando que “Spengler não fornece razões para a origem de suas culturas nem qualquer explicação para a mudança de cultura, e as imagens biológicas em Spengler destinam-se a evitar tais questões”²⁵¹. Ele também recebeu críticas de Braudel, pois, este observou que “para Spengler, há ‘declínio’ do Ocidente, [...] pelo simples fato da chegada do Ocidente ao estágio da civilização, digamos da morte viva”²⁵². Spengler é comumente citado como próximo de Toynbee nas suas abordagens, no entanto, diferem em muitos aspectos. Segundo Kaurin, Toynbee adotava um posicionamento mais sociologicamente orientado, enquanto Spengler apoiava-se fortemente em proposições filosóficas²⁵³. Para Lucien Febvre, as abordagens desses autores são filosofias oportunistas da História por apresentarem ideias que não apresentam rigor de homens de ciência e por terem segundas intenções políticas. Quanto a Toynbee, comenta Yoffee, “Toynbee estava preocupado em formular declarações explícitas e causais para explicar a origem e o colapso das civilizações”²⁵⁴. Nesse sentido, Toynbee não deixa de apontar razões para o nascimento, crescimento e desintegração de sociedades, mas aponta para a emergência de novas sociedades como quase sempre

²⁴⁷ DRAYTON, R.; MOTADEL, D. Discussion: the futures of global history. *Journal of Global History*, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 1–21, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S1740022817000262p.4>; IGGERS, G. Desafios do século XXI à historiografia. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, [s. l.], v. 3, n. 4, p. 105–124, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.15848/hh.v0i4.139p.113>; SCHWARTZ, G. M.; NICHOLS, J. J. (org.). **After collapse: the regeneration of complex societies**. Tucson, Ariz: The University of Arizona Press, 2006, p. 14.

²⁴⁸ Por exemplo, Platão, Aristóteles, Vico e Volney possuíam uma interpretação comum de que conflitos levam ao colapso – uma ideia ainda utilizada nas teorias do colapso contemporâneas. SHENNAN, S. “dark age” in Archaeology/systems collapse. In: RENFREW, C.; BAHN, P. G. (org.). **Archaeology: the key concepts**. London, U.K. ; New York: Routledge, 2005. (Routledge key guides), p. 41.

²⁴⁹ SPENGLER, 1926, p. 31–32.

²⁵⁰ Ibid., p. 104.

²⁵¹ YOFFEE, 2005, p. 133.

²⁵² BRAUDEL, 1978, p. 242.

²⁵³ KAURIN, D. Cyclical theories of social change: Spengler and Toynbee. *Sociologija*, [s. l.], v. 49, n. 4, p. 289–312, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.2298/SOC0704289K>

²⁵⁴ YOFFEE, 2005, p. 133.

relacionadas às anteriores²⁵⁵. Essa observação é importante porque atualmente os modelos de colapso já reconhecem a resiliência cultural diante do colapso, a ruptura sociopolítica de Acade não significou o fim da cultura, dos valores, das crenças relacionadas ao reino de Acade. Braudel se coloca contra o reducionismo cíclico de Spengler e Toynbee²⁵⁶, embora atualmente importantes teóricos da História Global destacam a importância desses dois para esse campo historiográfico devido às contribuições às abordagens globais²⁵⁷. Para além dos modelos cíclicos de Spengler e de Toynbee, vale mencionar que ainda na primeira metade do século foram pensados modelos teóricos de colapso não-cíclico, mas ainda inspirados em analogias biológicas.

Um importante modelo neoevolucionista do colapso foi publicado na década de 60 por Elman Service, o qual denominou de “lei do potencial evolutivo” explicada como “quanto mais especializada e adaptada uma forma numa determinada fase evolutiva, menor é o seu potencial de passagem para a fase seguinte”²⁵⁸. A tese de Service é de que quanto mais avançada for uma sociedade, mais improvável que ela colapse ou passe para outra fase, pois, as sociedades humanas possuem a capacidade criativa de inventar formas de contornar os problemas. Desse modo, o desenvolvimento das sociedades é visto, como um acúmulo contínuo e organizado, enquanto o colapso seria abrupto e caótico²⁵⁹. Dessa maneira, caso o argumento de Service seja válido, sociedades contemporâneas dificilmente colapsariam, pois, encontrariam meios científicos e tecnológicos para confrontar problemas como as mudanças climáticas. No entanto, há três problemas com o modelo teórico de Service que importa mencionar. Em primeiro lugar, tecnologias podem ser mal utilizadas, levando ao colapso. Em segundo, o modelo de Service pressupõe a existência de leis sociais que determinariam quando, por exemplo, um império colapsaria. Terceiro, pressupõe que o colapso significaria uma ruptura abrupta da sociedade. No entanto, geralmente há muitos elementos que compõe a sociedade que continuam existindo depois do colapso²⁶⁰. Após o colapso do reino Acade, Dudu e Šudurul reinaram por mais 36 anos sobre o trono acadiano, de modo que o colapso de Acade não significou o completo desaparecimento dos acádios e sua cultura²⁶¹.

²⁵⁵ TOYNBEE, A. J. **A Study of History**. London; New York; Toronto: Oxford University Press, 1948, p. 185.

²⁵⁶ BRAUDEL, 1978, p. 285.

²⁵⁷ BELICH, J. *et al.* **The prospect of global history**. [S. l.]: Oxford University Press, 2019. ; CONRAD, 2016b, p. 7.

²⁵⁸ SERVICE, E. R.; WHITE, L. A.; SAHLINS, M. **Evolution and culture**. S.l: The University of Michigan Press, 1988, p. 97.

²⁵⁹ YOFFEE, 2005, p. 134.

²⁶⁰ Ibid.

²⁶¹ MIDDLETON, 2017, p. 14.

Por fim importa mencionar que outros autores²⁶², nas décadas de 60 e 70, desenvolveram modelos para explicar o colapso por vias neoevolucionistas, destacando-se dentre eles Kent Flannery, que entendia a sociedade como um organismo vivo que passa pode ser encontrada em diferentes estágios de complexidade²⁶³ e que poderia colapsar ou “devoluir” quando atingisse a hipercoerência²⁶⁴, ou seja, quando a variabilidade social é suprimida. No entanto, a tese de Flannery decorrem em problemas semelhantes às de Service, sobretudo por assumir que a hipercoerência seja condição suficiente para o colapso. Feitas essas observações passamos para o subtópico seguinte no qual definimos o que se entende por colapso e apresentamos o modelo teórico que adotamos nessa dissertação.

1.3.3 Uma teoria para pensar o colapso de Acade

A partir da década de 80 diversas obras importantes foram publicadas visando a explicar o colapso de sociedades complexas. Um dos livros mais importantes foi *The collapse of complex societies* de Joseph Tainter, publicado em 1988²⁶⁵. Temáticas contemporâneas como as mudanças climáticas, ameaça nuclear e as disputas entre blocos de poder são potenciais riscos existenciais que contribuem com as preocupações acerca dos colapsos. Conseqüentemente, os colapsos de sociedades tornaram-se definitivamente uma das preocupações nas ciências humanas e nas ciências da natureza, especialmente das ciências do clima. Diversos pesquisadores em diferentes campos do saber, fazendo variadas análises e reflexões, produziram diversas concepções características das teorias do colapso.

Muitas dessas teorias também procuram pelas razões humanas dos colapsos, declínio ou queda das sociedades. Pensando em perguntas tais como: quais tipos de explicações essas teorias apresentam para explicar colapsos? O que elas possuem em comum? Que problemas

²⁶² Por exemplo: Kent V. Flannery, Roy Rappaport, Colin Renfrew, Herbert Simon, etc. Não pretendemos apresentar todos esses autores no texto. Consideramos importante apresentar modelos cíclico e neoevolucionista e alguns dos seus principais representantes que escreveram antes do desenvolvimento da teoria do colapso de sociedades complexas de Joseph Tainter que adotamos neste trabalho.

²⁶³ Bando, Tribo, Chefia (sociedades igualitárias primitivas) e Estado (sociedades estratificadas e complexas). FLANNERY, 1972.

²⁶⁴ Ibid., p. 423.; YOFFEE, 2005, p. 135.

²⁶⁵ Como exemplo de livros que levam termos como queda, declínio e colapso nos títulos destacamos *The rise and decline of nations: economic growth, stagflation, and social rigidities* de Olson Mancur, publicado em 1982; *The Collapse of ancient states and civilizations* de Norman Yoffee e George L. Cowgill publicado em 1988; *Collapse: How Societies Choose to Fail or Succeed* de Jared Diamond publicado em 2005²⁶⁵; *The Rise and Fall of Civilizations: The Law of History* de Hagger Nicholas em publicado 2008; *Global Perspectives on the Collapse of Complex Systems* de Jimmy A. Railey, Richard Martin Reycraft; *Understanding collapse: ancient history and modern myths* de Guy D. Middleton, etc. Além disso, é possível encontrar diversos artigos, capítulos de livros, dissertações e teses publicados a partir da década de 80 que abordam o problema do colapso.

elas apresentam? Visamos traçar um breve panorama dessas teorias e explicamos o modelo que adotamos.

A diversidade de explicações para esclarecer os colapsos civilizacionais é muito grande e variam de questões éticas, sociais, ideológicas, etnocêntricas, a questões interdisciplinares e sistêmicas, como observou Butzer²⁶⁶. Isso significa que determinadas explicações podem ser premissas das nossas 3 hipóteses conforme o tipo de dimensão proposicional que elas pressupõem. Por exemplo: uma explicação que envolva a salinização das terras férteis do sul da Mesopotâmia pode ser premissa da hipótese paleoclimática, cuja dimensão é material e observada na arqueologia, na estratigrafia ou na paleoclimatologia; por outro lado, uma explicação envolvendo invasão de povos estrangeiros, como a dos gútijs invadindo Acade, pode ser premissa tanto da hipótese do colapso sociopolítico quanto da hipótese da invasão gútia, que possuem dimensões simbólicas, isto é, discursivas, imagéticas e literárias devido à natureza das fontes para atacar essa dimensão do problema do colapso do reino acadiano (*mati akkadi*)²⁶⁷.

Diversos motivos são sugeridos para o colapso, declínio e queda de sociedades, reinos e impérios. As causas²⁶⁸ mais comuns são quase sempre vistas como monofatoriais. Essas explicações podem ser apresentadas como colapso da estrutura política por falta de coesão²⁶⁹, guerras²⁷⁰, “falha em manter as conexões”²⁷¹, “perda de níveis de complexidade”²⁷², secas

²⁶⁶ BUTZER, 2012, p. 2.

²⁶⁷ Utilizamos o termo “reino acadiano” como sinônimo de *mati akadi*, que representa a expressão genitiva “terra de Agade”, isto é, terras que pertencem a Agade ou controladas por Agade após a conquistas militares.

²⁶⁸ O conceito etiológico de causa difere de implicação material. Por causa material ou causa eficiente entende-se como condições suficientes (não-determinísticas) ou necessárias (determinísticas) que para tendo um fenômeno A ocorra um fenômeno B. Por outro lado, certas às vezes correlações são confundidas com causas. Além disso, implicação lógica é um assunto discutido desde a antiguidade e não deve ser entendida necessariamente como causa, embora causas possam ser formalizadas como implicação lógica, nem toda implicação é causal. O significado de implicação lógica é “não é o caso que P e não Q” “ $\neg(P \rightarrow \neg Q)$ ”, ou seja, implicação lógica diz apenas que não pode ser verdadeiro que “P implica em Q” seja proposição verdadeira. Expressões do tipo “se o sol é quente então a lua é verde” é empiricamente falsa, enquanto na tabela verdade da função implicação ela é verdadeira, tais proposições condicionais podem ser *contrafatuais*. Esse exemplo basta para exemplificar o risco da confusão entre causa, correlação e implicação. Conscientes desses problemas utilizamos, nesta dissertação, o termo ‘causa’ para ferir-se às condições necessárias e suficientes para explicar a relação, o porquê, entre fenômenos empíricos e o termo ‘implicação’ para referir-nos à implicação lógica simbólica da linguagem, da semiótica da argumentação. Ver. MORTARI, C. A. **Introdução à lógica**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001, p. 136–137.

²⁶⁹ MIDDLETON, 2017, p. 17.

²⁷⁰ BUTZER, 2012, p. 12.

²⁷¹ WOOLF, 2017, p. 114–115.

²⁷² *Ibid.*, p. 117.

severas²⁷³, “degradação ambiental antrópica”²⁷⁴, invasão externa²⁷⁵, “reação de difusão e readaptação”²⁷⁶, falha no sistema agrícola ‘hipercoerência’²⁷⁷, decadência moral²⁷⁸, “desenvolvimento da complexidade em sistemas de resolução de problemas”²⁷⁹, e outros²⁸⁰. Por outro lado, há a consciência de que o colapso de sociedades se constitui em problema multifatorial²⁸¹. Nesse sentido, considera-se que a História Global é um processo de costurar estudos de múltiplas escalas geográficas e perspectivas²⁸². A diversidade de condicionais de colapso sugere que precisamos de abordagens interdisciplinares, interconectadas e globais do problema do colapso de Acade, visto que praticamente todas essas explicações são utilizadas para Acade, podendo ser pensadas em macroescalas.

As diversas explicações possuem em comum as características de poderem ser resumidas em razões gerais, que formam nossas hipóteses. Tainter indica tais razões podem ser resumidas a alterações climáticas, invasores, catástrofes e concatenação de eventos²⁸³. Nós, em contrapartida, utilizaremos essas explicações como premissas das hipóteses²⁸⁴ a serem testadas, ou falseadas, nessa pesquisa, não como hipóteses em si mesmas. Essa abordagem é necessária devido à complexidade envolvida no processo de colapso que não pode ser entendido sem um olhar ampliado e interdisciplinar do problema.

Diante da diversidade de propostas teóricas para explicar os colapsos de sociedades complexas, adotamos a teoria do colapso do antropólogo Joseph Tainter. Esse modelo teórico foi publicado por Tainter no livro “*The collapse of complex societies*” [O colapso de sociedades complexas]. O modelo teórico foi discutido por Norma Busco em um artigo intitulado “Um modelo de colapso de sociedades complexas” no qual ela visa delinear conceitos e parâmetros da teoria de Tainter.

²⁷³ WEISS, H. *et al.*, 1993a.

²⁷⁴ GOOD, D. H.; REUVENY, R. On the Collapse of Historical Civilizations. **American Journal of Agricultural Economics**, [s. l.], v. 91, n. 4, p. 863–879, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8276.2009.01312.xp>. 876.

²⁷⁵ WOLF, 2017, p. 115.

²⁷⁶ YOFFEE, 2005, p. 134.

²⁷⁷ FLANNERY, 1972, p. 423.

²⁷⁸ GIBBON, E. **Declínio e Queda do Império Romano**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

²⁷⁹ TAINTER, J. A. Sustainability of complex societies. **Futures**, [s. l.], v. 27, n. 4, p. 397–407, 1995. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0016-3287\(95\)00016-Pp](https://doi.org/10.1016/0016-3287(95)00016-Pp). 397.

²⁸⁰ Tainter contabilizou cerca de 28 tipos de explicações que ele caracteriza como teoria *deus ex machina* do colapso, que resolvem tudo. Cf. TAINTER, 2023, p. 32.

²⁸¹ BUTZER, 2012, p. 3632.; FAULSEIT, R. K. (org.). **Beyond collapse: archaeological perspectives on resilience, revitalization, and transformation in complex societies**. Carbondale, Illinois: Southern Illinois University Press, 2016. (Visiting scholar conference volumes, v. no. 42), p. 8.; MIDLETON, 2017, p. 35.

²⁸² MCNEILL, J. R.; MAULDIN, E. S. (org.). **A companion to global environmental history**. Chichester, West Sussex ; Hoboken, N.J: Wiley, 2012. (Wiley-Blackwell companions to history), p. xviii.

²⁸³ TAINTER, 2023, p. 31–32.

²⁸⁴ Premissas: aqui entendidas como proposições, ou enunciados declarativos, sobre as quais se infere ou se deduz a hipótese a ser testada.

Colapso, queda e declínio são os termos mais utilizados por grande parte das bibliografias que tratam de colapso. Três exemplos importantes são Edward Gibbon no primeiro volume de *A História do Declínio e Queda do Império Romano* de 1776, utilizou “declínio e queda” como título do livro²⁸⁵, o livro “o declínio do ocidente” [*Der Untergang des Abendlandes*] de Spengler, publicado em 1922, e *A Study of History* de Toynbee publicado em doze volumes entre 1934 e 1961. Esses dois autores utilizam termos como “declínio” ou “decadência” porque consideram determinados pressupostos morais como a ideia de decadência moral em Gibbon, colapso do espírito criativo em Toynbee, e de degeneração da alma da cultura em Spengler. Desse modo, conforme a crítica de Norma B. Mendes, “[...] os conceitos de queda, decadência, declínio, implicam em mudanças vistas como moralmente ou esteticamente inferiores tomando como base um padrão superior previamente escolhidos”²⁸⁶. Esses conceitos possuem conotações eurocêtricas que pressupõem a existência de hierarquias entre os degraus da escadaria civilizacional, que já criticamos. Nesse sentido, colapso seria voltar à barbárie e à selvageria. Escolhemos, portanto, utilizar o conceito de *colapso de sociedade complexa*, pois, concordamos com a proposição de Norma B. Mendes que “[...] diferentemente dos termos queda, declínio, decadência, refere-se ao fenômeno de decomposição política, reestruturação institucional e transformação socioeconômica”²⁸⁷. Argumentamos que essa postura teórica pode nos auxiliar a evitar os julgamentos de valor com pressupostos morais, que parecem estão relacionados com a ideia de progresso civilizacional, ao evitar posicionar comparativamente o inteiro conjunto de uma determinada sociedade sobre o inteiro conjunto de outra sociedade. Essa postura metodológica nos lembra continuamente que colapso é um evento sociopolítico e que há rupturas e permanências no processo de colapso das sociedades.

Colapso de sociedade complexa é uma ruptura no tecido (*complexus*) sociopolítico de uma sociedade. A definição de colapso que utilizamos nessa dissertação é a seguinte: “Uma sociedade entrou em colapso quando apresenta uma perda rápida e significativa de um nível estabelecido de complexidade sociopolítica”²⁸⁸. Assim definido, surge a pergunta: o que é “complexidade sociopolítica”? Para Tainter, “a complexidade é uma estratégia de solução de

²⁸⁵ Talvez, influenciado pela obra atribuída à Montesquieu intitulada *Considérations sur les causes de la grandeur des Romains et de leur décadence*, publicada em 1734.

²⁸⁶ MENDES, 1995, p. 158.

²⁸⁷ Ibid.

²⁸⁸ “*A society has collapsed when it displays a rapid, significant loss of an established level of sociopolitical complexity*” TAINTER, 1988, p. 4.

problemas”²⁸⁹. Em termos gerais, a complexidade na teoria de Tainter pode ser exemplificada com a seguinte definição:

A complexidade é geralmente entendida para se referir a coisas como o tamanho de uma sociedade, o número e a distintividade de suas partes, a variedade de papéis sociais especializados que ela incorpora, o número de personalidades sociais distintas presentes e a variedade de mecanismos para organizá-las em um todo coerente e funcional. O aumento de qualquer uma destas dimensões aumenta a complexidade de uma sociedade²⁹⁰.

A tese defendida por Tainter é de que o aumento da complexidade gera problemas e que superar tais problemas tem custos quem geram novos problemas. A adição de complexidade não pode continuar indefinidamente, porque a teoria prevê que, em algum momento, os custos da complexificação superariam os benefícios. Esse efeito é denominado de “princípio dos retornos decrescentes”²⁹¹. Um exemplo pode ilustrar essa questão: os reis de Acade envolviam-se em guerras cada vez mais longe da capital, Agade. A expansão da área dominada incrementava complexidade visto que mais território, cidades e rotas comerciais eram adicionadas ao sistema, isso, por outro lado, aumentava os custos de manutenção dessa estrutura sociopolítica e quanto mais distante o exército precisa ir mais custosos se tornava mantê-lo, principalmente por questões logísticas. Os custos, neste caso, poderiam recair sobre as áreas produtivas, como a agricultura e estressar as periferias já descontentes com Agade e poderiam colocar um limite de custos de expansão do território, custos esses que se ultrapassados superariam os benefícios que isso traria para a estabilidade do sistema como um todo.

Outro exemplo de nível de complexidade é a agricultura irrigada²⁹². A pressão sobre o solo visando aumentar a produção pode ocasionar a salinização do solo diminuindo os retornos marginais, podendo assim, provocar a falta de alimento. Nesse sentido, compreendemos que a teoria tainteriana do colapso pode ser utilizada para confrontar o problema da pesquisa. Tal teoria permite uma História Global do colapso sociopolítico do reino de Acade, destacando, portanto, o papel dos espaços geográficos e das hierarquias sociopolíticas no colapso daquela sociedade.

Sociedades complexas são dinâmicas e suas partes estão interconectadas. São sistemas que, por serem compostos de múltiplos agentes de interação, estabelecem diversas interconexões que buscam estabilizar o sistema, de modo que previsões ou representações

²⁸⁹ Ibid., p. 195.

²⁹⁰ Ibid., p. 23. Cf. Também: MENDES, 1995, p. 160.

²⁹¹ “Principle of diminishing returns” TAINTER, 1995, p. 92. Cf. também: MENDES, 1995, p. 161.

²⁹² BUTZER, 2012, p. 5.

lineares das sociedades torna-se difícil²⁹³. Mendes acrescenta que “a entidade formada pela totalidade destes elementos não é redutível à sua soma, reage globalmente como um todo às pressões exteriores e às reações dos seus elementos internos”²⁹⁴. Considerando essas proposições e, considerando que além de dinâmico e interconectado, o passado apresenta-se fragmentado e desordenado nas fontes que precisam ser interpretadas, percebemos que o problema é multifacetado e sua resolução, como todo problema científico, também o será. No entanto, entendemos que tais facetas do problema, e de sua resolução, são complementares e conjuntivas, formando uma visão panorâmica de lentes sobrepostas e coerentes.

Uma sociedade complexa pode ser decomposta em subsistemas coerentes e dinâmicos quando considerados no tecido dos espaços e dos tempos²⁹⁵. Tainter sugere que uma sociedade complexa pode ser dividida em 4 subsistemas ou esferas. Ele autor divide-a em: “[...] agricultura e produção de recursos, processamento de informações, controle sociopolítico e especialização, e produtividade econômica geral”²⁹⁶. Dessas divisões resultam que agricultura e produção de recursos são atividades de produção de recursos, que o processamento de informações e o controle político denotam a existência de diferenças e estratificações sociopolíticas, pois, como observou Greg Woolf, “a complexidade engloba tanto a estratificação social (a proliferação de classes ou castas ou propriedades) quanto a diferenciação social (a multiplicação de papéis sociais, profissões, ocupações, especialidades e assim por diante)”²⁹⁷.

A estratificação sociopolítica, desigualdade e a heterogeneidade são características inerentes da complexidade das sociedades, seja ela uma sociedade ‘nômade’ do paleolítico ou um estado-nação contemporâneo – embora as sociedades antigas do paleolítico possuam menos níveis acumulados de estratificação e diferenciação. Refletindo sobre as potencialidades da teoria do colapso de sociedades complexas de Tainter, consideramo-la necessária, porém, insuficiente como modelo explicativo global para o colapso do reino de Acade. As sociedades complexas não são constituídas apenas por conexões políticas e econômicas, como sugere Tainter, elas também possuem dimensões culturais e materiais, algo que visamos explorar nos capítulos subsequentes. Tais dimensões são características da complexidade das sociedades,

²⁹³ FLAHERTY, E. Complexity Theory: Societies as Complex Systems. *In: Complexity and Resilience in the Social and Ecological Sciences*. London: Palgrave Macmillan UK, 2019, p. 29–76. Disponível em: https://doi.org/10.1057/978-1-137-54978-5_2. Acesso em: 23 fev. 2023, p. 39.

²⁹⁴ MENDES, 1995, p. 159.

²⁹⁵ Espaços usados em sentido de território, lugares, instituições, condições de produção das fontes, etc; e tempos no sentido de variadas concepções de tempo, o tempo do mito, o tempo biológico, o tempo cronológico, o tempo dos historiadores, etc.

²⁹⁶ TAINTER, 1988a, p. 94.

²⁹⁷ WOOLF, 2017, p. 116.

que podem ser pensadas também a partir da teoria da complexidade de Morin mencionada anteriormente.

Importa destacar ainda que os colapsos não são abruptos e não representam necessariamente uma ruptura completa do sistema. O colapso é um processo rápido, mas não instantâneo. Pode ser considerado rápido porque pode durar algumas décadas,²⁹⁸ mas não tão demorado a ponto de ser um ‘declínio’. Além disso, não pode ser considerado uma ruptura completa das instituições sociopolíticas²⁹⁹. Também não pode ser considerado um fracasso, pois, falar em fracasso pode sugerir a existência de uma teleologia ou um fim sociopolítico a ser alcançado. Nesse sentido, divergimos da sugestão de que o colapso seja produto do “orgulho social”, a ideia de que o colapso ocorre quando a determinada sociedade se acha invencível, fechando os olhos para as mudanças que levam à sua ruína³⁰⁰. Embora a crítica ao fracasso e à catástrofe possam significar uma crítica à noção de decadência, compreendemos que a ideia de catástrofe foi ofuscada pela crítica à ideia de decadência, cujo núcleo é o tema da queda imperial³⁰¹. Portanto, há o risco da substituição do acontecimento pela história dos processos lentos ou por uma retórica da modernidade, que marginalizaria o impacto do colapso do reino de Acade, semelhante ao descrédito ao problema da marginalização do tema da queda do império romano³⁰². Cientes desses riscos, no quarto capítulo discutimos a memória do colapso em fontes posteriores ao evento, de modo a compreender a noção de declínio enquanto castigo divino à arrogância do rei Naram-Sîn, tema que liga fracasso e decadência do rei à invasão gútia.

Feitas essas considerações, adotamos conceito de colapso definido por Tainter como sendo a reversão adaptativa de níveis de complexidade adquirida pelo sistema³⁰³. No entanto, reconhecendo que nenhum conceito é neutro, observamos que a teoria de Tainter é baseada na microeconomia neoclássica e seu princípio dos retornos marginais foi proposta por economistas liberais no século XVIII. Disso decorre o risco de olhar para as relações sociais, políticas e econômicas da antiga Mesopotâmia mediante um olhar modernista europeu – o eurocentrismo pode entrar pelas portas dos fundos. Quanto a isso, observamos no segundo capítulo que as relações de trabalho, economia e sociedade acadiana não eram capitalistas.

²⁹⁸ MIDLETON, 2017, p. 12.

²⁹⁹ YOFFEE, 2005, p. 135.

³⁰⁰ Essa tese é defendida por Scott A. J. Johnson em JOHNSON, 2017.

³⁰¹ GIARDINA, A. Esplosione di tardoantico. *Studi Storici*, [s. l.], v. 40, n. 1, p. 157–180, 1999, p. 173.

³⁰² GIARDINA, 1999.

³⁰³ TAINTER, 1988a, p. 31.

De Tainter adotamos a ideia de níveis de complexidade, a ideia de que qualquer tipo de problema que exigirá recursos e energia para superá-lo, e a confrontamos o conceito de complexidade de Morin e as reflexões sobre economia antiga na Assiriologia. Utilizamos a forma do argumento, enquanto aplicada à complexidade sócio-política, visto que qualquer relação de aquisição de complexidade necessariamente exigirá recursos ou energia, seja a construção de um palácio, um templo ou uma estrada, seja a manutenção de um exército, os proventos dos trabalhadores dependentes ou a defesa das fronteiras e; que quanto mais níveis de complexidade houverem no sistema, maior o custo de recursos e energia superar os problemas decorrentes da complexidade em relação às vantagens de sua manutenção.

Conforme esperamos ter minimamente exposto, acerca do que entendemos como colapso de sociedade complexa, fica evidente que o conceito utilizado nesta dissertação difere do sentido de queda, declínio e decadência comumente utilizados em muitas obras com a temática dos colapsos. Fica claro que este não é um tema simples e facilmente compreensível. No entanto, entendemos que a leitura panorâmica dos capítulos seguintes permitirá uma compreensão completa do colapso de Acade e possibilitará verificar se as hipóteses que mencionamos se sustentam.

Por fim, conforme esperamos ter esclarecido neste capítulo, o problema e sua resolução são complexos e requerem diálogos interdisciplinares da pesquisa com diversas disciplinas como Antropologia, Arqueologia e Paleoclimatologia. A História Global, enquanto campo do saber histórico em construção, pode nos auxiliar nesse trabalho. Conforme indicamos, o reino de Acade estava inserido em um contexto global mesopotâmico e interagiu com outras sociedades e povos através do comércio e das guerras. Indicamos também, a partir da análise diacrônica, alguns problemas evitáveis com as formas, que jamais são inocentes e puras. Também discutimos brevemente a complexa teoria de Tainter e indicamos a sua relação com os três capítulos seguintes. Assim sendo, e considerando o que já foi exposto até aqui, no próximo capítulo abordamos as relações sociais a partir de suas bases materiais, destacando os conceitos de complexidade e cultura material; as relações entre espaço, agricultura, estratificação do trabalho e transmissão de propriedade como complexidade adquirida conforme estas podem ser percebidas nas fontes.

2 FUNDAMENTO MATERIAIS DO REINO DE ACADE.

No primeiro capítulo apresentamos um panorama dos períodos chamados “dinástico antigo” e acadiano. Discutimos alguns conceitos problemáticos para a História Antiga e abordamos as teorias do colapso que emergiram no século XX, preocupadas geralmente com o “colapso da civilização ocidental”. Neste capítulo, retomamos alguns desses temas em conexão com temas relacionados diretamente à pesquisa. Discutiremos, a partir da perspectiva da Cultura Material, alguns dos aspectos econômicos, sócio-políticos e climáticos da Mesopotâmia do período Acadiano. Entende-se que tais temas são necessários à compreensão da complexidade das bases materiais dessa sociedade, a partir da noção de materialidade.

Pensando nessas questões, estruturamos o capítulo em três seções principais. A primeira seção, ‘Considerações sobre Cultura Material, Materialidade e Complexidade’, serve como uma introdução teórica ao capítulo, estabelecendo as bases para as discussões subsequentes e destacando a complexidade e a materialidade como fundamentais para pensar o colapso a partir da perspectiva da História Global. A segunda seção, ‘a agricultura como fundamento material da existência humana’, discute o papel do espaço geográfico mesopotâmico no desenvolvimento da agricultura irrigada, essencial para a formação das primeiras cidades na Mesopotâmia. Na terceira seção, ‘Estratificação do trabalho na antiga Mesopotâmia’, exploramos a composição e as relações sociais da sociedade acadiana, incluindo as relações entre o povo e o palácio, bem como o povo e os templos. Assim, cada seção incorpora abordagens da cultura material, da arqueologia histórica e da paleoclimatologia para fornecer uma visão abrangente da sociedade acadiana, permitindo-nos compreender as complexidades materiais e suas contribuições para a permanência dos reis sargônicos no poder e o posterior colapso sociopolítico do reino.

2.1 CULTURA MATERIAL, MATERIALIDADE E COMPLEXIDADE.

Materialidade e complexidade são dois conceitos que, se discutidos juntos no estudo da História Antiga, podem produzir excelentes contribuições à Historiografia. No entanto, observamos serem dois conceitos marginais na reflexão histórica, sobretudo pelo privilégio do texto sobre a materialidade inerente a toda sociedade humana e pela dificuldade em lidar com relações de incerteza, contradição e ilusão de conhecimento. A complexidade, muitas vezes confundida com dificuldade, pode ser vista como uma ameaça à clareza e à simplicidade da explicação histórica, tornando-a menos acessível para o público. No entanto, alguns estudiosos, como Edgar Morin, argumentam que a abordagem da complexidade oferece novas maneiras de representar dados e pode servir como um trampolim para novas investigações surgidas da transdisciplinaridade entre as humanidades e as ciências naturais. Discutiremos com mais detalhes essas questões nos parágrafos seguintes.

Para os objetivos deste capítulo, importa-nos discutir o que é cultura material, suas potencialidades e limites, e sua relação com a materialidade e a complexidade. Marcelo Rede observou que cultura material é uma expressão polissêmica que dá margens a ambiguidades, tanto por se referir ao objeto de estudo como a uma forma de conhecimento que pressupõe um método³⁰⁴. Além disso, a ambiguidade pode ocorrer porque a expressão “cultura material” pressupõe em si dois conceitos bastante controversos: *materialidade e cultura*. Isso ocorre porque há uma aparente contradição entre noções de cultura e de materialidade decorrente, sobretudo, dos pressupostos assumidos nas definições desses conceitos por diferentes autores de diferentes lugares. Pressupostos diferentes assumidos na definição de um conceito levam a diferentes, ambíguas e contraditórias interpretações desses conceitos, sobretudo quando pesquisadores de diferentes áreas tentam dialogar.

Como ponto de partida, para delimitar os pressupostos que assumimos, adotamos a definição apresentada por Ulpiano Meneses:

Por cultura material poderíamos entender aquele segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem. Por apropriação social convém pressupor que o homem intervém, modela, dá forma a elementos do meio físico, segundo propósitos e normas culturais³⁰⁵.

³⁰⁴ REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 4, p. 265-282, 1996.

³⁰⁵ MENESES, U. T. B. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, [s. l.], n. 115, p. 103–117, 1983b. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i115p103-117p>. 112.

Assim sendo, a cultura material confere à materialidade um papel ativo nas relações sociais, conforme indicam abordagens recentes³⁰⁶. Sendo assim, os artefatos, podem ser considerados como produtos e vetores das relações sociais³⁰⁷. Essa abordagem visa nos prevenir dos velhos hábitos de utilizar a cultura material como elemento comprobatório daquilo que está escrito nas inscrições reais, nas crônicas, nas listas de reis e outros tipos textuais cuneiformes.

Observa-se que, na expressão “cultura material”, o termo “material” é um adjetivo para cultura, embora uma das principais críticas dos estudos da cultura material seja contra predomínio do cultural sobre o material. Essa aparente inconsistência se deve à ambiguidade nas definições de cultura apresentadas por alguns autores de maneira abstrata, alheia a toda a materialidade³⁰⁸, e às três posturas apontadas por Meneses: a marginalização da cultura material perante as fontes textuais; o uso puramente instrumental da informação arqueológica e; o uso didático dessas informações³⁰⁹.

A marginalização da cultura material significa a supressão da dimensão física que transformam a realidade social em algo estático, em “estruturas mentais”³¹⁰. Há nessa relação de privilégio do universo mental, sobre o material, resquícios do pensamento dualista cartesiano que percebe o real a partir de dicotomias, da hierarquização do universo mental sobre o material e de um exagerado antropocentrismo, que transforma o homem no centro da história — ao redor do qual todo “o resto” gira. De acordo com Morin, “vivemos sob o império dos princípios de disjunção, de redução e de abstração cujo conjunto constitui o que chamo de o ‘paradigma de simplificação’”³¹¹. Tal paradigma, criticado pela epistemologia da complexidade de Morin, ainda “[...] permeia não apenas a arqueologia, mas grande parte das ciências sociais”³¹². Consequentemente, “[...] os historiadores desprezaram ou falharam em considerar adequadamente as articulações entre a vida social e a materialidade [...]”³¹³ — porém, há exceções a isso na Historiografia, sobretudo no Materialismo histórico-dialético, na História Ambiental e nos Estudos da Cultura Material. Além disso, devido ao

³⁰⁶ RANIERI; FATTORI, 2021, p. 1.

³⁰⁷ MENESES, 1983b, p. 112–113.

³⁰⁸ REDE, M, 1996, p. 267.

³⁰⁹ MENESES, 1983b, p. 104–105.

³¹⁰ Ibid., p. 104.

³¹¹ MORIN, 2005b, p. 11.

³¹² KNAPPETT, C. Materiality in Archaeological Theory. In: SMITH, C. (org.). **Encyclopedia of Global Archaeology**. New York, NY: Springer, 2014, p. 4700–4708. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-1-4419-0465-2_292. Acesso em: 12 maio 2023, p. 3.

³¹³ REDE, Marcelo. História e cultura material. In: CARDOSO, C. F. S. (Ciro F. S.; VAINFAS, R. (org.)). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015, p. 133.

privilégio da textualidade sobre a materialidade, “predominou, em todo caso, a analogia entre a cultura material e o texto, e suas implicações no nível metodológico, isto é, a utilização das ferramentas da linguística e da semiótica para a “leitura” dos elementos materiais”³¹⁴. Nesse sentido, observa Cristina Tsouparopoulou, “mesmo que quase nunca proclamado abertamente, os estudiosos ainda tratam o texto como sendo sagrado, diminuindo o valor de seu suporte material”³¹⁵. E mais, em poucas exceções, como na História Ambiental e na Arqueologia Simétrica, o antropocentrismo foi questionado. O homem, ser pensante e muitas vezes abstraído de sua materialidade, continua sendo o núcleo ao redor do qual as ciências humanas circundam. Nesse sentido, torna-se emblemática a definição de História de Marc Bloch como “ciência dos homens no tempo”³¹⁶. Oras, apenas homem e tempo são insuficientes para haver História, em primeiro lugar porque isso exclui quase que completamente as relações materiais necessárias a toda e qualquer existência humana — pois, homem e tempo sem materialidade são meras abstrações. Isso não significa que para Bloch a história seja abstrata. Significa apenas a proposição “a história é a ciência dos homens no tempo” privilegia, sobretudo, os homens, que são colocados no centro da história.

Importa-nos ainda apontar o argumento de Marcelo Rede. Ele argumenta que, ao negligenciarmos a natureza física dos fenômenos humanos, tendemos a tratá-la como óbvia e, conseqüentemente, ao banalizá-la, corremos o risco de desconsiderá-la no nível cognitivo³¹⁷. O antropocentrismo não é uma condição da própria realidade, mas uma construção do próprio homem e sua superação constitui a principal fronteira do debate sobre a cultura material,³¹⁸ embora, em grande medida, os estudos da cultura material e da materialidade continuem privilegiando fortemente as relações entre o homem e os artefatos, enquanto produtos do pensamento, mantendo assim o antropocentrismo, que por sua vez fomenta a textualidade num círculo vicioso.

Diretamente relacionado à marginalização da cultura material, perante as fontes textuais, está o uso instrumental da informação arqueológica. Esta é a postura mais frequente em relação à cultura material, consistindo no uso da cultura material como confirmatória ou

³¹⁴ Ibid., p. 140.

³¹⁵ TSOUPAROPOULOU, C. Deconstructing Textuality, Reconstructing Materiality. *In*: DECONSTRUCTING TEXTUALITY, RECONSTRUCTING MATERIALITY. [S. l.]: De Gruyter, 2016, p. 257–276. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110459630-012>. Acesso em: 12 jul. 2023, p. 258.

³¹⁶ BLOCH, 2001, p. 55.

³¹⁷ REDE, Marcelo, 2015, p. 143.

³¹⁸ Ibid., p. 144.

de complementação da documentação textual³¹⁹, resultando na distorção de ambas³²⁰. Esta postura, também denominada de *fact finding*, predominou na arqueologia até meados dos anos 60, considerava que a arqueologia tinha como propósito a coleção, descrição e classificação de objetos antigos e informações brutas que seriam processadas e interpretadas por outras ciências, como a História³²¹. Essa abordagem da Arqueologia e dos Estudos da Cultura Material provinha da ideia de que a Arqueologia é uma disciplina auxiliar, uma técnica, de modo que alguns historiadores e arqueólogos pensam que somente a partir da cultura material pouco pode ser dito da estrutura social³²². Esta postura pode incluir também o uso dos objetos materiais para confirmar ou negar o que já está verbalizado, usando da informação material para iluminar o texto e não a sociedade que o produziu³²³. Percebe-se que essa postura limita as potencialidades da cultura material, enquanto vetores e produtos das relações sociais, e relações sociais com a realidade física que lhe serve de suporte.

O uso didático de informações sobre o mundo material é a terceira postura criticada por Meneeses. Trata-se de transformar em ilustração aquilo que as fontes textuais já estabeleceram e, desse modo, facilitar a deglutição do discurso do historiador da Antiguidade³²⁴. Nesse sentido, ela é ilustrativa e didática. Podemos mencionar, como exemplo, o uso de uma imagem de um selador de tijolo numa pesquisa para mostrar o artefato ao leitor, sem que haja uma análise do artefato enquanto cultura material, portadora de agência, produzido em determinadas circunstâncias sociopolíticas.

Considerados esses problemas, percebemos que a aparente contradição entre cultura e material é consequência do modo como a cultura material foi entendida no desenvolvimento do campo dos Estudos da Cultura Material. Se considerarmos que, “[...] os antropólogos, desde o século XIX, procuram definir os limites de sua ciência por meio da definição de cultura. O resultado é que os conceitos de cultura são múltiplos e, às vezes, contraditórios”³²⁵. Destacamos também que, segundo Margrit Pernau e Dominic Sachsenmaier,

O termo Kultur foi assimilado em alemão a partir de um uso anterior em francês (la culture), que também teve um desdobramento inicial em inglês (culture), todos os quais, por sua vez, foram derivados do latim (mais notoriamente, a concepção

³¹⁹ MENESES, 1983b, p. 104.

³²⁰ FUNARI, P. P. A. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 41.

³²¹ Ibid., p. 15.

³²² Ibid., p. 16.

³²³ MENESES, 1983b, p. 104.

³²⁴ Ibid., p. 105.

³²⁵ SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2022, p. 85.

estoica de Cícero de cultura animi). Nos primeiros usos, "cultura" era geralmente acompanhada por uma frase genitiva ("do espírito", "da mente", "da literatura" ou até mesmo "do corpo"), de acordo com sua base na metáfora agrícola. No entanto, desde o final do século XVI, vemos que ele está emergindo gradualmente como um conceito autônomo³²⁶.

Não é objetivo deste trabalho historicizar o complexo conceito de cultura. Importa apenas mencionar que existem tais problemas nas ciências humanas e que esses problemas afetam os debates sobre cultura material e materialidade devido aos pressupostos assumidos nas definições desses conceitos. Pensando nisso, adota-se neste trabalho a definição de Funari do conceito de cultura: “a cultura é tudo o que é criado, feito (desenvolvido, melhorado, modificado) pelo próprio homem, diferentemente do que fornece a natureza”³²⁷. Decorrente disso, concordamos também com a proposição do mesmo autor, de que “não há oposição entre cultura material e imaterial; ambas são produtos do trabalho humano socialmente determinado, duas faces de uma mesma moeda: a cultura”³²⁸. Desse modo, concordamos também com Ian Hodder, para quem “a cultura material abrange tanto a ideia quanto a prática que se influenciam e se restringem mutuamente”³²⁹. Defendemos que as definições de cultura que abarcam as produções materiais e imateriais, ou simbólicas, dos homens são mais adequadas por serem mais abrangentes, coerentes e por eliminarem a aparente contradição entre cultural e material. Resta-nos ainda abordar brevemente o conceito de materialidade, para então verificar a relação da cultura material com a complexidade da dimensão sociopolítica, sendo o que nos interessa neste capítulo.

O conceito de materialidade é utilizado em diversas disciplinas das ciências da sociedade. Encontram-se usos do conceito em disciplinas como Antropologia, Sociologia, Geografia cultural, Arquitetura, Arqueologia, História e nos Estudos de Cultura Material³³⁰. Embora o conceito seja utilizado em muitas disciplinas, não há uma definição geral, válida para todas elas, pois, “[...] o próprio conceito de materialidade é heterogêneo e ambíguo. As tentativas de definição rigorosa estão emaranhadas com profundas raízes metafóricas e

³²⁶ PERNAU, M.; SACHSENMAIER, D. (org.). **Global conceptual history: a reader**. London; New York: Bloomsbury Academic, 2016, p. 229.

³²⁷ FUNARI, 2003, p. 36.

³²⁸ Ibid., p. 83.

³²⁹ HODDER, I. **Theory and practice in archaeology**. Reimpr. London: Routledge, 1998. (Material cultures), p. 148.

³³⁰ KARAGIANNI, A.; SCHWINDT, J. P.; TSOUPAROPOULOU, C. Materialität. In: DEUTSCHE FORSCHUNGSGEMEINSCHAFT. **Materiale Textkulturen**. [S. l.]: De Gruyter, 2015, p. 33–46. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110371291.33>. Acesso em: 15 jul. 2023, p. 33.

conotações culturais³³¹. Nesse sentido, há muitas maneiras de se definir o conceito de materialidade, embora a raiz do problema seja semelhante ao do conceito de cultura, o problema dos pressupostos assumidos na definição conceitual. Podemos perceber tal dificuldade observando que algumas bibliografias o definem enfatizando a materialidade enquanto ações e enquanto textos como artefatos³³²; ou enquanto matéria-prima e seu processamento, a tecnologia, a morfologia e as funções, que, por sua vez, fornecem, em um grau sempre significativo, informações de natureza³³³. Em um sentido ligeiramente diferente, Susan Pollock argumenta, apoiando-se nas proposições de Daniel Miller, que a materialidade é a importância dos objetos materiais na vida social e como eles podem influenciar as pessoas e a cultura, de forma que a materialidade não seria sinônimo de material ou matéria³³⁴. De acordo com Daniel Miller, “a postura em relação à materialidade também continua sendo a força motriz por trás das tentativas da humanidade de transformar o mundo para torná-los crenças sobre como o mundo deve ser³³⁵”. O arqueólogo pós-processualista Christopher Tilley, que enfatiza existência de relações dialéticas e recursivas entre pessoas e coisas, sintetiza 10 definições do conceito de materialidade utilizadas nos estudos de cultura material: coisas materialmente existentes, incluindo materiais na natureza; os artefatos; as matérias ou substâncias que compõe as coisas; as tecnologias necessárias para produzir as coisas; o modo como as coisas se relacionam com estruturas mentais; as coisas como parte integrante da vida social; as coisas relacionadas às identidades sociais; a relação das coisas com a memória e a tradição e; a relação das coisas com o corpo humano³³⁶. Além disso, Tilley argumenta que “a materialidade é uma dimensão integral da cultura e que há dimensões da existência social que não podem ser plenamente compreendidas sem ela”³³⁷. Se essas proposições definem corretamente a materialidade, delas retiramos três implicações: as dimensões materiais que se definem como materialidade são condições necessárias da existência humana; não há contradição entre materialidade e cultura e;

³³¹ TILLEY, C. Y. Introduction. In: TILLEY, C. Y. *et al.* (org.). **Handbook of material culture**. Paperback edition. Los Angeles London New Delhi Singapore Washington, DC: Sage, 2013, p. 03.

³³² KARAGIANNI; SCHWINDT; TSOUPAROPOULOU, 2015, p. 38.

³³³ MENESES, 1983b, p. 107.

³³⁴ POLLOCK, S. From Clay to Stone: Material Practices and Writing in Third Millennium Mesopotamia. In: FROM CLAY TO STONE: MATERIAL PRACTICES AND WRITING IN THIRD MILLENNIUM MESOPOTAMIA. [S. l.]: De Gruyter, 2016, p. 277–292. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110459630-013>. Acesso em: 12 jul. 2023, p. 277–278.

³³⁵ MILLER, D. Materiality: An Introduction. In: MILLER, D. (org.). **Materiality**. Durham, N.C: Duke University Press, 2005, p. 2.

³³⁶ TILLEY, 2013, p. 04.

³³⁷ *Ibid.*, p. 01.

materialidade está restrita às relações sociais e ao que é produzido a partir dela, tais como os artefatos — caso a materialidade seja uma “dimensão integral da cultura, algo que discordamos”, pois, entendemos que a cultura material é apenas uma pequena fração da realidade física que engloba materialidade não cultural, a materialidade física natural, conforme reconhece a história ambiental³³⁸. Com isso, não estamos defendendo que os estudos da cultura material deveriam adentrar no “território” dos estudos das ciências naturais, mas apontar que existem limites às contribuições da cultura material no estudo da materialidade, pois, para esse campo o que fundamentalmente importa, com exceções, é a materialidade enquanto cultura, enquanto relações da cultura com o mundo físico.

Nosso objetivo nesse capítulo é ir além desses limites para incluir a natureza como portadora de agência, caótica, sem sentido em si e complexa. Nesse sentido, argumentamos que a intersecção de campos disciplinares pode ser útil por permitir confrontar as diversas nuances das estruturas da complexidade material do reino de Acade. Para tanto, cientes dos limites dos Estudos da Cultura Material, pensamos dialogar também com a Epistemologia da complexidade de Morin, para pensar a cultura material como uma rede de elementos que compõe a materialidade da complexidade sociopolítica.

Parece-nos trivial afirmar que o mundo é complexo, assim como parece banal afirmar que a materialidade é uma condição necessária da existência humana. Porém, como vimos, tal obviedade das condições materiais levou à sua supressão nos estudos da cultura. Nesse sentido, importa-nos perguntar: afinal, o que é a complexidade? E mais, como a epistemologia da complexidade pode auxiliar a confrontar os reducionismos, as disjunções e a marginalização da cultura material? E ainda, como ela pode auxiliar na compreensão da aquisição de complexidade sociopolítica, em Acade? À primeira pergunta, Morin responde:

A um primeiro olhar, a complexidade é tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela colocou o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomênico³³⁹.

Percebe-se nessa metáfora que a complexidade dialoga com a heterogeneidade, das partes e do todo, que compõe o nosso mundo. A Epistemologia da complexidade objetiva ser interdisciplinar, de modo que “possa contemplar uma ciência em expansão

³³⁸ WORSTER, D. Para fazer história ambiental. *Revista Estudos Históricos*, [s. l.], v. 4, n. 8, p. 198–215, 1991.

³³⁹ MORIN, 2005b, p. 13.

interdisciplinar e metodológica”³⁴⁰. A proposta moriniana é expandir a reflexão científica de modo a incluir a incerteza como formadora e constituinte da complexidade³⁴¹, e objetivo é da complexidade e da multidimensionalidade, não no sentido permitir conhecer todos os fenômenos estudados, mas de permitir a incompletude e a incerteza e, assim, considerar as diversas dimensões do conhecimento que sofreram a disjunção cartesiana³⁴², a exemplo dos estudos da cultura que marginalizaram a materialidade enquanto produto e agente das relações sociais.

Importa mencionar que a complexidade não significa “complicado”, segundo Morin, não podemos confundir complexidade com complicação, pois, a complexidade é mais ampla, embora englobe a ‘complicação’ advinda das incertezas e da desordem³⁴³. A Epistemologia da complexidade é complexa por permitir a incerteza, a contradição, a consideração da subjetividade, etc., como necessários ao conhecimento do todo, ainda que esse conhecimento seja sempre parcial e esse todo, seja sempre incompleto.

A Epistemologia da complexidade fundamenta-se em três princípios interrelacionados. Segundo Morin³⁴⁴, o primeiro é o princípio dialógico, que permite a dualidade, a contradição, a ordem e a desordem, sem recorrer à disjunção; o segundo é o princípio da recursão, a ideia de que determinadas coisas ou condições podem ser causa e efeito ao mesmo tempo, e; o terceiro é o princípio hologramático, a ideia de que as partes nos permitem obter informações do todo, e vice-versa. O pressuposto central que adotamos é de que, localmente as disciplinas são coerentes e a lógica clássica serve para corrigir as sequências de pensamento, mas quando estamos em níveis mais amplos entramos na incompletude, na desordem, nos paradoxos. Nesse sentido, os três princípios permitem compreender a realidade complexa coerentemente, isto é, como um tecido, e podem auxiliar a confrontar os reducionismos, as disjunções e a marginalização da cultura material. Além disso, a Epistemologia da complexidade pode auxiliar na compreensão da aquisição de complexidade sociopolítica, em Acade, a partir da materialidade e do simbólico, por fazer uma abordagem lógico-analítica, mas também dialógica, dos dados incoerentes das fontes materiais, textuais e imagéticas permitindo compreender as partes e o todo, sempre

³⁴⁰ FRANCELIN, M. M. Abordagens em epistemologia: Bachelard, Morin e a epistemologia da complexidade. **Transinformação**, [s. l.], v. 17, p. 101–109, 2005, p. 102.

³⁴¹ Ibid., p. 107.

³⁴² MORIN, E. **Ciência Com Consciência**. Tradução: Maria D. Alexandre. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a. v. 8

³⁴³ MORIN, 2005b, p. 69.

³⁴⁴ Ibid., p. 73–75.

incompleto, das estruturas materiais e simbólicas da complexidade sociopolítica, cujo acúmulo de complexidade, na tentativa de manter a coerência interna, teria contribuído com o colapso do reino de Acade. Por fim, destacamos que embora exista a crítica contra o privilégio da textualidade, essa crítica não pode ser considerada absoluta, ela é certamente relacional. Depende das relações entre tema, problema, objeto e disponibilidade de fontes. Importa que os pesquisadores tenham consciência dessas questões e as considere em suas escolhas ao longo da pesquisa.

2.2 AGRICULTURA E AQUISIÇÃO DE NÍVEIS COMPLEXIDADE

Podemos compreender a antiga Mesopotâmia, enquanto culturas cuneiformes, como uma estrutura de larga escala em relação ao tempo e ao espaço. Embora seja um recorte arbitrário, como todas as formas o são conforme argumentou Guarinello³⁴⁵, a antiga Mesopotâmia compreende desde o período ubaída, de 5500-4000 A.E.C.³⁴⁶, até a conquista da Babilônia pelo império Aquemênida, em 539 A.E.C. e, da perspectiva do espaço compreende o que atualmente são o Iraque e a Síria.

Num primeiro momento, importa-nos destacar a geografia física da Mesopotâmia enquanto condição material que possibilita e influencia as interações, as conexões e as circulações de ideias e coisas. Devido à escolha de discutir a materialidade em um sentido essencialmente global, visando perceber possíveis disruptores³⁴⁷ no processo de aquisição de complexidade, optamos neste capítulo por desenvolver um diálogo interdisciplinar com a História Global Ambiental e com os Estudos de Cultura Material. Começamos este segundo capítulo destacando o espaço mesopotâmico da perspectiva da História Global Ambiental, enfatizando que espaço antes de ser qualquer construção mental, é objetivamente uma dimensão física, ambiental e material.

Iniciamos uma observação com Tony J. Wilkinson, “a estrutura ambiental se estende além do clima para incluir a geografia física dos recursos do solo, a hidrologia de

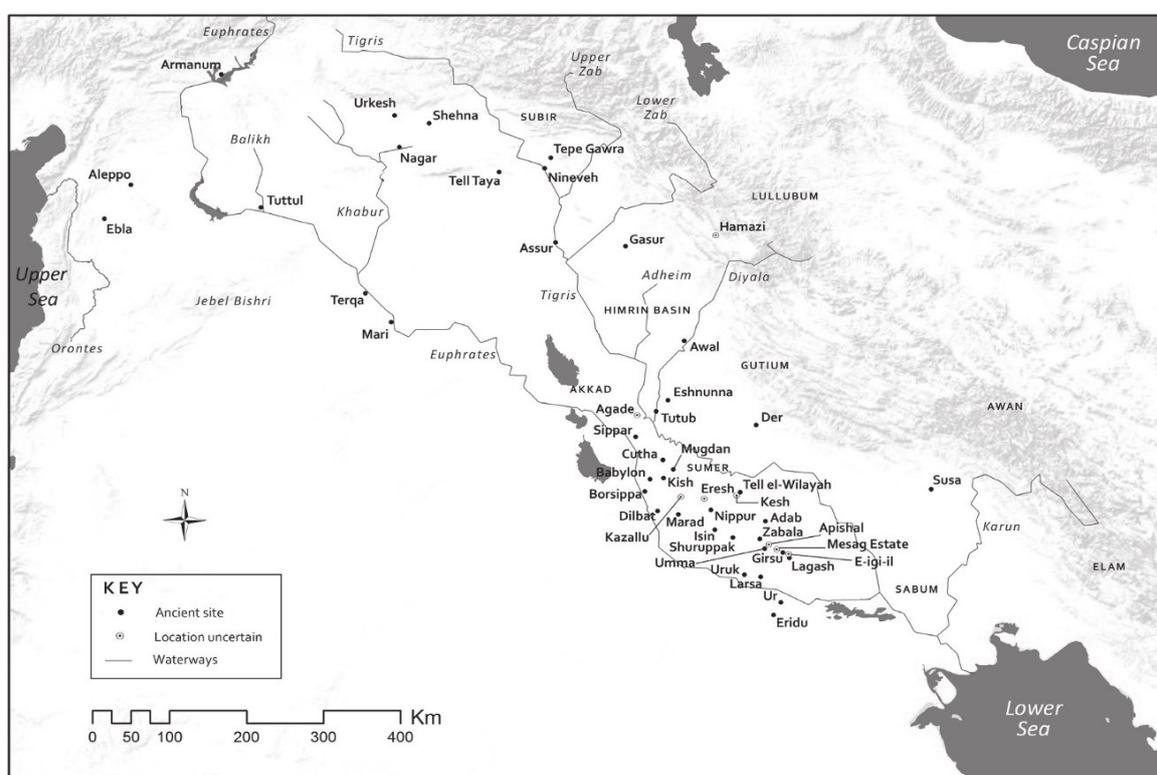
³⁴⁵ GUARINELLO, 2003b.

³⁴⁶ Conforme a cronologia apresentada por Gwendolyn Leick, em LEICK, 2010a, p. 178.

³⁴⁷ Disruptor é qualquer condição que contribua para a ruptura de um processo de aquisição de complexidade, provocando uma possível reversão do processo, tornando-o menos complexo. Disruptores são condições necessárias para o colapso sociopolítico.

rios antigos, bem como as tendências da vegetação”³⁴⁸. Podemos nos perguntar: por que o ambiente da antiga Mesopotâmia importa para os objetivos desse trabalho? Importa na medida que as sociedades humanas estão inseridas no ambiente e dele dependem para obter recursos, para praticar a agricultura, pecuária e pesca, para o transporte de materiais e pessoas, etc., o ambiente é o espaço que permite a historicidade. E mais, o ambiente possui agência, ou seja, condiciona as intenções, escolhas e ações humanas – rejeitá-lo seria por um limite à potencialidade da História Global e comprometeria a nossa compreensão das condições materiais da complexidade em escala global.

Figura 4 - Mapa da antiga Ásia ocidental



Mapa da antiga Ásia ocidental no período acadiano com destaque para as cidades da Suméria e Acade. Fonte:

FOSTER, B. R. *The Age of Agade: inventing empire in ancient Mesopotamia*. London; New York, NY:

Routledge/Taylor & Francis Group, 2016, p. 51.

³⁴⁸ WILKINSON, T. J. Introduction to Geography, Climate, Topography, and Hydrology. In: POTTS, D. T. (org.). *A companion to the archaeology of the ancient Near East*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012. (Blackwell companions to the Ancient world).v. 1, p. 03.

A Mesopotâmia era uma região que fazia parte da “Ásia ocidental”, região geralmente denominada “Antigo Oriente Próximo”,³⁴⁹ que abrangia uma área de aproximadamente 2.000.000 km², composta por uma grande variedade de áreas caracterizadas por diferentes tipos de solo, precipitação, clima, vegetação e nível de habitabilidade³⁵⁰. A região fica, do ponto de vista geográfico, na intersecção dos continentes africano, asiático e europeu³⁵¹. Uma região cercada pelas cordilheiras Taurus e Amanos ao norte; cordilheiras do Zagros ao leste, pelo deserto ao oeste e pelo golfo pérsico ao sul, na desembocadura do Tigre e Eufrates. Geologicamente, a Mesopotâmia está na confluência de duas placas tectônicas: a placa árabe e a placa iraniana ou euroasiática³⁵². Devido a tais configurações geológicas, a paisagem da antiga Ásia ocidental é “[...] composta por uma mistura de cadeias de montanhas, planícies aluviais e planaltos desérticos”³⁵³. A hidrologia da Mesopotâmia é normalmente lembrada pelos rios Tigre e Eufrates. Estes dois rios têm vários afluentes, tais como *Balikh*, *Habur*, Greater e Lesser Zab, *Diyala*, *Kerkkeh*, e *Karum*³⁵⁴. Estes são rios perenes, fundamentais à vida na Mesopotâmia.

Os rios Tigre e Eufrates, sendo os dois principais rios da região, eram importantes em diversos aspectos das sociedades de cultura cuneiforme tais como a agricultura, a pesca, o comércio e o transporte. Além disso, importa destacar que a Mesopotâmia, além de ser heterogênea, tanto globalmente quanto localmente, divide-se em sul, de clima subtropical onde a temperatura média no verão era de cerca de 48,89° Celsius, era composto de planícies, áreas de inundação e pântanos e; em norte, de clima temperado, composto de planaltos mais secos relativamente influenciados pelo deserto siro-árabe a oeste³⁵⁵. Porém, não podemos simplificar a geografia da região, como se faz com quando se utiliza a noção de “crescente-fértil”, pois, conforme observou Mario Liverani, “[...] áreas férteis são interrompidas por colinas, montanhas e desertos, enquanto planaltos áridos apresentam uma constelação de oásis e *wadis*”³⁵⁶. Portanto, o espaço da Mesopotâmia não era “um deserto quase sem vida”,

³⁴⁹ Preferimos utilizar o termo “antiga Ásia ocidental” e ocasionalmente “Antigo Oriente Próximo” quando este faz parte de uma citação. De acordo com Daniel C. Snell, “o termo Oriente Próximo se refere à proximidade com a Europa e, portanto, é eurocêntrico; Ásia Ocidental seria preferível [...]” SNELL, 2005.

³⁵⁰ LIVERANI, M. **The ancient Near East: history, society and economy**. Tradução: Soraia Tabatabai. London; New York: Routledge/Taylor & Francis Group, 2014, p. 17.

³⁵¹ MARC VAN DE MIEROOP, 2016, p. 6.

³⁵² Ibid.

³⁵³ LIVERANI, 2014, p. 17.

³⁵⁴ MARC VAN DE MIEROOP, 2016, p. 17.

³⁵⁵ BERTMAN, 2003, p. 4.

³⁵⁶ LIVERANI, 2014, p. 17. *Wadis* são leitos secos de rios nos quais as águas correm apenas nas estações chuvosas.

nem uma “terra que mana leite e mel”, mas um ambiente geograficamente complexo e heterogêneo. Esta heterogeneidade no espaço geográfico mesopotâmico é fundamental para nossa compreensão do problema do colapso do reino de Acade, pois, tais configurações do espaço proporcionaram oportunidades, e desafios, que serviram de incentivos para estratégias que resultaram em complexificação sociopolítica, não sendo, portanto, a geografia e o ambiente deterministas³⁵⁷, mas condicionais necessárias ao processo de aquisição de complexidade sociopolítica, embora insuficientes, conforme podemos perceber nas proposições da História Ambiental Global dos últimos anos em relação ao ambiente enquanto agente histórico.

O desenvolvimento das cidades antigas, vistas como assentamentos humanos de níveis complexos, já foi discutido por diversos autores e não há a necessidade de discuti-lo aqui. No entanto, alguns pontos podem ser destacados. Em primeiro lugar, quando a cidade de Agade foi fundada, as cidades da baixa Mesopotâmia, de períodos anteriores, principalmente Uruk, já demonstravam elevados níveis de complexidade. Não podemos presumir que a aquisição de complexidade, da qual o colapso é sua reversão, surgiu na sua fundação, pois, as culturas da Mesopotâmia já haviam passado por séculos de complexificação sociopolítica antes que qualquer rei tivesse tentado unificar a região. Em segundo lugar, a geografia física da baixa Mesopotâmia, sua hidrologia e ecologia favoreceram a complexidade inicial das cidades da baixa Mesopotâmia com três vantagens cruciais. Segundo Guillermo Algaze³⁵⁸, essas vantagens foram a maior resiliência devido à possibilidade de explorar vários ecossistemas variados, resistentes e densos de recursos naturais de subsistência; a maior produtividade do sul devido à agricultura irrigada artificialmente em comparação à agricultura a seco do norte e; o acesso a uma vasta bacia hidrográfica do Tigre-Eufrates que permitia a conexão entre diversas cidades e volumosas quantidades de informações, mão de obra e mercadorias. Na região de planície do sul, havia diversos diques naturais produzidos ao longo de milênios pelo transbordamento dos rios³⁵⁹. Consequentemente, a região fértil da baixa Mesopotâmia era propensa à agricultura, possibilitando a manutenção de taxas populacionais mais densas³⁶⁰. Segundo Emanuel Bouzon, a agricultura irrigada possibilitava maior produção de alimentos em uma área menor

³⁵⁷ ALGAZE, G. Initial Social Complexity in Southwestern Asia: The Mesopotamian Advantage. **Current Anthropology**, [s. l.], v. 42, n. 2, p. 199–233, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/320005p.214>.

³⁵⁸ Ibid., p. 201–204.

³⁵⁹ KRAMER, 1969, p. 31.

³⁶⁰ BERTMAN, 2003, p. 4.; LIVERANI, 2014, p. 21.; WILKINSON, 2012, p. 6.

de cultivo conseguindo assim alimentar populações significativamente maiores³⁶¹. A conjunção de tais condições possibilitaram uma das primeiras globalizações da antiguidade, no período de Uruk³⁶². O ponto central, nesse primeiro momento do tópico, visa destacar a existência de uma conjunção de condições que geralmente nos passa despercebida: que as conexões globais, ou globalizantes, estão diretamente relacionadas com a aquisição e resiliência de níveis de complexidade e com as possibilidades exploráveis nos espaços ecológicos. Exemplificando nosso argumento, há pouca probabilidade de ocorrer globalizações, como a de Uruk, sem que ocorra a aquisição de níveis de complexidade³⁶³ e sem diversidade de possibilidades, econômicas, políticas e sociais possibilitadas pelo espaço geocológico – isso ficará mais claro ao longo desse trabalho.

Um dos principais problemas com a teoria tainteriana do colapso, como reversão de níveis de complexidade adquirida, é determinar quais níveis de complexidade foram adquiridos em um sistema e quando houve tal aquisição. Como já indicamos no primeiro capítulo, a figura do rei e as instituições do templo e do palácio surgiram antes da fundação de Acade. Portanto, foram níveis de complexidade adicionados às cidades mesopotâmicas antes da fundação da capital acadiana, mas incorporadas a ela. Deveras, não foram muitas as inovações importantes que os reis acadianos incorporaram ao sistema sociopolítico acadiano, muitos dos níveis pré-existentes continuaram existindo, outros foram incorporados posteriormente. Essas características, no entanto, dependeram de dois fatores importantes: a agricultura e as conexões comerciais.

A agricultura era a base econômica das sociedades da antiguidade. Na Mesopotâmia, a agricultura desempenhou um papel crucial no desenvolvimento das cidades, portanto, do *complexus* socioeconômico. A baixa Mesopotâmia destacou-se nesse sentido. Essa região, chamada Suméria³⁶⁴, bastante fértil, possibilitou o desenvolvimento e a resiliência de grandes reinos mesopotâmicos como Acade, Assíria e Babilônia. Havia, de

³⁶¹ BOUZON, E. **Ensaio babilônicos: sociedade, economia e cultura na Babilônia pré-cristã**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998a, p. 17.

³⁶² JENNINGS, J. **Globalizations and the ancient world**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2011.

³⁶³ Lembrando, no entanto, que por complexidade entendemos um conjunto de elementos e fatores heterogêneos que são “tecidos juntos” dentro de um conjunto permeável que pode ser uma cidade, uma sociedade, uma cultura, etc. Além disso, vale destacar que a tecnologia que possibilita novas ferramentas é também um elemento do *complexus* e que a própria tecnologia gera novos problemas que exigem novas ferramentas para solucionar – isso porque a aquisição de complexidade é quase sempre uma tentativa de solucionar algum problema, que pode, inclusive, ser o resultado da solução de problemas anteriores – não há como fugir do *complexus*, pois, ele é em síntese a relação entre as coisas.

³⁶⁴ *Ki-engir* (sumério), *Sumeru* (acadiano).

acordo com Guilherme Algaze³⁶⁵, desde o quarto milênio A.E.C., pelo menos três vantagens em rendimento, confiabilidade e previsibilidade do ambiente para a agricultura da baixa Mesopotâmia, em relação à alta Mesopotâmia. Primeiro, condições climáticas que proporcionaram maior resiliência e confiabilidade na produção agrícola, incluindo chuvas e temperaturas mais favoráveis, aumentando a produtividade e previsibilidade nas colheitas; segundo, os principais canais dos rios Tigre e Eufrates estavam próximos um do outro, chegando a se unir em alguns locais criando um sistema fluvial complexo e entrelaçado, aumentando significativamente as áreas onde vegetais, frutas e alguns cereais podiam ser cultivados por meio do aproveitamento das inundações para irrigação e; terceiro, refere-se ao efeito da intrusão do Golfo Pérsico no sistema fluvial Tigre-Eufrates que reduziu o comprimento total dos rios e, conseqüentemente, agravando a tendência natural dos rios de inundarem suas margens, aumentando, conseqüentemente, o tamanho das áreas sujeitas às inundações sem a necessidade de intervenção humana em momentos de transbordamento.

A agricultura no norte da Mesopotâmia, por sua vez não contava com tais vantagens. Na alta Mesopotâmia praticava-se agricultura seca que era em alguns casos complementada por irrigação³⁶⁶. Além disso, no norte da Mesopotâmia, o transporte ocorria principalmente por via terrestre. Algaze argumenta que:

[...] as sociedades na periferia mesopotâmica tiveram que contar inteiramente com modos menos eficientes de comunicação terrestre, como burros ou carroças, tanto para suas necessidades de intercâmbio de longa distância quanto para o movimento de recursos de subsistência mediante seus sertões imediatos. As vantagens de transporte natural das cidades do sul ajudam a explicar, em parte, por que essas cidades poderiam crescer, em média, significativamente maiores e mais diferenciadas do que suas contrapartes periféricas ao longo das Idades do Calcolítico e do Bronze³⁶⁷.

Tais observações nos importam na medida que o nosso problema de pesquisa envolve colapso enquanto perda de níveis adquiridos de complexidade em contraposição à ideia de que o evento paleoclimático ka 4.2 teria sido o principal fato que contribuiu com o colapso sociopolítico de Acade, evento esse que é o principal pressuposto da hipótese paleoclimática³⁶⁸. Em síntese, estamos questionando se poderia haver o colapso do sistema

³⁶⁵ ALGAZE, 2001, p. 202–203.

³⁶⁶ JURSA, M. Agriculture in Bronze Age Mesopotamia. *In*: HOLLANDER, D. B.; HOWE, T. (org.). **A companion to ancient agriculture**. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021. (Blackwell companions to the ancient world), p. 158.

³⁶⁷ ALGAZE, 2001, p. 204.

³⁶⁸ CULLEN *et al.*, 2000.; WEISS, H. *et al.*, 1993a.; WEISS, Harvey. **4.2 ka BP Megadrought and the Akkadian Collapse**. [S. l.]: Oxford University Press, 2017. v. 1 Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oso/9780199329199.003.0004>. Acesso em: 20 nov. 2022.

inteiro a unicamente a partir do norte da Mesopotâmia, conforme o pressuposto paleoclimático, se o núcleo econômico estava no sul, sendo o norte uma “periferia” política e econômica no período acadiano? Essa questão complexa será respondida no quarto capítulo, na discussão sobre paleoclimatologia. No entanto, destacamos de antemão que rejeitamos o determinismo climatológico.

Os produtos da agricultura, pecuária e pesca na Mesopotâmia eram bastante diversificados, tanto quanto seus usos. Uma das maneiras de perceber o *complexus* social do reino acadiano e da Mesopotâmia é nas relações de produção, distribuição e comércio de produtos da agricultura e da “indústria”. As principais culturas agrícolas produzidas no reino de Acade para a alimentação eram a cevada e o trigo complementadas por alimentos cultivados como cebola, grão-de-bico, lentilha, agrião, coentro, cominho e outros vegetais e especiarias³⁶⁹. Importantes também foram plantas do gênero *allium* – alho e cebola; as plantas oleaginosas – linho e gergelim e; e frutas como figos, uvas, romãs e maçãs³⁷⁰, o que poderia incluir ainda bulbos e raízes, trufas e cogumelos³⁷¹. A árvore mais importante era a tamareira, da qual se obtinha a tâmara, que por meio da jardinagem poderia ser cultivada com a cevada em regime duplo³⁷². Das uvas se produzia o vinho, item de luxo na Mesopotâmia, possivelmente devido aos custos de produção e transporte no norte, sendo essa uma bebida dos deuses e reis³⁷³. Na pecuária, os acadianos e sumérios criavam ovinos e caprinos, dos quais se obtinha carne e a lã, que era a base da manufatura têxtil e fonte principal do comércio de longa distância na Mesopotâmia³⁷⁴. Além da carne e da lã, a importância dos ovinos e caprinos se dava na produção de leite e queijo, na possibilidade de oferenda nos templos, enquanto o gado bovino era geralmente reservado à tração de carroças e arados³⁷⁵ e ao consumo “[...] durante atividades festivas, tanto nos templos como nos palácios”³⁷⁶. Considerando isso, alguns assiriólogos, não sem uma dose de eurocentrismo, ironizam que, se o Egito é a dádiva do Nilo, então a Mesopotâmia é a dádiva do Tigre e

³⁶⁹ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 101.; JURSA, 2021, p. 155.

³⁷⁰ JURSA, 2021, p. 155.

³⁷¹ POZZER, Kátia Maria Paim. Os mesopotâmicos tinham fome de quê? Literatura, cultura material e outras histórias. **Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 137–152, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.31669/herodoto.v2i2.274p.141>.

³⁷² JURSA, 2021, p. 155.

³⁷³ POZZER, Kátia Maria Paim, 2018, p. 148.

³⁷⁴ JURSA, 2021, p. 156.

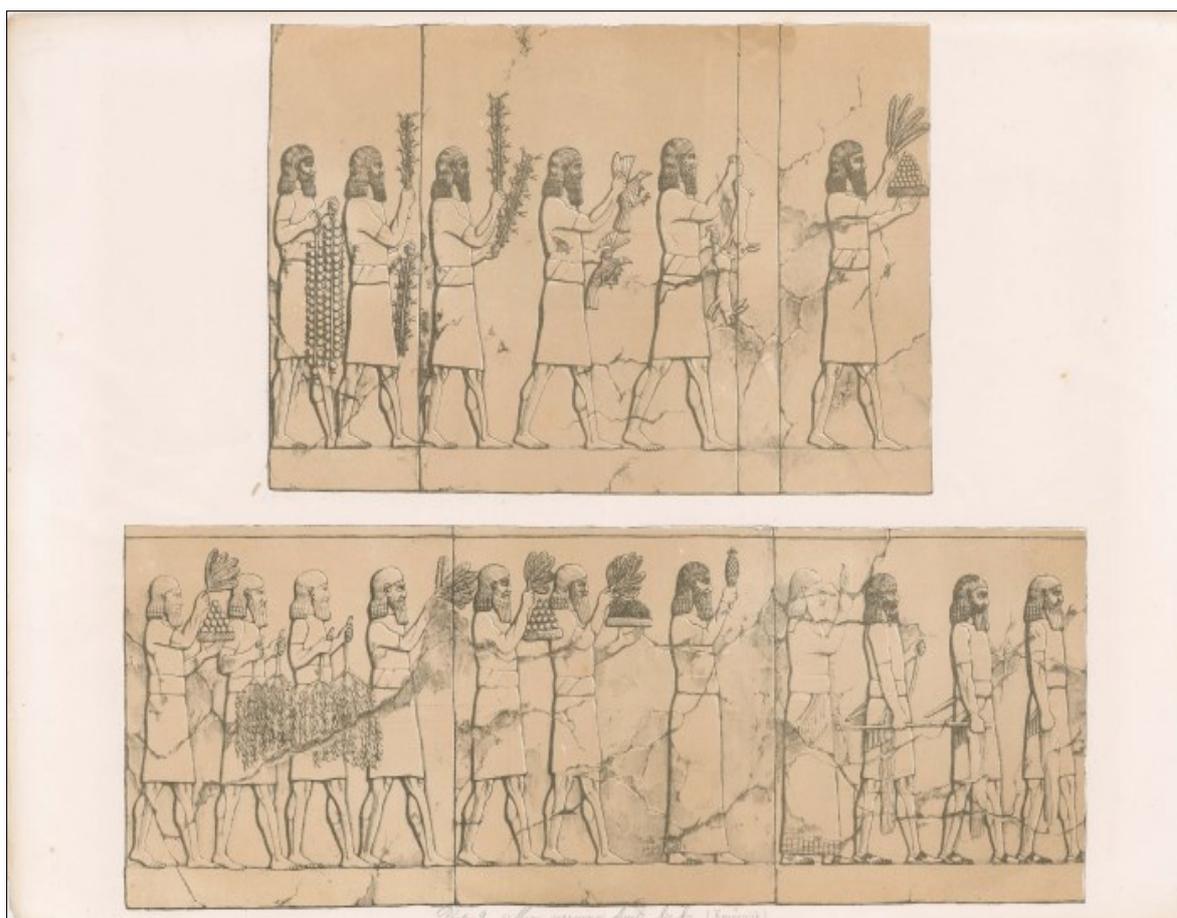
³⁷⁵ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 96.

³⁷⁶ POZZER, Kátia Maria Paim, 2018, p. 142.

Eufrates. Mas, como bem observou *Ciro Flamarion Cardoso*³⁷⁷, o sistema de irrigação egípcio tinha um caráter local, de modo que a hipótese causal hidráulica, que visava explicar a unificação do Egito antigo, pode ser considerada uma hipótese falha, pois, a irrigação foi um resultado tardio da existência de um Estado forte e não a causa de sua formação. Algo semelhante se passou na Mesopotâmia, o desenvolvimento das cidades ocorreu relacionado aos rios Tigre e Eufrates, mas foi o desenvolvimento de tecnologias agrícolas e técnicas de irrigação artificial inventados depois que os primeiros assentamentos se complexificaram que possibilitou o desenvolvimento de uma agricultura artificialmente produtiva.

A variedade de alimentos pode ser percebida em motivos como cenas de festivais, e listas de animais destinados ao abate para banquetes que ocorriam nos templos ou nos palácios reais.

Figura 5 - Cena de preparação de um banquete



Fonte: LAYARD, A. H. *The monuments of Nineveh*. London, UK: John Murray, 1853, p.24.

³⁷⁷ CARDOSO, C. F. S. *O Egito Antigo*. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

Na cena representada acima por Austen H. Layard em 1853, referente a baixos-relevos encontrados em Kouyunjik, norte do Iraque, no sítio da antiga Nínive, capital do Império neoassírio, podemos perceber grande variedade de produtos agrícolas destinados a festivais. Além de frutas e leguminosas, destacam-se animais caçados como lebres, aves e gafanhotos. Embora a cena seja bastante posterior ao período acadiano, ela demonstra que na antiga Mesopotâmia havia uma grande variedade de alimentos, embora o motivo da cena, enfoque um contexto provavelmente elitista. A carne suína, por exemplo, era uma iguaria, privilégio dos deuses e dos reis³⁷⁸. Embora houvesse uma variedade de produtos da agricultura, da pecuária e da pesca, nem todas as pessoas poderiam se alimentar de uma grande variedade de alimentos, na maioria das vezes a alimentação era menos diversificada. A população em geral não tinha acesso a uma dieta exuberante como a dos banquetes retratados nos relevos assírios.

Não sobreviveram muitas fontes que tratam da agricultura na Suméria e Acádia. Mas, muitas das fontes que sobreviveram possuem teor mitológico³⁷⁹. Porém, isso não significa que essas fontes são ‘piores’, significa apenas que utilizadas conscientemente podem ser utilizadas para os propósitos da pesquisa. Neste tópico, reproduzimos parcialmente as primeiras 22 linhas, as linhas 74 a 78 e a linha 109, de um total de 109 linhas, de uma fonte cuneiforme, proveniente de Nipur, intitulada *Farmer's instruction* [instruções do agricultor]³⁸⁰.

- 1 O velho lavrador instruiu seu filho:
- 2 Quando você tiver que preparar um campo para irrigação,
- 3 inspecione o dique, os canais e as elevações que precisam ser abertas.
- 4 Quando você deixar as águas da enchente entrarem no campo, as águas não devem subir muito alto.
- 5 No momento em que o campo sair da água,
- 6 observe os pontos com água parada no campo, que devem ser cercados.
- 7 Não deixe que os rebanhos bovinos o pisoteiem (mais).

³⁷⁸ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 99.

³⁷⁹ Por exemplo, nos subcorpora do catálogo de todas as composições e traduções disponíveis por número do *Electronic Text Corpus of Sumerian Literature* (ETCSL) é possível encontrar algumas dessas importantes composições. Algumas delas estão relacionadas à agricultura destacando-se as fontes *Instruções do agricultor* (ETCSL 5.3.6); *O canto da enxada* (ETCSL 5.5.4); *o cântico dos bois aradores* (ETCSL 5..5); e fontes que tratam de disputas como *O debate entre a enxada e o arado* (ETCSL 5.3.1); *o debate entre grãos e ovelhas* (ETCSL 5.3.2); *debate entre inverno e verão* (ETCSL 5.3.3) e *Dumuzi e Enkidu* (ETCSL 4.8.32).

³⁸⁰ CIVIL, M. **The farmer's instructions: a Sumerian agricultural manual**. Sabadell Barcelona: Ed. AUSA, 1994. (Aula orientalis Supplementa, v. 5), p. 29. Ver também: ETCSL 5.6.3 - <https://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=t.5.6.3#>

- 8 Após cortar o crescimento da erva daninha e estabelecer os limites do campo,
- 9 nivelá-lo muitas vezes com uma enxada fina (de um peso) de dois terços de uma mana.
- 10 Deixe uma enxada plana apagar os rastros dos bois, deixe (o campo) ser limpo.
- 11 Uma espátula deve aplainar os pontos (com traços) do fundo do sulco (antigo).
- 12 As enxadas devem percorrer as quatro bordas do campo.
- 13 Deve ser alisado, até secar bem.
- 14 Seus implementos devem estar prontos.
- 15 As partes do garfo devem ser montadas juntas.
- 16 Seu novo chicote deve estar pendurado (pronto) em um prego.
- 17 As amarras da alça do seu chicote antigo
- 18 devem ser reparadas por artesãos.
- 19 Suas ferramentas, enxó, broca e serra devem estar em boas condições.
- 20 Deixe que as tiras trançadas, as correias, os envoltórios de couro e os chicotes estejam firmemente presos.
- 21 Sua cesta de semeadura deve ser calibrada e suas laterais devem ser resistentes.
- 22 Todas as coisas necessárias para o campo devem estar à mão. Inspecione cuidadosamente seu trabalho.

O texto destaca alguns cuidados básicos que o agricultor deve seguir durante várias etapas do cultivo, desde a preparação do solo até a colheita³⁸¹. Os principais cuidados na preparação do solo são a inspeção dos diques e a manutenção das ferramentas de trabalho que deveriam estar preparadas para o uso. Além disso, todo o processo de plantação e colheita envolvia pessoas como artesãos (linha 18), mas também poderia envolver a participação de outras pessoas no trabalho (linhas 76–77), principalmente para que a colheita ocorresse no tempo certo (linhas 74–75).

- 74 Quando tiver que colher a cevada,
- 75 não deixe que as plantas fiquem maduras demais. Colha na hora certa.
- 76 Um homem deve cortar a cevada e outro amarrar os feixes;
- 77 e um diante dele deve dividir os feixes:
- 78 três homens devem colher para você³⁸².

A linha 78 sugere trabalhadores contratados, pois, o documento não há menção a outros membros familiares além do filho que recebe a instrução (linha 02). Entretanto, isso é difícil de determinar, pois, não está claro qual era o objetivo que escriba tinha em mente³⁸³. Por fim o caráter sagrado da agricultura é enunciado:

108. Instrução do deus Ninurta, filho de Enlíl.

³⁸¹ WIGGERMANN, F. A. M. Agriculture as civilization: Sage, farmers, and barbarians. In: RADNER, K.; ROBSON, E. (org.). **The Oxford handbook of cuneiform culture**. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2011. (Oxford handbooks), p. 668.

³⁸² CIVIL, 1994, p. 31–33.

³⁸³ Ibid., p. 3.

109. Ninurta, fiel agricultor de Enlíl, seu louvor seja bom³⁸⁴.

A agricultura era considerada uma dádiva dos deuses. Na fonte, a instrução é atribuída ao deus Ninurta, que “originalmente, era uma divindade da agricultura e da chuva, também chamado de ‘o fazendeiro de Enlíl’ que ‘deixa a cevada crescer’. Seu principal templo era o Ešumeša, em Nipur”³⁸⁵. Visto que a planície da baixa Mesopotâmia era suscetível a desastres como as inundações do Eufrates³⁸⁶, levando ao caos social e conseqüentemente ao colapso, era aos deuses que os homens recorriam para lutar contra o caos que ameaçava a ordem reinante³⁸⁷. Apesar dos cuidados com as práticas agrícolas e com a devoção aos deuses, a agricultura como base material da manutenção da complexidade sociopolítica estava ainda sujeita a outros dois problemas que poderiam afetar toda a cadeia de abastecimento: a salinização do solo e a avulsão.

Um dos principais problemas enfrentados era a salinização dos campos de cultivo. A salinização se refere ao processo pelo qual os solos acumulam sais em concentrações que afetam negativamente as plantas, a produção agrícola e o meio ambiente. O acúmulo de sais pode ocorrer devido a fatores como irrigação com águas salinizadas, evaporação da água do solo, falta de drenagem adequada, dentre outros fatores³⁸⁸. Além disso, o aumento do lençol freático e a migração ascendente da água salina em resposta à alta demanda evaporativa, e à irrigação excessiva, também contribuem para a salinização do solo, que se torna irreversível caso não haja chuvas suficientes e um programa intensivo de recuperação do solo por meio de drenagem do lençol freático salinizado³⁸⁹. A salinização ocorre principalmente em regiões de clima árido ou semiárido de baixa pluviosidade, alta taxa de evaporação e condições desfavoráveis à drenagem dos sais solúveis tais como Ca^{2+} , Mg^{2+} , K^+ e Na^+ , os quais são íons de cálcio, magnésio, potássio e sódio, respectivamente. Quanto à origem formativa, “[...] presume-se que os sais nos solos aluviais tenham sido transportados pelo rio e pela

³⁸⁴ Ibid., p. 33.

³⁸⁵ LEICK, 2010a, p. 132.

³⁸⁶ WILKINSON, 2012, p. 9.

³⁸⁷ REDE, Marcelo, 2002, p. 24.

³⁸⁸ PEDROTTI, A. *et al.* Causas e conseqüências do processo de salinização dos solos. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, [s. l.], p. 1308–1324, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2236117016544p.1310>.

³⁸⁹ ARTZY, M.; HILLEL, D. A defense of the theory of progressive soil salinization in ancient southern Mesopotamia. **Geoarchaeology**, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 235–238, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/gea.3340030306p.236>.

água de irrigação das rochas sedimentares das montanhas do norte”³⁹⁰. Somando-se a tais condições, “[...] o cultivo intensivo da terra levou a uma salinização do solo”³⁹¹. Os efeitos do excesso desses sais no solo são deletérios. Destacamos 4 desses efeitos que podem afetar seriamente a agricultura: o efeito osmose, que dificulta a absorção de água pelas plantas; a toxidez de íons, que provocam distúrbios fisiológicos nas plantas, afetando o seu crescimento e sua produtividade; o desequilíbrio nutricional, o excesso de sódio pode inibir a absorção de outros nutrientes pelas plantas; redução da capacidade de germinação das sementes³⁹². Tais efeitos podem afetar gravemente as culturas agrícolas, levando ao estresse das cadeias de alimentos. Em condições, como no reino de Acade, no qual havia uma elevada demanda de alimentação para as fileiras dos exércitos, o período de pousio para lixiviação do solo poderia não ser respeitado, pois, o reino precisava atender às demandas militares.

Pode-se considerar a possibilidade de dois modelos de desenvolvimento econômico, lento contra acelerado, conforme indicado por Mario Liverani: o primeiro, de subsistência, visa manter intactas as reservas de recursos, e o segundo visa maximizar a produção e os lucros obtidos pelos recursos disponíveis e, conseqüentemente, a exploração excessiva dos seus meios de produção e trabalho: matando rebanhos, irrigando áreas em excesso, cultivando sem interrupções, causando salinização e degradação da terra³⁹³. Em concordância com Liverani, Butzer argumenta que desmatamento, remoção da cobertura do solo, erosão do solo ou esgotamento das águas subterrâneas e salinização são danos significativos que reduzem os limites para a ocorrência de mudanças mais rápidas, especialmente quando combinados com administração incompetente e uso destrutivo da terra. Conseqüentemente, o segundo modelo leva ao colapso, pois, os retornos marginais obtidos pela superexploração diminuirão, tornando-se negativos em algum momento, quando os recursos obtidos se tornam menores que os custos de obtê-lo³⁹⁴. Por esse motivo, a agricultura importa para o debate sobre colapso, sobre ela recaia a obtenção de recursos para a manutenção da complexidade sociopolítica, na forma de expectativas e obrigações entre o centro e as periferias, bem como entre o palácio, os templos e a população, algo que interessava aos reis de Acade. Além disso, a esses reis interessava a expansão do sistema,

³⁹⁰ JACOBSEN, T.; ADAMS, R. M. Salt and Silt in Ancient Mesopotamian Agriculture: Progressive changes in soil salinity and sedimentation contributed to the breakup of past civilizations. *Science*, [s. l.], v. 128, n. 3334, p. 1251–1258, 1958. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.128.3334.1251p.1251>.

³⁹¹ LIVERANI, 2016, p. 22.

³⁹² PEDROTTI *et al.*, 2015, p. 1313.

³⁹³ LIVERANI, 2014, p. 23.

³⁹⁴ MENDES, 1995.; TAINTER, J. A. **The collapse of complex societies**. Cambridge, Cambridgeshire ; New York: Cambridge University Press, 1988b. (New studies in archaeology).; TAINTER, 1995.

incrementando novos níveis de complexidade, seja pela conquista de novas áreas para agricultura, de novas rotas de comércio e de novas conquistas materiais e simbólicas que permitissem vantagens sobre as cidades já dominadas da baixa e da alta Mesopotâmia, e indiretamente dos povos das regiões ao redor.

A salinização do solo era conhecida na Mesopotâmia e uma das maneiras de mitigar o problema era deixar o solo e repouso por dois anos entre uma safra e outra, uma prática provavelmente comum no sul da Mesopotâmia que preparava o campo para aração e reduzia a concentração de sais no solo, quase inevitável se o ciclo de pousio de dois anos não for mantido³⁹⁵. No entanto, Artzy e Hillel não são tão otimistas quanto Jursa sobre a possibilidade dos povos da antiga Mesopotâmia terem reduzido a salinização, pois, o sul da Mesopotâmia era uma região de planície intercalando entre pequenas colinas, áreas de plantio e pecuária e áreas de pântanos e brejos nos quais o lençol freático era muito próximo da superfície e evitar a salinização desses lençóis ou os dessalinizar por meio da drenagem, prática que era muito difícil na antiga Mesopotâmia³⁹⁶. Além disso, a “[...] irrigação excessiva, chuvas ou inundações podem elevar consideravelmente o nível do lençol freático sob as condições predominantes de drenagem inadequada”³⁹⁷. Ocorreu também que, outra resposta humana ao processo de salinização foi a substituição gradual de culturas de trigo por culturas de cevada³⁹⁸. A cevada é mais resistente à salinização do solo, assim, uma das maneiras encontradas para contornar provisoriamente os elevados custos de dessalinização era mudar para culturas mais resistentes aos sais dissolvidos no solo. Nesse sentido, embora a drenagem dessalinizasse o solo, uma drenagem inadequada combinada com irrigação excessiva e possíveis inundações poderiam comprometer o solo, caso o lençol freático com água contendo íons de sais elevem seu nível de salinidade, restando como opção o abandono da terra ou a substituição de culturas agrícolas por outras mais resistentes.

Se considerarmos que as famílias individuais muitas vezes não tinham condições de possuir arados e instalações de irrigação, pois, obtê-los exigia pesados investimentos³⁹⁹, compreendemos que tecnologias como arados também podem significar hierarquias de

³⁹⁵ JURSA, 2021, p. 157.

³⁹⁶ ARTZY; HILLEL, 1988, p. 236.

³⁹⁷ JACOBSEN; ADAMS, 1958, p. 1251.

³⁹⁸ ARTZY; HILLEL, 1988, p. 236.

³⁹⁹ JURSA, 2021, p. 163.

poder⁴⁰⁰. No *The debate between Hoe and Plough* [debate entre a enxada e o arado], no qual o arado zomba da enxada, afere-se que o arado era símbolo de posição social:

Enxada, cavando miseravelmente, capinando miseravelmente com seus dentes; enxada, enterrando-se na lama; enxada, colocando sua cabeça na lama dos campos, passando seus dias com os moldes de tijolos na lama sem ninguém limpando você, cavando poços, cavando valas, cavando... Madeira da mão do homem pobre, não adequada para as mãos de pessoas de alto escalão, a mão do escravo de um homem é o único adorno de sua cabeça⁴⁰¹.

O texto debate os méritos da diferença de posição social entre a enxada e o arado. O arado desdenha da posição da enxada envolta em lama, fazendo o trabalho reservado aos trabalhadores não qualificados, geralmente pobres, e conscritos. Bouzon argumenta que introdução do arado-semeador combinado com a agricultura irrigada possibilitaram maior produção agrícola e uma área bem menor, permitindo ao mesmo tempo que novas áreas de plantio pudessem ser exploradas pelos templos para cultivo e atribuídas ao deus da cidade, ao mesmo tempo que criou novas relações entre os meios de produção e os membros da sociedade⁴⁰². O arado era uma posse que poucos tinham condições de possuir. Aqueles que possuíam arado, pela alta produtividade possibilitada por tal tecnologia poderiam cumprir o pousio necessário da terra. Isso sugere que grupos familiares pequenos não tivessem condições de cumpri-lo, principalmente quando tivessem uma safra ruim anteriormente, de modo que suas terras poderiam se tornar improdutivas com o tempo.

Um dos primeiros textos a tratar do problema da salinização como um fator contribuinte para o colapso de sociedades passadas foi um artigo publicado por Thorkild Jacobsen, assiriólogo, e Robert M. Adams, antropólogo, na revista *Nature*, em 1958. Eles defenderam a tese de que a salinização do solo e a sedimentação tiveram um impacto significativo na agricultura da antiga Mesopotâmia, desempenhando um papel importante no desmembramento da civilização suméria, entre 2400 e 1700 A.E.C.⁴⁰³. A hipótese da salinização progressiva desses autores, no entanto, recebeu críticas de Marvin A. Powell, em 1985. Ele aponta duas críticas principais à teoria da salinização progressiva: a análise incompleta do material textual e o tratamento inadequado das estatísticas, incluindo a falta

⁴⁰⁰ SCHWARTZ; NICHOLS, 2006, p. 11.

⁴⁰¹ ETCSL: c.5.3.1, **The debate between Hoe and Plough**. Disponível em: <https://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=t.5.3.1#>, linhas 52-58. Acesso em: 10 ago. 2023. (tradução nossa a partir da tradução em inglês).

⁴⁰² BOUZON, 1998a, p. 19-20.

⁴⁰³ JACOBSEN; ADAMS, 1958, p. 1252.

de consideração se a evidência apresentada é representativa⁴⁰⁴. Powell, no entanto, foi criticado por não considerar a natureza do processo de degradação do solo e se ele poderia ser controlado sob as condições da antiga Mesopotâmia e, por não considerar o fato dos solos da região serem compostos por grãos finos, com baixa condutividade hidráulica e drenagem interna lenta, o que torna a implantação e manutenção da drenagem artificial impraticável, mesmo com as tecnologias atuais⁴⁰⁵, embora tal perspectiva crítica de Artzy e Hillel seja exagerada, pois, havia possibilidades de dessalinizar o solo ou mitigar o problema “[...] inundando os campos logo antes do plantio para lixiviar sais superficiais, usando ervas daninhas em campos em pousio para absorver o excesso de salinidade e abandonando campos excessivamente salinos por toda a vida para deixar os processos naturais restaurarem o equilíbrio”⁴⁰⁶, embora nem sempre isso ocorresse. A salinização do solo mesopotâmico e seus problemas para a agricultura são hoje bastante aceitos nos estudos da Mesopotâmia. O risco que se deve evitar é o de adotar um dos extremos: produzir uma história ambiental global enfatizando demasiadamente o evento climático global k.a 4.2 que afetou o norte da Mesopotâmia, como faz Harvey Weiss⁴⁰⁷, ou superdimensionar os efeitos negativos da salinização no sul da Mesopotâmia, como faz Clive Ponting⁴⁰⁸, para o colapso de sociedades da Mesopotâmia; ou então ignorar a importância dos fatores ambientais para a compreensão de fatores sociais considerando unicamente o homem como agente no processo histórico.

A relação entre natural, ambiental importa, pois, o colapso na Mesopotâmia é quase sempre “[...] ligado à negligência dos canais, à destruição das colheitas por exércitos invasores e à salinização dos campos, todos ligados à organização social central”⁴⁰⁹, às instituições do templo e do palácio. Nesse sentido, o serviço aos deuses importava, pois, uma má colheita poderia significar que os homens são estavam cumprindo sua função de servir aos deuses, daí um dos motivos da importância dos banquetes reais e das festividades aos deuses enquanto “ato político, ritualizado e sagrado”⁴¹⁰.

⁴⁰⁴ POWELL, M. A. Salt, Seed, and Yields in Sumerian Agriculture. A Critique of the Theory of Progressive Salinization: [s. l.], v. 75, n. 1, p. 7–38, 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/zava.1985.75.1.7p.8>.

⁴⁰⁵ ARTZY; HILLEL, 1988.

⁴⁰⁶ JOHNSON, 2017, p. 101–102.

⁴⁰⁷ WEISS, Harvey, 2017.

⁴⁰⁸ PONTING, C. **A new green history of the world: the environment and the collapse of great civilizations**. Rev. ed. New York: Penguin Books, 2007, p. 67–86.

⁴⁰⁹ JOHNSON, 2017, p. 102.

⁴¹⁰ POZZER, K. Os mesopotâmicos tinham fome de quê? Literatura, cultura material e outras histórias. **Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas ...**, [s. l.], n [s.n.], 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/download/56661824/os_mesopotamicos_tem_fome.pdf. 150.

A grande importância da agricultura e da pecuária para a obtenção de alimentos pode ter sido a inspiração para alguns mitos mesopotâmicos. Pozzer, discutindo a importância cultural e simbólica dos alimentos na Mesopotâmia fez uma interessante análise do mito de *Ašnan contra Lahar*. Segundo a autora, nesse mito encontramos “[...] a explicação mesopotâmica “para a origem dos cereais usados na alimentação e no vestuário (linho) e dos animais de pequeno porte, cuja domesticação data do VII milênio A.E.C., que faziam parte da dieta alimentar da maioria da população da época”. Dessa forma, o mito não apenas explica a presença desses recursos alimentares, mas também estabelece uma ligação entre a divindade e a alimentação, conferindo aos alimentos e aos processos de domesticação e cultivo, um caráter sagrado e culturalmente significativo. A sacralidade dos alimentos provenientes da agricultura e da pecuária pode ser percebida na prática de prover aos deuses, seja diariamente, seja nos festivais. Assim, os deuses eram servidos regularmente com alimentos nos templos, embora para o período acadiano haja pouca evidência material dessa prática⁴¹¹. Aos funcionários dos templos cabiam fornecer oferendas regulares de alimentos e bebidas para as divindades, incluindo pão, cerveja, carnes variadas, mel, tâmaras, figos e bolos que eram preparados por pastores, açougueiros, moleiros, prensadores de óleo, cervejeiros, padeiros, cozinheiros e servidores⁴¹². Nesse sentido, concordamos com Joan Goodnick Westenholz, que o clero dos templos na Suméria era dividido em grupos específicos, cada um associado a um templo e deus particulares, incluindo cargos sacerdotais e não sacerdotais, de modo que todos os que serviam nos templos eram considerados diferentes graus do clero do templo⁴¹³. O serviço sagrado de alimentar os deuses, geralmente oferecendo alimentos para a sua estátua, era considerado um dever, pois, “segundo a mitologia mesopotâmica, a criação do homem pelos deuses responde a um motivo preciso: os humanos devem trabalhar para o sustento dos deuses e liberá-los de qualquer necessidade material”⁴¹⁴. Considerando a heterogeneidade das relações sociopolíticas existentes entre o palácio, os templos, a cidade e o campo, compreendemos que a instituição do templo, grande proprietário de terras era coração econômico das cidades da Mesopotâmia, sobretudo da baixa Mesopotâmia, e o grande produtor do *complexus* sociopolítico mesopotâmico – isso nos importa, pois, os templos eram também a morada dos deuses, mediados pelos sacerdotes,

⁴¹¹ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 152.

⁴¹² BERTMAN, 2003, p. 129.

⁴¹³ WESTENHOLZ, J. G. In the service of the gods: The ministering clergy. In: CRAWFORD, H. E. W. (org.). **The Sumerian world**. London ; New York: Routledge, 2013. (The Routledge worlds), p. 246–274, p. 247.

⁴¹⁴ POZZER, Kátia Maria Paim, 2018, p. 139.

que legitimavam ou destronavam os reis. Embora o político e o divino tenham se distanciado em alguns momentos, eles jamais se separaram. O papel da agricultura e da pecuária sempre foi fundamental para essa relação, seja pelos banquetes reais, seja pelos banquetes sagrados. Nesse sentido, concordamos com Pozzer, “o banquete também era um ato político, ritualizado e sagrado”⁴¹⁵. Político porque envolvia os interesses do rei e funções, como selar a paz, ritualizado porque envolvia um sistema de símbolos e práticas, e sagrado porque decisões sobre questões do universo, da natureza e da cultura eram tomadas pelos deuses, destacando sua relevância política e religiosa nas sociedades da antiga Mesopotâmia. Portanto, as relações entre deuses, reis, sacerdotes e as pessoas de outras classes era assimétrica. Percebemos nessa assimetria o *complexus* de que trata Morin, um sistema e suas contradições inerentes entre templos, palácio, sociedade e natureza – cuja expressão no espaço geográfico de modo heterogêneo pode contribuir para a aquisição de complexidade. Nesse sentido, o colapso do reino de Agade deve ser buscado na interrelação assimétrica entre esses conjuntos sociais e institucionais.

A complexidade social envolvida na agricultura envolve, em primeiro lugar, a existência de desigualdades na propriedade das terras, além de desigualdades laborais e salariais e no acesso aos bens produzidos pelo trabalho. Isso importa porque a aquisição de níveis de complexidade, sua resiliência e colapso dependem em certa medida das relações socioeconômicas. Além disso, as desigualdades são níveis de complexidade no sistema.

O acesso à terra no período acadiano era bastante desigual, assim como as relações de trabalho. A riqueza produzida pela terra gerou estruturas de classes⁴¹⁶ e ao longo dos séculos, desde o período de Uruk, a propriedade da terra, e conseqüentemente o poder político, concentrou-se nas mãos de poucos⁴¹⁷. De acordo com Michalowski, “os blocos de construção fundamentais da sociedade eram os “domicílios” – os sumérios usavam o termo *é*⁴¹⁸ – unidades que compreendiam pessoas relacionadas por sangue ou dependência”⁴¹⁹. A sociedade era organizada em famílias, que podiam ser pequenas ou grandes, incluindo a casa do palácio.

⁴¹⁵ Ibid., p. 150.

⁴¹⁶ Ou níveis de complexidade, entendida como níveis de diferenciação dentro de um sistema visando resolver problemas, geralmente por parte das elites dominantes (TAINTER, 1988).

⁴¹⁷ BERTMAN, 2003, p. 62.

⁴¹⁸ *É* em sumério, *bitu* em acadiano.

⁴¹⁹ MICHALOWSKI, P. Democracy and the rule of law, the assembly, and the first law code. In: CRAWFORD, H. E. W. (org.). **The Sumerian world**. London ; New York: Routledge, 2013. (The Routledge worlds), p. 280.

Não se sabe muito como era a vida nas aldeias ou comunidades rurais, comparativamente às cidades. Isso ocorre por dois motivos principais, segundo Marcelo Rede: primeiro, porque a arqueologia tem focado nos espaços urbanos e; segundo, porque as aldeias não utilizavam escrita⁴²⁰. Apesar das dificuldades apontadas por Rede, o aumento da estratificação social ao longo do tempo é certo. Bem cedo no desenvolvimento das sociedades mesopotâmicas, apareceu a posse privada das terras⁴²¹, prática que se tornou comum, exigindo da sociedade a elaboração de leis a esse respeito⁴²². De acordo com Foster,

[...] a terra arável era frequentemente considerada propriedade de grupos familiares, conforme demonstrado pelos esforços dos escribas de Maništusu para elaborar genealogias dos vendedores de parcelas ao longo de três, quatro ou mais gerações. Os compradores dessas terras, por outro lado, geralmente eram indivíduos, o que sugere que a propriedade privada estava substituindo a propriedade comunitária. Casas, lotes urbanos, pomares e jardins, entretanto, eram frequentemente vendidos de uma pessoa para outra, de modo que esse tipo de imóvel não era propriedade comum⁴²³.

No período acadiano, houve um aprofundamento nas relações de posses e obrigações relacionadas à terra. O tamanho médio de uma propriedade nesse período era de 6,35 hectares⁴²⁴. Porém, essa média pode ocultar que em grande parte essa terra estava sob o controle dos templos e das famílias mais poderosas, os *Awilum*. Conforme Bertman⁴²⁵, os sacerdotes, como servos dos deuses, detinham grandes extensões de terra, enquanto os reis, como representantes terrenos dos deuses, também controlavam vastas propriedades.

A população em geral também podia possuir terras, ou então arrendá-las por um preço em cevada, ou por parte da produção agrícola. Aqueles mais pobres que não tinham terras poderiam trabalhar na prestação de serviços como carroceiros, ceifadores, pastores, etc⁴²⁶. Decorrente das assimetrias nas relações de posse, de acesso e nas diferenças que se acumulavam entre campo e cidade, pode-se aferir que surgiram níveis estratificados de sociedade, ou classes sociais.

⁴²⁰ REDE, Marcelo, 2002, p. 15.

⁴²¹ JURSA, 2021, p. 162.

⁴²² MICHALOWSKI, 2013.

⁴²³ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 38. (Tradução nossa)

⁴²⁴ Ibid., p. 190.; JURSA, 2021, p. 165.

⁴²⁵ BERTMAN, 2003, p. 63.

⁴²⁶ REDE, Marcelo, 2002, p. 17.

2.3 ESTRATIFICAÇÃO DO TRABALHO NA ANTIGA MESOPOTÂMIA

A aquisição de complexidade sociopolítica tem como um de seus fundamentos a estratificação social do trabalho, produto do modo de vida sedentário. Embora houvesse vantagens agrícolas na Mesopotâmia em relação às outras regiões da antiga Ásia ocidental, isso não se converteu em acesso igualitário aos meios de produção e aos produtos dela decorrente. Segundo Bouzon, desde meados do IV milênio A.E.C., a divisão da população ativa em especialistas e produtores de alimentos provocou uma crescente estratificação social que levou ao processo de urbanização na antiga Ásia ocidental⁴²⁷.

Em primeiro lugar, as instituições do templo e do palácio centralizavam praticamente toda a economia e mantinham grande parte da população dependente delas para sobreviver. Como acontece em sociedades complexas, com muitos níveis de heterogeneidade, havia diferenças significativas entre diversas pessoas de diversos setores da economia mesopotâmica. No entanto, lembramos que ‘economia mesopotâmica’ é uma forma, ou seja, uma construção dos historiadores, na maioria assiriólogos, feitas no presente a partir um emaranhado incompleto e contraditório de fontes de diversas épocas e lugares⁴²⁸. Não podemos pensar que os povos da região viam a si mesmos como ‘mesopotâmicos’, como uma unidade política, econômica ou cultural. Não eram.

Para o período acadiano não é incomum que os assiriólogos utilizem o corpus documental de tablets administrativos da terceira dinastia de Ur como representativo para grande parte do terceiro e segundo milênio A.E.C. Importantes obras sobre trabalho na Mesopotâmia partem dessa perspectiva, tais como o livro *Labor in Ancient Near East* de Marvin Powell⁴²⁹; e *Labor in Ancient World*, de Piotr Steinkeller e Michael Hudson⁴³⁰. No entanto, a importância de Ur III para a história econômica e jurídica do terceiro milênio A.E.C., conforme indica Steinkeller, se deve provavelmente à disponibilidade de fontes desse período em relação aos outros, pois, “o número de registros econômicos e jurídicos do terceiro milênio atualmente disponíveis pode ser estimado em cerca de 120.000, dos quais

⁴²⁷ BOUZON, 1998a, p. 33.

⁴²⁸ GUARINELLO, 2003b.

⁴²⁹ POWELL, M. A. (org.). **Labor in the ancient Near East**. New Haven, Conn: American Oriental Society, 1987. (American oriental series, v. v. 68).

⁴³⁰ STEINKELLER, P.; HUDSON, M. **Labor in the ancient world: a colloquium held at Hirschbach (Saxony), April 2005**. Dresden: ISLET, 2015. (International Scholars Conference on Ancient Near Eastern Economies, v. volume 5).

quase 100.000 provêm do período de Ur III”⁴³¹. Nesse sentido, as condições de acesso e possibilidades colocadas aos historiadores podem influenciar as abordagens e reflexões sobre determinado período ou forma. Mas, na ausência de melhores opções documentais, nos resta utilizar criticamente o que há disponível que seja mais próximo ao tema e recorte da pesquisa.

A base econômica na Mesopotâmia era essencialmente agrícola. Porém, a produção de excedentes agrícolas possibilitou que houvesse diversificação nas formas de trabalho e nas relações entre trabalhadores, templos e palácios – sendo estes últimos os principais responsáveis pela aquisição de complexidade sociopolítica. As relações entre palácio, templo e trabalhadores produziram relações desiguais de trabalho. Desse modo, alguns assiriólogos classificam o trabalho na Mesopotâmia em pelo menos duas categorias: qualificados e não qualificados. Os trabalhadores qualificados normalmente desempenhavam funções especializadas, como cozinheiros, ferreiros, tecelões, e até mesmo médicos ou sacerdotes, enquanto os trabalhadores não qualificados geralmente realizavam trabalho braçal, como a preparação de solo, a colheita, ou em funções que não requeriam habilidades especializadas⁴³². Essa divisão do trabalho em “qualificados e não qualificados” não decorre das categorias de trabalho em si, mas das condições de trabalho e dos proventos, ou “rações”, pagos aos trabalhadores⁴³³.

A principal fonte de trabalho no reino de Acade eram os cidadãos e o pessoal dependente que trabalhava em troca de rações para si e sua família⁴³⁴. O trabalho era remunerado e o pagamento era frequentemente realizado em cevada, trigo ou prata. Discutiremos brevemente as subcategorias da classe dos ‘não qualificados’ e em seguida discutiremos a classe dos ‘qualificados’ e as relações destes com as instituições, e destas com as redes globais de comércio que se estabeleceram na Mesopotâmia, com ênfase no período acadiano.

A divisão do trabalho foi fundamental para as elites ligadas aos templos e palácios manterem a estabilidade sociopolítica e evitarem o colapso ou a ruptura do tecido

⁴³¹ STEINKELLER, P. Introduction. Labor in the Early States: An Early Mesopotamian. *In*: STEINKELLER, P.; HUDSON, M. **Labor in the ancient world: a colloquium held at Hirschbach (Saxony), April 2005**. Dresden: ISLET, 2015a. (International Scholars Conference on Ancient Near Eastern Economies, v. volume 5), p. 4.

⁴³² FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 94–95.; WARBURTON, D. A. Labor, ancient Near East. *In*: BAGNALL, R. S. *et al.* (org.). **The Encyclopedia of Ancient History**. 1. ed. [S. l.]: Wiley, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781444338386.wbeah01116>. Acesso em: 18 dez. 2023.

⁴³³ WARBURTON, 2012.

⁴³⁴ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 93.

sociopolítico. Nem todos tinham as mesmas condições e oportunidades. A grande maioria da população pertencia ao setor agrícola. A maioria dos trabalhadores desse setor pertencia à categoria de ‘não qualificados’⁴³⁵. Os trabalhadores não qualificados, que geralmente tinham acesso a terras, animais ou outros meios de produção, estavam normalmente sujeitos a três tipos de trabalhos: trabalho com quotas definidas de produção, trabalho diurno em tarefas agrícolas e complementos de mão de obra não qualificada atribuídos a locais de trabalho, equipes ou profissionais⁴³⁶. Os cidadãos livres, súditos ou *muškēnum*⁴³⁷, em sua maioria não qualificados, estavam sujeitos à *tupšikku*, ou “*corveé*”, que neste trabalho denominados conscrição⁴³⁸, uma espécie de imposto devido ao palácio na forma de trabalho, com duração média de um mês⁴³⁹, que era utilizado geralmente em obras institucionais de grande escala. Elas exigiam grande quantidade de mão de obra, tais como a manutenção de infraestrutura, construção, atividades agrícolas, que exigiam abundância de mão de obra não especializada, bem como na construção de palácios, templos, muralhas da cidade e estruturas defensivas⁴⁴⁰.

O trabalho devido às instituições não era recompensado⁴⁴¹, conseqüentemente, conforme argumenta Steinkeller, a conscrição “[...] contribuiu poderosamente para a formação de elites e instituições estatais. Em outras palavras, sem a conscrição não haveria chefes e reis”⁴⁴². Nesse sentido, tal prática institucional é indispensável à compreensão do colapso. Primeiro, porque ela é um dos fatores de aquisição de níveis de complexidade

⁴³⁵ WARBURTON, 2012.

⁴³⁶ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 94.

⁴³⁷ “Como súditos do estado, os cidadãos eram denominados *muškēnum* (frequentemente usado como um coletivo singular), que significa literalmente “súdito”. O oposto complementar desse termo era *ekallum*, “palácio” (ou *šarrum*, “rei”), denotando a autoridade governante: *ekallum* mais *muškēnum* juntos englobavam o reino” DASSOW, E. V. Freedom in Ancient Near East Societies. In: RADNER, K.; ROBSON, E. (org.). **The Oxford handbook of cuneiform culture**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2011, p. 213.

⁴³⁸ Corvée é um conceito pouco conhecido de origem no francês. Optamos por utilizar o termo “conscrição” para representar o fenômeno, exceto quando for citação direta de algum autor, ou fonte.

⁴³⁹ STOL, M. Old babylonian Corvée (*tupšikku*). In: HOUWINK TEN CATE, P. H. J.; HOUT, T. P. J. van den; ROOS, J. de (org.). **Studio historiae ardens: ancient Near Eastern studies presented to Philo H.J. Houwink ten Cate on the occasion of his 65th birthday**. Istanbul: Nederlands Historisch-Archaeologisch Instituut te Istanbul, 1995. (Uitgaven van het Nederlands Historisch-Archaeologisch Instituut te Istanbul, v. 74), p. 299.

⁴⁴⁰ STEINKELLER, 2015a, p. 9.

⁴⁴¹ WARBURTON, 2012, p. 1. Exceto pelas provisões de sustento para os trabalhadores durante o período da conscrição, e por possíveis festivais e perdão de dívidas, para os trabalhadores na conclusão dos trabalhos. Cf. STEINKELLER, P. The Employment of Labor on National Building Projects in the Ur III Period. In: STEINKELLER, P.; HUDSON, M. **Labor in the ancient world: a colloquium held at Hirschbach (Saxony), April 2005**. Dresden: ISLET, 2015b. (International Scholars Conference on Ancient Near Eastern Economies, v. volume 5), p. 137–236, p. 150–155.

⁴⁴² STEINKELLER, 2015a, p. 12.

sociopolítica ao gerar estratificação e diferenciação; segundo, porque se a prática exigir demais ao ponto de converter os trabalhadores livres em ‘dependentes institucionais’, os trabalhadores podem fugir do trabalho ou se rebelarem acelerando tensões que levam ao colapso, conforme observa Jursa⁴⁴³. Conforme é demonstrado no próximo capítulo, os reis de Acade tiveram que lidar constantemente com o problema da rebelião, contrabalanceando-os com as tentativas de justificar a legitimidade real perante as instituições do templo, estabelecendo uma rede de patrocínio real, promovendo guerras dedicadas à deusa Ištar, seja construindo ou reformando templos dos deuses mesopotâmicos, com destaque para reconstrução do Ekur, templo de Enlíl em Nipur.

Enlíl, um dos mais importantes deuses mesopotâmicos, presidia a assembleia dos deuses na mitologia suméria e a ele cabia conferir a legitimidade às cidades e à realeza⁴⁴⁴. A legitimidade divina conferida ao rei através das instituições dos templos serviria para justificar o trabalho compulsório devido às elites palacianas e para justificar a própria conscrição, pois, os trabalhos compulsórios estariam beneficiando também aos trabalhadores, uma vez que pelas grandes obras teriam acesso à terra agrícola, à irrigação⁴⁴⁵. Podemos acrescentar ainda a defesa contra invasores, a construção e reforma das casas dos deuses, os templos, como atividades de benefício público que interessavam à população.

Os deuses eram parte essencial da cosmologia mesopotâmica. Segundo essa cosmologia, o homem foi criado para servir aos deuses⁴⁴⁶. A relação a cosmologia e a conscrição pode não ser percebida em um primeiro momento, porém, quando procuramos na língua suméria e na língua acadiana por palavras que expressem as relações de trabalho da conscrição e os buscamos nos mitos cosmológicos e cosmogônicos encontramos possíveis relações entre ambos que poderiam implicar em trabalho compulsório justificado pelos deuses. Para elucidar essa questão, citamos a observação de Steinkeller, “a palavra Suméria para ‘corvée’ é *dubšig(ÍL)* (Akk. *tupšikku/šupšikku*), que denota principalmente a cesta que normalmente era usada para carregar terra em projetos de corvée”⁴⁴⁷. Sentido semelhante é apresentado por John A. Halloran no *Sumerian Lexicon*, para ele ^{gis}dubsik[IL₂], dupsik = cesto (de trabalho)⁴⁴⁸. A relação entre os deuses e a conscrição (Sum. *zub-zig₃*) pode ser aferida das linhas 30 e 37 do conto de Enki e Ninmah, que trata de tentativas dos deuses

⁴⁴³ JURSA, 2021, p. 167–168.

⁴⁴⁴ LEICK, 2010a, p. 60.

⁴⁴⁵ STEINKELLER, 2015a, p. 10.

⁴⁴⁶ POZZER, K., 2017, p. 136.

⁴⁴⁷ STEINKELLER, 2015b, p. 139.

⁴⁴⁸ HALLORAN, 2006b, p. 48.

Enki, Ninmah criarem os homens para substituí-los no trabalho de cavar canais e empilhar lodo, resultando homens com deficiências.

Tabela 3 - Tradução da fonte Enki and Ninmah

	EtcsL — c.1.1.2 (transliteração) ⁴⁴⁹		EtcsL — t.1.1.2 (tradução nossa) ⁴⁵⁰
30	ama-ĝu ₁₀ mud mu-ĝar-ra-zu i ₃ -ĝal ₂ -la-am ₃ zub-sig₃ diĝir-re-e-ne keše ₂ -i ₃	30	Minha mãe, a criatura que você planejou realmente virá a existir. Imponha a ele o trabalho de carregar cestas.
37	ama-ĝu ₁₀ za-e nam-bi u ₃ -mu-e-tar dnin-maĥ zub-sig₃ -bi ĥe ₂ -keše ₂	37	Minha mãe, depois de decretar o destino dele, deixe que Ninmaĥ imponha a ele o trabalho de carregar cestas.

Fonte: ETCSL: t.1.1.2, **Enki and Ninmah**. Disponível em: <https://etcsL.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsL.cgi?text=t.1.1.2#>. Acesso em 05. out. de 2023.

A conscrição (zub-zig₃, ou dubšig(ÍL)) é desse modo, uma imposição dos deuses e destino dos homens, por intermédio do rei e dos sacerdotes, mediadores entre deuses e homens. O sufixo IL₂ que pode vir afixado à dubšig (cesto de trabalho), possui sentidos de “levantar, carregar, suportar; reunir, entregar, trazer; suportar; apoiar e promover”⁴⁵¹ de modo que “[...] quando o verbo significa “levantar, carregar”, mostra em sua forma original a parte superior do corpo de um trabalhador sustentando com o braço uma cesta sobre a cabeça”⁴⁵².

⁴⁴⁹ Transliteração disponibilizada em: ETCSL: c.1.1.2, **Enki and Ninmah**. Disponível em: <https://etcsL.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsL.cgi?text=c.1.1.2&display=Crit&charenc=gcirc#>. Acesso em 05. out. de 2023.

⁴⁵⁰ Tradução nossa a partir da tradução inglesa disponibilizada pelo projeto ETCSL em: ETCSL: t.1.1.2, **Enki and Ninmah**. Disponível em: <https://etcsL.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsL.cgi?text=t.1.1.2#>. Acesso em 05. out. de 2023.

⁴⁵¹ HALLORAN, 2006b, p. 124.

⁴⁵² STEINKELLER, 2015b, p. 139.

Figura 6 - Sinal ÍL e as representações de figuras reais exatamente na mesma posição.



Da esquerda para a direita: a. sinal ÍL (a posição da imagem a é ilustrativa, na forma escrita ela ocorre com um giro de 90° à esquerda); b. estátua de fundação de Šulgi; c. estela de Assurbanipal. Fonte: STEINKELLER, P. The Employment of Labor on National Building Projects in the Ur III Period. In: STEINKELLER, P.; HUDSON, M. Labor in the ancient world: a colloquium held at Hirschbach (Saxony), April 2005. Dresden: ISLET, 2015, p. 139.

Na língua Acadiana, o equivalente de *dubšig*(ÍL) é *tupšikku* (variantes: *dupšikku*, *supšikku*), o qual é um substantivo significando: 1) carroça, para carregar tijolos e cesto, para carregar terra; 2) trabalho de conscrição; derivado dos termos plurais *tupšikku* e *tupšikkatu*⁴⁵³. Além dos termos lexicais *tupšikku* e ^(giš)*dubšig*(ÍL), importa mencionar que “o verbo sumério para recrutar ou cobrar trabalhadores e soldados é *zi-(g)* (Akk. *tebû*), cujo significado básico é ‘levantar-se, erguer’. Dessa raiz derivam os substantivos *zi-ga* (Akk. = *tibûtu*), ‘recrutamento, contribuição geral’”⁴⁵⁴. Outra palavra importante para expressar a conscrição é *ilku(m)*⁴⁵⁵ sinônimo de *tupšikku*, conforme argumenta Marten Stol⁴⁵⁶, embora, o *ilku(m)* pareça uma obrigação de trabalho mais específica que pode estar ligada a certas famílias ou indivíduos, talvez compensada por meio da alocação de terras. Em contraste, *tupšikku* era uma forma de trabalho forçado que podia ser imposto por recrutamento a qualquer cidadão livre, independentemente de sua origem familiar⁴⁵⁷.

A conscrição era uma forma de ‘taxa ou imposto’ devido diretamente ao rei, e indiretamente aos deuses, visto que cabia aos reis a execução dos trabalhos institucionais, como a reforma e construção de templos, construção e manutenção de valas e diques e construção de sistemas de defesa. Além dos trabalhos comunitários comuns que envolviam

⁴⁵³ REINER, E. *et al.* **The Assyrian dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago. vol. 18: T.** Chicago: The Oriental Institute, 2006. v. 18p. 476.

⁴⁵⁴ STEINKELLER, 2015b, p. 138. Ver também: REINER et al., 2006, p.306.

⁴⁵⁵ “[...] todos os súditos livres (*Muskenum*) deviam serviço de trabalho ao estado (*ekallum*). O termo geral para o dever que deviam era *ilku(m)*, substantivo derivado do verbo *alakum*, ‘ir, vir’, em acadiano” DASSOW, 2011, p. 213. (tradução nossa).

⁴⁵⁶ STOL, 1995, p. 296.

⁴⁵⁷ *Ibid.*, p. 294–302.

grandes obras, o serviço no exército poderia ser requerido. O serviço militar, que era considerado apenas outra forma de trabalho público, era contado como conscrição⁴⁵⁸. Nesse sentido, Foster sugere que os reis acadianos teriam desviado a finalidade da conscrição ao direcioná-la para a obtenção de homens para o exército, criando assim uma força militar que outros governantes da época não conseguiriam igualar⁴⁵⁹. Essa ruptura pode ter contribuído com o colapso, pois, a conscrição era a principal forma de obtenção de trabalho para a manutenção de obras importantes, como o Ekur, que Naram-Sîn desejava reconstruir, ou a manutenção dos sistemas de irrigação naquele período de seca acentuada no norte mesopotâmico e salinização do solo no sul.

Havia consciência de que, se o trabalho da conscrição na agricultura não ocorresse, se as valas não fossem limpas, se o lodo não fosse retirado, então haveria fome. Porém, o trabalho da enxada e do cesto da conscrição era um dever que os deuses não desejavam a si. Um trecho do mito denominado *Ninurta le Preux* [Ninurta, o valente] atestado em cerca de 200 tabletes do segundo milênio à época selêucida, indicando a sua popularidade⁴⁶⁰, sugere que a função principal da conscrição deveria ser o cuidado com o sistema de agricultura irrigada, predominante no sul da Mesopotâmia.

Naquela época, a água vital ainda não saía do solo, mas, transformada em gelo acumulado, ela inundava as montanhas à medida que derretia. Assim, os deuses da terra, reduzidos a trabalhos forçados, tinham que - tal era sua conscrição - carregar enxadas e cestos. Porque, para garantir a produção, não havia outros trabalhadores para contratar (?). Em seu nível mais alto, o Tigre não inchava e, como ainda não desaguava no mar, não despejava nele sua água doce. Assim, nenhuma colheita foi carregada em seu cais (...): cruel foi a fome, pois, nada havia sido produzido ainda! Ninguém limpava os canais, ninguém dragava a lama. E como não havia drenagem, o solo estava encharcado de água. Havia apenas cevada esparsa: nenhum sulco foi cavado⁴⁶¹.

Embora a conscrição fosse um fardo que a maioria dos homens deveria carregar, havia possibilidades de livrar-se dele. A forma mais simples de livrar-se da conscrição era fazendo algum tipo de compensação. Segundo Stol⁴⁶², “[...] podia-se evitar o trabalho físico duro do trabalho obrigatório fazendo um pagamento em prata ou contratando um substituto”.

⁴⁵⁸ STEINKELLER, 2015a, p. 9.

⁴⁵⁹ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 95.

⁴⁶⁰ BOTTÉRO, J.; KRAMER, S. N. **Lorsque les dieux faisaient l’homme: mythologie mésopotamienne**. Réimpr. avec diverses corrections de détail et précisions. Paris: Gallimard, 1993. (Bibliothèque des histoires), p. 339.

⁴⁶¹ Ibid., p. 352–353. linhas 334-346

⁴⁶² STOL, 1995, p. 298.

A isenção da conscrição poderia ocorrer por decreto real às populações de cidades inteiras ou a altos funcionários cúlticos, isentando-os de pagar taxas em prata, bronze, trabalho forçado ou pagamentos em terras⁴⁶³. Conforme esperamos ter demonstrado minimamente, a conscrição era fundamental para manutenção da ordem cósmica e política. Ela perpassa os três níveis de complexidade mais importantes para a discussão do nosso problema de pesquisa, o social, representado pela população; o divino, representado pelos templos, e o político, representado pelo rei, que exige a conscrição do povo para atender às obras e projetos destinados ao povo, aos deuses e a si próprio e sua família.

Além do trabalho da conscrição que obrigava todos os homens e mulheres livres, havia o trabalho de dependentes. Os trabalhadores dependentes na antiga Mesopotâmia eram indivíduos, principalmente não qualificados, permanentemente vinculados a um senhorio ou ao governo, muitas vezes devido a obrigações de arrendamento de terras ou outras formas de dependência, e geralmente não eram totalmente autônomos em suas atividades e dependiam de seus senhores para a obtenção de proventos para sobrevivência⁴⁶⁴. Os trabalhadores não qualificados eram abundantes e seus serviços manuais pouco comercializáveis⁴⁶⁵. Isso pode explicar a razão de muitos desses trabalhadores se tornarem dependentes, ou institucionais. Não possuindo terras, tendo baixa qualificação, eles aceitavam trabalhar o ano inteiro em troca de proventos na forma de rações diárias, mensais e periódicas de alimentos, bebidas, óleos e têxteis durante dez meses do ano, além de materiais não processados, como cevada ou lã⁴⁶⁶. Nesse sentido, as “listas de rações” são importantes fontes de informação sobre a organização do trabalho e a gestão da mão de obra na antiga Mesopotâmia e em conexão com a evidência prosopográfica das listas de trabalhadores que mostram relações familiares, podem auxiliar os assiriólogos a compreender melhor quem foram essas pessoas⁴⁶⁷. Sallaberger argumenta que a presença de ‘filhos’ mencionados junto aos trabalhadores em listas sugere que estes eram seus parentes consanguíneos e herdeiros naturais, indicando a existência de laços familiares nos grupos de trabalhadores, indicando que a mão de obra na Mesopotâmia do período acadiano não era composta apenas por trabalhadores isolados, mas sim por grupos que poderia incluir

⁴⁶³ STEINKELLER, 2015b, p. 141–142.

⁴⁶⁴ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 93–94.

⁴⁶⁵ WARBURTON, 2012.

⁴⁶⁶ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 94.

⁴⁶⁷ SALLABERGER, W.; PRUSS, A. Home and Work in Early Bronze Age Mesopotamia: “Ration Lists” and “Private Houses” at Tell Beydar/Nadaba. In: STEINKELLER, P.; HUDSON, M. **Labor in the ancient world: a colloquium held at Hirschbach (Saxony), April 2005**. Dresden: ISLET, 2015. (International Scholars Conference on Ancient Near Eastern Economies, v. volume 5).

membros da mesma família⁴⁶⁸. Não é possível saber muita coisa sobre as condições de vida desses sujeitos que quase não aparecem nas fontes por não possuírem muitos bens materiais e por não serem de interesse para registros textuais. Assim sendo, para além de listas de rações e de trabalhadores, pouco sobreviveu que nos diga algo importante que os ligue à questão do colapso sociopolítico. Nesse sentido, podemos apenas presumir que poderiam aderir a ‘movimentos revolucionários’ contra os reis de Acade, levando à ruptura entre os três principais níveis de complexidade já mencionados: a sociedade, o divino e o político.

Outra forma de trabalho era o trabalho remunerado exercido geralmente por pessoas qualificadas e não qualificadas. As fontes contemporâneas ao período acadiano dizem muito pouco sobre esses trabalhadores, embora fossem uma classe mais importante que os trabalhadores braçais⁴⁶⁹, que geralmente eram pessoas sem qualificação.

Além da distinção entre trabalhadores qualificados e não qualificados, podemos observar que havia distinção de trabalhadores pela forma como eram compensados por seus trabalhos, remunerados ou dependentes. A distinção entre trabalhadores dependentes e trabalhadores remunerados é que os remunerados recebiam proventos mais altos que os dependentes institucionais, porém, por serem trabalhadores contratados pelas instituições, ou por contratantes particulares para trabalharem na agricultura ou no transporte pluvial, viviam quase sempre na incerteza de conseguirem trabalho e remuneração⁴⁷⁰. A remuneração de um trabalhador contratado era em média seis litros de cevada por dia trabalhado, podendo variar entre três e dez litros⁴⁷¹, enquanto as mulheres recebiam a metade da remuneração de um homem⁴⁷². Além desses, havia também o trabalho servil ou “escravo” representado pelos *wardum*. Os serviçais geralmente eram homens livres, *muškenum*, que tornaram se tornar servos devido a uma dívida contraída, ou prisioneiros de guerra escravizados, embora pudessem livrar-se da obrigação pagando uma compensação⁴⁷³, ou ainda, por um decreto do rei quando faltassem homens livres nas fileiras dos exércitos⁴⁷⁴. O papel dos serviçais na economia mesopotâmica foi de pouca importância, eram pouco numerosos⁴⁷⁵, pois, apenas famílias ricas de *Awilum* poderiam tê-los, para serviços

⁴⁶⁸ Ibid., p. 70.

⁴⁶⁹ STEINKELLER, 2015a, p. 12.

⁴⁷⁰ WARBURTON, 2012.; JOHNSON, 2017, p. 100.

⁴⁷¹ STEINKELLER, 2015a, p. 21.

⁴⁷² Ibid., p. 23.

⁴⁷³ JOHNSON, 2017, p. 95.; REDE, Marcelo, 2002, p. 22.

⁴⁷⁴ DASSOW, 2011, p. 212–213.

⁴⁷⁵ REDE, Marcelo, 2002, p. 17.

domésticos⁴⁷⁶. Em síntese, na segunda metade do terceiro milênio A.E.C. sumérios e acadianos, especialmente debaixo do domínio dos reis de Agade e da terceira ‘dinastia’ de Ur, sobretudo dos reis de Ur, formavam uma sociedade estratificada, principalmente no que diz respeito ao trabalho não qualificado. As relações de trabalho divididas em tipos baseados em direitos e obrigações aprofundavam as diferenças entre os diversos níveis de complexidade, que podemos entender aqui como camadas sociais estratificadas. Havia grande interdependência entre a agricultura, as instituições palacianas e sacerdotais, e os grupos sociais dos *awilum*, *muškenum* e *wardum*. A compreensão da interdependência dos fios desse tecido (*complexus*) sociopolítico é fundamental à nossa questão problema, por esse motivo enfatizamos nestes capítulos a agricultura e a estratificação do trabalho. Importa-nos ainda discutir brevemente o trabalho qualificado, o papel dos *tamkarum*, as conexões globais através do comércio na Mesopotâmia.

Conforme já indicamos, uma categoria importante de trabalhadores era a categoria dos trabalhadores qualificados. Eles normalmente desempenhavam funções especializadas, como cozinheiros, ferreiros, tecelões, e até mesmo médicos e sacerdotes⁴⁷⁷. Porém, isso não significa que fossem uma categoria à parte das outras, pois, muitos deles eram *muškenum* dependentes institucionais⁴⁷⁸, ou seja, alguns trabalhadores qualificados não eram livres⁴⁷⁹. Alguns desses profissionais dependiam mais da venda de seu trabalho do que da sua produção de bens materiais. Além disso, mesmo aqueles que não dependiam do trabalho para as instituições, dependiam delas indiretamente, pois, ocorria muitas vezes que os únicos clientes para um artesão qualificado eram as elites ligadas às instituições do palácio e dos templos que consumiam ou encomendavam seus produtos.

Os trabalhadores qualificados normalmente trabalhavam em equipes, que podiam ser de um qualificado e dois não qualificados, dependendo do tipo de trabalho a ser executado. Trabalhos mais complexos, como a construção de templos, casas, palácios, diques, canais de irrigação, estradas e fortificações militares. Além disso, no período acadiano destacaram-se as “indústrias” de bens como móveis, roupas, cerâmica, metalurgia,

⁴⁷⁶ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 95.

⁴⁷⁷ Ibid., p. 94–95.

⁴⁷⁸ Ibid., p. 94.

⁴⁷⁹ JACOB L. DAHL. A Babylonian Gang of Potters Reconstructing the Social Organization of Crafts Production in the Late Third Millennium BC Southern Mesopotamia. In: KOGAN, L. E.; LOESOV, S.; TISCHENKO, S. (org.). City administration in the ancient Near East: proceedings of the 53e Rencontre assyriologique internationale. Vol. 2. Winona Lake, Ind: Published for the Russian State University for the Humanities by Eisenbrauns, 2010, p. 291.

faiança, vidro, produtos de luxo feitos de marfim, jóias, óleos e incensos aromáticos⁴⁸⁰. Dentre os mais importantes trabalhos em equipes estava a equipe de arado, embora nem todos pudessem ter um arado, visto que a grande maioria dos *muškenum* não possuía terras, nem condições de contratar uma equipe de trabalho. Abaixo, selo com uma equipe de arado.

Figura 7 - Impressão de selo cilíndrico - Equipe de arado



“Uma equipe divina de arado composta por arador, ajudante, enchedor de sementes e condutor, cujo corpo se mistura com o do boi para se tornar um "homem-touro” Fonte: FOSTER, B. R. The Age of Agade: inventing empire in ancient Mesopotamia. London; New York, NY: Routledge/Taylor & Francis Group, 2016, p. 91

A equipe de arado no motivo do selo é composta, da esquerda para a direita, por três pessoas, o arador, o semeador e o capataz. No motivo da imagem, um boi puxa o arado semeador (*agadibbu*) que provavelmente foi feito por outro trabalhador, um silvicultor, muitas vezes qualificado em carpintaria e confecção de peças de madeira, que entregava suas produções às autoridades palacianas. Muitos dos ofícios existentes deixaram poucos registros nas fontes textuais. Ferramentas feitas de materiais como madeira não sobreviveram ao tempo, tal como ocorreu com os tabletes cuneiformes e as estátuas de granito. Nesse sentido, a construção do passado pelo historiador fica dependente, muitas vezes, de inferências indiretas que podem estar incorretas e serem futuramente derrubadas por novas descobertas da Arqueologia e dos estudos da Cultura Material. Um exemplo desse tipo de situação, de acordo com Jacob L. Dahl, foi a querela entre Ignace Jay Gelb e o orientalista soviético Vasili Vasil’evich Struve. Struve defendia a tese de que os trabalhadores dependentes eram “escravos do estado”, Gelb contestou Struve defendendo a teoria dos servos, baseada na ideia de que os trabalhadores eram servos, mas não escravos⁴⁸¹.

⁴⁸⁰ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 109–129.

⁴⁸¹ JACOB L. DAHL, 2010, p. 276.

A epistemologia europeia ocidental, com suas preocupações ontológicas de definir as identidades das coisas e de construir definições precisas dos conceitos, pode afetar a nossa percepção do que significa conscrição ou trabalho serviçal na antiga Mesopotâmia. Devido a problemas como a querela entre Gelb e Struve, para definir os trabalhadores, foi realizado um congresso em Edimburgo, em 1978, para discutir trabalho escravo e trabalho não escravo e, as conclusões foram de que escravo na Mesopotâmia deve ser vista como categoria econômica, ao invés de jurídica, e que a definição de escravo é relativa, influenciada pela estrutura econômica e social da época, que não há uma distinção clara entre escravo e não escravo, e que a categorização do trabalho em escravo e não escravo pode ser problemática devido à complexidade das categorias de trabalho e à falta de consenso sobre como classificá-las⁴⁸². Essa dificuldade anotada entre os anos 60, 70 e 80 persiste ainda hoje, conforme indica Lorenzo Verderame escrevendo para o *Journal of Global Slavery*⁴⁸³. Não pretendemos aprofundar essa questão, apenas indicar que tal debate existe, o que torna desafiador compreender as categorias *wardum*, *muškenum* e *awilum* – que importam para o problema do colapso, visto que complexidade adquirida se traduz em estratificação sociopolítica. Nesse sentido, percebemos a importância da abordagem da complexidade de Morin e da teoria dos protótipos de Eleanor Rosch⁴⁸⁴, pois, as categorias cognitivas, que também são categorias sociais, e muitas vezes realidades imaginadas, são fluídas e estão em constante intersecção.

Uma boa maneira de compreender o trabalho qualificado é através do estudo da cultura material. Pela avaliação circunstancial das condições materiais de produção e de existência, podemos compreender o trabalho qualificado no reino de Acade, bem como em toda a Mesopotâmia — e mesmo em toda a antiguidade. Sendo a cultura material a apropriação do meio físico pelo homem que intervém segundo propósitos e normas

⁴⁸² DIAKONOFF, Igor M. Slave-Labour vs. Non-Slave Labour; The Problem of Definition. In: POWELL, M. A. (org.). **Labor in the ancient Near East**. New Haven, Conn: American Oriental Society, 1987. (American oriental series, v. v. 68).

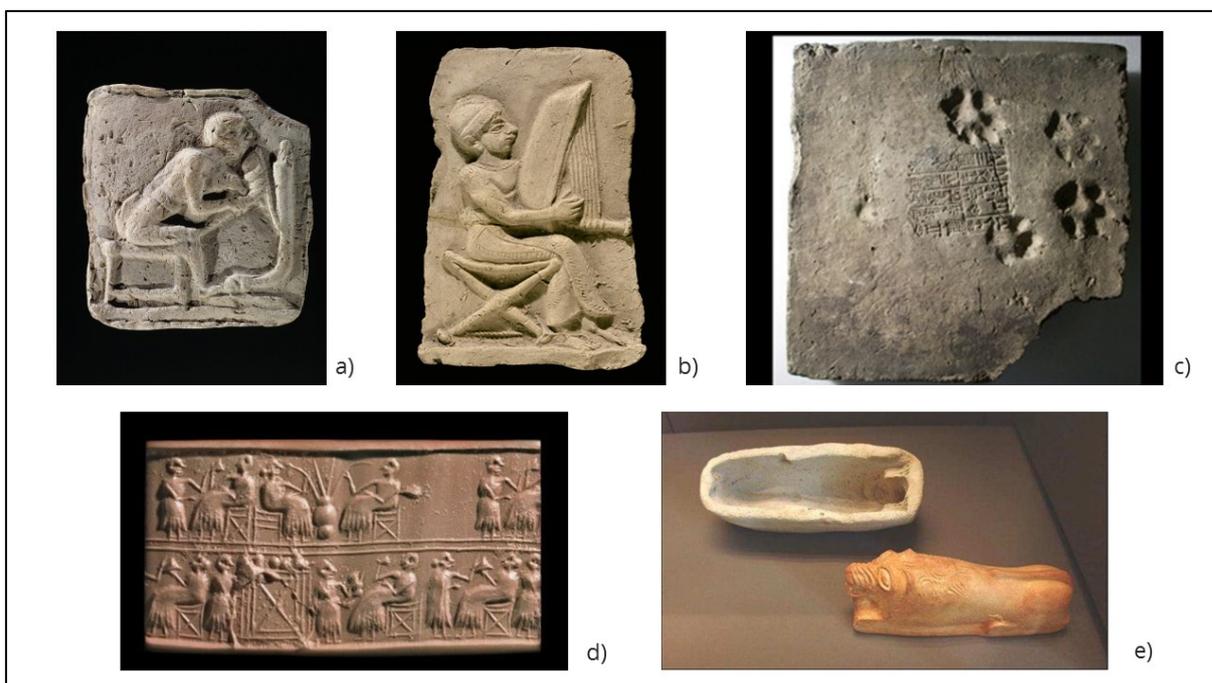
⁴⁸³ LORENZO VERDERAME. Slavery in Third-Millennium Mesopotamia: An Overview of Sources and Studies. **Journal of Global Slavery**, [s. l.], v. 3, n. 1–2, p. 13–40, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/2405836X-00301003>

⁴⁸⁴ Como está explícito no terceiro capítulo, o pensamento antigo não obedecia às regras vigentes na ontologia das lógicas e da epistemologia sistematizadas posteriormente pelos gregos e mais tarde por lógicos como Frege, Russel, Carnap, Wittgenstein, etc. Por esse motivo, o terceiro capítulo dialogará com a teoria cognitiva dos protótipos cognitivos de Eleanor Rosch, em conexão com o conceito de *realidade imaginada* e de *complexus*.

culturais⁴⁸⁵, podemos por intermédio do produto dessas intervenções inferir muitas informações do material arqueológico, que muitas vezes é ignorado pelo texto.

Já notamos acima uma grande variedade de produtos que o trabalho qualificado permitia produzir. Entretanto, além de indicar a diversidade de saberes e técnicas, os artefatos podem indicar-nos relações sociais do cotidiano. Nesse sentido, destacamos alguns artefatos em argila que podem apontar alguns aspectos sociais que são difíceis de perceber mediante a análise de fontes textuais.

Figura 8 - Cultura Material e vida social.



Cultura material como vetor da vida social. A) Estatueta representando um carpinteiro esculpindo uma barra de tração de carruagem com um *adze* (2004-1763 A.E.C., Uruk = Warka(?) - AO 6694 BIS – coleção do museu do Louvre)⁴⁸⁶; b) Placa de estatueta representando um harpista sentado em um banquinho. Ele usa um boné de abas altas, está vestido com uma longa roupa com franjas, deixando o ombro direito descoberto, e usa um colarinho (Ešnunna [mod. Tell Asmar (?)], 2004–1763 A.E.C.-AO 12453 – coleção do museu do Louvre)⁴⁸⁷; c) Tijolo com inscrição e estampa de pé de cachorro feita enquanto o material estava secando ao sol (Ur [mod. Tell Muqayyar], 2100-2000 A.E.C., B16461 – coleção do Museu Penn)⁴⁸⁸; d) impressão contemporânea de um selo cilíndrico mostra cena em duas partes de banquete em que há pessoas sentadas em bancos consumindo cerveja (Ur [mod. Tell Muqayyar], 2900-2700 A.E.C. – BM 121545 – coleção do Museu

⁴⁸⁵ MENESES, 1983b, p. 112.

⁴⁸⁶ LARRIEU, Christian. AO 6694 BIS. Département des Antiquités orientales, Louvre Museum: França, 2002. Disponível em: <https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010119520>. Acesso em: 10 ago. 2023.

⁴⁸⁷ GALLAND, Jérôme. AO 12453. Département des Antiquités orientales, Louvre Museum: França, 1999. Disponível em: <https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010119471>. Acesso em: 10 ago. 2023.

⁴⁸⁸ B16461. Penn Museum: Philadelphia, [s. d.]. Disponível em: <https://www.penn.museum/collections/object/446712>. Acesso em: 16 ago. 2023.

Britânico)⁴⁸⁹; e) Fôrma de pão em argila e réplica moderna. Palácio de Mari, sala 77. Início do II milênio A.E.C. Fonte: Museu do Louvre. Foto de Kátia M. P. Pozzer⁴⁹⁰.

Nesse pequeno conjunto de artefatos, devidamente selecionados para nossa argumentação, podemos observar pelo menos três dimensões possíveis de abordagens teórico-metodológicas: primeiro, a fonte enquanto portadora de representação imagética (a, b, c, d), e de texto (c) que nos permitem obter informações sobre o cotidiano e sobre relações sociais; segundo, a fonte enquanto objeto material, moldada a partir de elementos físicos (argila, etc.) segundo normas culturais (a, b, c, d, e); terceiro, os objetos enquanto agentes com funções sociais (a, b, c, d, e).

Em todas as cinco figuras podemos inferir, direta ou indiretamente, relações de trabalho. Na primeira figura, o motivo principal da cena é o trabalho de um carpinteiro, responsável pela construção de móveis de madeira, exercido por pessoas qualificadas. Na segunda figura, um harpista domina a cena e na imagem pode-se aferir o trabalho de diversos trabalhadores qualificados pelos elementos da cena, a harpa, o banco, as vestes, etc. Na terceira figura, afere-se a presença de animais domésticos em locais de trabalho. Na quarta figura, impressão de um selo cilíndrico, pessoas comem e bebem cerveja. O banquete era momento de socialização. A cerveja, desde pelo menos o final do quarto milênio, “foi produzida em grande escala e consumida diariamente por pessoas das mais diversas camadas socioeconômicas. Na verdade, a cerveja era “pão líquido”, uma fonte fundamental de sustento”⁴⁹¹. Na cena do banquete, afere-se o trabalho qualificado de copeiros e cervejeiros. Os banquetes podiam vir acompanhados de diversos tipos de pães e bolos, nas mais variadas formas obtidas mediante moldes de argila, ou de outros materiais, demonstrando muitas habilidades envolvidas em tais relações sociais de trabalho e convivência.

Importa-nos, ainda, discutir brevemente o problema do tamanho das famílias e as heranças e transmissão de bens. No terceiro milênio, embora boa parte das terras estivesse nas mãos dos templos e dos palácios, a propriedade da terra era coletiva⁴⁹², bem como

⁴⁸⁹ BM 121545 – The British Museum: London, [s.d]. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/W_1928-1010-236. Acesso em: 16 ago. 2023. Ver também: ZETTLER, R. L. *et al.* (org.). **Treasures from the royal tombs of Ur**. Philadelphia: University of Pennsylvania, Museum of Archaeology and Anthropology, 1998, p. 79.

⁴⁹⁰ POZZER, K., 2017, p. 146.

⁴⁹¹ Ibid.

⁴⁹² REDE, Marcelo, 2002, p. 16.

parcialmente no início do segundo milênio⁴⁹³. Há um debate inconcluso na Assiriologia acerca do tamanho das famílias na virada do terceiro para o segundo milênio. A discussão envolve definir em que momento as famílias nucleares passaram a substituir as famílias estendidas (*extended family*) e grupos familiares predominantes do terceiro milênio A.E.C., pois, infelizmente a situação não é clara para os especialistas⁴⁹⁴. Isso, conforme sugere Jonh P. Nielson, ocorre porque os documentos cuneiformes relacionados às famílias começam a aparecer apenas no final do terceiro milênio A.E.C., o que pode ter influenciado a forma como os historiadores conceituam família na Mesopotâmia⁴⁹⁵. Diakonoff explica que devido à escassez de documentos relacionados a terras que não pertencem aos palácios é extremamente difícil rastrear as formas de organização da população rural na antiga Mesopotâmia e que mesmo os poucos documentos existentes não fornecem informações sobre as estruturas e dinâmicas das famílias que viviam nessas terras⁴⁹⁶. Existem excelentes pesquisas que abordam a questão da família no período babilônico antigo⁴⁹⁷. Porém, esse período é posterior em séculos em relação ao período acadiano. Consequentemente, o que se sabe sobre as estruturas familiares no período acadiano parte de inferências feitas de arquivos familiares de séculos posteriores e de dados da Arqueologia, como, por exemplo, o estudo da configuração das casas e a tipologia dos materiais escavados⁴⁹⁸. Embora existam tais dificuldades, brevemente apontadas aqui, consideramos importante lembrar que a Mesopotâmia do segundo milênio não diferiu muito em relação ao terceiro, mesmo considerando séculos⁴⁹⁹. Nesse sentido, o risco do anacronismo é mitigado. Além disso, famílias nucleares, a coluna dorsal sobre a qual as famílias estendidas e grupos familiares são formados,⁵⁰⁰ existiram em todos os períodos da Mesopotâmia, pois, toda família extensa se separa no curso de seu desenvolvimento natural na terceira ou quarta geração, o que sugere

⁴⁹³ DIAKONOFF, I. M. Extended Families in Old Babylonian Ur. **Zeitschrift für Assyriologie und Vorderasiatische Archäologie**, [s. l.], v. 75, n. 1, 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/zava.1985.75.1.47>. Acesso em: 27 dez. 2023.

⁴⁹⁴ REDE, Marcelo. **Família e patrimônio na antiga Mesopotâmia**. Rio de Janeiro: Mauad X Editora Ltda, 2007b, p. 22.

⁴⁹⁵ NIELSEN, J. P. The Family in the Ancient Near East. In: *A COMPANION TO THE ANCIENT NEAR EAST*. [S. l.]: John Wiley & Sons, Ltd, 2020, p. 111–124. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781119362500.ch7>. Acesso em: 12 mar. 2023, p. 112.

⁴⁹⁶ DIAKONOFF, I. M., 1985, p. 50.

⁴⁹⁷ Destacamos como exemplo, *Família e patrimônio na antiga Mesopotâmia*, de Marcelo Rede; *Writing, law, and kingship in Old Babylonian Mesopotamia*, de Dominique Charpin, que foi orientador de Marcelo Rede no doutorado. Cf. CHARPIN, D. **Writing, law, and kingship in Old Babylonian Mesopotamia**. Tradução: Jane Marie Todd. Chicago: University of Chicago Press, 2010. ; REDE, Marcelo, 2007b.

⁴⁹⁸ NIELSEN, 2020, p. 112–113.

⁴⁹⁹ DIAKONOFF, I. M., 1985, p. 49.

⁵⁰⁰ REDE, Marcelo, 2007b, p. 22.

que a existência de famílias nucleares é um fenômeno temporário e recorrente, de modo que sempre haverá uma porcentagem de famílias nucleares⁵⁰¹. Esse é um dos motivos pelos quais Foster afirma que “a família nuclear era a unidade básica da sociedade acadiana”⁵⁰². Essas considerações são importantes porque devemos ter cautela com o risco de anacronismos e porque a família era unidade básica da economia social, ou seja, estava relacionada a um dos principais níveis da complexidade sociopolítica.

A posse da terra para agricultura, pecuária e outras atividades é, em primeiro lugar, a apropriação do espaço, uma relação entre apropriação e propriedade na qual a apropriação é sua condição necessária. Não há propriedade sem algum tipo de apropriação. Por apropriação, entende-se como um “[...] conjunto de mecanismos que permitem o controle de um segmento da realidade física”⁵⁰³. Normalmente, estes mecanismos possuem dimensões simbólicas. Um desses mecanismos de apropriação, ou da manutenção do espaço apropriado, foram as ficções jurídicas, que eram construções legais ou artifícios utilizados no direito mesopotâmico para alcançar determinados objetivos, como manter a riqueza da família na própria família. Nielsen argumenta que “muitas vezes, essas ficções legais refletiam uma preocupação com a propriedade, cuja posse tinha ramificações para associações familiares em situações que envolviam herança ou dote”⁵⁰⁴. Nesse sentido, havia, em justaposição à realidade material, uma realidade imaginada construída enquanto ficção jurídica útil às novas preocupações que surgiam no horizonte de expectativas sociais.

Destacamos a transmissão de herança como uma das principais ficções jurídicas que exemplificam mecanismos de manutenção de riqueza⁵⁰⁵. A transmissão de herança seguia um modelo patrilinear⁵⁰⁶, e a importância da patrilinearidade era de tal modo que a totalidade dos bens era referida pelo termo *bit abi* “casa do pai”, uma metáfora que reflete o desejo de se manter as riquezas no núcleo familiar⁵⁰⁷. A partilha entre irmãos parece ter sido igualitária, embora no período babilônico antigo (1900 -1600 A.E.C.), quando as famílias já eram menores, houvesse casos de partilhas desiguais privilegiando o primogênito, embora o

⁵⁰¹ DIAKONOFF, I. M., 1985, p. 49.

⁵⁰² FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 235.

⁵⁰³ REDE, Marcelo, 2007b, p. 20.

⁵⁰⁴ NIELSEN, 2020, p. 112.

⁵⁰⁵ Aqui estamos nos referindo principalmente às famílias ricas, *awilu*, geralmente associada às elites, que possuíam terras, embora muitos *muškenum* também possuíssem terras.

⁵⁰⁶ POSTGATE, N. **Early Mesopotamia: Society and Economy at the Dawn of History**. [S. l.]: Taylor & Francis, 2017.

⁵⁰⁷ NIELSEN, 2020, p. 114.

princípio da primogenitura sucessória não fosse universal⁵⁰⁸. Além disso, o lugar central da figura masculina do pai, e casa que guarda a sua memória, pode explicar ainda a importância dos rituais funerários e do culto aos ancestrais no contexto doméstico⁵⁰⁹. Charpin destaca a importância dos registros escritos e da transmissão adequada de documentos legais para respaldar a posse legítima de bens imóveis e outros ativos⁵¹⁰. Assim, os contratos, de herança, bem como de compra e venda, tinham papel na comprovação da propriedade e na prevenção de litígios⁵¹¹. Nesse sentido, um trecho do texto TCL 10, 31⁵¹², do tablet AO 6376 proveniente de Larsa (1834 – 1823 A.E.C.), destaca o aspecto jurídico da necessidade de evitar litígios entre irmãos na repartição de heranças:

9216 m² de pomar na margem do canal Mami-danat, vizinho do pomar do porteiro de Shamaš é a parte de Ištar-ili. 9216 m² de pomar na margem do canal Mami-danat, vizinho do pomar de Sin-mušalim é a parte de Sin-šemi (...). Que eles não briguem um contra o outro⁵¹³.

No texto da fonte acima, percebemos que não havia vantagens para o primogênito, pois, a distribuição da herança era igualitária. A divisão foi de 9216 m² para cada irmão. O papel de contratos na transferência de bens foi bastante importante desde o início do terceiro milênio A.E.C. Tais contratos poderiam ser produzidos em argila ou em pedra, demonstrando que “[...] os contratos eram itens altamente considerados”⁵¹⁴. Nos casos de transferência de propriedades de herança entre irmãos, praticamente tudo que não fosse precioso podia entrar nos contratos após a morte de um chefe de família, o que poderia incluir terra, casa, móveis, animais, escravos, escritórios do templo, dívidas e deveres *ilkum*⁵¹⁵. De certa forma, a transmissão de bens combinava as dimensões legais com as

⁵⁰⁸ REDE, Marcelo. Práticas funerárias, culto aos ancestrais e transmissão do patrimônio familiar na Babilônia antiga. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, [s. l.], n. 14, p. 117–138, 2004. p. 117.

⁵⁰⁹ REDE, Marcelo, 2004.

⁵¹⁰ CHARPIN, 2010, p. 61–62.

⁵¹¹ MICHALOWSKI, 2013.

⁵¹² JEAN, C.-F. *Contrats de Larsa. Première série*. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1926. (Textes Cunéiformes, Musée du Louvre, v. 10). TCL X, Pl. XXXV

⁵¹³ REDE, Marcelo, 2002, p. 16.

⁵¹⁴ MICHALOWSKI, 2013, p. 278.

⁵¹⁵ POSTGATE, N., 2017. n.p. Sobre *ilkum*: Esse lexema se refere a obrigações ou responsabilidades associadas à propriedade ou à posição social dentro da estrutura familiar na antiga Mesopotâmia. Esses deveres poderiam estar relacionados a questões como a manutenção de determinados rituais religiosos, o cumprimento de obrigações para com o templo ou a comunidade, ou até mesmo responsabilidades específicas associadas a certos privilégios ou propriedades. Os documentos legais da antiga Mesopotâmia frequentemente incluíam esses deveres *ilkum* como parte dos detalhes a serem considerados na divisão e transmissão da propriedade entre os herdeiros. Na prática, “[...] todos os súditos livres deviam serviço de trabalho ao Estado. O termo geral para o dever que deviam era *ilkum*, substantivo derivado do verbo *alakum*, 'ir, vir', em acadiano, segundo DASSOW, 2011, p. 213.. Cf. também *Ilku(m)*, BLACK, Jeremy Allen; GEORGE; POSTGATE, 2000, p. 126–127.

dimensões simbólicas da memória do pai e com as dimensões econômicas da conservação do patrimônio.

3 REI DAS QUATRO REGIÕES: CONEXÕES GLOBAIS DE AGADE

Neste terceiro capítulo, abordam-se as políticas de expansão na formação do reino de Acade, enfatizando as quatro fases de formação do reino, caracterizadas sobretudo por incursões militares, conexões comerciais, redes de fortalezas e pela rede de patrocínio real. Discutimos a formação do reino Acade, destacando as estratégias para a expansão territorial e a manutenção do poder político-militar. Exploramos a importância da busca por recursos escassos, como a agricultura irrigada, metais, madeira e pedra, para o desenvolvimento das sociedades na região sul da Mesopotâmia. Discutimos as ameaças externas e internas enfrentadas pelo reino, as estratégias para levantar grandes efetivos militares, como a conscrição e a manutenção de tropas profissionais. Também exploramos a divinização do rei como resposta aos problemas internos do reino e a importância da materialidade das inscrições reais como fontes históricas.

3.1 POLÍTICAS DE EXPANSÃO NA FORMAÇÃO DO REINO DE ACADE.

Quando Sargão fundou Agade, já havia níveis adquiridos de complexidade pelas sociedades da Mesopotâmia. Conforme vimos no capítulo anterior, a agricultura irrigada favoreceu o desenvolvimento das sociedades na região sul, dando-lhes vantagens em relação aos povos que viviam nas periferias compostas por planaltos áridos e regiões montanhosas. Mas a Mesopotâmia carecia de materiais importantes para a sua indústria. As planícies da baixa Mesopotâmia eram pobres em metais, madeira e pedra, materiais essenciais para qualquer grande projeto de construção. As incursões militares em regiões distantes, como na floresta de cedro no Líbano, nas cabeceiras dos rios Tigre e Eufrates na Turquia, *Marḥaši* a leste de Elam⁵¹⁶, e nas regiões além do Golfo Pérsico, visavam sobretudo adquirir tais recursos⁵¹⁷. Não havia possibilidade de o reino alcançar os “quatro cantos do mundo” sem a matéria-prima básica para a produção de tecnologias para a sustentação do poderio acadiano, para além do que se poderia obter da agricultura e da mão de obra das conscrições.

A possibilidade de colapso, enquanto ruptura dos níveis adquiridos de complexidade sociopolítica, não implica necessariamente em colapso, há algo mais. Para compreender essa

⁵¹⁶ Marḥaši é o nome sumério para Parašum, região que ficava entre Elam e meluhha no vale do Indo. Para uma discussão acerca da localização de Marḥaši consultar STEINKELLER, P. The Question of Marḥaši: A Contribution to the Historical Geography of Iran in the Third Millennium B.C. *Zeitschrift für Assyriologie und Vorderasiatische Archäologie*, [s. l.], v. 72, n. 2, p. 237–265, 1982.

⁵¹⁷ MARC VAN DE MIEROOP, 2016, p. 71.

questão se faz necessário discutir brevemente as fases da expansão do reino, a rede de patrocínio real, as conexões globais acadianas mediante o comércio, a guerra e a diplomacia

Havia duas formas principais de se adquirir recursos escassos, invadindo e saqueando, ou comprando por intermédio de mercadores. As duas estratégias foram utilizadas em conexão uma com a outra, mas a primeira estratégia parece ter sido a mais utilizada. A grande maioria das inscrições reais dos reis acadianos são textos relacionados à guerra de invasão e saque visando a obtenção de recursos no âmbito material e à manutenção da legitimidade real no âmbito simbólico do discurso, indicando que constantemente a legitimidade dos reis acadianos era contestada pelos súditos⁵¹⁸. Parece estar aqui a semente do colapso sociopolítico.

O reino de Acade passou por 4 fases de formação, segundo Mario Liverani⁵¹⁹. Elas são fundamentais para a nossa discussão, pois, consideramos esse crescimento horizontal no espaço e o crescimento vertical nas relações de poder como “aquisição de complexidade visando resolver problemas”⁵²⁰, aqui gerados pela perturbação do frágil sistema sociopolítico. O principal problema, nesse sentido, era o problema da legitimidade, mais especificamente o problema da contestação de legitimidade. Isso importa, pois, “a complexidade é entendida, assim, como uma estratégia para manter a integridade social e a legitimidade de poder e autoridade, sendo o seu desenvolvimento voltado para gerir os conflitos sociais e políticos de cada momento histórico”⁵²¹. Além disso, consideramos a complexidade gerada com finalidade de gerir problemas produzidos por ela mesma, a principal razão para o colapso sociopolítico de sociedades complexificadas⁵²². Se tanto no sentido vertical quanto no horizontal os problemas que a aquisição de complexidade busca resolver são produto da própria complexidade, então a complexidade é um círculo vicioso que caso não seja alimentado por recursos externos ou retornos marginais positivos, desaba sobre seu próprio peso. Daí a necessidade contínua de expandir o sistema para que ele se sustente ou de produzir uma diferença positiva entre o custo de mantê-lo e as vantagens em mantê-lo.

As principais fontes para a compreensão das fases de expansão do reino são cerca de 150 inscrições reais⁵²³, cujo caráter triunfalista visa enaltecer os reis acadianos⁵²⁴. Esta é

⁵¹⁸ FRAYNE, 1993.

⁵¹⁹ LIVERANI, 2014, p. 133–137.

⁵²⁰ “A complexidade [aquisição de níveis verticais e horizontais de diferenciação entre as partes] pode ser considerada um investimento que as sociedades fazem na resolução de problemas” TAINTER, 1995, p. 399.

⁵²¹ MENDES, 1995, p. 160–161.

⁵²² TAINTER, 1995, p. 397.

⁵²³ Dessas utilizaremos apenas algumas, sobretudo aquelas que consideramos mais relevantes à análise, devido ao espaço limitado para isso no capítulo, e por esse não ser o tema principal deste trabalho.

⁵²⁴ SCHRAKAMP, I. The kingdom of Akkad: A view from within. In: RADNER, K.; MOELLER, N.; POTTS, D. T. (org.). **The Oxford history of the ancient Near East**. New York, NY: Oxford University Press, 2020, p. 166.

provavelmente a razão pela qual “[...] os assuntos militares dominam o conteúdo desses materiais”⁵²⁵. A guerra é o assunto predominante nessas inscrições. Por guerra entendemos “[...] de forma ampla como um conflito aberto e declarado entre sociedades organizadas [...]”⁵²⁶. Embora seja entendido de forma ampla, essa definição é bastante útil, pois, ressalta que a guerra, principalmente em escalas maiores, envolve níveis complexos de organização, conexões e logística, se trata de uma atividade que requer níveis adquiridos de complexidade que permita a manutenção dessa atividade, principalmente em períodos de cerco. No entanto, destacamos também que, devemos colocar as inscrições reais em dúvida controlada e razoável, pois, há a questão do enaltecimento da guerra enquanto ferramenta de teologia política, que visava justificar a guerra invocando o divino⁵²⁷, e de afirmação do poder, que mais tarde levou à divinização do rei Naram-Sîn. Além disso, importa mencionar que antes da fundação de Agade (2340 A.E.C.), já havia disputas entre norte e sul mesopotâmico que vinham ocorrendo a séculos⁵²⁸. Enquanto o sul era composto por habitantes sumérios, ao norte havia uma parcela significativa de habitantes de origens semitas, sobretudo em Mari e Ebla. A derrota de Lugalzagezi por Sargão, de origem semita, colocou a Suméria em suas mãos⁵²⁹. Porém, apesar das disputas entre norte e sul, importa salientar que nenhuma guerra ocorreu na Mesopotâmia por razões étnicas⁵³⁰. Havia tradições do norte bastante desenvolvidas com foco nos feitos dos reis quando Sargão entrou em cena⁵³¹. Nesse sentido, a unificação do norte, com sua tradição focada nos feitos reais, e do sul, focada nas batalhas entre deuses, não foi uma revolução, mas a unificação de duas tradições políticas que já existiam na Mesopotâmia, conforme sugere Michalowski⁵³². Com esse pano de fundo, justifica-se o argumento de que “o sucesso no campo de batalha poderia transformar um rebelde ou usurpador em um rei legítimo, enquanto a derrota sinalizava a desaprovação dos deuses”⁵³³. Portanto, não é sem razão que “ele provavelmente

⁵²⁵ MARC VAN DE MIEROOP, 2016, p. 70.

⁵²⁶ MELVILLE, S. C. Warfare in Mesopotamia. In: SNELL, D. C. (org.). **A Companion to the Ancient Near East**. 2ed. Chichester: Wiley Blackwell, 2020, p. 399.

⁵²⁷ SAZONOV, V. Some Remarks Concerning the Development of the Theology of War in Ancient Mesopotamia. In: ULANOWSKI, K. (org.). **The Religious Aspects of War in the Ancient Near East, Greece, and Rome**. [S. l.]: BRILL, 2016, p. 23–50. Disponível em: https://doi.org/10.1163/9789004324763_004. Acesso em: 30 dez. 2023, p. 44.

⁵²⁸ PIOTR MICHALOWSKI, 2020, p. 19.

⁵²⁹ Ibid.

⁵³⁰ GARELLI, P. **O Oriente próximo asiático: das origens as invasões dos povos do mar**. São Paulo: Pioneira: USP, 1982. ; LIVERANI, 2014, p. 139.

⁵³¹ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 166.

⁵³² PIOTR MICHALOWSKI, 2020, p. 22.

⁵³³ MELVILLE, 2020, p. 401.

usurpou o poder lá, tomando o nome programático do trono acadiano *Šarru-kin*, que significa ‘o rei é legítimo’⁵³⁴.

A legitimidade, conforme apontamos no primeiro capítulo, foi a mais importante e contínua preocupação dos reis de Agade, desde sua fundação, por Sargão, até o colapso após Šarkališarri, devido às constantes crises internas do reino. As inscrições do RIME 2.1.1.1-15 são fundamentais para a compreensão das três primeiras fases de expansão. Estas inscrições são baseadas em dois conjuntos de cópias, CBS 13972 e Ni 3200, provenientes de Nippur. Abaixo, tabela mostrando em quais desses tablettes estão as inscrições do RIME 2.1.1.1-15.

Tabela 4 - Tabela das inscrições RIME 2.1.1.1-15 nos tablettes CBS 13972 e Ni 3200

Inscrição	CBS 13972	Ni 3200
RIME 2.1.1.1	consta	consta
RIME 2.1.1.2	consta	consta
RIME 2.1.1.3	consta	consta
RIME 2.1.1.6	consta	não consta
RIME 2.1.1.7	consta	não consta
RIME 2.1.1.8	consta	não consta
RIME 2.1.1.9	consta	consta
RIME 2.1.1.11	consta	consta
RIME 2.1.1.12	consta	consta
RIME 2.1.1.13	consta	consta
RIME 2.1.1.14	não consta	consta
RIME 2.1.1.15	consta	consta

Fonte: Frayne, Douglas. *Sargonic and Gutian Periods, 2334-2113 BC. The Royal Inscriptions of Mesopotamia*, v. 2. Toronto; Buffalo: University of Toronto Press, 1993.

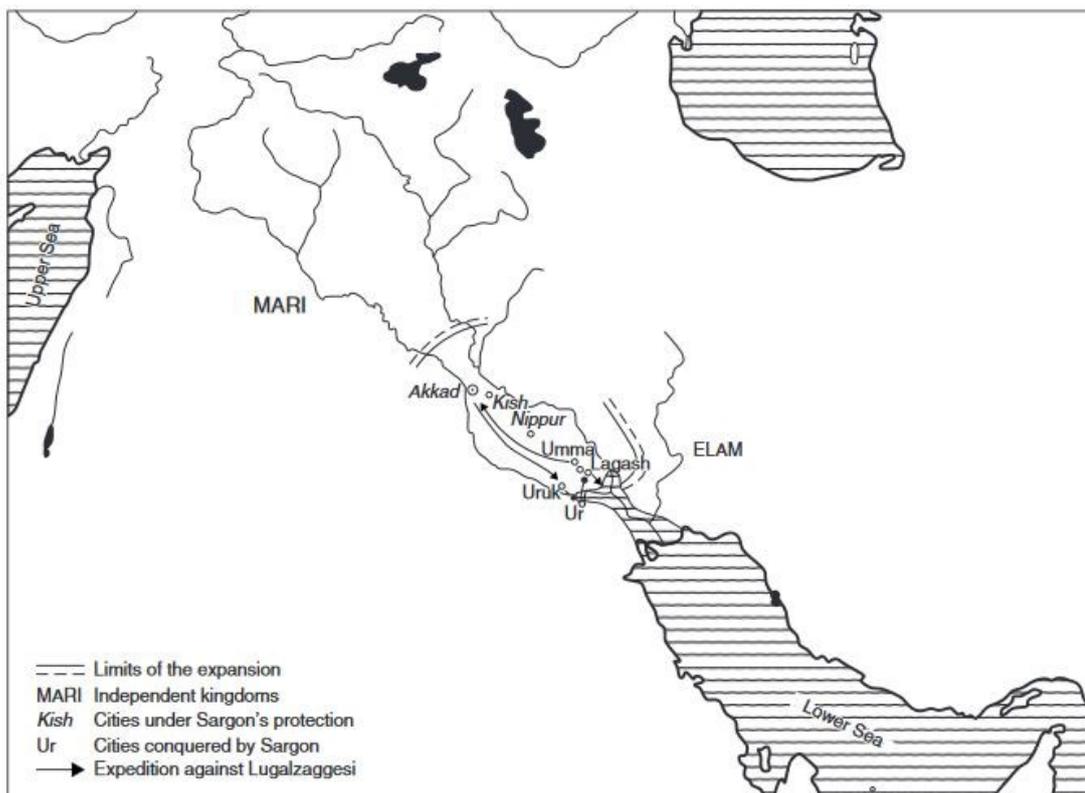
Conforme percebemos na tabela acima, uma mesma inscrição pode estar em duas recensões distintas e algumas inscrições estão presentes apenas em uma, mas não na outra. Neste trabalho, utilizaremos apenas algumas dessas inscrições referentes a Sargão que consideramos mais importantes ao nosso tema.

A primeira fase de formação do reino acadiano foi a guerra contra Lugalzagezi, momento em que, conforme sugere o assiriólogo Gebhard Selz, “[...] os reinados de

⁵³⁴ MARC VAN DE MIEROOP, 2016, p. 68. No entanto, devido às muitas incertezas sobre a vida de Sargão considera-se impossível determinar se *Sarrukin* é um nome de trono ou de nascimento. Desse modo, há defensores para ambas as hipóteses como ‘prováveis’. Para autores citados nesta dissertação que defendem a hipótese de que *Sarrukin* é nome de nascimento ver: FRAYNE, 1993, p. 7.; SCHRAKAMP, 2020, p. 612. Nós, no entanto, consideramos que este seja provavelmente um nome de nascimento que mais tarde serviu como nome de trono para destacar a legitimidade do rei usurpador após a vitória sobre Lugalzagezi e seus aliados da Suméria.

Lugalzagesi e Sargão se sobrepuseram parcialmente⁵³⁵. As expedições de Sargão chegaram até o ‘Golfo Pérsico’ e derrotaram Lugalzagezi, rei de Uruk, e outros *ensi*, governadores, que controlavam as cidades da Suméria⁵³⁶. O mapa abaixo representa os limites dessa fase.

Figura 9 - O tamanho do reino de Agade sobre Sargão na primeira fase



Fonte: LIVERANI, M. *The ancient Near East: history, society and economy*. Tradução: Soraia Tabatabai. London; New York: Routledge/Taylor & Francis Group, 2014, p. 134.

Frayne publicou sete inscrições reais relacionadas às campanhas militares contra Lugalzagezi e seus aliados⁵³⁷. Reproduzimos e discutimos, abaixo, trechos de duas dessas inscrições que consideramos mais relevantes para a temática desse tópico. A primeira delas é a inscrição RIME 2.1.1.1 que possui 109 linhas, reconstruídas a partir do tablete CBS 13972 e Ni 3200 que são cópias do período babilônico antigo (2017-1595 A.E.C.) provenientes de Nippur,

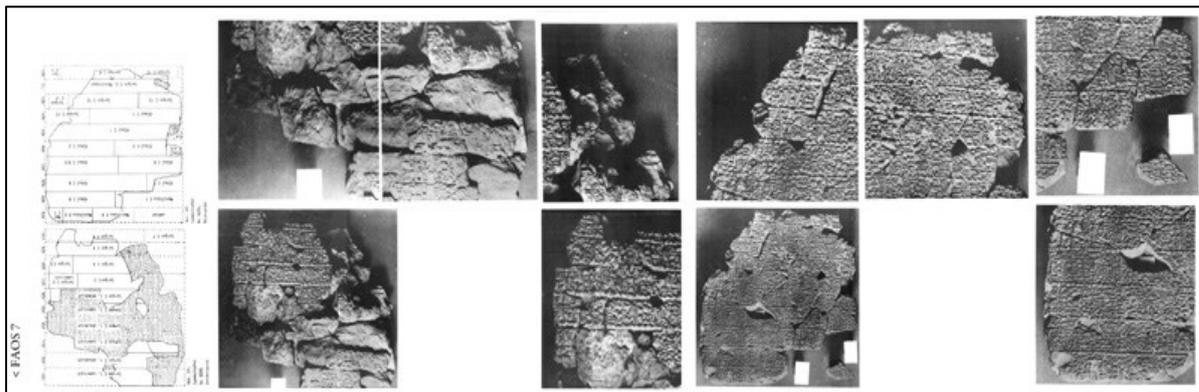
⁵³⁵ SELZ, G. J. *Sumerer und Akkader Geschichte, Gesellschaft, Kultur*. 3. ed. München: C.H. Beck, 2016, p. 63. “die Regierungszeiten von Lugalzagesi und Sargon teilweise überschneiden haben”.

⁵³⁶ LIVERANI, 2014, p. 133.

⁵³⁷ RIME 2.1.1.1-7. A inscrição RIME 2.1.1.2 foi discutida no primeiro capítulo desse trabalho.

atual Nuffar, feitas a partir de inscrições de estátuas colocadas⁵³⁸ no templo de Enlíl, na mesma cidade pelos reis acadianos. Os textos estão em acadiano e sumério. Para os fins de trabalho, traduzimos apenas a coluna em inglês da versão padrão de Douglas Frayne, que traduziu dos idiomas originais.

Figura 10 - Condições materiais do tablet Ni 3200



Tablete fragmentado em Nippur (mod. Nuffar), datado do período da Antiga Babilônia (aprox. 1900-1600 A.E.C.) e agora mantido no Arkeoloji Müzeleri, Istambul, Turquia. Fonte: CDLI. RIME 2.01.01.01, EX. 02 & RIME 2.01.01.02, EX. 02 & RIME 2.01.01.03, EX. 02 & RIME 2.01.01.09, EX. 02 & RIME 2.01.01.11 & RIME 2.01.01.12 EX. 02 & RIME 2.01.01.13 EX. 02 & RIME 2.01.01.14 EX. 02 & RIME 2.01.01.15, EX. 02 & RIME 2.01.02.01, EX. 02 & RIME 2 (P227510). [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://cdli.mpiwg-berlin.mpg.de/artifacts/227510>. Acesso em: 2 jan. 2024.

Acima destacamos as condições materiais do tablete Ni 3200 que foi utilizado por Frayne para a elaboração da versão standard em três colunas, acadiano, sumério e inglês da inscrição RIME 2.1.1.1 que traduzimos abaixo.

(1-11) [Sargão, rei de Agade, oficial de justiça da deusa Ištar, rei da totalidade, sacerdote ungido do deus An], senhor da terra, governador do deus Enlíl, (12-22) conquistou a cidade de Uruk e destruiu suas muralhas. Ele foi [vitorioso] sobre Uruk em batalha, [conquistou a cidade], (23-31) capturou [Lugal-z]agesi, rei de [Ur]uk, em batalha e o levou para o portão do deus Enlíl em um colar de pescoço. (32-43) Sargão, rei de Agade, venceu Ur em uma batalha, conquistou a cidade e destruiu sua muralha. (44-58) Ele conquistou Eninmar, destruiu suas muralhas e conquistou seu distrito e Lagaš até o mar. Lavou suas armas no mar. (59-66) (59-66) Ele venceu a batalha contra Umma, [conquistou a cidade e destruiu suas muralhas]. (67-72) [Para Sargão], o deus Enlíl [não deu] ri[val] da terra. (73-78) O deus Enlíl lhe deu [o Mar Superior e] o [Mar Inferior], (79-85) de modo que desde o Mar Inferior <até o Mar Superior>, os cidadãos de Agade [detinham] os governos (da terra). 86-93) Mari e Elão se apresentaram (em obediência) diante de Sargão, senhor da terra. 94-101) Sargão, senhor da terra, alterou os dois locais de Kiš. Ele fez com que as duas (partes de Kiš) ocupassem (uma) cidade. (102-109) Quanto àquele que remover esta inscrição, que o

⁵³⁸ Com poucas exceções, como a estátua de Bassekti, a maioria dessas estátuas se perderam, sobrevivendo apenas as inscrições que delas foram copiadas por escribas de períodos posteriores.

deus Šamaš arranque suas fundações e destrua sua progênie. (Colophon 1-2) Inscrição em sua base⁵³⁹.

As inscrições reais possuem materialidade, são atores sociais, de modo que podemos falar da materialidade do texto⁵⁴⁰. Essa proposição é importante para análises das evidências internas e externas das fontes, bem como o papel da trajetória das fontes desde sua produção até sua catalogação e publicação. As linhas 01 a 07 desta fonte estão danificadas, portanto, ilegíveis. Porém, foram preenchidas, entre colchetes, pelo publicador. Muitos tabletes cuneiformes chegaram até nós danificados, faltando pedaços e contendo partes ilegíveis. Isso ocorre porque tabletes cuneiformes são artefatos e, como tal, estão sujeitos às diversas intempéries do ambiente nos quais se encontram, seja no arquivo de uma cidade da antiguidade, seja enterrado em um *tell* ou exibidos nas prateleiras de um museu⁵⁴¹.

A expressão “governador do deus Enlíl”⁵⁴², sugere que o rei de Agade visava juntar seus interesses políticos e militares ao sistema cúltico já estabelecido na Suméria, algo que pode ser percebido na promoção de sua filha Enheduanna, como suma sacerdotisa do deus Nanna em Ur, onde ela se tornou a esposa do deus recebeu um nome sumério⁵⁴³. Na linha 10 da inscrição, o tablete em sumério acrescenta o lexema “gal” (grande), após *én-si*, ao referir-se a Sargão, o mesmo não ocorre com a versão acadiana da inscrição. Esta ênfase na grandeza de Sargão ligada ao culto Enlíl em Nippur no discurso real é emblemático. Enlíl era um dos principais deuses mesopotâmicos, um deus dos ventos e do clima, do qual depende a agricultura, e um deus com características políticas presidindo a assembleia dos deuses⁵⁴⁴. Nesse sentido, a escolha de Enlíl como uma divindade importante para Sargão pode sugerir uma estratégia para legitimar seu governo e suas conquistas, se associando a uma divindade influente da mitologia suméria.

⁵³⁹ FRAYNE, 1993, p. 10–12.

⁵⁴⁰ OTT, M. R.; AST, R. Textkulturen. In: DEUTSCHE FORSCHUNGSGEMEINSCHAFT. **Materiale Textkulturen**. [S. l.]: De Gruyter, 2015, p. 191–198. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110371291.191>. Acesso em: 15 jul. 2023.; RANIERI; FATTORI, 2021.

⁵⁴¹ Segundo Liverani, “Apenas algumas das inscrições reais de Sargão e seus sucessores sobreviveram em sua versão original. Na maioria das vezes, temos cópias da Antiga Babilônia (de Nippur e Ur) escritas como um exercício paleográfico e historiográfico” LIVERANI, 2014, p. 133. Isso nos ensina duas coisas, primeiro que devemos reconhecer a parcialidade das evidências sobreviventes, segundo que as certezas históricas são sempre relacionais, provisórias e complexas. Isso é previsto na teoria da complexidade que adotamos, “o conhecimento completo é impossível” MORIN, 2005b, p. 7.

⁵⁴² *énsi-gal^denlíl*, em sumério nas linhas 10-11 do tablet CBS 13972; *ÉNSI^dEn-líl* em acadiano nas linhas 10-11 do tablet Ni 3200. GELB, I. J.; KIENAST, B. **Die altakkadischen Königsinschriften des dritten Jahrtausends v. Chr.** Stuttgart: F. Steiner, 1990. (Freiburger altorientalische Studien, v. Bd. 7), p. 157. Cf. FRAYNE, 1993, p. 10.

⁵⁴³ MARC VAN DE MIEROOP, 2016, p. 70.

⁵⁴⁴ LEICK, 2010a, p. 60.

A menção à derrubada da muralha de Uruk destaca os propósitos políticos desse rei. Uruk era a cidade das “grandes muralhas”⁵⁴⁵, que experimentou uma das primeiras globalizações no mundo antigo, relacionando diversas regiões da Mesopotâmia, na qual pessoas, ideias e objetos circulavam, impactando a vida das pessoas em toda a região e além⁵⁴⁶. Apropriar-se do espaço de Uruk não significava apropriar-se apenas de um lugar real, mas também de um espaço simbólico representado pela cidade⁵⁴⁷ e toda a sua carga de sentidos, que pode incluir também a ideia de que os deuses abandonaram as cidades vencidas à desolação e à devastação da guerra⁵⁴⁸. Isso, por sua vez, poderia ser interpretado como providência divina que o vencedor obteve previamente por consultar e seguir os presságios, que eram estimados na Mesopotâmia para antecipar o resultado de uma batalha⁵⁴⁹. Portanto, isso é coerente com o restante da inscrição. Após a derrota de Uruk, depois de várias batalhas, Lugalzagezi é levado até os portões de Enlíl, em Nippur, em demonstração pública de que os deuses elegeram Sargão para ser o único “rei” (Lugal)⁵⁵⁰. Além disso, segundo Foster, “quando Sargão listou suas realizações no pátio de Enlíl em Nippur, ele destacou quatro: conquista, reforma da administração, promoção do comércio internacional e a manutenção de um grande exército permanente”⁵⁵¹. Temos aqui, portanto, quatro meios de adquirir complexidade, horizontal e vertical, e de mantê-la.

A menção a Elam e Mari não significa ordem cronológica. Esta inscrição, foi compilada no período babilônico, junta diversas inscrições de diferentes anos. Na primeira fase de formação, provavelmente não houve incursões ao norte ou contra os elamitas, algo que teria ocorrido na terceira fase de formação, embora uma cronologia segura das incursões não esteja estabelecida⁵⁵². A inscrição afirma que Sargão “lavou suas armas no mar”, da perspectiva global, isso pode significar que o rei estaria “[...] afirmando desse modo a sua capacidade de

⁵⁴⁵ SANTOS, D. V. C. dos; CONTADOR, A. L.; CRESCENCIO, A. A. REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO DA CIDADE NA EPOPÉIA DE GILGAMESH: A URUK DAS GRANDES MURALHAS. **Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais** – UEG/UnU, Iporá, v. 1, n. 2, p. 115–129, 2012.

⁵⁴⁶ JENNINGS, 2011, p. 79.

⁵⁴⁷ A cidade é uma realidade ou comunidade imaginada, formada não apenas por becos, estradas, casas, templos, palácios e outros segmentos materiais, mas constituída também por expectativas e crenças coletivas que podem ser comparadas à redes compartilhadas de símbolos e discursos que lhe dão sentido. Cf. ANDERSON, 2008.; GRAEBER; WENGROW, 2021.; HARARI, 2017. Cf. Também “formação discursiva” em: ORLANDI, 2000, p. 42–45.

⁵⁴⁸ BAHRANI, Z. **Rituals of war: the body and violence in Mesopotamia**. New York: Cambridge: Zone Books; Distributed by The MIT Press, 2008, p. 166.

⁵⁴⁹ MANDER, P. War in Mesopotamian Culture. In: ULANOWSKI, K. (org.). **The Religious Aspects of War in the Ancient Near East, Greece, and Rome**. Leiden; Boston: BRILL, 2016, p. 3–22. Disponível em: https://doi.org/10.1163/9789004324763_003. Acesso em: 29 dez. 2023, p. 15.

⁵⁵⁰ SCHRAKAMP, 2020, p. 620.

⁵⁵¹ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 166.

⁵⁵² FRAYNE, 1993, p. 8.

alcançar um dos limites do mundo conhecido, o Golfo Pérsico, e de usufruir do comércio que por essa via entrava na Mesopotâmia”⁵⁵³. As linhas 102-109 invocam o deus Šamaš contra qualquer um que atentasse contra a inscrição que teria sido copiada da base de uma estátua, conforme a anotação escriba, que produziu a cópia no período babilônico antigo (2017–1595 A.E.C.). Segundo Joan G. Westenholz, “a suposição subjacente é que a destruição do nome deve ser equiparada à destruição da pessoa para a eternidade. Não é o indivíduo sozinho, mas a continuidade do grupo ao qual ele pertence”⁵⁵⁴. Segundo Bahrani, “o poder das imagens de culto do deus e das representações do rei em estátuas, estelas e monumentos públicos antigos era tal que se acreditava que a remoção de qualquer uma delas teria sérias consequências para o estado”⁵⁵⁵. Essa advertência remete às possíveis contestações que poderiam ocorrer, e que por fim ocorreram, contra a legitimidade desses reis, destacando novamente uma constante dos reis acadianos, o problema da legitimidade que já mencionamos.

A segunda fase de formação do reino de Acade não foi focada em campanhas militares, mas na reorganização das rotas comerciais⁵⁵⁶. Provavelmente, desde a primeira ‘globalização’, em Uruk e suas redes de contatos⁵⁵⁷, havia comércio de curta e longa distância entre Mesopotâmia e outras regiões como Dilmun, Magan, Meluḫa, Aratta, Kaftor e Egito⁵⁵⁸. Segundo Foster:

A Mesopotâmia era pobre em mercadorias de prestígio para a elite e os grupos dominantes acumularem, exibirem e usarem como riqueza e símbolos de status. Isso significa que, desde a época das primeiras cidades, foram encontrados mecanismos para adquirir mercadorias como pedras semipreciosas, coníferas perfumadas, especiarias, madeiras nobres e metais industriais e de luxo por meio de exploração, expedições de pilhagem, caravanas terrestres e comércio marítimo⁵⁵⁹.

⁵⁵³ MONTE, M. L. P. do. ‘Rei das Quatro Regiões’: Sargão de Akkad e o modelo imperial na Mesopotâmia. *In*: LEÃO, D.; RAMOS, J. A.; RODRIGUES, N. S. **Arqueologias de Império**. 1. ed. [S. l.]: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, p. 89–105. Disponível em: https://doi.org/10.14195/978-989-26-1626-1_5. Acesso em: 4 maio 2022, p. 97.

⁵⁵⁴ WESTENHOLZ, J. G. The Old Akkadian Evidence for the Destruction of Name and Destruction of Person. *In*: ICONOCLASM AND TEXT DESTRUCTION IN THE ANCIENT NEAR EAST AND BEYOND. Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago, 2012, p. 92. *Damnatio memoriae* – “danificar a memória” – A prática podia ser deliberada visando destruir uma inscrição ou visando a reutilização do material do artefato. O artefato é um objeto social, portanto, “a prática do reuso é difícil de separar de outras obras com e sobre o que está escrito, por ocorrer de diversas formas e sempre apresenta as características intrínsecas de práticas correlatas, como reutilizar, reciclar, reaproveitar, transcender ou destruir, danificar e destruir” BOLLE, K.; THEIS, C.; WILHELMI, L. Wiederverwenden. *In*: DEUTSCHE FORSCHUNGSGEMEINSCHAFT. **Materiale Textkulturen**. [S. l.]: De Gruyter, 2015, p. 723–734. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110371291.723>. Acesso em: 15 jul. 2023.

⁵⁵⁵ BAHRANI, 2008, p. 163.

⁵⁵⁶ LIVERANI, 2014, p. 135.

⁵⁵⁷ JENNINGS, 2011.

⁵⁵⁸ PODANY, A. H. **Brotherhood of kings: how international relations shaped the ancient Near East**. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2010.

⁵⁵⁹ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 178.

O comércio era feito pelo *tamkarum*, “mercador, homem de negócios”⁵⁶⁰, termo derivado de uma raiz que significa “fazer negócios”⁵⁶¹. Era um trabalhador qualificado, conhecedor das artes da compra, venda, pesagem e transporte de mercadorias, que poderia ser vinculado ao palácio ou independente dele. O deus Šamaš (Utu para os sumérios) era invocado para garantir a justiça na pesagem e a honestidade dos mercadores, pois, a acumulação de riquezas pelos mercadores era vista com suspeita⁵⁶². Um poema intitulado *The valorous sun* [o valoroso sol], dedicado à Shamaš, sugere que aqueles que estão envolvidos em atividades longínquas, tal como os soldados e comerciantes, são protegidos pelo deus, para garantir recursos cheguem até os nobres e os deuses. Abaixo, reproduzimos parcialmente o texto do poema:

Ele [Šamaš] sustenta ativistas e comerciantes viajantes em terras estrangeiras. As terras estrangeiras rendem lápis e prata ao comerciante viajante. A floresta de cedro rende madeira não trabalhada, buxos, cipreste, (de pé alto) padrão esplêndido, adequado para um nobre adornar sua casa. Ele carrega sua barça com aromáticos, óleos, mel, os bens que os comerciantes trazem. E incenso dos deuses, zimbros, amêndoa e... óleo⁵⁶³.

Šamaš é constantemente invocado nas inscrições reais dos reis acadianos contra aqueles que apagam suas inscrições, presumivelmente feitas com a proteção do deus. O poema é um dos registros que indicam a importância do comércio no período acadiano. Assim, como no poema acima, há uma equiparação entre mercadores e aqueles que lutam campanhas em terras distantes, Sargão gabou-se de seus triunfos militares e do comércio com terras distantes. Em uma de suas inscrições, “diz-se que navios de áreas ultramarinas, como Dilmun (Bahrein), Magan e Meluša (vale do Indo), atracaram no porto de Acade”⁵⁶⁴. Em outra inscrição lemos que “*Sargão, rei da totalidade, foi vitorioso em 34 campanhas e desmantelou (todas) as cidades, até a costa do mar. No cais de Agade, ele fez atracar navios de Meluša, navios de*

⁵⁶⁰ BLACK, Jeremy Allen; GEORGE; POSTGATE, 2000, p. 397.; HALLORAN, J. A. **Sumerian lexicon: a dictionary guide to the ancient Sumerian language**. 1. ed. Los Angeles: Logogram Pub, 2006a, p. 40. Ex. Acad. Makaru; Hebr. מכר

⁵⁶¹ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 180.

⁵⁶² MONROE, C. M. Money and Traders. In: A COMPANION TO THE ANCIENT NEAR EAST. [S. l.]: John Wiley & Sons, Ltd, 2020, p. 145–164. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781119362500.ch9>. Acesso em: 12 mar. 2023, p. 150–151.

⁵⁶³ (iv: 16-20) ‘He sustains campaigners and traveling merchants in foreign lands, The foreign lands render up lapis and silver to the traveling merchant, The cedar forest yields unworked timber, boxwood, cyprus, (standing tall like) splendid standards, Fit for a nobleman to adorn his house. He loads his barge with aromatics, oils, honey, the goods that merchants bring, And incense of the gods, juniper, almond, and ... -oil’. FOSTER, Benjamin Read. **Before the Muses: an anthology of Akkadian literature**. 3ed. Bethesda (Md.): CDL press, 2005, p. 51.

⁵⁶⁴ MARC VAN DE MIEROOP, 2016, p. 71.

Magan e navios de Dilmun”⁵⁶⁵. Meluça, Magan e Dilmun eram conexões comerciais de longa distância que colocavam Agade em contato com o mundo fora da Mesopotâmia. Stiebing e Helft sugerem que as rotas foram garantidas por Sargão mediante suas campanhas⁵⁶⁶, possível razão pela qual a fonte relaciona a campanha “até a costa do mar” com a atracagem de navios em Agade.

Meluça ficava no vale do Indo e de lá vinham itens de altíssimo valor na Mesopotâmia, tais como madeiras especiais de ébano, ouro, marfim, cornalina, lápis-lazúli⁵⁶⁷; bem como búfalos, zebus, macacos e elefantes⁵⁶⁸. A distância de Agade até a região de Meluça era de aproximadamente 3000 quilômetros pela costa, levando vários meses de viagem. Presume-se que, devido à imensa distância, o rei orgulha-se de apresentá-la em sua inscrição⁵⁶⁹. No entanto, segundo McPherson, se faz necessário o exercício da cautela para não pensarmos que as longas distâncias eram feitas em uma única viagem, em uma única rota, pois, muito provavelmente havia uma rede de rotas e entrepostos comerciais interligando as várias regiões conforme se constata em períodos posteriores⁵⁷⁰. Magan e Dilmun ficavam mais próximas de Agade, no mar baixo, atual Golfo Pérsico. De Magan adquiria-se a “pedra negra”, diorito utilizado na confecção de estátuas⁵⁷¹, enquanto “[...] Dilmun era um importante centro comercial onde carregamentos de grãos, lã, tecido, prata, gordura e resina podiam ser trocados por cobre e estanho”⁵⁷². No período acadiano, a maior parte do comércio no leste ocorria provavelmente por vias marítimas, enquanto por vias terrestres havia pouco contato entre as sociedades do planalto ao leste dos Zagros⁵⁷³. As rotas pelas montanhas dos Zagros eram arriscadas e as caravanas de mercadores poderiam ser atacadas e roubadas.

Conforme visamos destacar, o reino de Acade interagiu com outras regiões através do comércio, das guerras, bem como pela diplomacia. As fronteiras em todos os estágios de formação do reino foram fluídas, seja por estarem se expandindo, seja por não terem uma

⁵⁶⁵ PRITCHARD, J. B. **Ancient Near Eastern texts: relating to the Old Testament**. 3ed. with supplemented. Princeton, N.J: Princeton university press, 1969, p. 268.

⁵⁶⁶ STIEBING, W. H.; HELFT, S. N. **Ancient Near Eastern history and culture**. Third editioned. New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2018, p. 77.

⁵⁶⁷ CRAWFORD, H. Meluhha. In: BAGNALL, R. S. *et al.* (org.). **The Encyclopedia of Ancient History**. 1. ed. [S. l.]: Wiley, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781444338386.wbeah24144>. Acesso em: 7 jan. 2024.

⁵⁶⁸ PODANY, 2010, p. 48. Aqui, Podany está referindo-se à Maldição de Agade, discutida no quarto capítulo.

⁵⁶⁹ Ibid.

⁵⁷⁰ MCPHERSON, K. Trading Encounters: from the Euphrates to the Indus in the Bronze Age. **International Journal of Nautical Archaeology**, [s. l.], v. 38, n. 2, p. 429–430, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.1111/j.1095-9270.2009.00244_4.xp. 430.

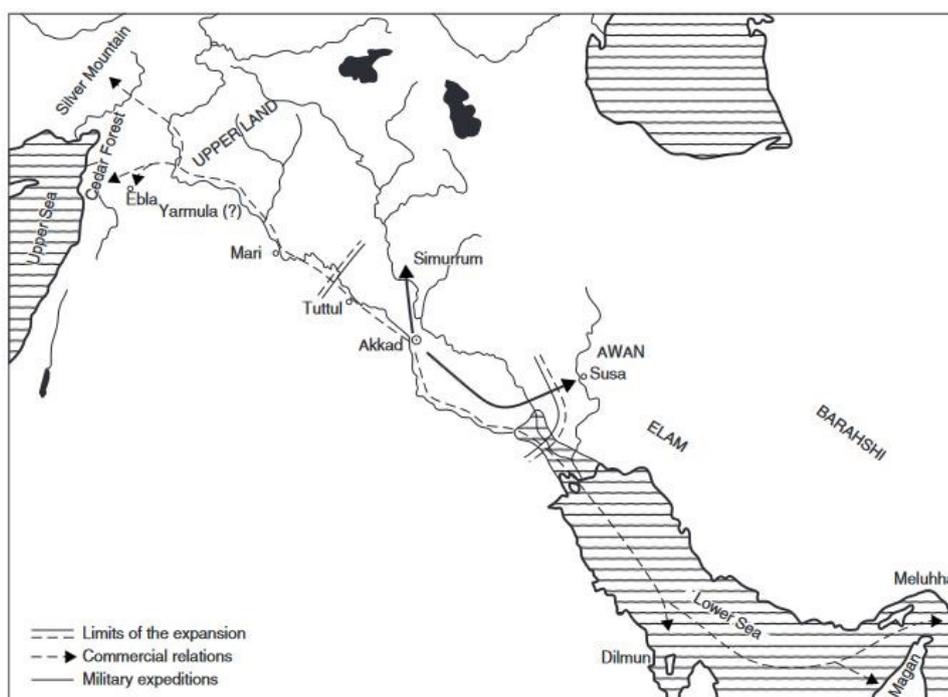
⁵⁷¹ PODANY, 2010, p. 47.

⁵⁷² FOSTER, Benjamin R.; FOSTER, K. P. **Civilizations of ancient Iraq**. Princeton: Princeton University Press, 2009, p. 45.

⁵⁷³ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 178.

demarcação clara, seja por estarem contraindo nos seus anos finais. Embora fronteiras na Mesopotâmia fossem imprecisas, elas provavelmente existiam na forma de marcadores de limites tais como estelas, muros, cadeias de montanhas, rios e outros tipos de marcadores⁵⁷⁴. Importa destacar que embora não houvesse noções precisas de fronteiras e limites, elas existiam e havia interações ao longo das fronteiras por intermédio de várias redes e fluxos culturais em ambas as direções, de modo que podemos perceber conexões globais⁵⁷⁵ que permitem definir o período acadiano como uma segunda globalização partindo de Agade, conforme defendemos, que teria ocorrido cerca de um milênio após a globalização de Uruk/Warka sugerida por Jennings⁵⁷⁶.

Figura 11 - O tamanho do reino de Agade sobre Sargão na segunda fase de formação



Fonte: LIVERANI, M. **The ancient Near East: history, society and economy**. Tradução: Soraia Tabatabai. London; New York: Routledge/Taylor & Francis Group, 2014, p. 134.

A terceira fase de formação ocorreu em direção ao Elam e Barahši, no planalto onde fica atualmente o sul do Irã, ao sudeste da Mesopotâmia. Foi esta fase que lançou as bases para

⁵⁷⁴ GROSBY, S. Borders and States. *In: A COMPANION TO THE ANCIENT NEAR EAST*. [S. l.]: John Wiley & Sons, Ltd, 2020, p. 225–241. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781119362500.ch13>. Acesso em: 12 mar. 2023, p. 235.

⁵⁷⁵ CONRAD, 2016a, p. 83.

⁵⁷⁶ JENNINGS, 2011.

os sucessores de Sargão, Rimuš e Maništušu⁵⁷⁷. Nesta fase ocorreram campanhas contra Mari e Simurrum, porém, a cronologia dessas campanhas é incerta⁵⁷⁸.

Da inscrição RIME 2.1.1.8, que está presente no tablete CBS 13972 - mas não no Ni 3200⁵⁷⁹ - nos interessa a sua primeira parte. Ela trata da terceira fase de formação do reino de Agade sob Sargão contra Elam e Parahsum. Assim é dito na inscrição:

1-7) Sargão, rei da totalidade, [c]onquistador de [El]am e Parašum. 8-19) Quanto a quem remover esta inscrição, que os deuses Enlíl, Šamaš e Ištar, arranquem seus alicerces e destruam sua descendência⁵⁸⁰.

Há quatro pontos importantes nessa inscrição. Nela, Sargão é rei da totalidade, literalmente rei de Kiš (Sum. LUGAL KIŠ). Kiš, segundo Hrouda, foi o centro inicial de reivindicação de poder dos semitas que migraram para a Mesopotâmia no período dinástico antigo⁵⁸¹. Nesse sentido, invocar o título rei de Kiš poderia ser entendido como “[...] uma afirmação do poder em resposta à pressão de Lugalzagezi que havia anexado Kiš e aspirava submeter toda a região ao norte de Nippur”⁵⁸², ao invés de uma autopromoção deliberada. Entretanto, a tese de reivindicação semita é questionada por Foster, pois, ele argumenta que “embora alguns estudiosos considerem a noção de realeza universal um fenômeno ‘semita’, os primeiros nomes semitas construídos com a palavra para ‘rei’ não confirmam essa tese e a associação da universalidade do governo com Kiš permanece inexplicada.”⁵⁸³. Em todo caso, o que se sabe é que há alguma relação entre ser rei de Kiš⁵⁸⁴ e ser rei da totalidade e os reis de Acade a exploraram⁵⁸⁵. A expressão “conquistador de Elam e Parahšum” evoca a imagem do “rei herói” das concepções semitas do norte, que já mencionamos, e a imagem de uma realeza autocrática e conquistadora com pretensões de domínio global na Mesopotâmia⁵⁸⁶. A expressão também consta nas inscrições RIME 2.1.1.9 e 10 como conquistador de Elam e Parahšum, bem como nas inscrições RIME 2.1.1.4 e 5, como conquistador de Uruk. O sumerograma SAG-GIŠ-RA, na sua forma verbal, significa “matar, assassinar, executar, bater até a morte”, sendo

⁵⁷⁷ LIVERANI, 2014, p. 135.

⁵⁷⁸ FRAYNE, 1993, p. 8.

⁵⁷⁹ Ver tabela das inscrições RIME 2.1.1.1-15

⁵⁸⁰ FRAYNE, 1993, p. 22–23.

⁵⁸¹ HROUDA, 1997, p. 24.

⁵⁸² ANTONIO CABALLOS RUFINO; DELGADO, 1988, p. 40.

⁵⁸³ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 165.

⁵⁸⁴ “Presumably as a consequence of his defeat of Kish, Sargon adopted the title LUGAL KIS, which in the context of the Sargonic royal inscriptions should be translated 'king of the world'. Having consolidated his control over Babylonia, Sargon next moved against the south” FRAYNE, 1993, p. 7.

⁵⁸⁵ Todos os reis sargônicos, Sargão, Rimuš, Manistushu, Naram-Sîn e Sar-Kali-sarri utilizaram a expressão “rei de Kish” com a conotação “rei da totalidade”, i.e, de toda a Mesopotâmia.

⁵⁸⁶ SCHRAKAMP, 2020, p. 667.; STEINKELLER, P. Early political development in Mesopotamia and the origins of the Sargonic empire. [s. l.], v. 5, History of the Ancient Near East. Studies ; HANE. S, p. 107–129, 1993.

formado pelas palavras “cabeça + ferramenta de madeira + atacar”⁵⁸⁷. Na inscrição, os deuses Enlíl, Šamaš e Ištar aparecem juntos, eles também são mencionados na inscrição RIME 2.1.1.1 que analisamos acima. A menção aos deuses, especialmente a Enlíl e Ištar, pode sugerir que a intenção do rei era estabelecer uma base religiosa e garantir a conexão entre o norte e o sul da Mesopotâmia⁵⁸⁸. Este também foi o provável motivo para a nomeação de Enheduanna como sacerdotisa em Nippur, pois, conforme argumenta Schrakamp, um texto de Enheduanna chamado “exaltação de Inanna”, “[...] pode refletir sua tentativa de estabelecer a deusa Ištar (Inanna suméria) como a divindade do estado”⁵⁸⁹. De acordo com Estafanía Bernabé-Sánchez e Kátia Pozzer:

Nesse contexto de reescrita da história e de usurpação do poder, Enheduanna é nomeada pelo seu pai alta sacerdotisa (en), na procura de uma figura poderosa que desse suporte, como instrumento nas suas mãos, ao ambicioso projeto político-social que ele gestava¹⁵, revolucionário desde toda prática⁵⁹⁰.

Nesse sentido, vê-se configurada uma teologia política que visa sustentar a nova arquitetura de poder na Mesopotâmia. Por sustentar, entende-se que há forças opostas que poderiam levar ao rompimento dessa arquitetura, o que chamamos de colapso.

No governo de Rimuš, sucessor de Sargão, campanhas militares continuaram a ocorrer. Entretanto, o objetivo delas era combater cidades revoltosas. O reino de Rimuš começou com guerras e conflitos violentos, de modo que dois assuntos são temas centrais em suas inscrições: uma revolta maciça no centro e no sul da Mesopotâmia e uma campanha militar contra reino dos elamitas⁵⁹¹. Houve dois períodos de campanhas no governo do rei Rimuš. O primeiro ocorreu na Suméria contra Adab, Zabala, Umma, Lagaš, Ur, e a região do Golfo e uma campanha contra Kazallu ao retornar do sul; o segundo ocorreu no leste contra Parahšum, Zahara e Elam⁵⁹². A curta duração de 9 anos, ou 15, da duração do governo de Rimuš e o fato as campanhas de Rimuš foram em resposta às rebeliões de algumas cidades da Mesopotâmia, pode explicar a razão de não haver ocorrido expansões territoriais no reino de Rimuš.

⁵⁸⁷ HALLORAN, 2006a, p. 224.

⁵⁸⁸ SELZ, 2016, p. 69.

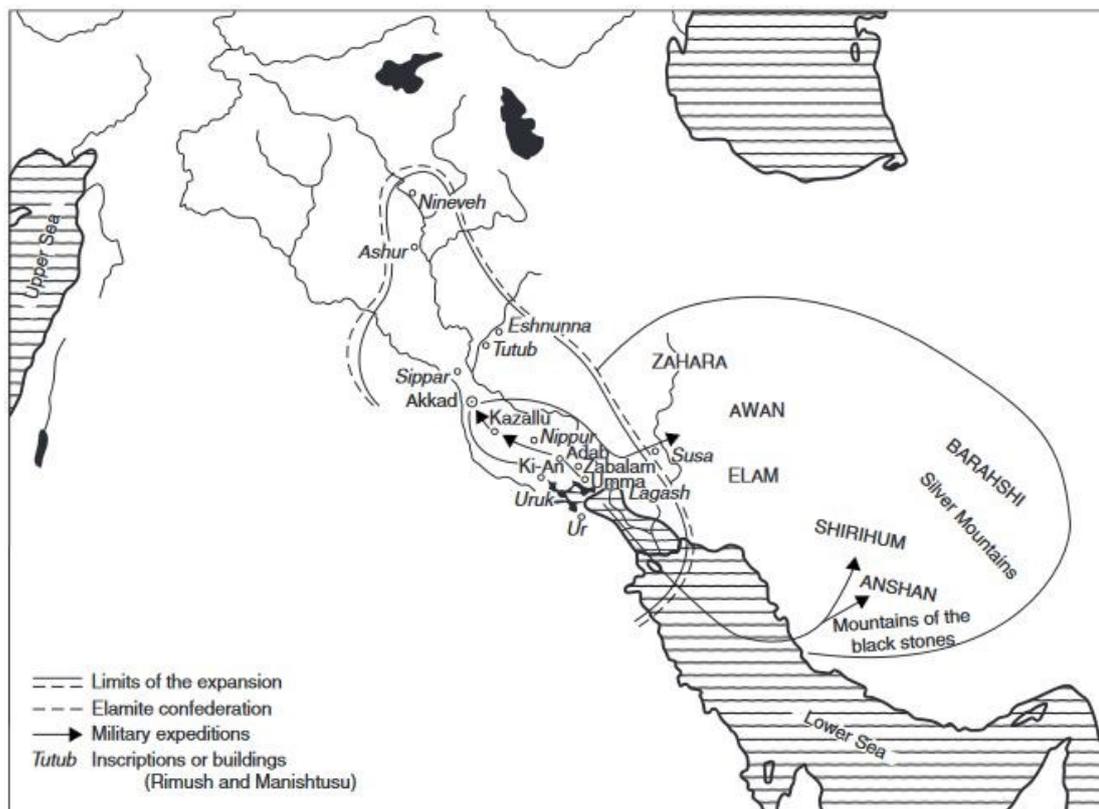
⁵⁸⁹ SCHRAKAMP, 2020, p. 264.

⁵⁹⁰ SÁNCHEZ, E. B.; POZZER, K. M. P. Eu, Enheduanna. [s. l.], 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/274773>. Acesso em: 7 maio 2024, p. 15.

⁵⁹¹ PIOTR MICHALOWSKI, 2020, p. 714.

⁵⁹² FRAYNE, 1993, p. 40.

Figura 12 - O tamanho do reino de Agade nos reinados de Rimuš e Manistušu



Fonte: LIVERANI, M. **The ancient Near East: history, society and economy**. Tradução: Soraia Tabatabai. London; New York: Routledge/Taylor & Francis Group, 2014, p. 136.

O estilo das inscrições de Rimuš segue o padrão que já vimos nas inscrições de Sargão. Porém, a contagem de mortos e prisioneiros foi uma novidade acrescentada. Na inscrição RIME 2.1.2.1, nas linhas 1-13, contida no mesmo tablete, Ni 3200, com as inscrições de Sargão, relacionada ao primeiro período de campanhas de Rimuš nos informa o seguinte: “(1-3) *Rimuš, rei da totalidade*⁵⁹³, (4-13) *foi vitorioso sobre Adab e Zabala, em batalha, e abateu 15,718 homens. Ele levou 14,576 cativos*”⁵⁹⁴. A ênfase nas inscrições reais de Rimuš é na grande quantidade de inimigos abatidos e aprisionados. Esta ênfase está presente em seis inscrições reais, das quais citamos parcialmente a primeira⁵⁹⁵. Segundo Mieroop, “a oposição a Acade na Babilônia foi uma característica permanente do período e pode ter sido a principal causa de seu fracasso”⁵⁹⁶. Todos os sucessores de Sargão, no trono de Agade, enfrentaram rebeliões internas, que geralmente eram reprimidas com atitudes drásticas, embora certamente haja exageros nas

⁵⁹³ Literalmente: Rei de Kish (lugal kish)

⁵⁹⁴ FRAYNE, 1993, p. 41.

⁵⁹⁵ A contagem de números pretensamente “exatos” de mortos, e/ou prisioneiros de guerra, ocorrem nas inscrições RIME 2.1.2.1 – 6.

⁵⁹⁶ MARC VAN DE MIEROOP, 2016, p. 74.

inscrições. As rebeliões chegaram a ocorrer mesmo nos arredores da capital Agade, o que pode ser um indicativo de que a ideia de um reino centralizado era intolerável em toda a Mesopotâmia⁵⁹⁷. Isso é compreensível, visto que segundo Selz, “parte da população foi enviada para campos de trabalho, e estima-se que as cidades rebeldes perderam cerca de um terço de sua força de trabalho masculina adulta”⁵⁹⁸. Os exércitos de Agade eram mantidos principalmente por trabalhadores alistados por meio da conscrição, deslocados dos campos de agricultura, isso significa que uma guerra em tempos de plantação ou colheita poderia prejudicar seriamente a safra. Muitos trabalhadores morriam nessas guerras. Portanto, se considerarmos a falta de trabalhadores era um problema comum mesmo em tempos de paz, não é extraordinário que Rimuš tenha feito muitos prisioneiros de guerra para suprir essa demanda. Além disso, as consideráveis perdas das cidades rebeldes possivelmente facilitaram a promoção da rede de patrocínio real pela alocação de terras, que pertenciam aos rebeldes, nas mãos de oficiais militares de alto escalão⁵⁹⁹, visando sua fidelidade à coroa.

Rimuš foi sucedido por Manistušu (2275-2261 A.E.C.), que provavelmente reinou apenas 15 anos, embora essas cronologias sejam problemáticas⁶⁰⁰. Suas inscrições não são numerosas e, para os fins desse trabalho, o mais importante artefato do seu reino é seu obelisco de diorito, analisado no próximo tópico. Segundo Leick, “embora, como seu antecessor e irmão Rimuš, ele tenha tido que reprimir rebeliões generalizadas contra seu governo, ele também realizou comércio de longa distância com regiões como Magan, e se envolveu em atividades de construção”⁶⁰¹. A inscrição RIME 2.1.3.1, a “inscrição padrão”, ficou conhecida a partir de cinco exemplares originais e de três cópias do período babilônico antigo⁶⁰². O ponto central nessa inscrição é a derrota de uma coalizão de trinta e duas cidades na região do Golfo. Nessa inscrição encontra-se o seguinte:

(1-3) Manistušu, rei da totalidade: (4-8) quando ele conquistou Anšan e Širichum, (9-12) tinha ... navios cruzando o Mar Baixo. 13-19) As cidades do outro lado do mar, em número de trinta e duas, reuniram-se para a batalha, mas ele foi vitorioso. (20-24) Além disso, ele conquistou suas cidades, [de]rrub[o]u seus governantes (25-30) e, depois de [despertá-las (suas tropas)], saqueou até as Minas de Prata. (31-41) Ele

⁵⁹⁷ Ibid.

⁵⁹⁸ SELZ, 2016, p. 70.

⁵⁹⁹ Ibid.

⁶⁰⁰ FRAYNE, 1993, p. 74.; SELZ, 2016, p. 70.

⁶⁰¹ LEICK, 2010a, p. 111.

⁶⁰² FRAYNE, 1993, p. 74. Trata-se dos seguintes materiais: Um fragmento de uma estátua de diorito proveniente de Susa, número de museu Sb 51; Um fragmento de pedra, número de museu Sb 15566; Um fragmento de uma estela de diorito ou base de estátua, proveniente de Nippur, número de museu CBS 19925; um fragmento de uma estela de granito, número de museu BM 56630; um fragmento de uma estela de granito, número de museu BM 56631; um tablete de argila do período babilônico antigo proveniente de Nippur, número de museu CBS 13972; um tablete de argila, número de museu Ni 3200 e; um tablete de argila proveniente de Ur, número de museu IM 85460. Os tabletas CBS 13972 e Ni 3200 são as mesmas cópias que contêm as inscrições de Sargão da tabela das inscrições RIME 2.1.1.1-15.

extraiu a pedra negra das montanhas do outro lado do mar inferior, carregou-a em navios e atracou-os no cais de Agade. (42-46) Ele fez uma estátua de si mesmo (e) a dedicou ao deus [Enlíl]. (47-52) Pelos deuses Šamaš e Ilaba eu juro que (estas) não são falsidades (mas) são de fato verdadeiras. (53-63) Quanto àquele que remover esta inscrição, que os deuses Enlíl e Šamaš destruam as fundações e destruam sua progênie.

Nas linhas 1-3 segue-se uma titulatura padrão dos reis de Agade, “*lugal Kiš*/rei da totalidade”. Nas linhas 4-8, a inscrição nomeia duas regiões “conquistadas”, Anšan e Širiḫum. Anšan foi identificada, na década de 70, com Tall-e Malyan, na cordilheira dos Zagros, a 43 quilômetros do sítio de Persépolis⁶⁰³, enquanto Širiḫum dever ser localizava nas regiões costeiras de Fars, ao oeste do Golfo, sudoeste do atual Irã, pois, Manistušu parte dali ao cruzar o mar⁶⁰⁴, para derrotar as outras trinta e duas cidades (linhas 9-19). Há um interesse econômico implícito na campanha militar de Manistušu, a obtenção de prata, utilizada no comércio. Nesse sentido, Amanda Podany argumenta que “quanto mais longe o ouro e a prata tivessem viajado de suas fontes originais, maior seria a importância de um rei ter o controle de grandes quantidades deles”⁶⁰⁵. Importantes para o rei são as “pedras negras” (linhas 31-41), de diorito, utilizadas principalmente na confecção de estátuas e estelas. Stiebing e Helft argumentam que a insegurança das rotas comerciais nas montanhas Zagros devido à hostilidade dos Gútios e Lullúbios dificultando o acesso à prata, bronze, lápis-lazúli e outros produtos, teria sido a principal razão para estas campanhas de Manistušu⁶⁰⁶. Um dos recursos cobiçados em Magan era o diorito. Portanto, a inscrição indica a construção de uma estátua do rei dedicada a Enlíl, presumivelmente feita de granito ou diorito obtido na campanha, e exibida no templo de Enlíl em Nippur.

A inscrição contém ainda um juramento em nome de Enlíl e Šamaš de que a inscrição é verdadeira (linhas 47-52). Os juramentos na Antiga Mesopotâmia eram levados muito a sério. Uma pessoa acusada de um crime poderia ser inocentada por juramento caso não houvesse evidências contra ela, pois, o juramento, sobretudo invocando os deuses, criava um compromisso de confiança, cuja quebra poderia ser considerada pior que o crime da qual era

⁶⁰³ SUMNER, W. M. **Early urban life in the land of Anshan: excavations at Tal-e Malyan in the highlands of Iran**. Philadelphia: University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, 2003. (University Museum monograph, v. 117).

⁶⁰⁴ BRYCE, T. **The Routledge handbook of the peoples and places of ancient western Asia: from the early Bronze Age to the fall of the Persian Empire**. London; New York: Routledge, 2009, p. 644.

⁶⁰⁵ PODANY, 2010, p. 38.

⁶⁰⁶ STIEBING; HELFT, 2018, p. 74.

acusada⁶⁰⁷. Jurar pelos deuses que está dizendo a verdade significa, em primeiro lugar, garantir a veracidade da inscrição. Embora o escriba possa mentir em juramento, consideramos muito improvável que mentisse jurando pelos deuses que levavam tão a sério como entes reais em sua visão cosmológica. O juramento é sucedido pela ameaça de destruição da progênie de qualquer um que a apagar. Na Mesopotâmia, os juramentos eram frequentemente vinculados a uma maldição. Nesse sentido, pode-se entender a destruição da progênie como uma espécie de maldição pela destruição de uma inscrição juramentada.

Algumas das inscrições reais acadianas foram gravadas em armas dedicadas a um deus⁶⁰⁸, normalmente numa maça, uma arma comum do exército de Agade. O que se percebe nessa prática é a importância do artefato, não apenas da inscrição. Pois era o artefato que se dedicava, não a inscrição.

A ênfase era à materialidade dos artefatos enquanto vetores de relações entre o rei, os deuses, e o público, que frequentava os lugares onde esses artefatos eram dedicados, sobretudo no Ekur em Nippur. Essa prática pode ser vista como uma estratégia política para obter o favor das elites sacerdotais sumerianas de modo a aceitarem as políticas e práticas religiosas do norte. Isso, segundo Liverani, “[...] permitiu o estabelecimento de uma relação privilegiada com o chefe do panteão sumério, um gesto que automaticamente colocou os reis acádios acima das outras divindades locais”⁶⁰⁹. Abaixo, destacamos uma maça contendo uma inscrição votiva de Naram-Sîn dedicada à deusa Ištar, em Nippur.

⁶⁰⁷ SCURLOCK, J. Oaths, ancient Near East. In: BAGNALL, R. S. *et al.* (org.). **The Encyclopedia of Ancient History**. 1. ed. [S. l.]: Wiley, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781444338386.wbeah01146>. Acesso em: 6 jan. 2024.

⁶⁰⁸ Todos os reis acadianos dedicaram, ferramentas de guerra, e outros objetos como vasos e estátuas de si, aos deuses, sobretudo para Enlíl, em Nippur. Nesses artefatos era registradas as inscrições. A grande maioria desses artefatos se perdeu, restando desses apenas as cópias de suas inscrições feitas mais tarde. Algumas das inscrições que demonstram essa prática de dedicação de artefatos aos deuses são: RIME 2.1.1.4, 9, 2001 (Sargão); RIME 2.1.2.4, 6, 10, 11, 12, 13, 14 [48 cópias], 15 e 16 (Rimuš); RIME 2.1.3.1, 3, 4 e 5 (Manistushu); RIME 2.1.4.3, 12, 13, 23, 25, 26, 31, 35, 36, 37, 48 e 50 (Naram-Sîn); RIME 2.1.5.4 e 9 (Sarkalissari).

⁶⁰⁹ LIVERANI, 2014, p. 138.

Figura 13 – Cabeça de maça com inscrição de Naram-Sîn à Istar (OIM A30975).



Fonte: RIME 2.01.04.37. Ex. 01, 2023. Disponível em: <https://cdli.ucla.edu/P216635>. Acesso em: 6 jan. 2024.

Tabela 5 - Inscrição Rime 2.1.4.37

Linha	Transcrição – RIME 2	Tradução da transcrição
1)	^d na-r[a-am]- ^d EN.ZU	Naram-Sîn
2)	LUGAL	rei dos
3)	ki-ib-ra-tim	quatro
4)	ar-ba-im	regiões
5)	a-na	que à
6)	^d INANN[A]	Istar (Inanna)
7)	in NIB[RU.KI]	em Nippur
8)	A.MU.RU	dedicou ⁶¹⁰

Essa tipologia de inscrição denominada votiva era bastante comum no formato de estelas de dedicação real, em sumério “na₍₄₎-rua₂”, e em acadiano, *narû(m)*⁶¹¹. Mais tarde, as inscrições reais em estelas votivas dão origem à “literatura *narû*”, discutida no quarto capítulo.

A quarta e última fase de formação territorial do reino de Acade ocorreu no governo de Naram-Sîn. Foi apenas no governo desse rei que o poderio acadiano se consolidou, pouco antes de colapsar. As campanhas de Naram-Sîn foram muitas e não cabe aqui analisá-las devido à não ser esse o nosso tema principal. O que importa é destacar que houve diversas campanhas direcionadas ao norte e ao sul da Mesopotâmia, discutir alguns pontos relevantes nessas

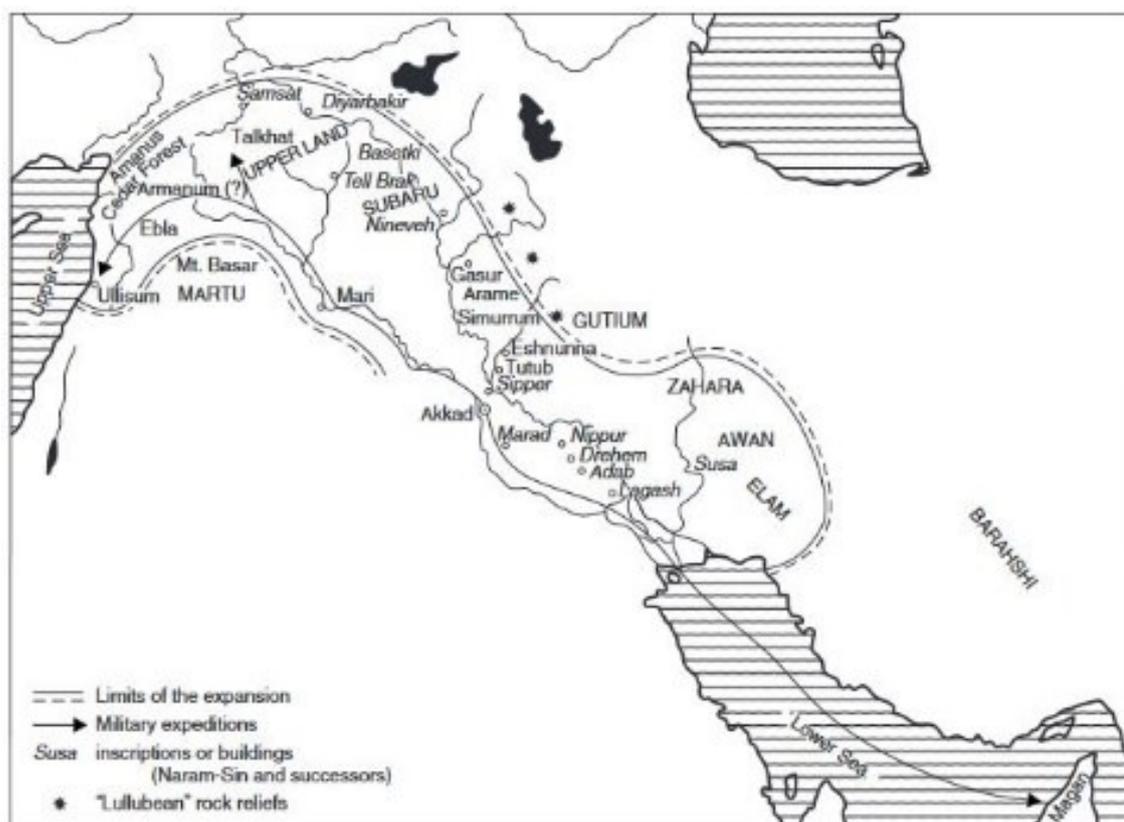
⁶¹⁰ FRAYNE, 1993, p. 148.

⁶¹¹ HALLORAN, 2006a, p. 185.

campanhas e analisar a Grande Revolta, pois, ela nos diz muito sobre razões para o colapso sociopolítico do reino de Agade.

Comparando Naram-Sîn com seus antecessores, Liverani observa que “se Sargão havia conquistado a Mesopotâmia, se Rimuš e Maništusu haviam enfrentado Elam, Naram-Sîn expandiu seus territórios principalmente para o norte e noroeste”⁶¹² e “[...] embarcou em um programa de construção de templos em larga escala que também incluiu a reconstrução do templo do deus Enlíl em Nippur”⁶¹³. As campanhas ao norte e noroeste fizeram de Acade um reino conectado de mar a mar.

Figura 14- Tamanho do reino de Acade no governo de Naram-Sîn



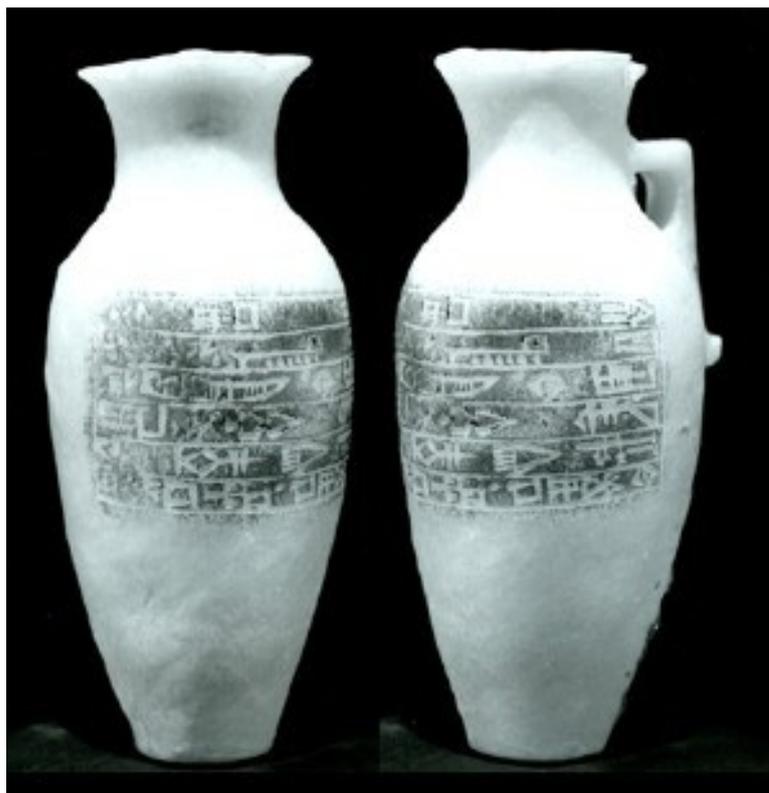
Fonte: LIVERANI, M. The ancient Near East: history, society and economy. Tradução: Soraia Tabatabai. London; New York: Routledge/Taylor & Francis Group, 2014, p.136

⁶¹² LIVERANI, 2014, p. 135.

⁶¹³ SCHRAKAMP, 2020, p. 633.

Ocorreram importantes campanhas ao norte da Mesopotâmia, por exemplo, contra Talmus⁶¹⁴, Simanum⁶¹⁵, contra um inimigo não identificado⁶¹⁶, e ao sul contra Magan. Em relação a essas circunstâncias, analisamos uma inscrição de Naram-Sîn gravada em quatro vasos referentes aos espólios de Magan.

Figura 15 - Vaso de Alabastro NBC 2527



Ex. 2 NBC 2527 de um dos quatro vasos com a inscrição RIME 2.1.4.4. Fonte: RIME 2.01.04.04, EX. 02 ARTIFACT ENTRY. [S. 1.], 2023. Disponível em: <https://cdli.ucla.edu/P216639>. Acesso em: 7 jan. 2024.

Tabela 6 - Inscrição RIME 2.1.4.4

1)	<i>na-ra-am</i> - ^d EN.ZU	1)	Naram-Sîn
2)	LUGAL	2)	rei dos
3)	<i>ki-ib-ra-tim</i>	3)	quatro
4)	<i>ar-ba-im</i>	4)	cantos.
5)	BUR	5)	um vaso,
6)	NAM.RA.AK	6)	espólio
7)	<i>má-gan</i> .KI	7)	de Magan ⁶¹⁷ .

⁶¹⁴ RIME 2.1.4.1, coluna IV (vi 1-3) “*Talmus, (e) mercadores da terra de Subartum (vi 4-13), aqueles que ele (...) e [co]nduziu [dia]nte da maça dos deuses Ilaba e Ishtar para a terra de GN, e...*” FRAYNE, 1993, p. 89.

⁶¹⁵ RIME 2.1.4.2, coluna II (ii 3-6) “*Ele (Naram-Sîn, foi) de Šimanu para Šišil*” Ibid., p. 91.

⁶¹⁶ RIME 2.1.4.3

⁶¹⁷ FRAYNE, 1993, p. 100.

A expressão “*Lugal kibratim arbaim*” (rei das quatro regiões), segundo Charpin, denota um elevado status do rei como tendo pretensões expansionistas de domínio, pois, “o monarca agora possuía o título ‘rei das quatro regiões’, indicando que seu domínio se estendia aos limites do mundo habitado”⁶¹⁸. A expressão “quatro cantos do mundo” comumente utilizada por Naram-Sîn possui caráter metafórico-hiperbólico ao invés de uma afirmação de domínio universal, argumenta Michalowski⁶¹⁹. Isso significa que não podemos nos encantar com essa visão triunfalista do rei, visão que relembra a visão dos primeiros exploradores, dos séculos XVII e XVIII, sobre antiga Mesopotâmia exemplificada no retrato de Layard⁶²⁰. O risco do eurocentrismo está sempre à espreita no modo como selecionamos as fontes e as informações que delas podemos analisar. Aquilo que está no discurso não é necessariamente relacionado a um referente no mundo real⁶²¹ e não é difícil ocorrer um salto lógico de “rei das quatro regiões” para “império universal” e, portanto, “berço da civilização” que muito interessava ao discurso colonialista ocidental.

Não sobreviveram fontes contemporâneas, além das inscrições reais que possuem um discurso triunfalista pró-Agade, que nos permitam tratar da expansão do reino de Acade no sentido que nos importa, no da aquisição de complexidade sociopolítica. Porém, como vimos, houve constantes contestações ao governo de Agade sobre as cidades da Suméria. A mais emblemática delas foi a chamada “Grande Revolta”. Este evento foi decisivo para o reino de Acade⁶²². Ela nos indica que havia descontentamento com os reis de Acade em diversas cidades da Suméria que um século antes eram cidades com certa autonomia política. Ela também indica-nos a existência de um gravíssimo problema estrutural entre a realidade concreta e o imaginário das elites acadianas.

A fonte que utilizaremos para discutir a Grande Revolta será a inscrição real da estátua de Bassekti. Ela buscar reforçar o aspecto bélico do rei, sendo uma das principais fontes para compreender a fragmentação interna do reino de Acade e, a divinização do rei como resposta a esses problemas visa demonstrar que a divinização em si não foi um ato autoritário, mas oferecido a ele pela população de Agade por seus sucessos militares aparentemente sobre-humanos contra a Grande Revolta que quase extirpou o reino⁶²³. No entanto, entendemos que

⁶¹⁸ CHARPIN, 1995, p. 810.

⁶¹⁹ PIOTR MICHALOWSKI, 2020, p. 40.

⁶²⁰ REDE, Marcelo, 2002, p. 6.

⁶²¹ ORLANDI, 2000.

⁶²² SCHRAKAMP, 2020, p. 632.

⁶²³ FARBER, W. Die Vergöttlichung Narām-Sins. *Orientalia*, [s. l.], v. 52, n. 1, p. 67–72, 1983, p. 67–68.

a inscrição possui uma alta carga de promoção real do rei divinizado, que via a si mesmo como sendo um rei aprovado pelos principais deuses do panteão mesopotâmico.

Figura 16 - Base da estátua de Bassekti



Fonte: BAHRANI, Z. La Mesopotamia: Arte e Architettura. Tradução: Daniele A. Gewurz; Isabella Zani. Torino: Einaudi, 2017, p.118.

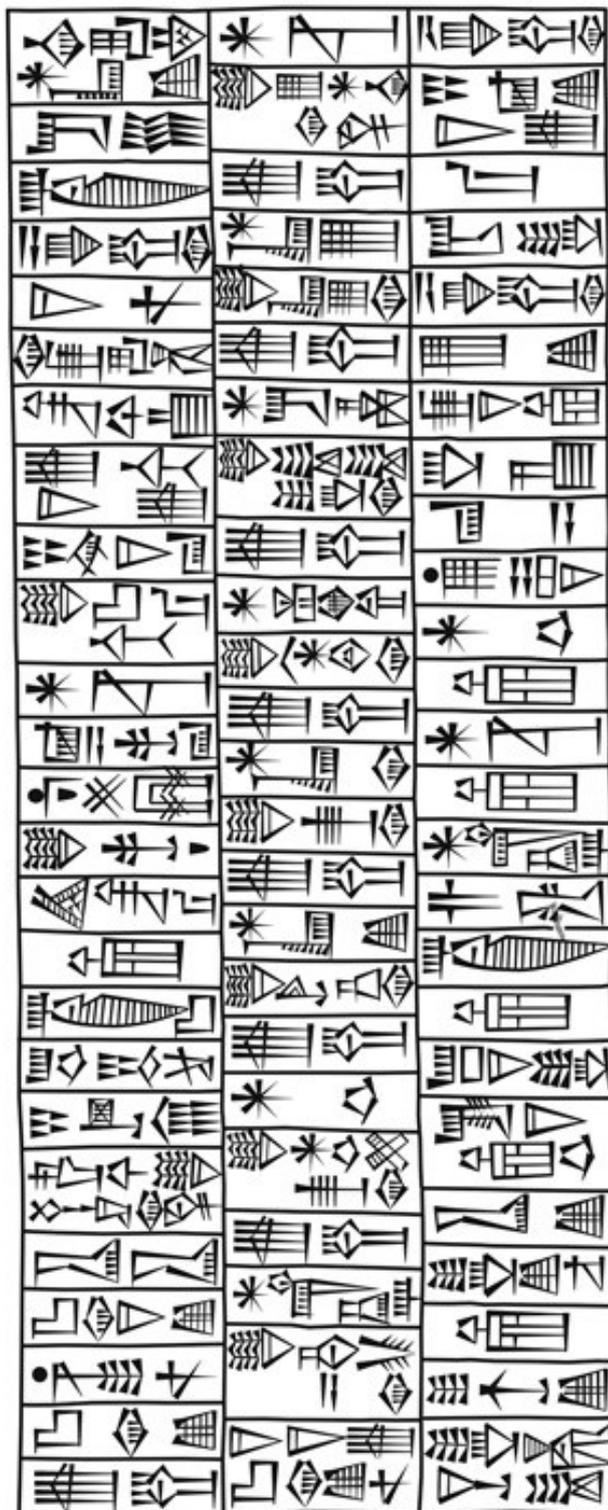
A parte superior da estátua foi perdida, mas a parte inferior retrata o naturalismo da arte acadiana e presume-se que o jovem heróico nu, segurando um estandarte, seja uma figura tutelar semelhante àquelas encontradas em selos cilíndricos do período⁶²⁴. Para Frayne a estátua é a representação de um *Lahmu*⁶²⁵. Em sua base encontra uma inscrição em três colunas: “[...] conta que Naram-Sîn obteve nove vitórias em um único ano e que o povo de Agade construiu um templo para o rei, que agora havia se tornado um deus”⁶²⁶. Esta estátua, pesando cerca de 400 quilogramas, foi feita de cobre, mede 67 cm de diâmetro em sua base, sua inscrição mede 34.5×13.5 cm, a parte superior foi perdida, e estátua atualmente se encontra no acervo do Museu do Iraque, identificado pelo número de museu IM 77823. Segue-se a inscrição, sua tradução, e breve discussão de suas partes.

⁶²⁴ BAHRANI, 2017, p. 118.

⁶²⁵ FRAYNE, 1993, p. 120. RIME 2.1.4.10; “Lahmu é um nome que designa uma divindade protetora e benéfica, originalmente associada ao deus Enki/Ea” BLACK, Jeremy A.; GREEN; RICKARDS, 1992, p. 115. Foster concorda com Bahrani e Frayne, a base da estátua “[...] é a metade inferior de uma figura masculina nua, evidentemente destinada a ser um espírito guardião heroico, sentado em um pedestal baixo e redondo com um encaixe para segurar um estandarte.” FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 194–195.

⁶²⁶ BAHRANI, 2017, p. 118.

Figura 17 - Inscrição gravada na base da estátua Bassetki.



Lacort-Gabarro, Pierre. Université de Liège

Fonte: RIME 2.01.04.10, EX. 01 (BASSETKI STATUE) ARTIFACT ENTRY. [S. 1.], 2023. Disponível em: <https://cdli.ucla.edu/P216558>. Acesso em: 7 jan. 2024.

Tabela 7 - Texto da Inscrição RIME 12.1.4.10 da estátua de Bassekti

1	<i>na-ra-am</i> d ^d EN.ZU ⁶²⁷	Naram-Sîn	d ^d INANNA	Ištar	<i>à-kà-dè.KI</i>	Acade
2	<i>da-nûm</i>	o poderoso,	<i>in é-an-na-ki-im</i>	em Eanna	<i>i-tár-u-ni-í-ma</i>	requeriu
3	LUGAL	rei de	<i>í-te₄</i>	de	<i>ma</i>	e
4	<i>à-kà-dè.KI</i>	Acade.	d ^d <i>en-lil</i>	Enlíl	<i>qáb-li</i>	no meio de
5	<i>i-nu</i>	Quando	<i>in</i> NIBRU.KI	em Nippur	<i>à-kà-dè.KI</i>	Acade
6	<i>ki-ib-ra-tum</i>	os cantos do mundo	<i>í-te₄</i>	de	<i>É-u</i>	um templo para ele
7	<i>ar-ba-um</i>	os quatro	dda-gan	Dagan	<i>ib-ni-ù</i>	eles construíram.
8	<i>í-ti-ni-í</i>	juntos	<i>in tu-tu-liKI</i>	em Tuttul	<i>ša DUB</i>	Quanto àquele que à inscrição
9	<i>i-KIR-ni-u₄</i>	revoltara-se contra ele,	<i>ís-te₄</i>	de	<i>šu4-a</i>	à esta
10	<i>in rí-ma-ti</i>	através do amor	d ^d <i>nin-hur-sag</i>	Ninhursag	<i>u-ša-sà-ku-ni</i>	remover
11	d ^d INANNA	que a deusa Ištar	<i>in keš</i>	em Keš	d ^d UTU	Shamaš
12	<i>tár-a-um-šu4</i>	Mostrou-lhe	<i>ís-te₄</i>	de	<i>ù</i>	e
13	10 LAL 1 REC 169	em nove batalhas	d ^d EN.KI	Enki	d ^d INANNA	Ištar
14	<i>in UM 1</i>	durante um ano	<i>in eridu.KI</i>	em Eridu	<i>ù</i>	e
15	<i>ís11-ar-ma</i>	ele foi vitorioso	<i>ís-te₄</i>	de	d ^d <i>nergal</i>	Nergal,
16	<i>ù</i>	e	d ^d EN.ZU	Sîn	MAŠKIM	o oficial de justiça do
17	LUGAL- <i>rí</i>	os reis	<i>in ÛRI.KI</i>	em Ur	LUGAL	rei
18	<i>šu-ut i-ší11<ù>-nim</i>	que se lavantaram (contra ele)	<i>ís-te₄</i>	de	<i>ù</i>	e
19	<i>i-ik-mi</i>	ele capturou.	d ^d UTU	Samaš	<i>ŠUNÍGIN i-lí</i>	a totalidade dos deuses
20	<i>al ši in po-uš-qí-im</i>	Porque do perigo	<i>in</i> ZIMBIR.KI	em Sippar	<i>á-ni-ù-ut</i>	[a saber] estes acima]
21	SUHUŠ-SUHUŠ	as fundações	<i>ís-te₄</i>	de	<i>SUHUŠ-šu</i>	suas fundações
22	URU.KI- <i>lí-šu</i>	da sua cidade	d ^d <i>nergal</i>	Nergal	<i>li-šu-ha</i>	que eles possam arrancar
23	<i>u-kí-nu</i>	ele preservou	<i>in gú-du8a.KI</i>	em Kutha	<i>ù</i>	e
24	URU.KI- <i>šu</i>	sua cidade requeriu	<i>i-lí-ís</i> URU.KI- <i>šu-nu</i>	para fazê-lo deus de sua cidade.	<i>ŠE.NUMUN-šu</i>	sua semente
25	<i>ís-te₄</i>	de			<i>li-il-qù-tu</i>	que eles arranquem ⁶²⁸

⁶²⁷ O nome do rei “na-ra-am-d^dEN.ZU”, ou seja, Naram-Sîn, ocorre aqui sem o determinativo DINGIR, transliterado como “d” sobescrito antes da primeira parte do nome “na-ra-am”, o “d” sobescrito afixado ao sumerograma d^dEN.ZU, que se refere ao deus Sin. Naram-Sîn significa “amado do deus Sin”.

⁶²⁸ FRAYNE, 1993, p. 113–114.

A inscrição está dividida em três colunas, da esquerda para a direita. Três temas principais permeiam a inscrição. Na primeira coluna, há uma apresentação padrão das inscrições reais de Naram-Sîn e a menção à Grande Revolta. A segunda coluna trata do pedido do povo de Agade aos deuses para divinizá-lo. A terceira coluna trata da construção de um templo para o rei em Agade e faz ameaça contra aqueles que apagarem a inscrição.

A inscrição se refere à Grande Revolta das cidades de Kiš, Ur e Uruk, bem como de outras cidades da Mesopotâmia, derrotadas por Acade, sob o comando de Naram-Sîn, nas linhas de 05 a 19 da primeira coluna. A inscrição se reporta à relação próxima do rei com Ištar, lhe atribuindo a vitória sobre nove batalhas em um ano. Desde a fundação do reino, a deusa Ištar esteve presente no culto, no discurso e na iconografia. Ištar⁶²⁹, deusa da guerra, foi fundamental para a política de Sargão, “o favor da deusa Ištar fê-lo entrar para a corte do rei de Kiš, Ur-Zababa, de quem se tornou copeiro. A seguir, Sargão sublevou-se contra seu senhor e fundou Agade”⁶³⁰. Importa destacar que Ištar/Inanna foi uma deusa “[...] adotada por Sargão como protetora de seu reinado”⁶³¹. Nesse sentido, ela ocupa um lugar proeminente no imaginário e no discurso real, tanto no papel de deusa protetora quanto de deusa guerreira e legitimadora do poder acadiano.

Da linha 20, da primeira coluna, à linha 24, da segunda coluna, há o tema da divinização, que discutiremos no próximo tópico desse capítulo. Segundo narrativa, foi devido à vitória sobre os rebeldes, que o rei salvou a capital da destruição e, por esta razão, os habitantes de Acade solicitaram aos deuses Ištar, Enlíl, Dagan, Ninhursag, Ea, Sîn, Shamaš e Nergal para fazê-lo deus em Agade. A inscrição evita atribuir ao rei a iniciativa de divinização e os reis rebeldes aparecem apenas na medida em que importam para o discurso triunfal. Trata-se de um silenciamento político pensado, um efeito de sentido no qual “uma palavra apaga as outras”⁶³². A Grande Revolta foi o principal evento que ocorreu no governo de Naram-Sîn e, conforme observa Mieroop, “a ameaça ao seu governo era séria. Provavelmente não foi sem ironia que Naram-Sîn declarou que os deuses das mesmas cidades rebeldes foram convidados a lhe conceder status divino”⁶³³. O tema da vitória em nove batalhas aparece na forma de epíteto

⁶²⁹ Importa mencionar que Ištar era uma deusa semítica do norte, conectada às aspirações políticas dos reis de Agade, cujos atributos belicosos foram vinculados aos da deusa Inanna de Uruk para torná-la aceitável aos sumérios ZDEBSKYI, 2022, p. 204. Cf. Linha 11 da col. I da inscrição de Bassekti. Nas inscrições reais dos reis de Agade, o nome de Ištar é escrito com o sumerograma ^dINANNA. Trata-se de uma deusa multifacetada com muitas características que não estão no escopo desse trabalho.

⁶³⁰ GARELLI, 1982, p. 88.

⁶³¹ DUPLA, 2019, p. 69.

⁶³² ORLANDI, 2000, p. 83.

⁶³³ MARC VAN DE MIEROOP, 2016, p. 74.

divino “vencedor em nove batalhas” nas inscrições RIME 2.1.4.9, 11, 12 e 13. As linhas 20 a 23, da coluna I, sugerem que a vitória contra a Grande Revolta criou a percepção de um rei salvador, o que poderia ter contribuído para a aceitação, ainda que parcial, da divindade do rei. Dizemos aceitação parcial, pois, entendemos que aqueles indivíduos beneficiados pela rede de patrocínios reais podem ter aceitado a divindade do rei. Seria muito difícil da perspectiva da cosmologia mesopotâmica encontrar uma resposta alternativa à divindade real para explicar o esmagamento da Grande Revolta por Naram-Sîn, sem presumir que havia algo de divino no rei. Em tais circunstâncias, pessoas favoráveis ao rei não teriam dificuldade de aceitar o caráter divino do seu governante — embora seja difícil ou quase impossível historicizar a recepção da divinização real na Mesopotâmia.

A inscrição de Bassekti indica que as cidades da Suméria e seus governantes locais possuíam certa autonomia política ao ponto de organizar efetivos militares que quase derrubaram o poder acadiano e, que havia descontentamento em larga medida com as políticas acadianas. Uma das medidas dos reis para apaziguar os ânimos das elites sacerdotais da Suméria foi construir diversos templos aos principais deuses da região, e em Agade, um templo a si mesmo, conforme as linhas 4 a 7 da terceira coluna da inscrição de Bassekti. Conforme constataremos no próximo tópico, o descontentamento que levou à Grande Revolta (aprox. 2230 A.E.C.) deve-se principalmente à intervenção real na administração de terras agrícolas, que começou com a apropriação forçada da propriedade das cidades da Suméria fundiária sob Rimuš⁶³⁴. A expansão militar do reino de Acade, que entendemos como aquisição de complexidade, foi um dos fatores de resiliência a elevados custos de manutenção e logística custeada principalmente pela agricultura, pelas redes de patrocínio real e pelas conexões comerciais e diplomáticas com povos distantes, que os reis acadianos não conseguiram subjugar.

As fases de expansão terminaram em Naram-Sîn. Por esse motivo, o governo de Sarkališarri não é discutido aqui, mas no segundo tópico do quarto capítulo, pois, foi no fim de seu governo que o reino de Acade colapsou, isto é, perdeu os níveis de complexidade adquirida nas quatro fases de expansão. No próximo tópico, discutiremos a estrutura de poder, as conexões comerciais, as redes de patrocínio real e a construção do Ekur, possível motivo de discórdia entre as elites de Agade e as elites sacerdotais da Suméria.

⁶³⁴ SCHRAKAMP, 2020, p. 666.

3.2 A ESTRUTURA SARGÔNICA DE MANUTENÇÃO DE PODER.

Nesse tópico, discutiremos a estrutura de manutenção de poder construída nos níveis materiais e discursivos pelos reis acadianos visando evitar o colapso do reino extenso territorialmente e fragmentado internamente. Para isso, o tópico será dividido em duas partes. A primeira trata do enfrentamento de ameaças externas, relacionadas à própria política de formação do reino acadiano, e a segunda das ameaças internas, que são as mais relevantes da perspectiva da teoria do colapso e que estão relacionadas aos ‘efeitos colaterais’ dessa política.

As campanhas militares aos “quatro cantos do mundo” conectaram Agade de mar a mar. Isso significava a necessidade de logísticas que garantissem a defesa de áreas e cidades estratégicas. Uma das medidas dos reis acadianos, sobretudo de Naram-Sîn, foi assegurar a manutenção do reino por meio de fortalezas construídas nessas áreas.

O reino manteve-se após a quarta fase de formação até o seu colapso no final do governo de Šarkališarri, em parte, devido à rede de fortalezas estrategicamente posicionadas. Destacamos cinco dessas fortalezas, “o palácio de Naram-Sîn em Nagar (Tell Brak, no norte da Síria), o "Edifício Inacabado" em Šehna (Tell Leilan) e o edifício monumental em Ešnunna (Tell Asmar) [...]”⁶³⁵, “o centro militar e administrativo que provavelmente ficava em Pašime, localizado ao norte da moderna cidade de Amarah, em Tell Abu Sheeja, entre Girsu e Susa, administrado por um tal Ilšu-rabi”⁶³⁶ e o forte Dur-Maništussu registrado no nome de um ano de seu reinado, cuja localização e propósito desconhecidos são desconhecidos⁶³⁷. Segundo Selz, a existência dessas guarnições indica que “os antigos governantes acádios tentaram manter essas cidades sob controle, montando guarnições militares fora das cidades e estabelecendo populações ‘acádias’ leais”⁶³⁸. Não há espaço para discutir a fundo sobre essas fortalezas, porém, destacamos a importância do ‘palácio’ de Naram-Sîn em Nagar (Tell Brak) como um importante centro administrativo do governo acadiano no norte da Mesopotâmia construído na segunda metade do governo deste rei (cerca de 2218 A.E.C.) após a Grande Revolta.

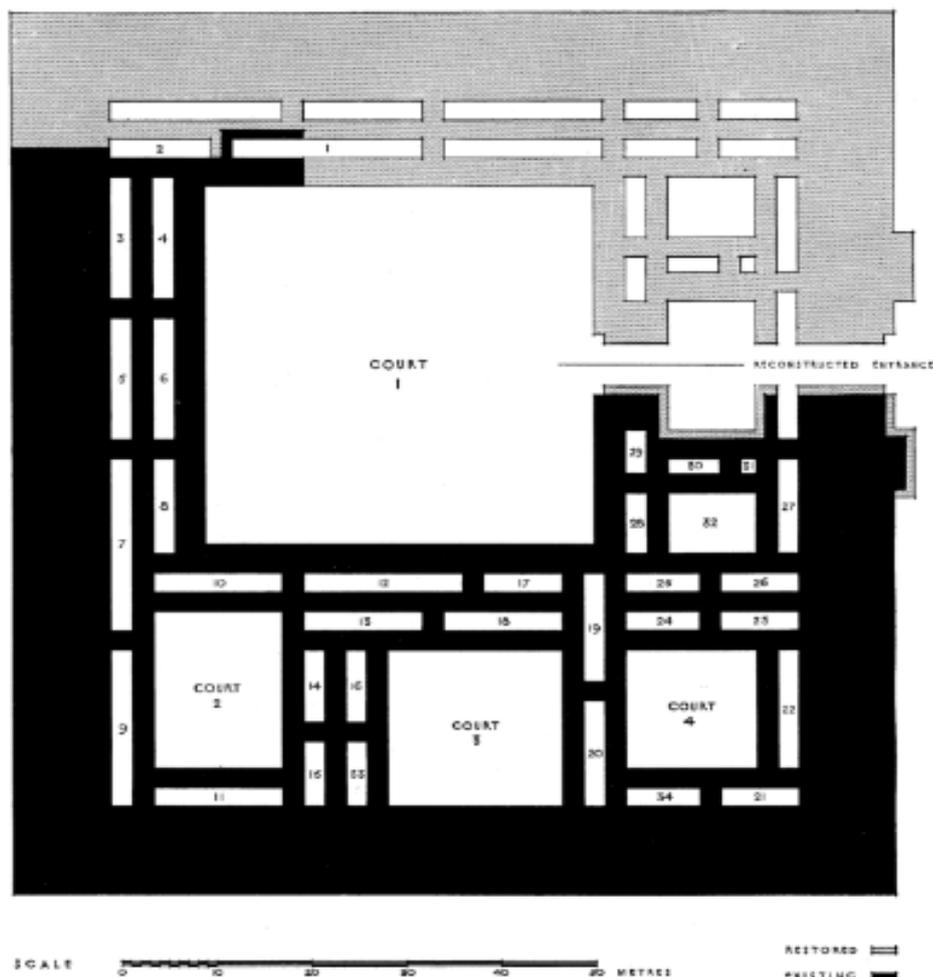
⁶³⁵ Ibid., p. 617.

⁶³⁶ PIOTR MICHALOWSKI, 2020, p. 34.

⁶³⁷ Ibid., p. 33.

⁶³⁸ SELZ, 2016, p. 64.

Figura 18 - Planta do Palácio de Naram-Sîn em Nagar (Tell Brak)



Planta baixa do ‘palácio’ construído por Naram-Sîn em Nagar (Tell Brak, Síria). Fonte: PAULETTE, T. Grain, Storage, and State Making in Mesopotamia (3200-2000 BC). In: MANZANILLA, L.; ROTHMAN, M. S. (org.). Storage in ancient complex societies: administration, organization, and control. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2016, p.93.

Embora o edifício seja denominado de “palácio”, o termo é usado apenas por conveniência, pois, o edifício era um armazém fortificado em vez de uma residência⁶³⁹. A construção possuía aproximadamente cem metros de lado, composto internamente por cerca de quarenta cômodos longos e estreitos dispostos em uma série de longos pátios⁶⁴⁰. O “palácio” de Naram-Sîn em Tell Brak é uma das diversas estruturas de estocagem de grãos da antiga Mesopotâmia, diferenciando destas por ser também uma estrutura militar. É possível que seu objetivo fosse servir como armazém militar para tropas estacionadas ao norte. Em todo caso,

⁶³⁹ OATES, D.; OATES, J.; MCDONALD, H. **Excavations at Tell Brak**. Cambridge London: McDonald Institute for archaeological research British school of archaeology in Iraq, 2001. p. 19.; PAULETTE, 2016, p. 94.

⁶⁴⁰ OATES; OATES; MCDONALD, 2001, p. 19–21.; PAULETTE, 2016, p. 94.

trata-se de um armazém para onde se transferiam os grãos recebidos pelo reino⁶⁴¹ na forma de tributos, com o objetivo de mantê-los seguros. No sítio encontram-se várias camadas de ocupação. No entanto, a construção do armazém fortificado foi iniciada após a divinização do rei Naram-Sîn e permaneceu durante o governo de Šarkališarri.

Figura 19 - Tijolo do armazém de Nagar (Tell Brak)



Tijolo de barro estampado com o nome de Naram-Sîn contendo o determinativo divino (dingir), um de muitos outros recuperados de um muro de fundação NSP que desabou em 1984. Fonte: OATES, D.; OATES, J.; MCDONALD, H. Excavations at Tell Brak. Cambridge London: McDonald Institute for archaeological research British school of archaeology in Iraq, 2001, p.385.

O armazém fortificado de Nagar (Tell Brak), e sua cultura material, que inclui numerosas tigelas, recipientes para bebidas, jarras, garrafas, selos, tabletes, bem como a presença de animais domésticos, permite aos assiriólogos construir um panorama das funções e objetivos das fortalezas acadianas. O palácio de Naram-Sîn pode ser considerado um posto avançado com múltiplas funções administrativas e militares, que possibilitariam maior controle da região de Kabur, no norte da Mesopotâmia. A função das outras fortalezas provavelmente era semelhante ao de Nagar, com ênfase em hierarquias administrativas, como

⁶⁴¹ PAULETTE, 2016, p. 93.

o exemplo em Tell Leilan, o “palácio inacabado” que segundo Weiss, estava sendo construído em basalto “[...] para proteger os procedimentos administrativos e de arrecadação de receitas”⁶⁴². Nesse sentido, argumentamos que tais fortificações visavam mais à proteção contra agentes internos que externos, pois, a composição socialmente fragmentada do reino era mais problemática que sua extensão, conforme observa Liverani⁶⁴³.

O exército era o braço do rei. Para proteger contra invasores externos, poderia ser eficiente manter um exército permanente liderado por generais fiéis à coroa. Em uma de suas inscrições, Sargão gaba-se de possuir 5.400 homens combatentes todos os dias a seu serviço. (22’-30’) *5.400 homens comiam diariamente na presença de Sargão, rei da totalidade, a quem o deus Enlil não dava rival*⁶⁴⁴. Esta autoafirmação do rei é única. “Somente ele, dentre todos os governantes da Mesopotâmia antes ou depois dele, afirma que mantinha 5.400 homens combatentes todos os dias a seu serviço [...]”⁶⁴⁵. Segundo Schrakamp, mais de 6.000 textos administrativos foram descobertos em mais de 20 locais, do norte ao sul da Mesopotâmia, referentes ao período acadiano, procedentes sobretudo de Adab, Girsu e Umma que pertencem às unidades administrativas⁶⁴⁶. Entretanto, segundo o autor, muitas questões relacionadas à logística militar ainda não podem ser conhecidas, de modo que a existência de um exército permanente não pode ser demonstrada e assim, não se pode determinar se a ascensão bem-sucedida dos acádios pode ser atribuída à criação de um exército profissional ou a alguma outra forma de vantagem numérica⁶⁴⁷. Mas, podemos pensar que diversos fatores como inovações e novas tecnologias deram vantagens ao exército acadiano, uma delas foi a cartografia.

Algumas evidências contemporâneas e posteriores sugerem que ocorreram inovações na cartografia mesopotâmica, provavelmente impulsionadas pelas campanhas dos reis sargônicos que teriam servido de inspiração para os cartógrafos posteriores⁶⁴⁸. Da perspectiva da logística acadiana, os exércitos do rei se equipavam para uma missão, obtendo um entendimento profundo do alvo e de suas reservas hídricas. Isso é sugerido, segundo Foster, por

⁶⁴² WEISS, Harvey *et al.* Revising the Contours of History at Tell Leilan. *Annales Archéologiques Arabes Syriennes*, [s. l.], v. 45, n. 28, p. 59–74, 2002, p. 61.

⁶⁴³ LIVERANI, 2014, p. 137.

⁶⁴⁴ FRAYNE, 1993, p. 31.

⁶⁴⁵ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 166.

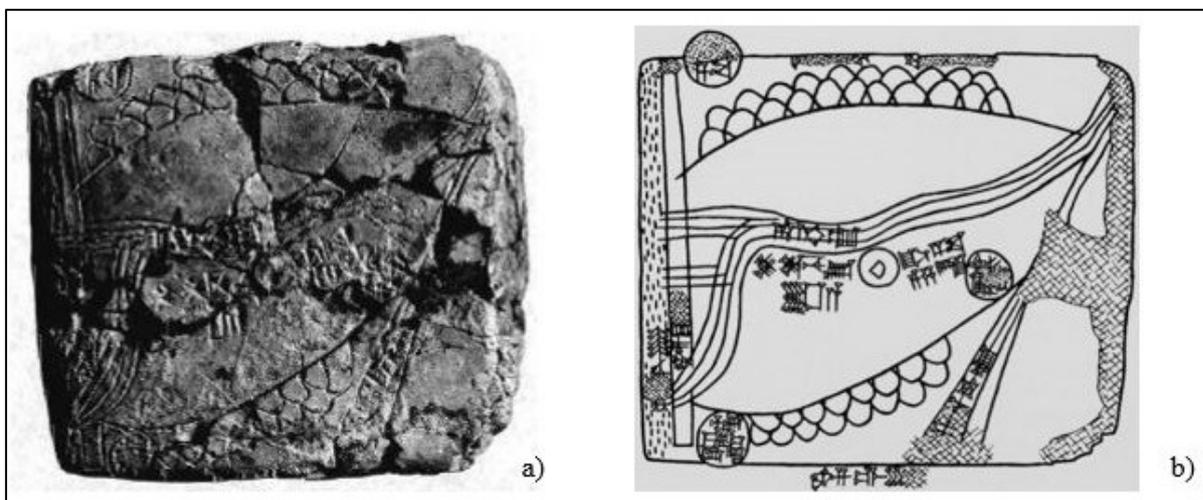
⁶⁴⁶ SCHRAKAMP, I. *Krieger und Waffen im frühen Mesopotamien: Organisation und Bewaffnung des Militärs in frühdynastischer und sargonischer Zeit*. 283 f. 2010. Dissertação (Mestrado) - Philipps-Universität, Marburg, 2010, p. 11.

⁶⁴⁷ *Ibid.*, p. 15.

⁶⁴⁸ HOROWITZ, W. *Mesopotamian cosmic geography*. Winona Lake, Ind: Eisenbrauns, 1998. (Mesopotamian civilizations, v. 8), p. 67–65.

um roteiro parcialmente preservado inscrito em um monumento de pedra, que indica as distâncias exatas a serem percorridas entre os corpos d'água na área de Khabur⁶⁴⁹.

Figura 20 - Mapa do período acadiano - SMN 4172



a) mapa regional do período acadiano indicando a terra cultivada e seu dono; b) o mesmo mapa em desenho, permite visualizar os campos e cursos de água perto de Gasur. Fonte: FOSTER, B. R. *The Age of Agade: inventing empire in ancient Mesopotamia*. London ; New York, NY: Routledge/Taylor & Francis Group, 2016, p.217; ROCHBERG, F. *The Expression of Terrestrial and Celestial order in Ancient Mesopotamia*. In: TALBERT, R. J. A. (org.). *Ancient perspectives: maps and their place in Mesopotamia, Egypt, Greece, and Rome*. Chicago ; London: The University of Chicago Press, 2012, p. 30.

O mapa acima foi encontrado em Gasur, mais tarde nomeada como Nuzi, no nordeste da Mesopotâmia. Esse é um dos mais antigos mapas das culturas cuneiformes e mostra a localização de uma parcela de terra pertencente a Azala, que pode ser o nome de uma pessoa ou de um lugar⁶⁵⁰. Ainda sobre o esforço acadiano de quantificar o mundo, um poema atribuído a Enheduanna⁶⁵¹, filha de Sargão⁶⁵², referindo-se ao rei acadiano⁶⁵³, declara:

80-82. Colocaste-me à direita do rei para destruir as terras rebeldes: que ele, com a minha ajuda, esmague cabeças como um falcão nos contrafortes da montanha, Rei do céu, e que eu o teu nome por toda a terra como um fio. 83-88. Que ele destrua as terras como uma serpente numa fenda. Que ele as faça deslizar como uma serpente saḡkal descendo de uma montanha. Que ele estabeleça controlo sobre a montanha, que a examine e conheça o seu comprimento. Que ele saia para a campanha sagrada

⁶⁴⁹ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 167.

⁶⁵⁰ ROCHBERG, F. *The Expression of Terrestrial and Celestial order in Ancient Mesopotamia*. In: TALBERT, R. J. A. (org.). **Ancient perspectives: maps and their place in Mesopotamia, Egypt, Greece, and Rome**. Chicago ; London: The University of Chicago Press, 2012. (The Kenneth Nebenzahl, Jr., lectures in the history of cartography), p. 9-46, p. 29.

⁶⁵¹ BOTTÉRO; KRAMER, 1993, p. 226.

⁶⁵² Embora haja alguma incerteza acerca da paternidade dessa personagem. Cf. DUPLA, 2019, p. 40. nota 68

⁶⁵³ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 219.

do céu e conheça a sua profundidade. Eu quero superar as outras divindades, já que as divindades Anunna têm (...).⁶⁵⁴.

Embora seja difícil saber muitas especificidades acerca da logística real, Sara C. Melville sugere que os reis acadianos poderiam sustentar tanto exércitos permanentes quanto levadas temporárias⁶⁵⁵. Seja como for, os reis de Agade conseguiram levantar grandes efetivos militares recorrendo a várias estratégias, como manter tropas (érin) profissionais e constante recrutamento para reposição do efetivo. A conscrição era a primeira forma de recrutamento que um rei poderia promulgar. A segunda estratégia adotada pelos reis de Agade era manter uma rede de patrocínio real ‘comprando’ a fidelidade de membros das elites governantes da Suméria e do Norte da Mesopotâmia. Voltaremos a esse assunto no próximo subtópico.

O período acadiano significou uma série de mudanças políticas, militares, socioeconômicas e administrativas. Mas, como ocorre em toda sociedade, “a capacidade de um determinado estado de formar um exército e mantê-lo em campo dependia de fatores econômicos e capacidade de recursos, organização social e crenças culturais”⁶⁵⁶. Melville destaca algumas restrições práticas que moldaram a prática da guerra na antiga Ásia ocidental:

- Todos estavam associados a uma figura de autoridade - um patriarca de clã, chefe tribal, governante da cidade ou rei - que tomava decisões militares e liderava exércitos.
- Um exército só poderia permanecer em campo enquanto tivesse acesso à comida, água, armas e equipamentos cruciais.
- A guerra era sazonal. Os trabalhadores só podiam deixar seus campos por períodos limitados, geralmente no final da primavera até o início do outono, quando as colheitas estavam disponíveis para forragear. Ocasionalmente, exércitos bem equipados passavam o inverno em um local de cerco ou as condições permitiam uma temporada de campanha estendida.
- Devido ao ambiente seco e acidentado, a disponibilidade de água potável e comida restringia os exércitos a rotas de marcha estabelecidas.
- Estados bem-organizados e com recursos poderiam apoiar forças permanentes e gerenciar campanhas em território distante, mas apenas os mais poderosos podiam manter e governar o que conquistavam.
- As levadas temporárias compunham a maior parte de todos os exércitos, e o estado fornecia seus equipamentos, sustento e remuneração.
- Os exércitos consistiam em unidades de infantaria e equestres armadas com armas de mão e armaduras. O equipamento variava muito e era reutilizado e repostado conforme necessário.
- Táticas de batalha e cerco, estratégia militar, engenharia e estilos de fortificação foram estabelecidos cedo e mantiveram seu caráter fundamental desde então.
- A mudança tecnológica tendia a ser incremental em vez de revolucionária, pois, levava tempo para que novas técnicas se espalhassem e novos materiais, como o ferro, se tornassem amplamente disponíveis⁶⁵⁷.

⁶⁵⁴ ETCSL: t. 1.3.2. **Inana and Ebiḫ**. Disponível em: [The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature \(ox.ac.uk\)](https://www.ox.ac.uk). Acesso em 10 dez. 2023. Para mais detalhes, consultar “Inanna et Ebiḫ” de Pascal Attinger. Ele fornece uma reconstrução provisória da composição, juntamente com uma tradução e um breve comentário de natureza filológica do poema. Cf. ATTINGER, P. Inana et Ebiḫ. *Zeitschrift für Assyriologie und Vorderasiatische Archäologie*, Bern, v. 88, n. 2, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/zava.1998.88.2.164>. Acesso em: 10 jan. 2024.

⁶⁵⁵ MELVILLE, 2020, p. 405.

⁶⁵⁶ Ibid., p. 399–400.

⁶⁵⁷ Ibid., p. 400.

Esta é uma visão global sobre os exércitos na antiga Mesopotâmia. Mas dela podemos deduzir alguns elementos que podem nos auxiliar a pensar a dinâmica do exército acadiano. A guerra é condicionada pelo espaço físico, pela época do ano, pela disponibilidade de recursos como água e comida e pela capacidade dos líderes em manter uma estrutura de organização coesa — sobretudo no caso de manutenção de um exército permanente. Embora a guerra fosse condicionada ao espaço físico, uma de suas funções era reconfigurá-lo⁶⁵⁸ enquanto espaço social. Embora seja difícil conhecer a logística do exército acadiano, atualmente podemos saber, ainda que parcialmente, sobre sua estrutura, tecnologias e organização. Segundo Foster:

As forças armadas consistiam em vários corpos: arqueiros, lanceiros e portadores de machado, para combates distantes, próximos e corpo a corpo, respectivamente. Como os lanceiros podiam carregar apenas uma lança, para ser arremessada ou empurrada a curta distância, parece provável que eles também carregassem um machado ou outra arma de mão. Eles eram apoiados por soldados que carregavam apenas machados⁶⁵⁹.

A estratégia fundamental de combate pode ter consistido em três fases distintas: primeiro, um bombardeio inicial com flechas, dardos ou projéteis de estilingue lançados de longe; em seguida, uma carga de lanceiros que, após o uso de suas lanças, empregavam machados em combate próximo; e finalmente, uma leva de reforços armados com machados⁶⁶⁰. Além disso, utilizava-se as maças, uma espécie de porrete com uma pedra semelhante ao OIM A30975 (figura 13), que também era suporte comum para inscrições reais dedicadas à Enlíl no Ekur, em Nippur.

Uma abordagem comparativa para fins analíticos,⁶⁶¹ entre Agade e Ur III, muito semelhantes estruturalmente, nos permite inferir que na antiga Mesopotâmia a participação na guerra não se limitava apenas aos soldados, mas também poderia incluir uma variedade de trabalhadores especializados e profissionais que eram recrutados para o serviço militar. Além dos soldados, havia a presença de carpinteiros que trabalhavam na fabricação e reparo de armas, escudos, carroças de guerra e outras estruturas e equipamentos necessários para as operações militares; trabalhadores de cana que trabalhavam na fabricação de cestos, esteiras, cordas e outros produtos, que desempenhavam funções especializadas relacionadas à construção e manutenção de equipamentos e estruturas militares; bem como pastores, agricultores e artesãos que eram recrutados para contribuir com suas habilidades específicas nos esforços de guerra⁶⁶².

⁶⁵⁸ BAHRANI, 2008, p. 180.

⁶⁵⁹ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 166.

⁶⁶⁰ Ibid., p. 167.

⁶⁶¹ Um dos ramos da História Global é a '*história comparada*'. "A história comparada procura semelhanças e diferenças entre duas ou mais unidades para fins analíticos ou descritivos" OLSTEIN, 2015, p. 11.

⁶⁶² SCHRAKAMP, 2010.

Feitas estas considerações, discutiremos a seguir as redes de patrocínio real, ferramenta utilizada pelos reis acadianos para a manutenção do poder.

O modelo de administração adotado pelos reis acadianos é fundamental para a compreensão do colapso. O modelo acadiano pode ser considerado um gatilho para revoltas, como a “Grande Revolta” contra Naram-Sîn⁶⁶³. Nesse sentido, “lemos repetidas vezes sobre revoltas de potentados locais e das antigas elites que se reuniam em torno deles, que buscavam escapar do controle dos governantes acadianos”⁶⁶⁴. Lembremos que a propriedade privada e a institucional existiam⁶⁶⁵ desde o período de Uruk⁶⁶⁶, embora a grande medida das propriedades fundiárias fossem propriedade dos templos⁶⁶⁷. Porém, o modelo adotado pelos reis de Acade provocou perturbações no decorrer do processo através da apropriação forçada das terras privadas e institucionais. Nesse sentido, argumentamos que o problema central com o modelo administrativo acadiano era a apropriação forçada de propriedades fundiárias, motivo principal de tais revoltas. Ela implicava na intervenção direta do governo acadiano na administração de terras agrícolas, onde propriedades foram tomadas à força e redistribuídas, como parte de uma estratégia de centralização do poder e controle sobre os recursos econômicos obtidos principalmente da agricultura, presumivelmente para sustentar um exército permanente nos palácios, fortalezas e armazéns fortificados.

Um dos principais exemplos dessa prática pode ser encontrado no obelisco de Manistušu, feito provavelmente de diorito saqueado de Magan. O obelisco de Maništūšu é um dos principais monumentos do período, um pilar de diorito de 1,5 metro de altura, no qual um texto registra a aquisição de oito grandes campos na Suméria, totalizando quase 3,5 quilômetros quadrados⁶⁶⁸.

⁶⁶³ SCHRAKAMP, 2020, p. 666.

⁶⁶⁴ SELZ, 2016, p. 64.

⁶⁶⁵ A existência ou não da ‘propriedade privada’ de terras cabe discutí-la neste trabalho. Sobre essa questão confira: JURSA, 2021, p. 163.; MONROE, 2020, p. 149.; REDE, Marcelo. Família e patrimônio fundiário: notas para o estudo da economia doméstica na antiga Mesopotâmia. **História e Economia**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 71–102, 2007a, p. 81. Nota 33; A ideia de ausência de propriedade privada no antigo oriente é uma forma de eurocentrismo. Trata-se de uma caricatura feita pelo orientalismo acerca do oriente, apresentado como despótico oposto à “superior” sociedade europeia, sustentado na tese de que o ‘modo de produção asiático’ seria configurado com características de despotismo, ausência de propriedade privada e pela incapacidade de apropriação de excedentes. SILVA, U. G. da. Os modo(s) de produção asiático(s) e o orientalismo em Marx. **Revista de Estudos Orientais**, [s. l.], n. 8, p. 119–130, 2010, p. 128.

⁶⁶⁶ JURSA, 2021, p. 162.

⁶⁶⁷ BOUZON, 1998b, p. 98.

⁶⁶⁸ MARC VAN DE MIEROOP, 2016, p. 70.

Figura 21 - Obelisco de Manistušu



Obelisco de Manistušu, proveniente de Susa, Irã, 2269-2255, diorito, 1,4 m de altura. Fonte: BAHRANI, Z. **La Mesopotamia: Arte e Architettura**. Tradução: Daniele A. Gewurz; Isabella Zani. Torino: Einaudi, 2017, p. 121.

Embora o obelisco, que era provavelmente uma *kudurru*, uma pedra de demarcação de terreno, retrate uma compra de terras feita pela família real e o preço pago seja considerado razoável, a venda foi forçada, sem possibilidade de recusa por parte de seus donos⁶⁶⁹. Na inscrição do obelisco “[...] estão registrados os preços pagos, os presentes que o rei concedeu, as parcelas vendidas e suas localizações, os nomes dos vendedores e os nomes das quarenta e

⁶⁶⁹ SCHRAKAMP, 2020, p. 629.

nove testemunhas e beneficiários acadianos⁶⁷⁰. O texto⁶⁷¹ sugere que o rei Maništušu forçou a venda dos campos aos proprietários para poder distribuir a terra para seus próprios apoiadores, prática introduzida primeiramente pelos reis acadianos, levando ao ressentimento e a revoltas durante o governo desses reis⁶⁷². A compra forçada ocorria junto ao confisco de terras. Segundo Selz, “o pano de fundo dessa transação, assim como o confisco de terras no sul da Babilônia, foi, sem dúvida, a necessidade de recompensar oficiais militares merecedores e seus parentes com propriedades e, assim, garantir seu apoio”⁶⁷³.

A criação de uma rede de patrocínio real foi um elemento fundamental da política sargônica. Nesse sentido, Schrakamp destaca a divisão do reino em províncias, o controle direto das províncias do norte pela família governante e a presença de funcionários reais e membros da casa real em várias cidades, mostrando os esforços da coroa para exercer controle localmente⁶⁷⁴. Além disso, instalaram “filhos de Agade” como governadores (*ensi*) nas cidades-estado anteriormente independentes, pois, o aumento do orçamento real requereu uma grande expansão da base de recursos, e os reis acádios parecem ter conseguido isso por meio de um grande programa de aquisição de terras - construindo novas e significativas propriedades de terras agrícolas mediante uma combinação de conquista, confisco e compra⁶⁷⁵. O resultado óbvio dessa política foi o ressentimento, a resposta foi a revolta armada.

Um dos problemas da extensão territorial era a sua administração. Os reis de Agade optaram por exercê-la indiretamente por intermédio dos *én-si*, governadores locais acadianos e sumérios, que possuíam certa autonomia, embora estivessem debaixo da autoridade do rei⁶⁷⁶.

A expressão acadiana *dumu-dumu Agade*^{KI} (filhos de Agade), que vem de Sargão ao nomear pessoas em quem confiava⁶⁷⁷, expressa melhor esse grupo de pessoas fiéis à coroa. Segundo Schrakamp, “o Obelisco de Maništušu demonstra que o termo ‘Filhos de Akkad’ denota os seguidores leais da coroa que eram recompensados com terras do domínio real e que

⁶⁷⁰ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 2.

⁶⁷¹ Não encontramos uma tradução do texto na íntegra para línguas contemporâneas, mas uma transliteração em acadiano publicada por Gelb et al. permite-nos conferir o texto da inscrição. Cf. GELB, I. J.; STEINKELLER, P.; WHITING, R. M. **Earliest land tenure systems in the Near East: ancient Kudurrus**. Chicago, Ill: Oriental Institute of the University of Chicago, 1991. (The University of Chicago Oriental Institute publications, v. v. 104), p. 116–140. núm. 40

⁶⁷² MARC VAN DE MIEROOP, 2016, p. 70.

⁶⁷³ SELZ, 2016, p. 70.

⁶⁷⁴ SCHRAKAMP, 2020, p. 653–654.

⁶⁷⁵ PAULETTE, 2016, p. 92.

⁶⁷⁶ LIVERANI, 2014, p. 138.

⁶⁷⁷ WESTENHOLZ, A. The old akkadian period: history and culture. In: ATTINGER, P.; WÄFLER, M. (org.). **Akkade-Zeit und Ur III-Zeit**. Freiburg, Schweiz : Göttingen: Universitätsverlag ; Vandenhoeck & Ruprecht, 1999. (Orbis biblicus et orientalis, v. 160–3), p. 39.

se beneficiavam do patrocínio do rei, independentemente de sua origem”⁶⁷⁸. Os “filhos de Agade” muitas vezes detinham cargos de poder e influência no reino. Sua lealdade era recompensada com alocações de terras do domínio real, independentemente de sua origem, e costumavam ser membros da comitiva real que acompanhavam o rei e a rainha em suas viagens pelo reino, uma prática denominada na Historiografia como “*royal progress*” que consistia em viagens pelo reino para inspecionar e verificar a lealdade dos governadores locais (*én-si*) e de outros dignitários subordinados ao rei. Sabine Franke argumenta que, devido ao caráter subordinado do governador, ele com frequência era solicitado à presença do rei para prestar contas, e algumas vezes o rei fazia visitas de inspeção nas cidades⁶⁷⁹. Um texto de Foster analisa um conjunto de inscrições que tratam de pelo menos duas viagens reais, de Naram-Sîn para Girsu, e de Sarkališarri para Nippur⁶⁸⁰. As comitivas reais acompanhavam os reis de Agade e a presença de dignitários e oficiais reais em Umma, Nippur, Girsu, Gasur e Tutub é atestada por suas impressões de selos⁶⁸¹. A prática de visitas de inspeção demonstra a importância e a influência da realeza e de seus oficiais em várias regiões, evidenciando a relevância do poder real e a extensão de sua autoridade.

A quantia de terras que os favorecidos pela rede de patrocínio real recebiam variava bastante, dependendo da importância da pessoa ou da proximidade da família real. Durante os reinados de Naram-Sîn e Sarkališarri, as cidades mais importantes do norte, como Ešnunna, Kiš, Pugdan, Marada e Tutub, eram governadas por filhos desses reis que serviam ao trono como governadores locais⁶⁸², uma das razões das visitas de comitivas reais.

Há muitas fontes de vários arquivos relacionados à administração e ao patrocínio real provenientes de diversas cidades da Mesopotâmia. Destacamos os arquivos do governador de Tutub; os arquivos dos governadores de Lagaš e Umma, os arquivos de Adab; o “arquivo Acadiano”; o “arquivo da cebola”⁶⁸³. No livro “*Administration and use of institutional land in Sargonic Sumer*”, de 1982, Foster analisa e discute diversos textos de alguns desses arquivos⁶⁸⁴. Mais de 500 tablets administrativos, dos arquivos de Kiš, Ešnunna, Tell Agrab, Gasur, Tutub e

⁶⁷⁸ SCHRAKAMP, 2020, p. 622.

⁶⁷⁹ FRANKE, S. kings of Akkad: Sargon and Naram-Sin. In: SASSON, J. M. (org.). **Civilizations of the ancient Near East**. New York: C. Scribner’s sons, 1995, p. 831–841, p. 834.

⁶⁸⁰ FOSTER, Benjamin R. Notes on Sargonic royal progress. **Journal of the Ancient Near Eastern Society**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 29–42, 1980.

⁶⁸¹ VISICATO, G. **The power and the writing: the early scribes of Mesopotamia**. Bethesda (Md.): CDL Press, 2000, p. 10.

⁶⁸² SCHRAKAMP, 2020, p. 634.

⁶⁸³ SCHRAKAMP, 2020.

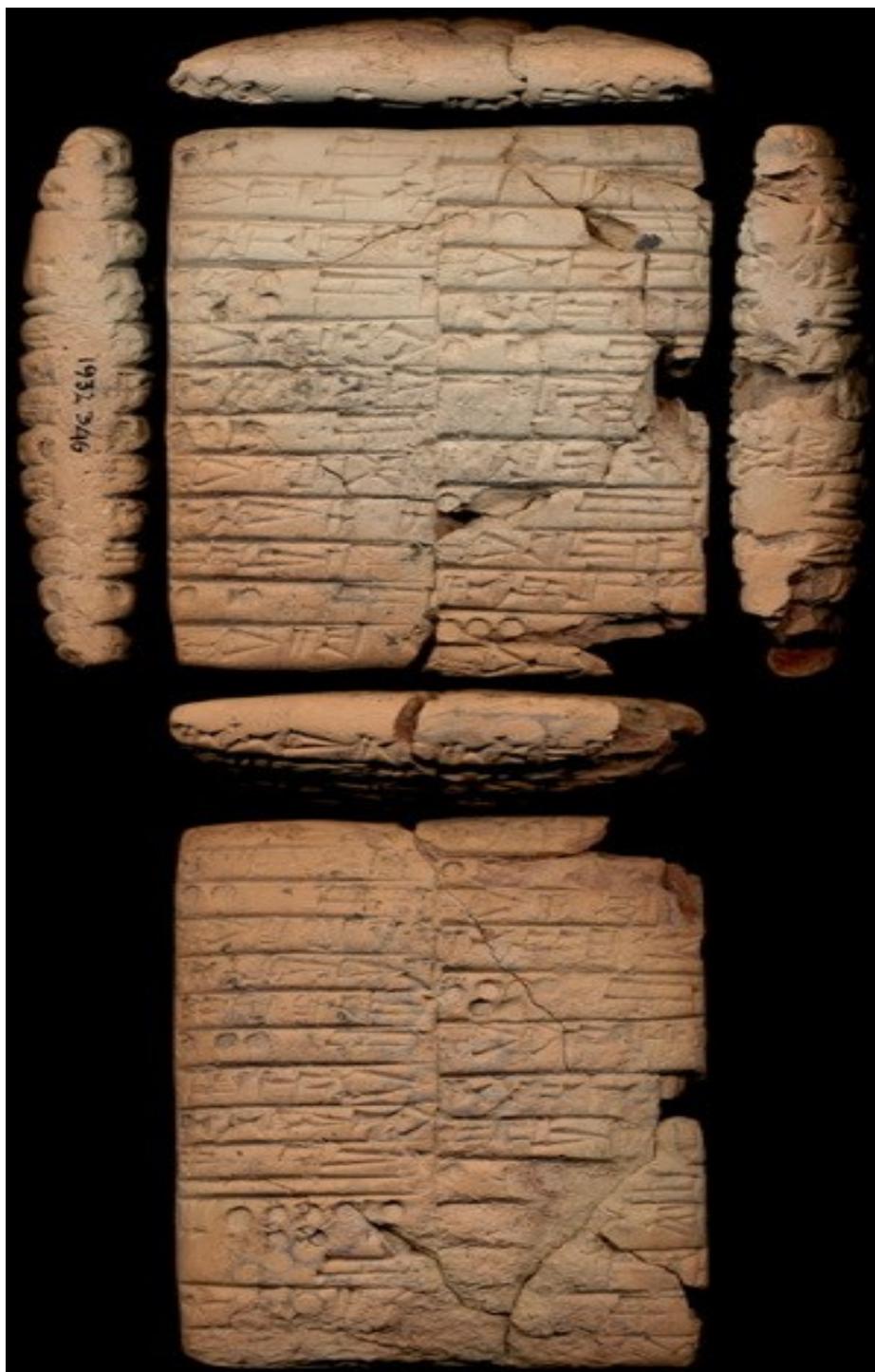
⁶⁸⁴ FOSTER, Benjamin Read. **Administration and use of institutional land in Sargonic Sumer**. Copenhagen: Akademisk forlag, 1982. (Mesopotamia, v. 9).

Mugnan foram descobertos⁶⁸⁵. Um dos melhores exemplos da prática de alocação de terras para apoiadores da coroa vem de Mugdan (mod. Umm el-jir), sobretudo do tablete Ashm 1932-346, que se encontra no *Ashmolean Museum*, no Reino Unido. O tablet possui duas colunas por face e 103 linhas ao todo. O texto foi transliterado e publicado como MAD 5 67, em 1970, por Ignace J. Gelb que o descreve da seguinte forma: “lista de quatorze campos muito grandes em quatorze locais com os nomes de seus proprietários. Os campos totalizam 1.830 IKU”⁶⁸⁶, o equivalente a 635,6 hectares.

⁶⁸⁵ FOSTER, Benjamin R. An Agricultural Archive from Sargonic Akkad. *Acta Sumerologica* 4, [s. l.], p. 7–51, 1982, p. 8.

⁶⁸⁶ GELB, I. J. *Sargonic Texts in the Ashmolean Museum, Oxford. Materials for the Assyrian Dictionary* 5. Chicago: University of Chicago Press, 1970, p. 62. Não encontramos nenhuma tradução dessa fonte para línguas contemporâneas. No entanto, por se tratar de uma fonte muito importante para justificar o nosso argumento, elaboramos uma tradução do texto com base na transliteração publicada por Gelb.

Figura 22 - Tablete Ashm 1932-0346 de Mugdan.



Tablete administrativo proveniente de mod. Umm al-Jir datada do período acadiano antigo (ca. 2340-2200 a.C.) e atualmente mantido no Museu Ashmolean, no Reino Unido. Fonte: MAD 5, 067 ARTIFACT ENTRY. [S. 1.], 1970. Disponível em: <https://cdli.ucla.edu/P215390>. Acesso em: 12 jan. 2024.

Tabela 8 - Inscrição MAD 5 67 do tablete Ashm 1932-346

Obverso Col. I		Tradução nossa	Obverso Col. II		Tradução nossa
01)	5(BURU'U) GÁN	900 iku de medida	01)	a-na I-nin-DINGIR	para 'Inindingir'
02)	in GIS.KIN.TI ^{KI}	em GIS.KIN.TI ^{KI}	02)	DUMU A-ši-a-lí	filho de Ašiali.
03)	a-na Da-da ši NIN	para a rainha Dada ⁶⁸⁷ .	03)	12 (IKU) GÁN	12 iku de medida
04)	8(BUR) GÁN	144 iku de medida	04)	in Ti-me ^{KI}	na terra de Time
05)	in A?-ratim ^{<KI>}	na terra de Aratim	05)	a-na PÙ.ŠA.ĤAL	para Púšaĥal.
06)	a-na X.DÙ.DÙ	para 'DÙDÙ'.	06)	1(BUR) 6(IKU) GÁN	24 iku de medida
07)	2 (BUR) 6(IKU)	42 iku de medida	07)	KÁ kiš [...]-pù-[...].	entre Kiš [...(?)]
08)	in A-ra-ga-zu- ^{KI}	na terra de Aragazu	08)	a-na su ₄ -ma-[za]ba [NU].BANDA	para Sumazaba, o capitão (militar).
09)	a-na Ì-za-za	para Izaza,	09)	1(BUR) [12?(IKU)] GÁN	[30?] Iku de medida
10)	SABRA-É	o alto administrador.	10)	in Su-ur-gal ^{KI}	na terra de Surugal
11)	1(BUR) 6(IKU)	24 iku de medida	11)	a-na I-da-DINGIR	para "Idadingir".
12)	in A-zu ^{KI[1]}	na ter[ra] de Azu	12)	3(BUR) [GÁN]	54 iku (de medida)
			13)	In IG-[... ^{KI}]	em Ig[...]
Reverso Col. I		tradução nossa	Reverso Col. II		tradução nossa
01)	a-na PÙ.Š[A-....]	para Pùš[....].	01)	a-na Be-lí-a-mi	para Beliami.
02)	1(BU) [6(IKU) [GÁN]	[24 Iku?] [de medida]	02)	ARÁD Sa-tu-DINGIR.	escravo ⁶⁸⁸ de 'Satudingir'.
03)	in A-tu[a? ^{KI}]	em Atu[...]	03)	2(BUR) GÁN	36 iku
04)	a-na I-ku-tum	para Ikutum.	04)	in Edar-ri ^{KI}	na terra de Edari,
05)	1 (BU'U) 5(BUR)	270 iku	05)	a-na Šu-í-lí-su	para Šuilísu,
06)	in Ša-at- ^d Tu-tu ^{<KI>}	na terra de Satutu,	06)	DUMU La-e-pum.	filho de Laepum.
07)	a-na I-ti-[....]	para Itii[....]	07)	1(BUR'U) 2 (BUR) GÁN	216 iku de medida,
08)	SABRA.[É]	o alto administrador	08)	KÁ Me-šum	(canal?) de Mešum,
09)	1(BUR) [6?(IKU)] GÁN	24(?) de medida	09)	a-na Be-li-GÚ.	para 'Beligu',
10)	in[n ...]-tu ^{KI}	e[m]tu.	10)	SABRA ⁶⁸⁹	o comissário.
11)	[a-na] SIMUG	[para] o ferreiro ⁶⁹⁰ .	11)	ŠU-NIGÍN 1(SÁR) 4(BUR'U) 1(BUR) 6+[6](IKU) GÁN	[ininteligível]
12)	[1?(BUR) 12?(IKU) GÁN]	[[30?] iku de medida]	12)	DINGIR-[su]-a-ĥ[a]	[ininteligível]
13)	[in]-lum ^{KI}	[em]lum,	13)	S[ABRA.É]?	[administrador]? ⁶⁹¹

Esse tablete pertencente ao 'arquivo Mugdan' foi um dos 45 tablets encontrados em Mugdan, próximo à Kiš. Segundo Foster, "esses lotes de terra, ou a renda deles, foram presumivelmente distribuídos às pessoas mencionadas para seu uso e benefício"⁶⁹². A fonte mostra os nomes pessoais dos destinatários das terras, sete desses nomes vem acompanhados de títulos ou posição na hierarquia, a quantidade de terras recebidas e o local das terras, normalmente possuindo o determinativo KI para indicar um local, uma região ou um

⁶⁸⁷ *šu nin* "da rainha". FOSTER, Benjamin R., 1982, p. 15.

⁶⁸⁸ ARAD: sumerograma que representa "escravo, servo, subordinado" equivale sumério ao termo acadiano *Wardum*. Cf. HALLORAN, 2006a, p. 23.

⁶⁸⁹ SABRA: gerente, administrador de um templo ou casa real; prefeito; comissário. Šabra é um empréstimo linguístico do acadiano *šapirum*, "dar instruções", de *šabru(m)*. Cf. Ibid., p. 247.

⁶⁹⁰ Simug: escultor de metal, (si, (si, 'iluminar', + mud₆, mu₂, 'soprar; inflamar, acender; fazer brilhar' + aka/ag, 'fazer, tornar'; Acad. napahu(m), trabalhador em metal); ferreiro. Cf. Ibid., p. 235.

⁶⁹¹ GELB, 1970, p. 62-64.

⁶⁹² FOSTER, Benjamin R., 1982, p. 14.

determinado espaço geográfico. Na inscrição 1830 iku, que equivalem a 645,6 hectares de terra, são contabilizados, todos distribuídos entre os indivíduos. Um único indivíduo portando o título “ši NIN” (Obv. Col. I, lin. 1-3), recebe quase a metade da área total, 900 iku, que corresponde a 75 vezes a área recebida pelo indivíduo sem título que recebeu apenas 12 (Obv. Col. II, lin. 3-5)⁶⁹³. Outros dois indivíduos, recebem quantidade considerável de terras. Iti[...], recebe 270 iku⁶⁹⁴ (Rev. Col. I, lin. 5-8) e ‘Beligu’ recebe 216 iku⁶⁹⁵ (Rev. Col. II, lin. 7-10)⁶⁹⁶. Ambos portam o título de *šabru(m)*, que se refere a funcionários de alto nível administrativo ligados a templos ou ao palácio⁶⁹⁷. A fonte pertencia a uma grande propriedade agrícola e foi produzida junto com outras fontes que destacam o pagamento de proventos à coroa na forma de rendimentos de colheitas e na forma de aluguel pagos em prata por parte de membros da administração para os quais eram alocadas parcelas da terra⁶⁹⁸. Nesse tipo de propriedade, baseada em redes de patrocínio real, trabalhavam trabalhadores de diversas posições sociais. De acordo com a inscrição, um subordinado de ‘Satudingir’ recebeu uma quantia de terra (Rev. Col. I, lin. 13-13 e Col. II, lin. 1-3). Significando que trabalhadores qualificados fiéis à coroa poderiam receber terras de propriedades patrocinadas por Naram-Sîn e Sarkališarri. Segundo a inscrição, um ferreiro não nomeado recebeu 24 iku⁶⁹⁹ de terras. Na mesma inscrição, parcelas de terra foram distribuídas a um filho de Ašiali (Obv. Col. I, lin. 11-12 e Col. II, lin. 1-2) e a um filho de Laepum (Ver. Col. II, lin. 3-6). A prática de incluir filhos de dignatários de alto escalão foi um esforço consciente e planejado dos reis de Agade para aprofundar lealdades e dependências para além dos apoiadores mais próximos desses reis, essa prática também pode ser percebida no obelisco de Manistušu⁷⁰⁰. Importa ainda destacar na fonte a presença de um capitão, *nu-bànda*, um cargo militar de alto nível, segundo argumenta Foster com base na ocorrência do termo em outra fonte relacionada a esse mesmo contexto da administração da terra⁷⁰¹.

⁶⁹³ Ibid., p. 15.

⁶⁹⁴ Cerca de 93,7 hectares ou 937.000 m² de área.

⁶⁹⁵ Cerca de 80 hectares ou 800.000 m² de área.

⁶⁹⁶ Outros dois notáveis

⁶⁹⁷ REINER, E. *et al.* (org.). **The Assyrian dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago. Vol. 17 Pt. 1: Š** / Erica Reiner, ed.-in-charge Ša-Šap / Erica Reiner, ed.-in-charge. 2. printed. Chicago, Ill: Oriental Inst., 2004a. v. 17p. 11.

⁶⁹⁸ SCHRAKAMP, 2020, p. 653–654.

⁶⁹⁹ Cerca de 8,3 hectares (83.000m²) de terra, embora haja dúvida sobre o valor exato devido à danos no tablete nesse trecho da inscrição.

⁷⁰⁰ SCHRAKAMP, 2020, p. 632.

⁷⁰¹ “Nu-bànda [...] ‘capitão’, possivelmente aqui um posto militar, como em BIN 8 144” FOSTER, Benjamin R., 1982, p. 15. Sobre os significados do termo ver também: “nu-banda_{3,5}” HALLORAN, 2006a, p. 209.

Além dos funcionários administrativos da elite, os principais beneficiários das terras adquiridas por compra, confisco ou conquista eram os oficiais ligados ao exército. Textos dos arquivos dos governadores de Umma e Lagaš atestam alocação de terras para soldados (aga₃-us₂), tropas da conscrição, pescadores, pastores e cervejeiros, que recebiam terras em troca de suas obrigações importantes com a conscrição⁷⁰². Em Girsu, onde Rimuš havia repelido uma rebelião e apropriado cerca de 14 km² como medida punitiva contra Lagaš, aparecem diversos oficiais, entre mensageiros, copeiros, cultivadores, oficiais militares, escribas, juízes, e equipes do templo, incluindo uma sacerdotisa⁷⁰³. Também nos arquivos de Girsu, bem como de Adab e de Umma, são aparecem os “*nisqū*”, um grupo de pessoas cujos nomes pessoais sumérios sugerem que faziam parte da população local, que eram abastecidos com alimentos e convocados para o trabalho público e o serviço militar junto com as tropas locais da conscrição, embora os registros de arquivo façam uma distinção rigorosa entre esses dois grupos⁷⁰⁴. Além disso, os registros de arquivo mostram que eles eram enviados junto com os soldados reais, o que indica terem sido considerados uma força militar confiável e valiosa para o reino de Acade⁷⁰⁵. Essas observações nos indicam que devemos ter cautela acerca das relações sociopolíticas de trabalho no período acadiano, pois, tais relações diferem muito do que vinha ocorrendo até então.

Algumas terras eram controladas diretamente pelo governo central, enquanto outras eram consideradas de responsabilidade do governador. Ambas as partes tinham a capacidade de distribuir porções dessas terras para seguidores leais, seja como forma de pagamento ou para arrendamento. Em certo sentido, como observa Mieroop, “foi necessário desenvolver um novo sistema de governo: as cidades-estados, antes independentes, precisavam ser integradas em uma estrutura maior em todos os aspectos, política, econômica e ideologicamente”⁷⁰⁶. Segundo Foster, “a força do sistema acadiano na Suméria era que envolvia muito poucos trabalhadores totalmente dependentes, que tinham que ser alimentados e mantidos pelo proprietário da terra”⁷⁰⁷. Isso permitia que os reis de Agade quanto os governadores mantivessem o controle sobre a terra e, ao mesmo tempo, recompensassem seus seguidores com terras para uso pessoal ou para arrendamento, mantendo a estabilidade política e econômica do reino. Essa política

⁷⁰² SCHRAKAMP, 2020, p. 644.

⁷⁰³ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 71–72. *Nisqu(m)* possui o sentido de *escolha, seleção*; no vocabulário do acadiano antigo e no léxico do antigo babilônico *niqur* representa [devido às políticas sargônicas] uma classe de pessoas BLACK, Jeremy Allen; GEORGE; POSTGATE, 2000, p. 255.

⁷⁰⁴ SCHRAKAMP, 2020, p. 644.

⁷⁰⁵ Ibid.

⁷⁰⁶ MARC VAN DE MIEROOP, 2016, p. 68.

⁷⁰⁷ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 92.

também ajudou aos reis de Acade a consolidarem o controle central e a tributação⁷⁰⁸. Nesse sentido, “sua integração de longa data à rede de patrocínio real significava que a coroa tinha acesso direto a um aparato administrativo que ainda estava profundamente enraizado nas estruturas tradicionais da cidade-estado outrora independente”⁷⁰⁹. Essa rede global de patrocínio de lealdades percorria toda a Mesopotâmia, do sul ao norte, desde as grandes propriedades de agricultura irrigada ao sul até as propriedades de agricultura a seco no vale do Kabur ao norte, e integravam-se às redes de comércio estabelecidas com Meluḫa, Magan e Dilmun, e aos armazéns fortificados militarmente, ao exército permanente e à promulgação real de conscrições. Argumentamos que ela representa a aquisição de complexidade, cujos retornos marginais ao palácio não poderiam ser mantidos *ad infinitum*⁷¹⁰ mediante conquista, compra forçada e confisco. Além disso, defendemos o argumento de que, no final da quarta fase de formação do reino de Acade, por volta 2230 A.E.C., após a Grande Revolta, os retornos marginais, isto é, a vantagem de acrescentar níveis de complexidade ao sistema, estavam tornando-se nula.

⁷⁰⁸ LEICK, 2003, p. 124.

⁷⁰⁹ SCHRAKAMP, 2020, p. 635.

⁷¹⁰ MENDES, 1995.; TAINTER, 1988b.; 1995.

4 QUEM ERA O REI? MOTIVOS DO COLAPSO DO REINO DE ACADE

Neste capítulo destacamos o enfrentamento e oposição ao rei Sarkališarri dentro e fora de seus domínios. Argumentamos que as campanhas militares exigiram desviar recursos do espaço interno propenso a revoltas para os locais de batalha, deixando as defesas internas enfraquecidas. Sarkališarri construiu o Templo de Ekur e outros templos, empregando milhares de trabalhadores, comprometendo os cofres do reino. Destacamos que revoltas internas e invasões externas ocorreram no final do governo de Sarkališarri e estão relacionadas diretamente com o colapso sociopolítico do reino de Agade. No tópico sobre paleoclimatologia, abordamos o papel do clima no colapso do reino de Agade. Discutimos o evento 4.2 ka, caracterizado por condições climáticas secas e frias, apontado como um dos fatores que contribuíram para o colapso de sociedades em várias regiões, incluindo a Mesopotâmia, segundo Harwey Weiss. Por fim, no último tópico, problematizamos a imagem dos reis Sargão e Naram-Sîn na literatura posterior para compreender como o colapso de Acade foi percebido pelas elites sumérias em períodos posteriores. Por fim, nas considerações finais, se discute as razões para o colapso a partir de uma síntese geral a partir dos debates dos capítulos.

4.1 O GOVERNO DE ŠARKALIŠARRI

O reino de Agade atingiu seu ápice na segunda metade do governo de Naram-Sîn, entre 2230 e 2224 A.E.C. Segundo Selz, “quando Sharkališarri subiu ao trono — como filho do rei que já havia servido sob o comando de Naram-Sîn em Nippur — assumiu os problemas de seu pai Naram-Sîn, tanto em termos civis quanto militares”⁷¹¹. Embora o reino acadiano fosse mantido unido com determinação inflexível e força bruta por Naram-Sîn, ele começou a desmoronar nas gerações subsequentes, sobretudo após o governo de Sarkališarri que governou cerca de 25 anos, de 2223 a 2198 A.E.C.⁷¹² Sarkališarri buscou manter as políticas de seus predecessores, sobretudo travando campanhas militares, embora tais campanhas tivessem um aspecto defensivo, “[...] visto que Acade estava frequentemente na defensiva contra ameaças militares de grupos dentro ou adjacentes à sua zona de influência”⁷¹³ e campanhas militares

⁷¹¹ SELZ, 2016, p. 72.

⁷¹² LEICK, 2003, p. 122.

⁷¹³ MARC VAN DE MIEROOP, 2016, p. 75.

exigiriam mobilizar recursos do espaço interno, propenso a revoltas, para os locais de batalha nos limites territoriais do reino, deixando as defesas internas enfraquecidas.

No governo desse rei, ocorreram algumas batalhas importantes. Podemos dividi-las em dois grupos: batalhas contra inimigos externos e batalhas contra inimigos internos. A cronologia desses eventos é difícil de determinar, embora tenham provavelmente ocorrido simultaneamente. Entretanto, podemos destacar dois aspectos importantes de seu governo, a construção do templo de Enlíl em Nippur e as campanhas militares contra uma série de inimigos internos e externos.

Atrelada à teologia política dos reis de Acade estava a construção de templos a alguns deuses da Suméria. Naram-Sîn, por exemplo, destacou-se como um “rei construtor”, sendo a construção de templos um ofício sagrado do rei. Diversas inscrições indicam essa prática, especialmente os selos de tijolo com inscrições reais de Naram-Sîn, acerca da construção de templos para Ištar, Ilaba, Sîn, Ningublaga e Enlíl. Antes de Naram-Sîn as inscrições eram feitas manualmente, sendo este rei o primeiro rei a utilizar selos de argila para fazer inscrições em tijolos⁷¹⁴. Importa discutir brevemente a construção de um templo para Ištar em Zabala e da reconstrução do Ekur planejada por Naram-Sîn, mas concluída por Sarkališarri.

A inscrição RIME E2.1.4.16 é encontrada em quatro selos e está preservada em quatro coleções distintas. Um exemplar está no Instituto Oriental da Universidade de Chicago, catalogado sob o número de museu A458 e é originário de Bismaya. Outro selo encontra-se no Kalamazoo Valley Museum, com o número de museu KVM 32.1198, também proveniente de Bismaya. O terceiro selo está na Schøyen Collection, sob o número de museu MS 5106, cuja procedência é incerta. Na descrição do terceiro selo da Schøyen Collection, é mencionado um quarto selo que, no entanto, não foi encontrado. Esse selo estaria no Museu Britânico. Para essa discussão, destacaremos a inscrição a partir do selo MS 5106.

⁷¹⁴ MS 5106. Royal Inscription of Naram-Sîn. The Schøyen collection. Disponível em: <https://www.schoyencollection.com/pre-gutenberg-printing/21-1-blind-on-clay-gold/ms-5106>. Acesso em 10 jan. 2024.

Figura 23 - Selo MS 5106 da Schøyen Collection



Selador de tijolos com inscrição de Naram-Sîn, o construtor.

Fonte: <https://www.schoyencollection.com/pre-gutenberg-printing/21-1-blind-on-clay-gold/ms-5106>

Tabela 9 - Texto da inscrição RIME E2.1.4.16

1) ^d na-ra-am- ^d EN.ZU	1) Naram-Sîn,
2) ^{ba} DÍM	2) construtor
3) É ^d INANNA	3) da casa de Ištar ⁷¹⁵

Esta fonte destaca um dos mais importantes papéis assumidos pelo rei Naram-Sîn durante seu governo, o papel de rei construtor. A construção de templos se beneficiava da conscrição, mas também há indícios de que equipes de construtores estiveram entre os beneficiados pela rede de patrocínio real, sobretudo os “pedreiros reais” (*šidim lugal-me*) conforme um texto proveniente de Girsu⁷¹⁶. Eles eram trabalhadores qualificados da classe dos

⁷¹⁵ RIME E2.1.4.16 - FRAYNE, 1993, p. 121.

⁷¹⁶ FOSTER, Benjamin Read, 1982, p. 21.

artesões, com oleiros, escultores, carpinteiros, cesteiros e construtores de barcos, etc.⁷¹⁷ Portanto, trabalhadores indispensáveis para a execução de grandes projetos institucionais.

Na fonte, o nome de Naram-Sîn é acompanhado do determinativo dingir (transliterado por um ‘d’ sobescrito) antecedendo o nome do rei. Isso significa que esta fonte é posterior à divinização do rei, que ocorreu logo após a Grande Revolta (2230 A.E.C.). Nesse sentido, sugerimos que há uma relação intrínseca entre legitimação, divinização, construção de templos e a rede de patrocínios, pois, “na concepção mesopotâmica de mundo, o rei só é eleito se escolhido pela divindade, não existe outra legitimação ideológica que não a vontade dos deuses”⁷¹⁸. Desse modo, considerando que a conscrição era, conforme já discutimos, considerada uma atividade que se pensava ser uma promulgação estabelecida pelos deuses e que a construção e a reforma de templos era uma responsabilidade do rei, que como “bom pastor, não apenas guiava seu povo, mas também honrava os deuses, reconstruía e construía templos em honra a eles, realizava os votos, fazia libações e executava os rituais prescritos”⁷¹⁹, a rede de patrocínio era uma comunidade imaginada que visava unificar toda a Mesopotâmia debaixo do comando do rei que ao ser divinizado, poderia confiscar terras dos templos das cidades da Suméria vencidas na Grande Revolta e distribuir para governadores, sacerdotes e administradores (*sanga*) fieis à coroa.

A prática de confisco de terras institucionais dos templos não era incomum, pois, já ocorria em domínios conquistados. Com a divinização, havia um argumento a mais, “nos domínios conquistados, onde os templos detinham interesses substanciais, os reis acadianos alegavam que seus chefes de família divinos haviam confiado seus súditos a eles”⁷²⁰, que poderia ser utilizado para justificar o confisco de terras de cidades rebeldes vencidas. Nesse sentido, “provavelmente não é sem ironia que Naram-Sîn afirmou que os deuses das mesmas cidades rebeldes foram convidados a conceder-lhe status divino”⁷²¹. O discurso real sobre o divino tinha como pano de fundo o cumprimento de objetivos políticos.

Na terceira linha da inscrição, se encontra a expressão é ^dINANNA, “casa de Inanna/Ištar”. A construção de um templo à deusa, além de ser uma forma de reafirmar a legitimidade, parece ser a contrapartida do rei para a vitória concedida. A inscrição da estátua de Bassekti atribui a vitória de Naram-Sîn sobre a Grande Revolta ao amor de Ištar pelo rei.

⁷¹⁷ WARBURTON, D. A. Working. In: A COMPANION TO THE ANCIENT NEAR EAST. [S. l.]: John Wiley & Sons, Ltd, 2020, p. 181–200. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781119362500.ch11>. Acesso em: 12 mar. 2023, p. 170.

⁷¹⁸ DUPLA, 2019, p. 112.

⁷¹⁹ Ibid., p. 136.

⁷²⁰ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 42.

⁷²¹ MARC VAN DE MIEROOP, 2016, p. 74.

Um atributo de Ištar/Inanna como deusa da guerra é proteger o povo nos campos de batalha⁷²². Muitas dessas relações foram exploradas pelos reis mediante o uso do discurso nas inscrições reais com objetivos políticos, embora não sejam problematizadas neste trabalho.

Um dos principais projetos de construção planejados por Naram-Sîn, e concluído por seu filho Šarkališarri foi um templo em Nippur, chamado Ekur, casa da montanha, lar de Enlíl, um dos principais deuses do sul da Mesopotâmia⁷²³. Trata-se, no entanto, de uma reconstrução do antigo templo, que era um dos santuários mais importantes da Mesopotâmia⁷²⁴. Isso pode explicar o interesse dos reis de Agade nesse templo. Ali os reis de Acade depositavam suas estátuas triunfais e Rimuš, um dos filhos e sucessores de Sargão, dedicou 15 kg de ouro, 1.800 kg de cobre e trezentos servos, bem como vasos de pedra de seus espólios de guerra, como oferendas para o templo de Enlíl, traduzindo a reivindicação de governar todo sul da Mesopotâmia⁷²⁵. Essas oferendas em grande escala enorme refletem não apenas a posição elevada do deus entre as divindades mesopotâmicas, mas também a promoção deliberada de Enlíl a uma divindade política do reino de Acade.

Um poema sumério do início do segundo milênio destaca a importância de Nippur como a morada de Enlíl, o deus para o qual os principais deuses, Anunna, devem obediência:

(7-9) Todos os deuses da terra se curvam ao pai Enlíl, que se senta confortavelmente na santa dais, a altiva [...], a Nunamir, cujo senhorio e principado são os mais perfeitos. Os deuses Anunna entram diante dele e obedecem fielmente às suas instruções. (10-17) O poderoso senhor, o maior do céu e da terra, o juiz experiente, o sábio de ampla sabedoria, tomou assento no Dur-an-ki, e fez resplandecer de majestade o Ki-Ur, o grande lugar. Fixou residência em Nibru, o elo elevado (?) entre o céu e a terra. A frente da cidade está carregada de terrível temor e brilho, suas costas são tais que até o deus mais poderoso não ousa atacar, e seu interior é a lâmina de um punhal afiado, uma lâmina de catástrofe. Para as terras rebeldes, é uma armadilha, uma armadilha montada com uma rede⁷²⁶.

A implicação de ter o apoio de Enlíl é clara da perspectiva política, ter a aprovação de Enlíl implica ter a aprovação de todos os principais deuses, os Anunna⁷²⁷, Enlíl é um deus que ninguém ousaria atacar, uma armadilha para os territórios rebeldes. Isso está nas políticas acadianas para com o culto em Nippur. Embora a construção do Ekur tenha sido planejada por

⁷²² ZDEBSKYI, 2022, p. 76.

⁷²³ FOSTER, Benjamin R.; FOSTER, 2009, p. 48.

⁷²⁴ LEICK, 2010a, p. 60.

⁷²⁵ SCHRAKAMP, 2020, p. 652.

⁷²⁶ ETCSL: t.4.05.1, Enlíl no E-kur (Enlíl A). Disponível em: <https://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=t.4.05.1#>. Acesso em: 02 dez. 2023.

⁷²⁷ ^{d18}a-nun-n18a (ke₄-ne)“os deuses como um todo; os deuses do mundo inferior, em comparação com os *nu-gal-e-ne*, os grandes deuses do céu” HALLORAN, 2006b, p. 6. Os deuses Anunna, foram popularizados na forma hipótese alternativa da origem da humanidade por Zecharia Sitchin sendo denominados “Anunnaki” ou “deuses astronautas”.

Naram-Sîn, este morreu antes de terminá-lo, tarefa que ficou a cargo de Sarkališarri⁷²⁸. A tarefa tão importante para Sar-kali-sarri que ele nomeou um de seus anos para a instalação do governador militar de Nippur responsável pela obra⁷²⁹. Destacamos duas inscrições principais: RIME 2.1.5.1 e RIME 2.1.5.3, a primeira devido ao conteúdo material e a segunda porque ela é atestada em 47 seladores de tijolo. Conforme a inscrição RIME 2.1.5.1, inscrita em duas bases de porta de diorito de Nippur:

- 1-2) O deus Enlíl o instruiu.
 3-11) Šarkališarri, o poderoso, rei de Agade, construtor de Ekur, templo do deus Enlíl em Nippur. 12-24) Quanto àquele que remover esta inscrição, que os deuses Enlíl, Šamaš e Ištar destruam suas fundações e destruam sua progênie⁷³⁰.

Diferente da inscrição de Naram-Sîn, esta inscrição não inscreve o determinativo divino no nome do rei. Este não é “deus de Agade” como ocorre em algumas inscrições de Naram-Sîn, apenas “rei de Agade” (LUGAL *akàdè*.^{K1})⁷³¹. O rei é “por instrução de Enlíl”, construtor (^{ba}DÍM)⁷³² do Ekur em Nippur. A inscrição segue a prática de algumas inscrições sargônicas colocando a inscrição sobre juramento de maldição àqueles que a destruírem, pois, elas são o testemunho do ofício sagrado do rei, materializado na construção do sagrado templo.

Cerca de 45 seladores de tijolos e 2 tijolos selados com a inscrição tijolo foram encontrados em Nippur que como apropriação do universo físico indica uma grande quantidade de trabalhadores envolvidos na construção.

⁷²⁸ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 15.

⁷²⁹ FRAYNE, 1993, p. 184.

⁷³⁰ Ibid., p. 187.

⁷³¹ Pronún. *Sarrúm Akade*

⁷³² Pronú. *banû*. Cf. BLACK, Jeremy Allen; GEORGE; POSTGATE, 2000, p. 38.

Figura 24 - Selador de tijolo com inscrição de Šarkališarri, construtor do Ekur.



Selo de tijolo oficial ou de exibição escavado em Nippur (mod. Nuffar). Fonte: RIME 2.1.5.3. Disponível em: <https://cdli.mpiwg-berlin.mpg.de/artifacts/461858>. Acesso em: 15 set. 2023.

Tabela 10 - Texto da inscrição RIME 2.1.5.3

1)	<i>šar-kà-li-LUGAL-ri</i>	1)	divino Sharkalisarri
2)	DUMU <i>da-di</i> ^d <i>en-lil</i>	2)	filho amado do deus Enlíl.
3)	<i>da-núm</i>	3)	forte
4)	LUGAL	4)	rei
5)	<i>a-kà-dè.KI</i>	5)	da terra de Agade
6)	<i>ù</i>	6)	e
7)	<i>bù-ú-la-ti</i>	7)	dos súditos do
8)	^d <i>en-lil</i>	8)	deus Enlíl
9)	^{ba} DIM	9)	construtor
10)	<i>é-kur</i>	10)	do Ekur
11)	É ^d <i>en-lil</i>	11)	casa de Enlíl
12)	<i>in NIBRU.KI</i>	12)	em Nippur ⁷³³

⁷³³ FRAYNE, 1993, p. 188.

Nesta inscrição, o nome do rei ocorre com o determinativo dingir (*) e, o próprio rei se proclama filho amado de Enlíl (lin. 2: DUMU *da-di* ^d*en-líl*). Os súditos do rei são súditos de Enlíl (lin. 4-8). A importância atribuída pelo rei à construção do Ekur explica os enormes gastos com sua construção. Recursos tais que deixariam de ser utilizados, por exemplo, no financiamento da rede de patrocínio podendo enfraquecer a estrutura sociopolítica abrindo brechas para rebeliões e invasões estrangeiras em uma época em que as secas castigavam as periferias dos Zagros, da região do Khabur⁷³⁴, provavelmente buscando terras menos áridas no sul.

A supervisão da construção do novo Ekur foi confiada ao comando de Puzur-Ištar, governador militar escolhido por Šarkališarri, demonstrando que pessoas ligadas ao exército também tinham obrigações civis⁷³⁵, provavelmente ligados à rede de patrocínio e à conscrição. O arquivo acadiano⁷³⁶, que já mencionamos, continha informações sobre a construção do templo, que envolveu a contratação de 400 trabalhadores especializados, incluindo ferreiros, ourives, marceneiros, escultores e carpinteiros que foram eram mobilizados de cidades como Sippar, Kiš e Zabala (ou Ur) e apoiados por enormes carregamentos de grãos de cidades como Marada⁷³⁷. Os textos desse arquivo indicam gastos de algumas centenas de quilos de bronze, prata e ouro, além de toneladas de cobre⁷³⁸. A partir dos documentos do arquivo é possível ter uma ideia dos recursos dispensados à construção dessa obra. De acordo com Foster:

Flanqueando a entrada principal, dois grandes espíritos protetores de cobre com rostos banhados a ouro seguravam padrões. Havia também quatro figuras de bisões banhadas a ouro montadas em cada lado do portal ao longo da parede do recinto. O portal em si era guardado por duas grandes figuras de cobre de dragões alados com banhaduras de ouro em suas bocas abertas e rosnando. As portas eram cravejadas com pregos de cobre com cabeças banhadas a ouro e podiam ser trancadas com parafusos pesados moldados como dragões ou búfalos de água. As portas dos santuários internos eram ladeadas por divindades protetoras menores que seguravam padrões. Estes, também, tinham rostos banhados a ouro. Dentro dos edifícios do templo, os implementos de culto incluíam 100 grandes discos solares e 100 grandes luas-crescentes, contendo ao todo cerca de vinte e nove quilos de ouro. Os vários implementos de prata pertencentes a um único santuário totalizavam cerca de 200 quilos. Havia também estátuas votivas de nobres acádios, banhadas a ouro⁷³⁹.

⁷³⁴ WATANABE, T. K. *et al.* Oman corals suggest that a stronger winter shamal season caused the Akkadian Empire (Mesopotamia) collapse. *Geology*, [s. l.], v. 47, n. 12, p. 1141–1145, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1130/G46604.1>; WEISS, H. *et al.*, 1993a.; WEISS, Harvey, 2017.

⁷³⁵ SELZ, 2016, p. 73.

⁷³⁶ Textos (OSP 2, 1-35) encontrados no ‘pátio do Ekur’. Cf. VISICATO, 2000, p. 193.

⁷³⁷ SCHRAKAMP, 2020, p. 651.

⁷³⁸ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 15.

⁷³⁹ *Ibid.*

Embora possa haver exageros nos números e nas descrições, isso sugere que o financiamento da reconstrução do Ekur pode ter comprometido os cofres do reino. O Templo de Ekur empregava milhares de trabalhadores, na forma de conscrição e na forma de trabalhadores contratados, pagando-lhes com suprimentos de cevada e lã não processada. A Historiografia sugere que as fugas do trabalho eram comuns, indicando não estarem contentes ao suar para Enlíl⁷⁴⁰. O rei empenhou-se também na construção de templos aos deuses Ilaba, Anunitum e Ištar na Babilônia. Seja como for, isso poderia ter consequências imprevisíveis no médio e longo prazo, principalmente caso Šarkališarri tivesse por objetivo manter um exército permanente ou caso houvesse revoltas internas e invasões externas. Conforme veremos a seguir, revoltas e invasões ocorreram no final do governo desse rei e elas estão relacionadas diretamente com o colapso sociopolítico do reino de Acade.

A analisar pelas fontes, durante o governo de Šarkališarri não foram registradas tantas campanhas militares quanto ocorreram nas fases de formação do reino. Entretanto, enfrentou oposição dentro e fora de seus domínios. Leick argumenta que:

A proximidade de Acádia dos montes orientais representava obviamente um elemento de risco, uma vez que qualquer cidade abastada na orla das terras cultivadas era um alvo potencial para os povos tribais não urbanos, e qualquer enfraquecimento do controle e da defesa atraía os seus ataques de surpresa⁷⁴¹.

Foram em direção aos montes Zagros, ao leste, que ocorreram as principais campanhas de Šarkališarri. As principais campanhas nessa região foram direcionadas contra os gútios e contra os elamitas, que nunca estiveram efetivamente debaixo do domínio de Agade. Provavelmente, as invasões externas ao reino de Acade tenham se iniciado apenas depois que o domínio acadiano sobre a Mesopotâmia havia se enfraquecido em recursos e militarmente, após as campanhas elamitas, e contra amoritas em Basar (mod. Jebel Bišri), a montanha dos amoritas⁷⁴², e contra uma coalizão elamita em Akšak⁷⁴³.

Numa inscrição desse rei, “as quatro regiões do mundo se rebelaram contra ele”, indicando a existência de inimigos internos e externos. Na inscrição RIME 2.1.5.5, que possui 70 linhas, além das 8 linhas do colofão acrescentado pelo copista, encontramos uma menção ao rei Šarkališarri, o forte (*daním*), e à revolta das quatro regiões, sua conquista das nascentes dos rios Tigre e Eufrates e a posterior construção do templo de Ištar, a deusa adotada como protetora da família real.

⁷⁴⁰ WESTENHOLZ, A., 1999, p. 61–62.

⁷⁴¹ LEICK, 2003, p. 123.

⁷⁴² FLEMING, D. E. **Democracy's ancient ancestors: Mari and early collective governance**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2004, p. 39.; SELZ, 2016, p. 73.

⁷⁴³ SELZ, 2016, p. 73.

- 1-8) Šarkališarri, o poderoso, rei de Agade, construtor do ... templo da deusa Ištar em Zabala.
 9-13) Quando as quatro regiões juntas se revoltaram contra ele,
 14) [traços]
 15-28) [D]esde o mar de baixo até o [m]ar de cima, feriu o povo e todas as terras montanhosas por causa do deus Enlíl.
 29-34) E trouxe os seus reis e[m] grilhões perante o deus Enlíl.
 35-44) Šarkališarri o poderoso, pela ... autoridade do deus Enlíl, não teve misericórdia de ninguém naquelas batalhas.
 45-52) Chegou (...) à nascente do rio Tigre e (...) à nascente do rio Eufrates e
 53-57) Cortou madeira de cedro em Amanus (montanhas) para ... o templo da deusa Ištar.
 58-70) Quanto àquele que remover esta inscrição, que os deuses Enlíl, Shamaš e Ištar arranquem suas fundações e destruam sua progênie.
 Colofão 1-4) De acordo com o texto de uma estela de pedra *marḥuša*.
 5-8) O que estava escrito (na) pedra, Nergal-Šumi-ibni da família IShShakku escreveu rapidamente⁷⁴⁴.

A inscrição acima localiza as batalhas em regiões montanhosas. Provavelmente direcionadas aos gútios das montanhas Zagros, que no final do rei de Šarkališarri estavam adentrando na Mesopotâmia e provocando problemas nos campos agrícolas. A julgar pela inscrição, Šarkališarri imitando Sargão que levou Lugalzagezi em uma coleira diante de Enlíl, trouxe os reis das quatro regiões diante do deus, ato que muito provavelmente é um exagero discursivo triunfalista.

No final do governo de Šarkališarri, Acade encontrava-se em sérias dificuldades. Os gútios ao leste estavam provocando problemas, adentrando gradualmente para dentro dos domínios. A intervenção dos gútios, dos elamitas, dos amoritas e de outros povos em Acade durante o governo de Šarkališarri não deve nos surpreender, pois, ao longo da história da Mesopotâmia, os reinos vizinhos de Acade demonstraram pressa em ampliar sua influência sobre a região de Diyala, sede do reino, em momentos de enfraquecimento do poder central⁷⁴⁵. No mesmo sentido, Liverani aponta que, devido à crise decorrente do esgotamento dos recursos e da desorganização dos últimos anos dos reis acadianos, os gútios desceram o Zagros e assumiram o controle das planícies da Mesopotâmia⁷⁴⁶. O texto chamado “*A maldição de Agade*”, que discutiremos no último tópico deste capítulo, segue essa mesma interpretação. Entretanto, provavelmente os gútios apenas estavam tomando proveito da situação ao invés de praticarem uma invasão deliberada. Uma carta de Iškun-Dagan enviada a Lugalra antes da invasão descreve a preocupação com os gútios:

Isto é de Iskun-Dagan para Lugalra: cultive o campo e cuide do gado! E, acima de tudo, não me digam: “os gútios estão por perto, não pude cultivar o campo”. Façam postos avançados a uma milha de distância e vão vocês mesmos cultivar o campo! Os

⁷⁴⁴ FRAYNE, 1993, p. 192–194.

⁷⁴⁵ Ibid., p. 188.

⁷⁴⁶ LIVERANI, 2014, p. 153.

homens vão fazer o seu trabalho(?). Se os gútios tentarem atacar-vos, então tragam todo o gado para a cidade. Antigamente(?) quando os homens gútios levavam o gado, eu nunca disse uma palavra; sempre vos dei prata (pelos danos). Mas agora (?) juro pela vida do rei Šarkališarri que, se os homens de gútios tiverem levado o gado e tu não puderes pagar do teu próprio bolso, não te darei nenhuma prata quando chegar à cidade. Agora, não queres tomar conta do gado? Já vos exigi a entrega regular de cevada em montes. Isto é um aviso (?) - tomem conhecimento dele⁷⁴⁷.

De acordo com esta carta de Iškun-Dagan, que provavelmente era um administrador de alto escalão na região de Lagaš na época de Šarkališarri⁷⁴⁸, para Lugalra havia séria preocupação com a proteção do campo e do gado. Westenholz argumenta que “quando os escritores podem ser identificados, eles estão entre os mais altos funcionários do Império Sargônico sob Naram-Sîn e Šarkališarri”⁷⁴⁹. Iškun-Dagan, era escriba e administrador subordinado à rainha Tuta-šar-libbiš, esposa do rei Šarkališarri, e Lugalra também era escriba e administrador da propriedade localizada em Lagaš⁷⁵⁰. Isso sugere que a presença dos gútios que estavam nas planícies do sul da Mesopotâmia eram motivo de séria preocupação ao palácio acadiano.

De acordo com a carta, os gútios aparecem como saqueadores de gado, não como um exército organizado invadindo a região. A escassez de recursos pode ser deduzida da carta: Iškun-Dagan compensava os prejuízos que os gútios estavam provocando, mas não poderia continuar a compensá-los caso a cevada exigida não fosse entregue. Os servidores locais do rei recebiam grandes áreas de terra para cultivo, arrendamento e redistribuição, divididas em duas categorias: “sustento”, das quais deveriam obter renda, e “pagas”, que poderiam ser arrendadas como benefício do cargo, mediante pagamento em dinheiro ou porcentagem da colheita⁷⁵¹. Cerca de 136000 hectares de terra na região de Umma e Lagaš haviam sido confiscadas anteriormente por Rimuš, como medida punitiva aos rebeldes, e repassadas aos beneficiários de terras da rede de patrocínio real⁷⁵². A propriedade administrada por Lugalra tinha cerca de 324 iku, equivalente a 114 hectares, cultivados por fazendeiros (engar) que tinham obrigações fixas e recebiam campos para subsistência e arrendamento. Beneficiários de alto escalão, como os governadores das cidades, podiam distribuir terras para seus seguidores, criando as suas próprias redes de patrocínio. Provavelmente, foi meio dessa estratégia que governantes locais

⁷⁴⁷ OPPENHEIM, A. L. **Letters from Mesopotamia: official business, and private letters on clay tablets from two millennia**. Chicago; London: Chicago, University of Chicago Press, 1967, p. 71–72.

⁷⁴⁸ FOSTER, Benjamin Read, 2005, p. 69. nota I

⁷⁴⁹ AAGE WESTENHOLZ. The World View of Sargonic Officials. Differences in Mentality Between Sumerians and Akkadians. In: LIVERANI, M. (org.). **Akkad: The First World Empire: Structure, Ideology, Traditions**. Rome: Sargon, 1993, p. 157–170, p. 157.

⁷⁵⁰ SCHRAKAMP, 2020, p. 659.

⁷⁵¹ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 90.

⁷⁵² Ibid., p. 7.

das cidades conseguiram financiar as revoltas. Por fim, o texto da carta finaliza com um aviso sério e uma ordem para que Lugalra tome medidas para proteger o gado e cumprir suas obrigações com as remessas devidas ao administrador. Isso sugere que a escassez de recursos combinada aos saques dos gútios às propriedades perturbaram a já enfraquecida rede de patrocínio real.

Importa ainda discutir outra evidência de Lagaš para a perda gradativa de poder de Agade. Um exemplo a mencionar é o do governador Puzur-Mama, que se proclamou rei dessa cidade, provavelmente após a morte de Šarkališarri⁷⁵³. Um texto intitulado “governantes de Lagaš” o descreve como escriba de Ninki: “*Puzur-Mama, o escriba de Ninki: seu deus pessoal era Zazaru; atuou por [?] anos. Lamku-niĝgena (?), o administrador de Puzur-Mama, que construiu a muralha de Ĝirsu, sua*”⁷⁵⁴. Ĝirsu ficava próxima a Lagaš, provavelmente estava dentro dos domínios de seu governador. Em outra carta, possivelmente enviada para Šarkališarri, Puzur-Mama como governador de Lagaš disputa pela propriedade das terras de Sulum e E-apin, que são reivindicadas tanto por Lagaš quanto por Ur.

[Diga ao meu senhor]: isto é o que disse Puzur-Mama, governador de Lagaš: Sulum e E-apin, desde a época de Sargão, pertenciam ao território de Lagaš. Ur-Utu, quando serviu como governador de Ur para Naram-Sîn, pagou 2 minas de ouro por elas. Ur-e, governador de Lagaš, tomou-os de volta. A consequência é que Puzur-Mama deveria [...]”⁷⁵⁵.

Puzur-Mama afirma que essas terras pertencem ao território de Lagaš desde a época de Sargão, enquanto Ur-Utu, em nome de Naram-Sîn, pagou por elas. A disputa surge quando Ur-e, governador de Lagaš, toma as terras de volta. Não sabemos como a disputa terminou, pois, o texto está incompleto. Porém, com o enfraquecimento do poder do rei e sua morte, provavelmente os governantes das cidades viram a oportunidade de se libertarem do patrocínio e proclamarem sua ‘independência’.

Em uma inscrição posterior à morte do rei, Puzur-Mama reaparece com o título de “rei de Lagaš”. O texto corresponde à terceira coluna da inscrição real em língua suméria gravada em duas tigelas de barro. Segundo a inscrição: “*sua mãe natural é a deusa Ninbur, seu deus pessoal é o deus Šul-utula. Puzur-Mama, rei de Lagaš*”⁷⁵⁶. O exemplo de Lagaš pode ter sido

⁷⁵³ SCHRAKAMP, 2020, p. 668.

⁷⁵⁴ ETCSL t.2.1.2, **The rulers of Lagaš**, linhas 183-185. Disponível em: <https://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=t.2.1.2#>. Acesso em: 13 jan. 2024. Uma publicação mais detalhada do Tablete BM 23103 que contém o texto foi publicada por Edmond Solleberger, em: SOLLBERGER, E. *The Rulers of Lagaš*. **Journal of Cuneiform Studies**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 279–291, 1967. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1359377>

⁷⁵⁵ FOSTER, Benjamin R., 2016a, p. 169.

⁷⁵⁶ FRAYNE, 1993, p. 271–272. Coluna III, linhas 2-8

seguido por outras cidades da Mesopotâmia, mergulhando a região no caos, de modo que mais tarde o escriba da lista dos reis da Suméria questiona “quem era o rei, quem não era o rei”. Segundo Frayne, “a usurpação do poder da autoridade central pelos governadores locais provavelmente se repetiu em outras cidades do sul; infelizmente, nossa falta de fontes para esse período nos impede de documentar claramente esse processo”⁷⁵⁷. Porém, mesmo com poucas fontes que nos permitam compreender com mais clareza, entendemos que o colapso resultou no desmembramento dos domínios territoriais de Acade por meio de processos semelhantes ao que as fontes indicam ter ocorrido com Lagaš sob Puzur-Mama. Pesquisadores das ciências naturais não se contentariam com essa explicação, embora ela seja razoável. Esse pode ser um dos motivos pelos quais alguns autores, como Weiss, buscam respostas em evidências materiais do paleoclima.

O próximo tópico se ocupa dessa questão, ainda que brevemente, pois, ainda resta uma questão a ser discutida: o colapso de Acade ocorreu pela megaseca “4.2 k.a”? No último tópico, discute-se a literatura *narû* na construção do colapso de Acade, na construção da imagem do rei modelo e do rei maldito no texto da Maldição de Agade. A discussão desenvolvida no terceiro tópico visa destacar que o colapso do reino de Acade provocou impressões profundas no imaginário político posterior e serviu de modelo para reflexões acerca da relação entre deuses e reis nos séculos seguintes.

4.2 EVENTO 4.2 KA COMO FATOR DO COLAPSO DO REINO DE ACADE?

O evento paleoclimático *4.2 ka* foi um processo de aridez e desertificação em larga escala da passagem do Holoceno médio ao Holoceno tardio, cerca de 2600 a 2000 A.E.C., que se estendeu por diversas regiões do globo terrestre. Alguns autores argumentam que este evento contribuiu com mudanças de longo prazo na Antiga Mesopotâmia, ocasionando o fim do reino acadiano, enquanto outros contestam essa hipótese. Neste tópico, questionamos se a hipótese climática do evento 4.2 ka é suficiente para explicar o colapso do reino de Acade. Tal questionamento importa na medida que existem outras hipóteses concorrentes que possuem bastante poder explicativo e, que são adequadamente sustentadas em fontes.

Desde a fundação dos primeiros assentamentos humanos, no final do paleolítico, até no atual antropoceno, sociedades humanas surgem e desaparecem. O Império Romano é, certamente, o mais significativo exemplo de uma sociedade complexa de larga escala que

⁷⁵⁷ Ibid., p. 186.

colapsou. Em diversas épocas, no passado, ocorreram colapsos que atingiram desde grandes impérios, como o Império Romano⁷⁵⁸, às pequenas comunidades das ilhas Pitcairn e Henderson, investigadas por Jared Diamond em seu livro *Collapse: How societies choose to fall or succeed* [Colapso: como as sociedades escolhem cair ou ter sucesso]⁷⁵⁹. Tal observação nos indica não haver relação necessária entre o espaço territorial ocupado por uma determinada sociedade, seu nível de complexidade e o processo de colapso. No caso da Mesopotâmia, o colapso de sociedade complexa mais importante e o menos compreendido é o colapso do reino de Acade, ocorrido por volta de 2194 A.E.C. Esse evento, argumentam alguns autores⁷⁶⁰, está relacionado à megasseca 4.2 ka do Holoceno médio,⁷⁶¹ que atingiu abrangência global,⁷⁶² ao nível dos trópicos levando o reino de Acade e outras sociedades ao colapso. Considerando que diversos autores apontam para a existência de uma razão climática para o colapso de Acade, o objetivo deste tópico é analisar qual foi a contribuição real aproximada de tal variável para o colapso. Visamos responder como, e quanto, o clima contribuiu para o colapso, visto que outros fatores podem estar envolvidos no processo.

As questões climáticas como preocupação historiográfica são algo relativamente recente, surgindo no mesmo período do surgimento das preocupações com as mudanças climáticas que contribuíram com a formação do campo de pesquisa da História Ambiental. Conforme observou José Augusto Pádua⁷⁶³, “a história ambiental como campo historiográfico consciente de si mesmo e crescentemente institucionalizado na academia de diferentes países, começou a estruturar-se no início da década de 1970”. Isso, porém, não significa que os homens não se interessassem pela natureza antes da década de 1970. O que ocorreu nesse momento foi uma mudança profunda na percepção dos historiadores acerca de seu lugar no mundo, a Ciência da História estava muito mais interessada, na ideia de progresso que dominava o século XIX,

⁷⁵⁸ GIBBON, 2005.

⁷⁵⁹ DIAMOND, J. **Collapse: How Societies Choose to Fail or Succeed**. New York: Penguin Books, 2005.

⁷⁶⁰ COOKSON, E.; HILL, D. J.; LAWRENCE, D. Impacts of long term climate change during the collapse of the Akkadian Empire. **Journal of Archaeological Science**, [s. l.], v. 106, p. 1–9, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jas.2019.03.009>; CULLEN *et al.*, 2000.; GIBBONS, A. How the Akkadian Empire Was Hung Out to Dry. **Science**, [s. l.], v. 261, n. 5124, p. 985–985, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.261.5124.985>; STAUBWASSER, M.; WEISS, H. Holocene Climate and Cultural Evolution in Late Prehistoric–Early Historic West Asia. **Quaternary Research**, [s. l.], v. 66, n. 3, p. 372–387, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.yqres.2006.09.001>; WEISS, Harvey, 2017.

⁷⁶¹ O Comitê Internacional de Estratigrafia defendeu a tese de que 4,2 ka era o limite temporal entre o Holoceno médio mais quente e úmido e o Holoceno tardio mais frio-seco sendo que 4.2 ka passou a marcar o *Megalaian*, a terceira fase do Holoceno – que dura até a atualidade RAN, M.; CHEN, L. The 4.2 ka BP climatic event and its cultural responses. **Quaternary International**, [s. l.], v. 521, p. 158–167, 2019a. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.quaint.2019.05.030> p. 160.

⁷⁶² RAN; CHEN, 2019a.

⁷⁶³ As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**, [s. l.], v. 24, p. 81–101, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142010000100009> p. 81.

que nos possíveis efeitos negativos daquilo que deu errado ou provocou desastres⁷⁶⁴. Nas circunstâncias da formação da História Ambiental e dos Estudos Climáticos, os cientistas naturais e os movimentos sociais foram desafiados a superar seu paradigma humanista, antropocentrado, que focava quase exclusivamente no ser humano, e a incorporar variáveis naturais ao seu repertório legítimo de pesquisa⁷⁶⁵. Atualmente, há na História Ambiental reflexões que retomam a ideia de descentralizar a análise do homem e considerá-lo como sujeito incorporado ao ambiente físico ao invés de apartá-lo da materialidade. Os seres humanos não são abstrações, mas indivíduos necessariamente conectados à concretude do real.

O naturalismo europeu foi, provavelmente, um dos principais exemplos de um conjunto de questionamentos acerca do homem na natureza. A Teoria da evolução das espécies por seleção natural, desenvolvida por Darwin, questionou o lugar do homem em seu pedestal de “espécie superior” e a reconhecê-lo como um animal que evoluiu por seleção natural, conforme teoriza em seu livro “A Origem das Espécies”. Quanto à História, observa Donald Worster⁷⁶⁶, “frequentemente seus praticantes eram homens com fortes sentimentos nacionalistas, levados por motivações patrióticas a reconstituir a ascensão dos seus respectivos países [...]”⁷⁶⁷. Além disso, foram as ciências naturais, e não as sociais, que questionaram a ideia amplamente aceita de que a terra possuía apenas 6000 anos de idade, conforme assume o Gênesis bíblico⁷⁶⁸. Esse contraste entre humanas e naturais perdurou efetivamente até as descobertas da relatividade e da mecânica quântica nas primeiras décadas do século XX⁷⁶⁹. Depois disso, as disciplinas passaram a questionar, também, as certezas do determinismo clássico das ciências da natureza.

A História Ambiental possui por pressuposto teórico fundamental a superação do dualismo “homem vs natureza”. Nesse sentido, sugere Pádua⁷⁷⁰, “a história ambiental, como

⁷⁶⁴ ESPINDOLA, H. S.; GUIMARÃES, D. J. M. História Ambiental dos Desastres: uma agenda necessária. **Revista Tempo e Argumento**, [s. l.], v. 11, n. 26, p. 560–573, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/2175180311262019560p.562>.

⁷⁶⁵ DRUMMOND, J. A. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Revista Estudos Históricos**, [s. l.], v. 4, n. 8, p. 177–197, 1991, p. 181.

⁷⁶⁶ 1991, p. 198.

⁷⁶⁷ Worster está referindo-se principalmente ao historicismo alemão do século XIX que pretendia a unificação da Alemanha, embora o positivismo e o marxismo também estivessem preocupados essencialmente com questões fundamentalmente sociopolíticas.

⁷⁶⁸ DRUMMOND, 1991, p. 178.

⁷⁶⁹ Não é nosso objetivo fazer uma história da história ambiental ou uma história dos movimentos ambientais. Nosso objetivo é apresentar, em linhas gerais, alguns pontos chave importantes para a compreensão e aplicação de conceitos e pressupostos da História Global Ambiental no caso do colapso do reino de Acade. Para aprofundamento na história da História Ambiental, da ecologia e dos movimentos ambientalistas indica-se a leitura de obras dedicadas a esse tema. Cf. WORSTER, Donald. *Nature's economy: the roots of ecology*. San Francisco: Sierra Club Books, 1977.

⁷⁷⁰ 2010, p. 97.

ciência social, deve sempre incluir as sociedades humanas. Mas também reconhecer a historicidade dos sistemas naturais. O desafio, repetindo, é construir uma leitura aberta e interativa da relação entre ambos”. Donald Worster aponta para a combinação de três dimensões ou níveis essenciais que caracterizam a História Ambiental e nos permite questionar o dualismo – ou a monocausalidade. São esses três níveis o natural, tal como se organizou no passado; o socioeconômico, na medida em que interage com o ambiente; e o mental, na medida em que as estruturas de significação dialogam com a natureza⁷⁷¹, sendo, portanto, “três dimensões básicas que se mesclam na experiência concreta das sociedades”⁷⁷². Trata-se de superar um problema epistemológico de classificação das ciências, que, de acordo com Newton Carneiro da Costa, poderiam ser classificadas em formais e fatuais⁷⁷³, sendo que as fatuais, que englobam as humanas e as naturais, poderiam no futuro tornar-se um campo da física⁷⁷⁴. Nesse sentido, a História Ambiental está epistemologicamente bastante desenvolvida visto que os 3 níveis indicados por Worster englobam as ciências formais e fatuais da epistemologia de da Costa, pioneiro na lógica paraconsistente por demonstrar que a lógica clássica é insuficiente para o pensamento científico. No entanto, para fins desse tópico, importa mencionar que “o ponto teórico essencial, de qualquer forma, se encontra na necessidade de combinar, de maneira aberta e interativa, os três níveis mencionados antes”⁷⁷⁵. Nesse sentido, a questão do colapso do reino de Acade nos leva à questão de como compreender a contribuição do evento 4.2 ka para o colapso de Acade sem com isso, aceitar o determinismo naturalista da tese de Harvey Weiss, e o dualismo “*homem vs natureza*” ainda presente na ciência contemporânea.

Obras que discutem o colapso de sociedades complexas é tão comum quanto as formas de explicação para isso. Joseph Tainter enumerou pelo menos 64 explicações condensadas nos 10 seguintes temas tema: mudanças climáticas, invasores externos, revoltas internas, conflitos intrassociais, deterioração ambiental, catástrofes, mudanças nos padrões comerciais, fatores místicos, economia da complexidade e concatenação casual de eventos⁷⁷⁶. Podemos perceber nessa lista temática que fatores ambientais como o clima, a deterioração ambiental e as catástrofes são fatores causais importantes na explicação do colapso de civilizações. Nesse sentido, destacamos alguns autores relevantes que apontam fatores naturais como importantes

⁷⁷¹ WORSTER, 1991, p. 202.

⁷⁷² PÁDUA, 2010, p. 94.

⁷⁷³ Ou empíricas. Cf. KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

⁷⁷⁴ COSTA, N. C. A. da. **O conhecimento Científico**. 3. ed. São Paulo: Discurso Editorial, 2018, p. 44.;

PAVIANI, J. **Epistemologia prática: ensino e conhecimento científico**. Caxias do Sul (RS): Educs, 2013, p. 18.

⁷⁷⁵ PÁDUA, 2010, p. 96.

⁷⁷⁶ TAINTER, 2023, p. 31.

para explicar o colapso de sociedades complexas. Jared Diamond destaca degradação ambiental e as mudanças climáticas como fatores importantes para o colapso de civilizações⁷⁷⁷; Scott A. J. Johnson⁷⁷⁸ destaca falhas na produção agrícola devido a redução da água; o arqueólogo Harvey Weiss et al.⁷⁷⁹ destacam secas severas; Karl Butzer⁷⁸⁰ destaca chuvas e inundações excessivas como fatores que podem levar uma sociedade ao colapso. Assim, fatores climáticos e ambientais relevantes na discussão sobre o colapso de sociedades complexas. Discutimos essas hipóteses no primeiro capítulo, citamos aqui novamente para lembrar que essas questões continuam na maioria das teorias colapsológicas.

Toda a Mesopotâmia, desde a Suméria até as proximidades do Mediterrâneo ficaram debaixo do domínio de Acade, representados principalmente pelos reis Sargão e Naram-Sîn, por cerca de 180 anos⁷⁸¹. Por fim, em menos de dois séculos de existência, tal o reino desmoronou, se tornando um motivo de discussões acadêmicas e quanto aos motivos que o levaram ao colapso. Geralmente apontam-se três motivos principais: fatores climáticos, revoltas internas e invasões estrangeiras⁷⁸², englobando 3 dos 10 temas comuns aos colapsos apontados por Tainter.

No auge dos debates das teorias do colapso, no final da década de 80, surgiu uma nova hipótese explicativa para o colapso de inúmeras sociedades do final do Holoceno, a hipótese paleoclimática 4.2 ka. O evento 4.2 ka foi um dos eventos de mudança abrupta do Holoceno e caracterizado por condições climáticas secas e frias em muitas partes do mundo⁷⁸³. Ele define o início da atual era Megalaiano na época do Holoceno. Começando em 2200 A.E.C., provavelmente durou todo o século XXII A.E.C. Supõe-se que tenha causado a crise ou colapso de sociedades em lugares como Egito, Síria, Mesopotâmia, China e vale do Indo⁷⁸⁴.

Desde a década de 90, cada vez mais aponta-se para o papel do clima do médio Holoceno, na Mesopotâmia, como fator que contribuiu para o colapso de Acade. O principal defensor dessa tese é Harvey Weiss, que publicou um artigo, em 1993, que pode ser considerado um ponto de virada nessa discussão⁷⁸⁵. De acordo com Weiss,⁷⁸⁶ por volta de 2200 A.E.C. um

⁷⁷⁷ 2005.

⁷⁷⁸ 2017, p. 100–101.

⁷⁷⁹ The Genesis and Collapse of Third Millennium North Mesopotamian Civilization. *Science*, [s. l.], v. 261, n. 5124, p. 995–1004, 1993b. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.261.5124.995>

⁷⁸⁰ 2012, p. 5.

⁷⁸¹ GIBBONS, 1993, p. 985.

⁷⁸² VIRTANEN, 2019, p. 57–66.

⁷⁸³ RAN; CHEN, 2019a, p. 158.

⁷⁸⁴ DALFES, H. N.; KUKLA, G.; WEISS, H. **Third Millennium BC Climate Change and Old World Collapse**. [S. l.]: Springer Science & Business Media, 2013.

⁷⁸⁵ VIRTANEN, 2019, p. 63.

⁷⁸⁶ WEISS, H. *et al.*, 1993a, p. 1–2.

aumento da aridez e na circulação de ventos degradou consideravelmente as condições de uso da terra, no norte da Mesopotâmia, levando ao abandono de cidades como Tell Leilan, à migração em massa para o sul, onde ficavam as planícies férteis – cujos rios dependiam da ocorrência de chuvas no norte. Desse modo, “[...] a natureza complexa da sociedade mesopotâmica não pôde ser sustentada, conduzindo à fome, à fome, à migração e, possivelmente, ao conflito”⁷⁸⁷. Em suma, a equipe concluiu que a mudança para um clima mais seco impôs uma megasseca que levou ao abandono de assentamentos urbanos no norte da Mesopotâmia⁷⁸⁸, de populações hurritas, gútrias e amorritas, sendo que os gútrios migrando para o sul, a partir de Diyarbakr, viram a oportunidade de tomar o controle do reino colapsado, cuja capital ficava ao sul⁷⁸⁹. Conforme podemos perceber, eventos climáticos naturais se seguem de respostas sociais.

Dados coletados em diferentes regiões do Oriente corroboram o evento 4.2 ka, a megasseca do Holoceno. Documentou-se aumento abrupto de dolomita eólica e carbonato de cálcio (CaCO₃) no Golfo de Omã provenientes de poeira eólica da Mesopotâmia datados de cerca 4025 AP com forte correlação química entre cinzas vulcânicas de Tell Leilan e o registro sedimentar marinho do golfo indicando que ocorreu nesse período mudanças climáticas para condições mais áridas na Mesopotâmia por cerca de 300 anos⁷⁹⁰. Evidências coletadas de corais fósseis de Omã seguem na mesma direção, indicando inverno *shamal*, inverno com tempestades de poeira da Ásia ocidental, anômalo nesse mesmo período, coincidindo com o abandono migratório de Tell Leilan⁷⁹¹.

⁷⁸⁷ COOKSON; HILL; LAWRENCE, 2019, p. 7.

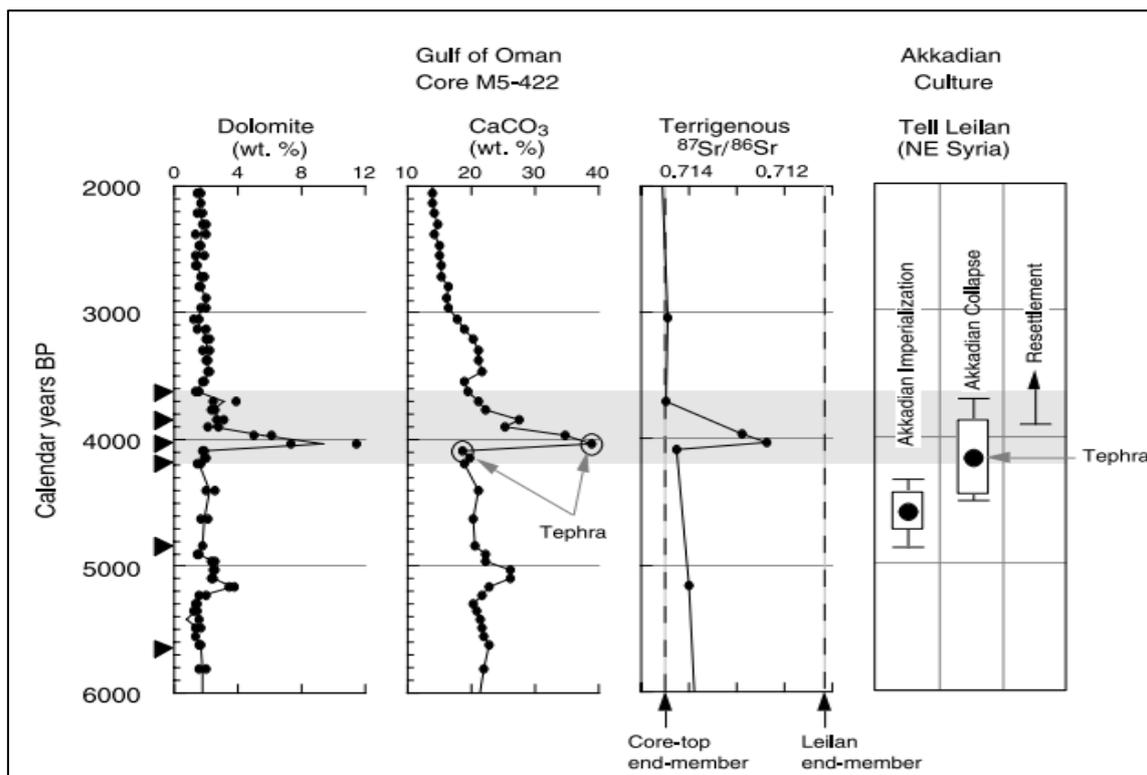
⁷⁸⁸ VIRTANEN, 2019, p. 63.

⁷⁸⁹ WEISS, H. *et al.*, 1993a, p. 1002.

⁷⁹⁰ CULLEN *et al.*, 2000.

⁷⁹¹ WATANABE *et al.*, 2019.

Figura 25 - Paleoclima mesopotâmico e o colapso de Acade



O aumento de várias vezes na dolomita eólica e na calcita a partir de cerca de 4025 AP reflete um intervalo de 300 anos de aumento da aridez mesopotâmica. Uma proveniência mesopotâmica para este pico de poeira é indicada a partir de análises isotópicas da fração detrital (mineral) Sr (e Nd), que mostram um deslocamento acentuado em direção à composição mesopotâmica medida (abandono de Tell Leilan). Triângulos sólidos indicam idades de calendário calibradas de datas de radiocarbono em foraminíferos planctônicos monoespecíficos⁷⁹².

Com base em dados arqueobotânicos, Simone Riehl⁷⁹³ argumentou que “o desaparecimento ou redução de plantas suscetíveis à seca, e em particular de linho, ervilha de jardim e uva em muitas áreas do Oriente Próximo, sugere a hipótese de que as mudanças climáticas por volta de 4200 a.C. influenciaram a agroprodução”. E, provavelmente, devido à seca no norte da Mesopotâmia, que teria provocado migrações em direção ao sul, “um muro de 180 km de comprimento, o “repelente dos amoritas”, foi construído em toda a Mesopotâmia para conter incursões nômades ao sul”⁷⁹⁴. Diversos outros exemplos na Mesopotâmia, no levante, na Anatólia, no Egito, no vale do Indo, na China, na Mesoamérica, no Norte da África

⁷⁹² DEMENOCAL, P. B. Cultural Responses to Climate Change During the Late Holocene. *Science*, [s. l.], v. 292, n. 5517, p. 667–673, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.1059287> p. 670.

⁷⁹³ RIEHL, S. Climate and agriculture in the ancient Near East: a synthesis of the archaeobotanical and stable carbon isotope evidence. *Vegetation History and Archaeobotany*, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 43–51, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00334-008-0156-8> p. 48.

⁷⁹⁴ DEMENOCAL, 2001, p. 669.

etc., indicam o caráter global do evento 4.2 ka⁷⁹⁵. Isso, posto em uma perspectiva da História Global, ressaltando as conexões⁷⁹⁶ e os 3 níveis fundamentais da História Ambiental afere-se que embora o mundo não estivesse culturalmente conectado por volta de 2220 A.E.C., ou 4150 AP, certamente era conectado em aspectos climáticos. As preocupações contemporâneas com o aquecimento global antropogênico é uma tomada de consciência de que o planeta, como um todo, é um ecossistema interligado e interdependente.

A principal razão da hipótese da paleoclimatologia ser predominante no debate do colapso acadiano deve-se à escassez de fontes históricas textuais e imagéticas disponíveis, e embora a arqueologia já tenha desenterrado milhares de tabletes cuneiformes, sua tradução é difícil e demorada. Como já mencionamos, a escassez de fontes para os últimos anos do governo de Šarkališarri nos impede de compreender completamente o processo que levou Acade ao colapso⁷⁹⁷. Por outro lado, os dados estratigráficos, mineralógicos, com aparente objetividade, publicados em revistas revisadas por pares de alto impacto como a *Science*, nos passam a impressão de inquestionabilidade das conclusões, devido às origens físicas das evidências materiais paleoclimáticas coletadas. Porém, aqui mora o perigo, por haver uma possível confusão entre os dados empíricos e a interpretação desses dados.

Embora a aridificação tenha ocorrido em larga escala, conforme indicam tais evidências materiais, não é possível inferir disso, conforme fazem Harvey Weiss e sua equipe, que este foi o principal fator para o colapso de muitas sociedades, reinos e, sobretudo, do reino acadiano. A relação entre eventos climáticos na antiguidade e eventos históricos é muito difícil, senão impossível de reconstruir conforme argumenta a assirióloga Augusta McMahon⁷⁹⁸, professora de Arqueologia da Mesopotâmia no NELC (Departamento de Línguas e Civilizações da antiga Ásia ocidental) e no Instituto Oriental da universidade de Chicago. A abordagem do colapso pelo fator climatológico adotado por Harvey Weiss pode decorrer em “determinismo climático”, na hipótese de que condições climáticas determinam o colapso de sociedades complexas.

⁷⁹⁵ DAVIS, M. E.; THOMPSON, L. G. An Andean ice-core record of a Middle Holocene mega-drought in North Africa and Asia. *Annals of Glaciology*, [s. l.], v. 43, p. 34–41, 2006. ; DEMENOCAL, 2001.; VIRTANEN, 2019, p. 63.; WHITE, S. Climate Change in Global Environmental History. In: MCNEILL, J. R.; MAULDIN, E. S. (org.). **A companion to global environmental history**. Chichester, West Sussex ; Hoboken, N.J: Wiley, 2012. (Wiley-Blackwell companions to history).

⁷⁹⁶ CONRAD, 2016a, p. 83.

⁷⁹⁷ FRAYNE, 1993, p. 186.

⁷⁹⁸ MCMAHON, A. The Akkadian Period: Empire, Environment, and Imagination. In: POTTS, D. T. (org.). **A companion to the archaeology of the ancient Near East**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012. (Blackwell companions to the ancient world), p. 665.

Importa mencionar que o colapso de uma sociedade complexa, é em si complexo. Conforme vimos anteriormente, existem diversas explicações diferentes para o processo. Nesse sentido, é provável que mais de um fator tenha contribuído para o colapso sociopolítico do reino de Acade. Conforme observou Johnson⁷⁹⁹, “o colapso de uma grande sociedade ocorre por muitas razões interconectadas”. Seja como for, ainda há muito a ser investigado. Nesse sentido, conforme esperamos ter demonstrado minimamente, a História Ambiental tem muito a contribuir, seja no sentido de evitar determinismos, dualismos e monocausalidades, seja no sentido de promover o diálogo interdisciplinar da História com diversos campos científicos.

Os dados empíricos, que indicam que ocorreram grandes mudanças no clima do final do Holoceno, não devem ser rejeitados, mas precisam ser confrontados com os dados evidenciais de outras fontes. As fontes em textos cuneiformes e da cultura material não parecem sustentar, mas também não contradizem os dados climáticos. Há ainda outra questão que importa no debate para a compreensão do processo de colapso sociopolítico. A percepção das elites da Suméria acerca dos reis acadianos em fontes literárias produzidas posteriormente. Discutiremos esse assunto que no tópico seguinte.

⁷⁹⁹ 2017, p. 7.

4.3 REI MODELO E REI MALDITO: REFLEXÕES SOBRE LITERATURA NARÛ

Depois da dissolução do poderoso reino acadiano, alguns poemas épicos nas denominadas “literaturas narû” desenvolveram biografias fictícias de Sargão e Naram-Sîn para advertir as futuras gerações sobre suas obrigações com o divino. Nos textos literários desses reis, Sargão é um arquétipo de rei modelo. Porém, Naram-Sîn é retratado de maneira um tanto negativa, como um rei arrogante que desdenha dos presságios, oráculos, sonhos e das coisas sagradas. A hipótese inicial desta pesquisa sugere que a literatura narû tinha como principal função ensinar um modelo de rei ideal mesopotâmico, que serviria como exemplo a ser imitado por reis posteriores.

O desenvolvimento da denominada ‘literatura naru’ ocorreu nas circunstâncias das muitas mudanças que estavam ocorrendo na Mesopotâmia do período acadiano. Diversas inovações surgiram com Sargão e Naram-Sîn tais como novas concepções de governo, de arte, de escrita, de guerra e de relações entre o rei e seus súditos - bem como a concepção de um rei divino que domina as “quatro regiões do mundo”. Porém, nem todas as cidades conquistadas ficaram satisfeitas em serem comandadas por um poder centralizado na capital Agade. Algumas revoltas ficaram registradas e nos permitem perceber que Acade passou por dificuldades políticas. As memórias disso pelas gerações posteriores inspiraram a produção de diversos textos “lendários” sobre estes reis. Nesses textos da “literatura narû”, Naram-Sîn é quase sempre contrastado com Sargão⁸⁰⁰, como um rei que desdenha dos presságios, oráculos, sonhos e dos ofícios sagrados. Disso decorre a questão central deste tópico: que funções literárias as imagens discursivas de Sargão e Naram-Sîn assumem na literatura narû? Os objetivos são, portanto: explorar as funções discursivas das imagens de Sargão e Naram-Sîn; discutir algumas das possibilidades dessa literatura para a História Global da Antiguidade e analisar os contrastes entre os dois reis acadianos nas fontes escolhidas. Para isso, nosso método neste tópico é análise semiótica de discurso, parte-se da pergunta “como esse texto significa?”⁸⁰¹, e dessa maneira, pretendemos explorar a “intenção do texto” ou *intentio operis*⁸⁰².

Exploramos, em 4 fontes representativas da “literatura narû”, as representações textuais de Sargão e Naram-Sîn nos textos literários datados da metade do período babilônico antigo (2017-1595 A.E.C.) ao período neoassírio (972-609 A.E.C.)⁸⁰³. Embora estejam

⁸⁰⁰ FRANKE, 1995, p. 883.

⁸⁰¹ ORLANDI, 2000, p. 15.

⁸⁰² ECO, U. **Interpretação e superinterpretação**. Tradução: Stabel. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 29.

⁸⁰³ Adotamos a cronologia média adaptada de acordo com: LEICK, 2010a, p. 199.

relacionadas, a literatura narû deve ser distinguida das inscrições reais. “A palavra *narû* é frequentemente traduzida como ‘estela’, porém, ela possui uma gama mais ampla de significados e pode se referir a inscrições de pedra de qualquer tamanho, desde grandes obeliscos a pequenas tábuas”⁸⁰⁴. Embora existam muitas opiniões sobre o conceito, foi H. G. Güterbock (1934) o primeiro a utilizar o termo “narû” e o primeiro a fazer distinção entre as inscrições reais e a literatura narû, concebendo esta última como derivada da primeira⁸⁰⁵. Alguns autores classificam a literatura narû como “pseudoepigrafia”, que incluiria também a “literatura histórica” e, para complicar ainda mais, a “autobiografia poética” e a “pseudoautobiografia”⁸⁰⁶. Todas essas definições são extremamente problemáticas, desse modo, a partir das reflexões de Gerdien Jonker, adotamos para os fins deste tópico a seguinte definição: literatura narû são textos literários mesopotâmicos escritos na forma de biografia real com objetivos de advertência às gerações futuras acerca das coisas sagradas. No âmbito dessas discussões acerca da noção de literatura naru, importa destacar que se trata de um debate acerca de gênero literário que não cabe discutir aqui. No entanto, importa mencionar Piotr Michalowski argumenta que gênero e historiografia são conceitos ocidentais que não foram definidos satisfatoriamente de modo que projetá-los ao passado mesopotâmico pode criar múltiplos anacronismos e que tais conceitos dizem mais sobre nós do que sobre os povos antigos⁸⁰⁷. Embora existam esses riscos, tais conceitos são mediadores, relacionados às “formas”, modelos e teorias criadas de modo a conferirem sentido ao passado, ou seja, “tais formas fazem parte de qualquer reconstrução histórica”⁸⁰⁸. Nesse sentido, utilizaremos tais noções com parcimônia, cientes dos riscos em usá-los.

De todos os reis acadianos, Sargão e Naram-Sîn foram os mais lembrados. Isso ocorreu de muitas maneiras, sobretudo na literatura narû e nas crônicas, pelas gerações posteriores ao fim de Acade. Para explorar isso, mesmo que brevemente, as fontes que utilizamos na discussão deste tópico são quatro: a “*narrativa*” do nascimento de sargão, a crônica Esagila, a “*lenda*” de cutha e a *maldição de Agade*.

⁸⁰⁴ MICHALOWSKI, P. Commemoration, Writing, and Genre in Ancient Mesopotamia. In: KRAUS, C. et al. **The Limits of Historiography**. [S. l.]: BRILL, 1999, p. 69–90. Disponível em: https://doi.org/10.1163/9789004351295_005. Acesso em: 18 jun. 2022, p. 87.

⁸⁰⁵ JONKER, G. Transmission from image to imagery. In: **The topography of remembrance: the dead, tradition and collective memory in Mesopotamia**. Leiden ; New York: E.J. Brill, 1995. (Studies in the history of religions, v. 68), p. 92.

⁸⁰⁶ Ibid., p. 93.

⁸⁰⁷ MICHALOWSKI, 1999, p. 69.

⁸⁰⁸ GUARINELLO, 2003b, p. 46.

A legitimidade da dinastia Sargônica foi uma preocupação constante dos reis acadianos. Dentre muitas inovações que eles implementaram no reino, destacamos os monumentos *narû*, que se refere a inscrições de obeliscos, estátuas do rei e estelas triunfais, que possuem como objetivo de propaganda legitimatória e de celebração dos feitos ‘heróicos’ do rei⁸⁰⁹. Em Uruk, antes da fundação de Agade, já se utilizavam estelas e monumentos esculpidos, porém, o período acadiano inaugurou uma nova fase da arte mesopotâmica colocando muito mais monumentos reais em espaços públicos e em áreas consagradas⁸¹⁰ de templos como o Ekur, dedicado a Enlíl, e em outros lugares desde Sipar até Ur. Isso mudou os objetivos dos monumentos *narû*, de estátuas votivas no período dinástico antigo, centradas no culto aos deuses, para monumentos que visavam celebrar vitórias do rei⁸¹¹. A estela da vitória de Naram-Sîn, na qual rei é representado divinizado e vitorioso sobre os inimigos, pode ser considerada um dos principais exemplos da complexidade que arte acadiana adquiriu com os usos que os reis sargônicos fizeram dos monumentos *narû*.

Os reis Sargão e Naram-Sîn inspiraram diversas narrativas biográficas sobre eles, em gerações posteriores, tornando-se assim “reis-modelo” que personificavam de forma positiva ou negativa o ideal de rei mesopotâmico. Os feitos, que como vimos eram exaltados em inscrições reais e estelas triunfais, pouco tempo após acontecimentos tornam-se temas de uma tradição folclórica contada e recontada, embelezada, ampliada e editada, simplificada inspirando narrativas lendárias que foram transmitidas e traduzidas da língua acadiana para o sumério e o hitita, de tal maneira que quase dois milênios depois os reis Assírios imitavam as titulações reais acadianas e buscavam expressá-la também na guerra⁸¹². A ocorrência dessas narrativas na literatura *narû* e nas crônicas mesopotâmicas, em diversas línguas e lugares, indica que tais narrativas eram populares na Mesopotâmia. Argumentamos que a popularidade de tais textos na Mesopotâmia indica que havia conexões globais que nos permitem pensar a representação dos reis acadianos a partir da perspectiva da Global.

Em Sargão de Acade inspiraram-se inúmeras narrativas que buscavam apresentá-lo como um rei grandioso, como um modelo a ser seguido pelos reis posteriores. Algumas fontes são representativas nesse sentido, se destacando a narrativa do nascimento de Sargão e a crônica de Esagila, também conhecida como “crônica de Weidner”.

⁸⁰⁹ LIVERANI, 2014, p. 143.

⁸¹⁰ BAHRANI, 2017, p. 113.

⁸¹¹ LIVERANI, 2014, p. 145.

⁸¹² WESTENHOLZ, J. G., 1997, p. 2.

A narrativa do nascimento de Sargão foi escrita em primeira pessoa, pretensamente Sargão, narrando os anos iniciais da vida desse personagem. A composição é conhecida, até o momento, a partir de quatro tabletes cuneiformes provenientes de Nínive, datados do período neoassírio (972 – 609 A.E.C.), dos quais três pertencem à coleção Kuyunjik do rei Assurbanipal. Os textos estão localizados no Museu Britânico, identificados como K.3401 + Sm. 2118, K.4470 e K.7249⁸¹³. O tablete Sm 2118, o quarto tablete, foi descoberto por George Smith e juntado ao tablete K.3401, enquanto o tablete K.7209 é o reverso de K.3401. Das 70 linhas que compõe o texto, reproduzimos abaixo as linhas 1 a 14. Reproduzimos a seguir as linhas 1 a 15:

- [01] Sargão, o poderoso rei, rei de Agade, sou eu.
- [02] A minha mãe era uma sacerdotisa(?), o meu pai, que eu nunca conheci.
- [03] O irmão do meu pai habita nas terras altas.
- [04] A minha cidade é Azupirsnu, que fica na margem do Eufrates.
- [05] Ela concebeu-me, a minha mãe sacerdotisa, em ocultação, deu-me à luz,
- [05] Ela pôs-me num cesto de vime, com betume ela tornou a minha abertura estanque,
- [06] Ela atirou-me para o rio do qual não consegui subir.
- [07] O rio aborreceu-me, à Aqqi o jardineiro, que me trouxe.
- [08] Aqqi, o carregador de água, ao baixar o seu balde, levantou-me,
- [09] Aqqi, o jardineiro, criou-me como seu filho adoptivo,
- [10] Aqqi, o jardineiro, pôs-me de facto na sua jardinagem.
- [11] Enquanto eu era (ainda) um jardineiro, a Ištar gostava de mim,
- [12] E assim por [. . .] anos em que reinei como rei,
- [13] O povo de cabeça preta, eu conduzi e governei⁸¹⁴.

A primeira parte do texto⁸¹⁵, que compreende das linhas 1 a 30, é reconhecida na Historiografia como um relato fictício, em primeira pessoa, do nascimento de Sargão e um exemplo de literatura narû⁸¹⁶. O texto identifica-se como de autoria de Sargão de Agade, “eu Sargão” (linha 01), sua mãe uma sacerdotisa (linha 02), concebido sob ocultação (linha 05), pois, não era permitido que sacerdotisas tivessem filhos, criado como filho adotivo (linha 10), criado como jardineiro (linhas 11 – 12), amado por Ištar (linha 13) e em razão disso reina por muitos anos sobre “o povo de cabeça preta”⁸¹⁷. O aspecto divino do nascimento do rei é exaltado nas primeiras 12 linhas da fonte. Seu trono é retratado como legítimo sobre os povos do sul da Mesopotâmia devido às benevolências de Ištar, deusa adotada pela dinastia sargônica. Assim, presume-se que há alguma relação entre o nome do rei (*Sarrukinu* = rei legítimo) e o problema

⁸¹³ Ibid., p. 38.

⁸¹⁴ Ibid., p. 39–40.

⁸¹⁵ Versão Standard publicada por Westenholz

⁸¹⁶ LENZI, A. **An introduction to Akkadian literature: contexts and content**. University Park (Pa.): Eisenbrauns, 2019, p. 131.

⁸¹⁷ O termo “pessoas de cabeça preta” (Sumério: Sag-gê6; Acadiano: Šalmat qaqqadi) é atestado desde o período neosumério na Mesopotâmia para referir-se metaforicamente aos habitantes do sul da Mesopotâmia que eram imaginadas como ovelhas enquanto o rei era o seu pastor. Cf. Ibid., p. 131–132.

da legitimidade. As linhas 31 a 70, não reproduzidas aqui, são de difícil compreensão e presume-se que se refere a um texto distinto da primeira parte⁸¹⁸.

Outra fonte, a crônica de Esagila, um texto religioso da antiga Babilônia, contrasta Sargão e Naram-Sîn. Enquanto o primeiro é apresentado de maneira semelhante à “lenda” do nascimento de Sargão, o segundo é apresentado como um rei presunçoso. A fonte foi preservada em três versões conhecidas, Ass 13955; JSC 5 e VAT 14515⁸¹⁹. A versão mais completa é Ass 13955 é do período neoassírio, conhecida apenas por meio de uma fotografia cujo original desapareceu, enquanto as outras duas versões são do período neobabilônico e estão muito fragmentadas⁸²⁰. Embora seja classificada como crônica, essa classificação é incerta. A datação dessa crônica não pode ser anterior a 1100 A.E.C., sua forma é de uma carta real fictícia⁸²¹. A versão padrão aqui utilizada é baseada principalmente na versão neoassíria. O texto contém 70 linhas, das quais reproduzimos as linhas 45 a 55.

[Ele (Marduk) entregou, a Ku-baba, a soberania sobre todas as terras. Ur-Zababa o[rdenou] à Sargão que trocasse as libações de vinho por Esagila... Sargão não trocou-(os). (Em vez disso) ele teve o cuidado de [entregar com uma h]as[te (o peixe)] a Esagila. Marduk, “filho do templo” de Apsu, olhou com alegria para ele e deu-lhe soberania sobre as quatro regiões [da terra]. Para prover Esagila, pão para os santuários da Babilônia, seu tributo [...]. [...] Bel [...] Ele cavou o solo do seu poço. Em frente a Agade e fez uma cidade e a cha[mou] a de Babilônia. [Por causa] do erro que ele (Sargão) tinha cometido, ele (Marduk) tornou-se hostil para com ele (Sargão). Eles (os seus súditos) revoltaram-se contra ele de leste a oeste. Ele foi infligido com insônia. Naram-Sîn destr[uiu] o povo da Babilônia por esse motivo (Marduk) trouxe contra ele (Naram-Sîn) um ataque do exército dos gútios, seu povo como com um ferrão [...] e (Marduk) deu a sua soberania aos exércitos dos gútios⁸²².

As relações entre o mundo dos homens e o divino norteavam o modo como eram definidas a organização social, política e religiosa, com seus símbolos e narrativas, pois, aos deuses pertenciam os tronos dos reis. Nesse sentido, na “crônica” Esagila a soberania sobre a Mesopotâmia é entregue por Marduk à rainha Ku-baba (linha 45), porém, devido aos cuidados

⁸¹⁸ Uma abordagem mais aprofundada sobre a fonte “The Birth Legend of Sargon”, bem como sobre a literatura narû e seus problemas, encontra-se na tese de Brian Lewis publicada em 1976, republicada em 1980 no formato de livro. Não utilizados neste artigo por dificuldades com acesso. Cf: LEWIS, Brian. *The Sargon legend: a study of the Akkadian text and the tale of the hero who was exposed at birth*. Cambridge, MA: American Schools of Oriental Research, 1980. (American Schools of Oriental Research dissertation series; no. 4).

⁸¹⁹ Ass 13955 = A; 6.4 ou JSC 5 = B e VAT 14515 = C, são identificadas por Grayson como ABC 19. Ver: GRAYSON, Albert Kirk, *Assyrian and Babylonian Chronicles*, Locust Valley, New York: J. J. Augustin, 1975, p. 145; ABC 19 (Weidner Chronicle), Livius, disponível em: <<https://www.livius.org/sources/content/mesopotamian-chronicles-content/abc-19-weidner-chronicle/>>. acesso em: 15 ago. 2022.

⁸²⁰ GRAYSON, A. K. *Assyrian and Babylonian Chronicles*. [S. l.]: Augstin Publishers, 1975. (Series: Texts from Cuneiform Sources 5), p. 145.

⁸²¹ GLASSNER, J.-J. *Mesopotamian chronicles*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2004. (Writings from the ancient world, v. no. 19), p. 263.

⁸²² GRAYSON, 1975, p. 148–149.

religiosos de Sargão para com Esagila (linha 47), Marduk se afeiçoa dele e lhe entrega a soberania sobre os quatro cantos da terra (linha 48). Sargão, por sua vez, constrói Babilônia em frente a Agade (linha 51). A construção de Agade é um motivo para o descontentamento divino. A linha 52 refere-se a Sargão, pois, há uma alusão à Grande Revolta ocorrida durante o reinado desse rei, algo que não ocorreu com Sargão, hipótese defendida por Jean-Jacques Glassner⁸²³. Por outro lado, Naram-Sîn é apresentado de maneira diferente de Sargão, havendo assim, um contraste entre os dois. Na linha 53 atribuído a Naram-Sîn a destruição de Babilônia, motivo para a invasão dos gútios e, a retirada da soberania acadiana (linha 54). Notemos que, no texto, Agade é substituída por Babilônia. Essa mudança é compreensível, dado que os objetivos da crônica não são representar o passado, mas utilizá-lo para promover mudanças na época em que foi escrita, utilizando o arquétipo dicotômico de rei ideal, inspirado em Sargão, e rei maldito, inspirado em Naram-Sîn.

A fonte denominada “*Naram-Sîn e as hordas inimigas*” é um tipo exemplar de literatura *narû*. Esta foi a mais popular de todas as narrativas *narû*, segundo Westenholz⁸²⁴. O texto é conhecido a partir de duas cópias do período babilônico antigo (2017 – 1595 A.E.C.), uma versão tardia em seis cópias de Nínive, uma de Sultantepe (STT 30), uma de Kiš e quatro outras versões em Hittita⁸²⁵. Utilizamos a versão adaptada por Westenholz, denominada, recensão padrão babilônica, e possui 180 linhas, escritas em primeira pessoa, embora se presume que o texto tivesse perto de 600 linhas em suas primeiras versões⁸²⁶.

A representação de Naram-Sîn nessa fonte é fortemente negativa. Encontramos em sua narrativa a ideia de que hordas inimigas, lideradas por sete irmãos, filhos de Anubanini, invadiram a Mesopotâmia vindo das montanhas a noroeste e que Naram-Sîn, ao verificar que os combatentes eram humanos e não deuses, decide ignorar os oráculos.

[79] Assim disse ao meu coração (isto é, a mim próprio), estas foram as minhas palavras:

[80] Que leão (alguma vez) realizou extispício?

[81] Que lobo (alguma vez) consultou um intérprete de sonhos?

[82] Irei como um ladrão de acordo com a minha própria inclinação.

⁸²³ “Esta revolta ecoou, na realidade, os acontecimentos ocorridos em Sumer e Akkad no início do reinado de Naram-Sîn, e já vimos como algum antigo escriba babilônico manipulou as fontes para lhe conferir um carácter universal” GLASSNER, 2004, p. 85–86.

⁸²⁴ WESTENHOLZ, J. G., 1997, p. 263.

⁸²⁵ As versões neo-assírias provenientes de Nínive são 81-2-4,21, K 5418, K 5640, K 858, K 2021B, K 1332; proveniente de Sultantepe S.U,51/67A + 76 + 166 + 21923 = STT 30; e a versão neo-babilônica Ash. 1924.208 é proveniente de Kiš publicadas por Westenteholz (1997). As duas versões antigo babilônicas são o fragmento MLC 1364 publicado por Finkelstein (1957) e o fragmento BM 17215 proveniente de Sippar.

⁸²⁶ LENZI, 2019, p. 125.; WESTENHOLZ, J. G., 1997, p. 263.

[83] E porei de lado aquele (oráculo) do(s) deus(s); eu estarei em controle de mim mesmo...⁸²⁷

O texto destaca o retrato de um rei arrogante contra os oráculos e os deuses, o resultado foi uma série de derrotas que fizeram o rei duvidar de suas aptidões.

[88] Eu estava confuso, confuso, afundado na escuridão, desesperado e abatido.
 [89] Assim eu disse ao meu coração, estas foram as minhas palavras:
 [90] O que eu deixei para o reino?
 [91] Eu sou um rei que não mantém seu país seguro
 [92] e um pastor que não protege seu povo⁸²⁸.

A humilhação real é convertida no epílogo da fonte em uma admoestação aos escribas e aos reis posteriores:

[149] Você, quem quer que seja, seja governador ou príncipe, ou qualquer outra pessoa,
 [150] a quem os deuses chamarão para realizar a realeza,
 [151] Fiz uma caixa de tabletes para você e inscrevi uma estela para você.
 [154] Leia esta estela!
 [155] Ouça as palavras desta estela!
 [164] Amarre suas armas e coloque-as nos cantos!
 [165] Guarde sua coragem! Tome cuidado com sua própria pessoa!⁸²⁹

Presume-se que a “*lenda de cuteana*” tenha sido produzida no período babilônico antigo “para avançar e justificar certas formas de comportamento, tais como a necessidade de consultar presságios e de se submeter à vontade de Enlíl”. Os reis mesopotâmicos eram vistos como participantes de um ofício sagrado, do qual guerrear as guerras dos deuses, construir, reformar e prover os templos eram suas obrigações reais. O não cumprimento de tais obrigações era considerado um insulto aos deuses. A punição era o abandono do favor dos deuses insultados ao rei.

Outro retrato muito negativo de Naram-Sîn é apresentado em uma fonte suméria chamada “a maldição de Agade”. O texto contém 250 linhas, iniciando com a construção de Agade para a morada de Inanna e terminando com a sua destruição. Foi escrita provavelmente durante a terceira dinastia de Ur e foi amplamente copiada nas escolas babilônicas do período babilônico antigo⁸³⁰. O texto inicia como Sargão tendo apoio do deus Enlíl, enquanto Inanna decide habitar em Agade (linhas 1-9). Posteriormente, Naram-Sîn ascende ao trono em planeja

⁸²⁷ WESTENHOLZ, J. G., 1997, p. 317.

⁸²⁸ Ibid., p. 319.

⁸²⁹ Ibid., p. 327–328.

⁸³⁰ BLACK, Jeremy A. (org.). **The literature of ancient Sumer**. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2004, p. 117–118. Uma lista no ETCSL contendo 102 tabletes com versões desse texto corrobora tal popularidade.

a reconstrução do Ekur, templo de Enlíl em Nipur, mas Enlíl rejeita a proposta. Naram-Sîn tenta reverter o oráculo negativo. Inanna abandona o rei que ficou 7 anos em humilhação (linhas 83-93). Naram-Sîn tenta diversas vezes obter respostas dos oráculos se deve construir o Ekur, porém, a resposta é sempre negativa. Isso deixou o rei irritado, de modo que ele resolve destruir o Ekur e levar suas riquezas para Agade (linhas 100-148). Em retribuição a isso, Enlíl envia os gútios contra a cidade para devastá-la (linhas 149-175)⁸³¹. O restante da narrativa (linhas 176 a 281) são maldições e lamentos pela destruição da cidade, da capital do grande reino. O entendimento da estrutura da narrativa é fundamental para a compreensão do que está em jogo, a autoridade dos deuses a quem os reis devem seus tronos.

O restante da narrativa (linhas 176 a 281) são maldições e lamentos pela destruição de Agade. Essa estrutura da narrativa é fundamental para a compreensão do que está em jogo, a autoridade dos deuses a quem os reis devem seus tronos. Nesse sentido, um dos trechos mais significativos do texto são as linhas 222 a 229, contendo maldições divinas.

Novamente, Sin, Enki, Inana, Ninurta, Iskur, Utu, Nuska e Nisaba, todos os deuses, quem quer que sejam, viraram sua atenção para a cidade, e amaldiçoaram Agade severamente: cidade, você atacou o Ekur: é como se tivesse atacado Enlíl. Que os vossos muros sagrados, até ao seu ponto mais alto, ressoem de luto!⁸³²

O motivo discursivo da destruição de Agade encontra como resposta nesse texto a arrogância de um rei que não dá ouvidos aos oráculos, presságios e sonhos, e assim como nas fontes anteriores, é motivo para maldições, abandono e vingança dos deuses. No entanto, ao contrário do que alega a fonte, Naram-Sîn não destruiu o Ekur, porém, “[...] o sacerdócio de Nippur pode ter alertado contra a inovação e defendido a manutenção da teologia tradicional e das condições herdadas”⁸³³. Assim sendo, o colapso de Acade foi entendido pelas elites sumérias como uma resposta dos deuses contra os atos do rei aos costumes religiosos tradicionais dos sumérios, dos quais a elite obtinha vantagens.

Conforme sugerimos, a imagem de Sargão e Naram-Sîn é quase sempre oposta nas narrativas literárias. As razões para isso, embora complexas, podem se resumir na construção no imaginário mesopotâmico do tipo do rei ideal, baseado em Sargão, e do tipo de rei que não será aceito, baseado na imagem negativada de Naram-Sîn. A ideia central que esses retratos dos reis sargônicos ensinavam nas escolas mesopotâmicas é de que a desobediência real aos presságios, oráculos, sonhos e ofícios sagrados levaria os reinos à destruição, assim, nossa

⁸³¹ FRANKE, 1995, p. 838.

⁸³² BLACK, Jeremy A., 2004, p. 123.

⁸³³ FRANKE, 1995, p. 838.

interpretação, ainda que apenas modo limitado, “explica os porquês” dos textos de tais fontes⁸³⁴. Dessa forma, é importante salientar que a hipótese do colapso do reino de Acade por conta da invasão dos gúlios é um dos motivos para o colapso. No entanto, é um motivo exagerado nas fontes pelos escribas de períodos anteriores visando criar um modelo para ser seguido por outros reis da Mesopotâmia, usando Sargão como exemplo ideal e Naram-Sîn como exemplo a ser evitado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afinal, como e por que o reino de Acade colapsou? Para responder a essa questão, voltemos à definição que adotamos para colapso. De acordo com Mendes, “uma sociedade entra num processo de colapso quando perde significativamente o nível estabelecido da sua complexidade sociopolítica”⁸³⁵. Essa definição baseada na teoria dos retornos marginais de Tainter⁸³⁶ implica que o colapso é a reversão da complexidade adquirida. Por complexidade adquirida entendemos que, à medida que as sociedades se desenvolvem, e se tornam mais interligadas, utilizando abordagens para resolver desafios, a complexidade da dinâmica sociopolítica também se intensifica⁸³⁷. Como isso leva à reversão da complexidade sociopolítica de níveis adquiridos? Segundo Tainter, quando os retornos marginais se tornam negativos, ou seja, quando os recursos gastos para manter o sistema são maiores que os retornos obtidos do sistema — aqui pensando nas sociedades como sistemas.

Em que sentido o reino de Acade representa uma sociedade que adquiriu níveis de complexidade cujos retornos marginais se tornaram negativos? Conforme argumentamos ao longo do texto, parte dos níveis de complexidade adquirida já existiam antes dos reis sargônicos aparecerem em cena. As instituições como templos, palácios, sistema de culto, agricultura irrigada e uma rede de relações comerciais também já estavam presentes região.

A novidade foi a tomada do poder por Sargão que se estendeu por toda a região, estabelecendo novas estruturas de poder hierarquizadas em uma rede de patrocínios que se estendeu por toda a Mesopotâmia. Esta rede de patrocínio foi um dos níveis de complexidade adquirida, baseada na estratificação sociopolítica, desigualdade e na heterogeneidade, como uma abordagem para resolver desafios impostos pelas reações contrárias ao poder sargônico.

⁸³⁴ ECO, 2005, p. 28.

⁸³⁵ MENDES, 1995, p. 60.

⁸³⁶ TAITER, 1988b.

⁸³⁷ Ibid., p. 118–123.

O poder era mantido pela rede de patrocínio, inicialmente financiada em grande medida por território obtido por meio da conquista de terras cada vez mais distantes. Essa foi uma característica predominante na primeira fase de formação do reino. Quando os retornos obtidos pelas conquistas começaram a ficar menores, provavelmente devido às questões logísticas e às primeiras revoltas na segunda e terceira fase, o confisco de terras dos templos e de outros proprietários de cidades como Lagaš passou a ser praticado. No reino de Manistušu, como atesta o seu obelisco, houve uma terceira forma de manter as redes de patrocínio, a compra forçada de terras com o objetivo de distribuir os beneficiários políticos fiéis ao trono.

Porém, isso ainda não explica o colapso. Conforme esperamos ter demonstrado, as secas no norte da Mesopotâmia não foram um fator fundamental, nem todas as cidades da região foram abandonadas e as evidências “[...] não indicam qualquer empobrecimento em segunda mão do vale do Eufrates, causado por mudanças climáticas regionais mais amplas”⁸³⁸, embora pequenos assentamentos estivessem a ser abandonados. Quanto ao problema da salinização do solo, este era um problema secundário que poderia ser amenizado com uma correta drenagem e pousio. Embora a agricultura fosse a base econômica, social e mesmo cültica das sociedades da Mesopotâmia, não há indicações de que perturbações nos ciclos da agricultura a seco no norte ou da agricultura irrigada no sul tiveram relações com o colapso. Argumentamos que este deve ser compreendido, no caso de Acade, como produto direto das relações estabelecidas entre os reis sargônicos e as cidades da Suméria.

A quarta fase de formação do reino foi caracterizada pela Grande Revolta (2230 A.E.C.), momento que conforme indicamos no texto, os recursos para manter o reino através das redes de patrocínio e das conscrições, somados às grandes campanhas militares, manutenção de fortalezas e construções de dispendiosos templos tornaram os retornos marginais nulos, com tendências ao negativo. Conforme sugerimos no texto, a construção do dispendioso Ekur, por Naram-Sîn e Šarkališarri, em um momento de retornos marginais praticamente nulos devido à tais conjunções, juntamente com as rebeliões internas e saques dos gútios exauriram os recursos de modo que as periferias foram sendo abandonadas, como sugere o “palácio inacabado” em Tell Leilan, região castigada pela seca⁸³⁹. Juntos, tais condições eram problemas que não poderiam ser resolvidos por meio de mais níveis de complexidade, conforme requer a teoria tainteriana do colapso e, quando isso ocorre, temos o colapso.

⁸³⁸ FLEMING, 2004, p. 38.

⁸³⁹ WEISS, Harvey *et al.*, 2002.

Embora esses sejam fatores importantes, consideramos que um dos principais fatores que levaram ao colapso foi o oportunismo de governadores, como de Puzur-Mama que percebendo as dificuldades de Agade em manter o sistema construído pelos reis sargônicos, podiam se desvincular das redes de patrocínio, que, na prática era um sistema de hierarquias e fidelidades, se declararam reis. As constantes revoltas eram, por fim, um prenúncio dessa possibilidade. Essa desvinculação reverte os níveis de complexidade sociopolítica construída pelos reis sargônicos, que era sustentada na hierarquia, na fidelidade forçada e na baseada na diferenciação. Nesse contexto confuso, provavelmente foi devido aos vários governantes se proclamando reis que o escriba observa na lista dos reis sumérios “*a-ba-am₃ lugal a-ba-am₃ nu lugal*”, que traduzido significa “quem era o rei: quem não era o rei?”⁸⁴⁰.

O papel dos gútios nesse processo, assim como do clima, foi secundário. Os gútios não foram hordas de inimigos que invadiram o reino para tirar a sua glória como punição à teimosia de Naram-Sîn por este não dar ouvidos aos presságios, como escreve o escriba na Maldição de Agade. Embora os gútios tenham disputado eventuais batalhas contra Šarkališarri, eles chegaram quando o poderio acadiano já estava enfraquecido e revertido a um pequeno reino restrito à região da capital e assumiram o controle das planícies setentrionais, enquanto o sul prosperava nas mãos de autoproclamados reis em consequência do fim da rede de patrocínio imposto pelos reis acadianos.

Como esperamos ter mostrado, a hipótese das invasões externas e a hipótese paleoclimática para colapso explicam o colapso sociopolítico de Acade apenas enquanto razões secundárias. As ‘invasões’ gútiás foram mais uma forma de banditismo para roubo de gado que uma invasão organizada e, apenas no norte, houve entrada efetiva de gútios ao território acadiano. A hipótese paleoclimática, embora tenha alguma relevância no contexto da antiga Mesopotâmia, ela afetou indiretamente a Mesopotâmia, apenas ao norte, enquanto o poderio acadiano vinha das grandes propriedades agrícolas ligadas à rede de patrocínios. Nesse sentido, todas as hipóteses são corroboradas, mas a segunda demonstrou-se com maior poder explicativo. De acordo com essa hipótese, ocorre o colapso quando há alguma instabilidade⁸⁴¹, uma falha em manter uma rede de conexões⁸⁴², falta de coesão política⁸⁴³ e guerras civis⁸⁴⁴. Essas condições são semelhantes àquelas que vimos nas fontes. Instabilidades, revoltas e

⁸⁴⁰ ETCSL c.2.1.1, linha 284. The Sumerian king list. Disponível em: <https://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=c.2.1.1&display=Crit&charenc=gcirc#>. Acesso: 15 jan. 2024

⁸⁴¹ MCMAHON, 2012, p. 666.

⁸⁴² WOOLF, 2017, p. 114–115.

⁸⁴³ MIDLETON, 2017, p. 17.

⁸⁴⁴ BUTZER, 2012, p. 3.

governadores aproveitando a oportunidade para livrar-se do patrocínio sargônico. Essa era o principal objetivo das revoltas.

Em suma, o colapso do reino de Acade ocorreu mediante uma combinação de fatores que compreendemos pouco devido à escassez de fontes datadas do fim do governo de Šarkališarri, que poderiam elucidar tal questão. Porém, como esperamos ter demonstrado minimamente, o principal fator foi as constantes revoltas das cidades que viam as suas terras confiscadas e repartidas aos beneficiários dos patrocínios reais. Notamos também a relação entre a dispendiosa construção de templos, como o Ekur, e uma provável escassez de recursos para financiar três projetos insustentáveis no longo prazo, a rede de patrocínios, a guerra e a construção de templos. Quanto mais adentramos no tema do colapso e percebemos a riqueza dos seus detalhes, maiores são as opções de caminhos a prosseguir. Essa é uma tarefa difícil, pois, nem sempre estamos preparados para o caso de encontrar um problema que nos obriga a repensar toda a problemática.

A Mesopotâmia é fascinante, como foi dito no início, mas também desafiadora⁸⁴⁵. Mas o interesse pela Mesopotâmia não pode excluir os cuidados exigidos por uma pesquisa acadêmica. Riscos são muitos: eurocentrismo, nacionalismo metodológico, anacronismo e outros. A ideia que buscamos expressar no primeiro capítulo não é o abandono de conceitos já consolidadas, mas estabelecer uma breve discussão para desnaturalizá-los. É humanamente impossível não cometer anacronismo, pois, o próprio ato de pensar em uma linguagem contemporânea ao analisar o passado é abarcá-lo em estruturas mentais e linguísticas do presente. O próprio passado histórico é construção do presente. Discutir a “agricultura mesopotâmica”, como fizemos no segundo capítulo, é discutir uma reconstrução do presente, ou seja, é lidar com as formas⁸⁴⁶.

O estudo de colapsos de sociedades é um tema que importa no presente. Questões como as mudanças climáticas rondam os noticiários. É uma preocupação legítima. Mas, como este trabalho sugere, o mesmo problema pode ter várias raízes. Nesse sentido, toda pesquisa sobre objetos de larga escala é sempre complexa, portanto, incompleto. Isso não é um defeito da pesquisa, mas uma oportunidade. Os diversos assuntos relacionados ao tema são oportunidades para novas pesquisas. Agricultura, herança, patrimônio, migração, comércio, guerra, história econômica, história ambiental, história das religiões, etc., estudos de arquivos mesopotâmicos, exemplificam isso. Como ocorre com praticamente toda pesquisa, o tema não está esgotado, mas abre oportunidades para temas futuros.

⁸⁴⁵ POZZER, 2016.

⁸⁴⁶ GUARINELLO, 2003b.

Muitos temas podem ser explorados em pesquisas futuras a partir de assuntos discutidos nesta dissertação. Temas como eurocentrismo, formação das cidades na Mesopotâmia, o papel dos reis, das elites templárias e o desenvolvimento das instituições podem ser explorados a partir do primeiro capítulo. O segundo capítulo, por sua vez, dá indicações de pesquisa sobre complexidade, materialidade, cultura material, relações de trabalho na Mesopotâmia, ficções jurídicas, história da agricultura e geografia física. O terceiro capítulo pode ser explorado para pensar questões como a formação de grandes reinos com extensos domínios territoriais, a diplomacia, o comércio de longa distância, as estratégias de estruturação do poder e a história da guerra na Mesopotâmia. Por fim, o quarto capítulo apresenta insights que podem auxiliar para pensar o colapso de sociedades complexas a partir da teoria do colapso de Tainter. Além disso, permite repensar a problemática da paleoclimatologia enquanto fator de colapso, bem como os usos do passado no passado visando a construção de narrativas úteis ao discurso do presente.

Este trabalho destaca a grande relevância do campo da História Global para a Assiriologia, os Estudos da Cultura Material, para a História Ambiental, para a História antiga do trabalho, para a História das relações comerciais e, sobretudo, para a História da aquisição de complexidade sociopolítica. Conforme se espera, e que ao longo da dissertação tenha claro, a História Global requer diálogos interdisciplinares entre diversas disciplinas e campos de pesquisa. Desenvolver uma pesquisa mantendo tais diálogos é um desafio que os pesquisadores precisam enfrentar, principalmente quando o objeto de pesquisa é complexo. A História Global permitiu, nesta pesquisa, problematizar o colapso do reino de Acade a partir de diálogos com diversas disciplinas e campos de estudos, que aparentemente são incompatíveis. Porém, ao mesmo tempo, permitiu manter a coerência e coesão interna na construção da argumentação, por dialogar com epistemologia da complexidade. Embora a História Global seja um campo em construção, há muito a ser explorado nele. Diversas pesquisas estão surgindo e contribuindo nesse sentido.

Dito isto, destacamos que, embora este trabalho indique tais razões para o colapso do reino de Acade, a conclusão é provisória — como tudo em ciência. A cidade de Agade, capital do reino, ainda não foi descoberta e uma eventual descoberta de novas fontes pode corroborar as hipóteses principais desta dissertação, incorporá-las em novas hipóteses, ou então refutá-las. Seja como for, o colapso sociopolítico do reino de Acade foi uma ruptura nas redes de patrocínio, que integravam o sul e o norte da Mesopotâmia, provocando mudanças no modo como o processo histórico ocorria no período acadiano, indicando que além das vozes triunfais

que falam nas fontes havia sujeitos silenciados que agiam contestando a legitimidade do poder conquistado pelos reis.

REFERÊNCIAS

A) FONTES

a) Fontes Textuais

Carta escrita por Iškun-Dagan endereçada a Lugalra. In: OPPENHEIM, A. L. *Letters from Mesopotamia: official business, and private letters on clay tablets from two millennia*. Chicago; London: Chicago, University of Chicago Press, 1967. p. 71–72.

Cônica de Esagila. In: GRAYSON, A. K. *Assyrian and Babylonian Chronicles*. [S. l.]: Augstin Publishers, 1975, p. 148-149.

Enlíl no Ekur (Enlíl A). In: ETCSL: t.4.05.1, Enlíl no E-kur (Enlíl A). Disponível em: <https://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=t.4.05.1#>. Acesso em: 02 dez. 2023.

Inanna e Ebiḫ. In: ETCSL: t. 1.3.2. Inana and Ebiḫ. Disponível em: <https://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=t.1.3.2#>. Acesso em 10 dez. 2023.

Inscrição MAD 5 67 do tablete Ashm 1932-346 do arquivo Mugdan acerca de distribuição de terras a apoiadores da coroa sargônica. GELB, I. J. *Sargonic Texts in the Ashmolean Museum, Oxford. Materials for the Assyrian Dictionary 5*. Chicago: University of Chicago Press, 1970. p. 62-64.

Inscrição real de Sargão destacando navios de Meluḫa, Magan e Dilmun atracando em Agade. PRITCHARD, J. B. *Ancient Near Eastern texts: relating to the Old Testament*. 3rd edition with supplemented. Princeton, N.J: Princeton university press, 1969. p. 268.

Inscrição real RIME E2.1.1.1 sobre a conquista de Uruk. In: FRAYNE, Douglas Ralph. *Sargonic and Gutian Periods (2334 - 2113 BC)*. Toronto: University of Toronto Press, 1993, p. 10-12.

Inscrição real RIME E2.1.1.2 apresentando Sargão como oficial da deusa Ishtar. In: FRAYNE, Douglas Ralph. *Sargonic and Gutian Periods (2334 - 2113 BC)*. Toronto: University of Toronto Press, 1993, p. 13.

Inscrição real RIME E2.1.1.4 inscrita em 4 vasos, indicando serem espólios de Magan. In: FRAYNE, Douglas Ralph. *Sargonic and Gutian Periods (2334 - 2113 BC)*. Toronto: University of Toronto Press, 1993, p. 18.

Inscrição real RIME E2.1.1.8 acerca de campanhas militares Sargão contra Elam e Parahsum. In: FRAYNE, Douglas Ralph. *Sargonic and Gutian Periods (2334 - 2113 BC)*. Toronto: University of Toronto Press, 1993, p. 22-23.

Inscrição real RIME E2.1.2.8 acerca de campanhas militares de Rimuš contra Adab e Zabala. In: FRAYNE, Douglas Ralph. *Sargonic and Gutian Periods (2334 - 2113 BC)*. Toronto: University of Toronto Press, 1993, p. 41.

Inscrição real RIME E2.1.1.12 sobre exército permanente do rei Sargão. In: FRAYNE, Douglas Ralph. *Sargonic and Gutian Periods (2334 - 2113 BC)*. Toronto: University of Toronto Press, 1993, p. 31.

Inscrição RIME E2.1.3.1 sobre campanha militar contra Anšan e Širichum. FRAYNE, Douglas Ralph. *Sargonic and Gutian Periods (2334 - 2113 BC)*. Toronto: University of Toronto Press, 1993, p. 74.

Inscrição real RIME 2.1.4.4 de 4 vasos provenientes de Magan. In: FRAYNE, Douglas Ralph. *Sargonic and Gutian Periods (2334 - 2113 BC)*. Toronto: University of Toronto Press, 1993, p. 100.

Inscrição RIME 2.1.4.10 Inscrição gravada na base da estátua Bassetki. In: FRAYNE, Douglas Ralph. *Sargonic and Gutian Periods (2334 - 2113 BC)*. Toronto: University of Toronto Press, 1993, p. 113-114.

Inscrição Real - RIME E2.1.4.16: Selo de Tijolo que apresenta Naram-Sîn como construtor de um templo à Ištar. In: FRAYNE, D. R. *Sargonic and Gutian periods (2334-2113)*. Rime 2. Toronto: University of Toronto Press, 1993, p. 121.

Inscrição RIME 2.1.4.37 sobre dedicação de uma maça à Ištar, por Naram-Sîn, em Nippur. In: FRAYNE, Douglas Ralph. *Sargonic and Gutian Periods (2334 - 2113 BC)*. Toronto: University of Toronto Press, 1993, p. 148.

Inscrição real RIME 2.1.5.1. Inscrição que destaca Sarkališarri como construtor do Ekur. In: FRAYNE, Douglas Ralph. *Sargonic and Gutian Periods (2334 - 2113 BC)*. Toronto: University of Toronto Press, 1993, p. 187.

Inscrição real RIME 2.1.5.3. Inscrição que destaca Sarkališarri como construtor do Ekur. In: FRAYNE, Douglas Ralph. *Sargonic and Gutian Periods (2334 - 2113 BC)*. Toronto: University of Toronto Press, 1993, p. 188.

Inscrição real RIME 2.1.5.5. Destaca as campanhas de Šarkališarri e a construção de um templo à deusa Ištar. In: FRAYNE, Douglas Ralph. *Sargonic and Gutian Periods (2334 - 2113 BC)*. Toronto: University of Toronto Press, 1993, p. 192-194.

Inscrição Real RIME 2.12.5.1. Inscrição que intitula Puzur-mama como rei de Lagaš. In: FRAYNE, Douglas Ralph. *Sargonic and Gutian Periods (2334 - 2113 BC)*. Toronto: University of Toronto Press, 1993, p. 271–272. Coluna III, linhas 2-8.

Instruções do agricultor. In: CIVIL, M. *The farmer's instructions: a Sumerian agricultural manual*. Sabadell Barcelona: Ed. AUSA, 1994, p. 29.

Debate entre a enxada e o arado. In: TCSL: c.5.3.1, *The debate between Hoe and Plough*. Disponível em: <https://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=t.5.3.1#>, linhas 52-58. Acesso em: 10 ago. 2023.

Enki e Nimmah. In: Fonte: ETCSL: t.1.1.2, *Enki and Ninmah*. Disponível em: <https://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=t.1.1.2#>. Acesso em 05. out. de 2023.

Governantes de Lagaš. In: ETC SL t.2.1.2, The rulers of Lagaš, linhas 183-185. Disponível em: <https://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=t.2.1.2#>. Acesso em: 13 jan. 2024.

Maldição de Agade. In: BLACK, Jeremy A. (org.). The literature of ancient Sumer. Oxford; New York: Oxford University Press, 2004.

Naram-Sîn e as hordas inimigas. In: WESTENHOLZ, J. G. Legends of the kings of Akkade: the texts. Winona Lake, Ind: Eisenbrauns, 1997.

Narrativa pseudobiográfica do nascimento de Sargão. WESTENHOLZ, J. G. Legends of the kings of Akkade: the texts. Winona Lake, Ind: Eisenbrauns, 1997.

Ninurta, o valente. In: BOTTÉRO, J.; KRAMER, S. N. Lorsque les dieux faisaient l'homme: mythologie mésopotamienne. Réimpr. avec diverses corrections de détail et précisions. Paris: Gallimard, 1993, p. 352–353, linhas 334-346.

O valoroso sol. In: Before the Muses: an anthology of Akkadian literature. 3.ed. Bethesda (Md.): CDL press, 2005. p. 51.

Tablet AO 6376 proveniente de Larsa destacando o aspecto jurídico da necessidade evitar litígios entre irmãos na repartição de heranças. In: REDE, M. A Mesopotâmia. São Paulo: Saraiva, 2002, p. 16.

b) Imagéticas

Cena de preparação de um banquete. In: LAYARD, A. H. The monuments of Nineveh. London, UK: John Murray, 1853, p.24.

Impressão de selo cilíndrico - Equipe de arado. In: FOSTER, B. R. The Age of Agade: inventing empire in ancient Mesopotamia. London; New York, NY: Routledge/Taylor & Francis Group, 2016, p. 91

Sinal ÍL. In: STEINKELLER, P. The Employment of Labor on National Building Projects in the Ur III Period. In: STEINKELLER, P.; HUDSON, M. Labor in the ancient world: a colloquium held at Hirschbach (Saxony), April 2005. Dresden: ISLET, 2015, p. 139.

c) Cultura Material

Base da estátua de Bassekti. In: BAHRANI, Z. La Mesopotamia: Arte e Architettura. Tradução: Daniele A. Gewurz; Isabella Zani. Torino: Einaudi, 2017, p.118.

Estátua de fundação de Šulgi. In: STEINKELLER, P. The Employment of Labor on National Building Projects in the Ur III Period. In: STEINKELLER, P.; HUDSON, M. Labor in the ancient world: a colloquium held at Hirschbach (Saxony), April 2005. Dresden: ISLET, 2015, p. 139.

Estatueta representando um carpinteiro esculpindo uma barra de tração de carruagem com um adze. In: LARRIEU, Christian. AO 6694 BIS. Département des Antiquités orientales, Louvre Museum: França, 2002. Disponível em:

<https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010119520>. Acesso em: 10 ago. 2023.

Fôrma de pão em argila e réplica moderna. Palácio de Mari, sala 77. Início do II milênio A.E.C. In: POZZER, Kátia Maria Paim. Os mesopotâmicos tinham fome de quê? Literatura, cultura material e outras histórias. Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 146.

Impressão contemporânea de um selo cilíndrico mostra cena em duas partes de banquete em que há pessoas sentadas em bancos consumindo cerveja (Ur [mod. Tell Muqayyar], 2900-2700 A.E.C. – BM 121545. In: The British Museum: London, [s.d]. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/W_1928-1010-236. Acesso em: 16 ago. 2023.

Mapa regional do período acadiano indicando a terra cultivada e seu dono. In: ROCHBERG, F. The Expression of Terrestrial and Celestial order in Ancient Mesopotamia. In: TALBERT, R. J. A. (org.). Ancient perspectives: maps and their place in Mesopotamia, Egypt, Greece, and Rome. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2012, p. 30.

Mapa em desenho, permite visualizar os campos e cursos de água perto de Gasur. Fonte: FOSTER, B. R. The Age of Agade: inventing empire in ancient Mesopotamia. London; New York, NY: Routledge/Taylor & Francis Group, 2016, p. 217.

Obelisco de Manistušu, proveniente de Susa, Irã, 2269-2255, diorito, 1,4 m de altura. Fonte: BAHRANI, Z. La Mesopotamia: Arte e Architettura. Tradução: Daniele A. Gewurz; Isabella Zani. Torino: Einaudi, 2017, p. 121.

Placa de estatueta representando um harpista sentado em um banquinho - A.E.C.-AO 12453. In: GALLAND, Jérôme. AO 12453. Département des Antiquités orientales, Louvre Museum: França, 1999. Disponível em: <https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010119471>. Acesso em: 10 ago. 2023.

Estela de Assurbanipal. In: STEINKELLER, P. The Employment of Labor on National Building Projects in the Ur III Period. In: STEINKELLER, P.; HUDSON, M. Labor in the ancient world: a colloquium held at Hirschbach (Saxony), April 2005. Dresden: ISLET, 2015, p. 139.

Selador de tijolos, MS 5106 da Schøyen Collection, com inscrição de Naram-Sîn, o construtor. Fonte: <https://www.schoyencollection.com/pre-gutenberg-printing/21-1-blind-on-clay-gold/ms-5106>

Selador de tijolo (UM L-29-309) com inscrição de Šarkališarri, construtor do Ekur. In: CDLI. RIME 2.01.05.03, Ex. 10. Disponível em: <https://cdli.mpiwg-berlin.mpg.de/artifacts/461858>. Acesso em: 15 set. 2023.

Tijolo com inscrição rela e estampa de pé de cachorro feita enquanto o material estava secando ao sol (Ur (mod. Tell Muqayyar), 2100-2000 A.E.C, B16461 – coleção do Museu

Penn). In: B16461. Penn Museum: Philadelphia, [s. d.]. Disponível em: <https://www.penn.museum/collections/object/446712>. Acesso em: 16 ago. 2023.

Tijolo do armazém de Nagar (Tell Brak). In: OATES, D.; OATES, J.; MCDONALD, H. Excavations at Tell Brak. Cambridge London: McDonald Institute for archaeological research British school of archaeology in Iraq, 2001, p. 385.

B) OBRAS DE REFERÊNCIA

BLACK, J. A.; GEORGE, A. R.; POSTGATE, J. N. A concise dictionary of Akkadian. 2nd (corrected) printing. Wiesbaden: Harrassowitz, 2000.

BLACK, J. A.; GREEN, A.; RICKARDS, T. Gods, demons, and symbols of ancient Mesopotamia: an illustrated dictionary. London: Published by British Museum Press for the Trustees of the British Museum, 1992.

GELB, I. J. et al. (org.). The Assyrian dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago. Vol. 11 Pt. 1: N. 3. printed. Chicago, Ill: Oriental Inst. [u.a.], 2008. v. 11

HALLORAN, J. A. Sumerian lexicon: a dictionary guide to the ancient Sumerian language. 1. ed. Los Angeles: Logogram Pub, 2006.

LEICK, G. A dictionary of Ancient Near Eastern mythology. London; New York: Taylor & Francis e-Library, 2003.

LEICK, G. Historical dictionary of Mesopotamia. 2ed. Lanham, Md: Scarecrow Press, 2010. (Historical dictionaries of ancient civilizations and historical eras, v. no. 26).

LEICK, G. Who's who in the Ancient Near East. London; New York: Routledge, 1999. (Who's who series).

REINER, E. et al. The Assyrian dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago. vol. 18: T. Chicago: The Oriental Institute, 2006. v. 18

REINER, E. et al. (org.). The Assyrian dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago. Vol. 17 Pt. 1: Š / Erica Reiner, ed.-in-charge Ša-Šap / Erica Reiner, ed.-in-charge. 2. printed. Chicago, Ill: Oriental Inst., 2004. v. 17

REINER, E. et al. (org.). The Assyrian dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago. Vol. 17 Pt. 2: Š / Erica Reiner, ed.-in-charge Šaq-Šil / Erica Reiner, ed.-in-charge. 2. printed. Chicago, Ill: Oriental Inst. [u.a.], 2004. v. 17

C) BIBLIOGRAFIA

AAGE WESTENHOLZ. The World View of Sargonic Officials. Differences in Mentality Between Sumerians and Akkadians. In: LIVERANI, M. (org.). **Akkad: The First World Empire: Structure, Ideology, Traditions**. Rome: Sargon, 1993. p. 157–170.

AFANASYEV, I.; BANERJEE, M. The Modern Invention of ‘Dynasty’: An Introduction. **Global Intellectual History**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 407–420, 2022.

ALGAZE, G. Initial Social Complexity in Southwestern Asia: The Mesopotamian Advantage. **Current Anthropology**, [s. l.], v. 42, n. 2, p. 199–233, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/320005>

ALMADA, M. Introdução: considerações sobre a materialidade da escrita e as três camadas de informação. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [s. l.], v. 28, p. d3e42intro2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28d3e42intro2>

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTONIO CABALLOS RUFINO; DELGADO, J. M. S. **Sumer y Akkad**. Madrid: Akal, 1988. (Akal historia del mvndo antigvo / [dir. de la obra: Julio Mangas Manjarrés], v. 1 : Oriente).

ARTZY, M.; HILLEL, D. A defense of the theory of progressive soil salinization in ancient southern Mesopotamia. **Geoarchaeology**, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 235–238, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/gea.3340030306>

ATKINS, P. J.; SIMMONS, I. G.; ROBERTS, B. K. **People, land and time: an historical introduction to the relations between landscape, culture and environment**. London ; New York: Arnold, 1998.

ATTINGER, P. Inana et Ebiḫ. **Zeitschrift für Assyriologie und Vorderasiatische Archäologie**, [s. l.], v. 88, n. 2, p. 164–195, 1998.

BACZKO, B. A imaginação social. In: LEACH, E. (org.). **Anthropos-Homem 5**. [S. l.]: Imprensa nacional - Casa da Moeda, 1985. p. 296–332.

BAHRANI, Z. **La Mesopotamia. Arte e architettura**. Torino: Einaudi, 2017.

BAHRANI, Z. **Rituals of war: the body and violence in Mesopotamia**. New York : Cambridge: Zone Books ; Distributed by The MIT Press, 2008.

BANERJEE, M. How ‘Dynasty’ Became a Modern Global Concept: Intellectual Histories of Sovereignty and Property. **Global Intellectual History**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 421–452, 2022.

BARROS, J. D. A historiografia e os conceitos relacionados ao tempo. **Dimensões**, [s. l.], n. 32, p. 240–266, 2014.

BEAUDRY, Mary C.; COOK, Lauren J.; MROZOWSKI, Stephen A. Artefatos e vozes ativas: cultura material como discurso social. **Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 1, n. 2, p. 72-114, 2007.

BELICH, J. *et al.* **The prospect of global history**. [S. l.]: Oxford University Press, 2019.

BERTMAN, S. **Handbook to life in ancient Mesopotamia**. New York: Facts on File, 2003. (Facts on File library of world history).

BLACK, Jeremy A. (org.). **The literature of ancient Sumer**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2004.

BLACK, Jeremy A.; GREEN, A.; RICKARDS, T. **Gods, demons, and symbols of ancient Mesopotamia: an illustrated dictionary**. London: Published by British Museum Press for the Trustees of the British Museum, 1992.

BLACK, Jeremy Allen; GEORGE, A. R.; POSTGATE, J. N. **A concise dictionary of Akkadian**. 2ed. corr. Wiesbaden: Harrassowitz, 2000. (Santag, v. 5).

BLOCH, M. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOLLE, K.; THEIS, C.; WILHELMI, L. Wiederverwenden. In: DEUTSCHE FORSCHUNGSGEMEINSCHAFT. **Materiale Textkulturen**. [S. l.]: De Gruyter, 2015. p. 723–734. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110371291.723>. Acesso em: 15 jul. 2023.

BOTTÉRO, J.; KRAMER, S. N. **Lorsque les dieux faisaient l'homme: mythologie mésopotamienne**. Réimpr. avec diverses corrections de détail et précisions. Paris: Gallimard, 1993.

BOUZON, E. **Ensaio babilônicos: sociedade, economia e cultura na Babilônia pré-cristã**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998a.

BOUZON, E. O templo, o palácio e o pequeno produtor na baixa Mesopotâmia Pré-Sargônica. **PHOÏNIX**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 137–158, 1998b.

BRAUDEL, F. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BRYCE, T. **The Routledge handbook of the peoples and places of ancient western Asia: from the early Bronze Age to the fall of the Persian Empire**. London; New York: Routledge, 2009.

BUCCELLATI, G.; BUCCELLATI, M. K. Tar'am-Agade, Daughter of Naram-Sin, at Urkesh. In: WERR, L. al-Gailani *et al.* (org.). **Of pots and plans: papers on the archaeology and history of Mesopotamia and Syria presented to David Oates in honour of his 75th birthday**. London: NABU, 2002. p. 11–31.

BUTZER, K. W. Collapse, environment, and society. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, [s. l.], v. 109, n. 10, p. 3632–3639, 2012.

CARDOSO, C. F. S. **O Egito Antigo**. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

CARDOSO, C. F. S. (Ciro F. S.; VAINFAS, R. (org.)). História e Paradigmas Rivais. In: CARDOSO, C. F. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. 5. ed. Rio de Janeiro (RJ): Campus, 1999.

CHAPMAN, R. **Archaeologies of complexity**. London; New York: Routledge, 2003.

CHARPIN, D. 1954-. The history of ancient Mesopotamia: an overview. In: SASSON, J. M. **Civilizations of the ancient Near East**. New York: C. Scribner's sons, 1995.

CHARPIN, D. **Writing, law, and kingship in Old Babylonian Mesopotamia**. Tradução: Jane Marie Todd. Chicago: University of Chicago Press, 2010.

CHAVALAS, M. The Age of Empires, 3100–900 BCE. In: SNELL, D. C. (org.). **A companion to the ancient Near East**. Malden, MA: Blackwell Pub, 2005. (Blackwell companions to the ancient world).

CIVIL, M. **The farmer's instructions: a Sumerian agricultural manual**. Sabadell Barcelona: Ed. AUSA, 1994. (Aula orientalis Supplementa, v. 5).

CONRAD, S. **O que é a História Global?** Tradução: Teresa Furtado; Bernardo Cruz. Lisboa: Edições 70, 2016a.

CONRAD, S. **O que é a História Global?** Lisboa: Edições 70, 2016b.

COOKSON, E.; HILL, D. J.; LAWRENCE, D. Impacts of long term climate change during the collapse of the Akkadian Empire. **Journal of Archaeological Science**, [s. l.], v. 106, p. 1–9, 2019.

COSTA, N. C. A. da. **O conhecimento Científico**. 3. ed. São Paulo: Discurso Editorial, 2018.

CRAWFORD, H. Meluhha. In: BAGNALL, R. S. *et al.* (org.). **The Encyclopedia of Ancient History**. 1. ed. [S. l.]: Wiley, 2012.

CULLEN, H. M. *et al.* Climate change and the collapse of the Akkadian empire: Evidence from the deep sea. **Geology**, [s. l.], v. 28, n. 4, p. 379, 2000. Disponível em: [https://doi.org/10.1130/0091-7613\(2000\)28<379:CCATCO>2.0.CO;2](https://doi.org/10.1130/0091-7613(2000)28<379:CCATCO>2.0.CO;2)

CULVER, J. False Dilemma. In: ARP, R.; BARBONE, S.; BRUCE, M. **Bad arguments: 100 of the most important fallacies in western philosophy**. Hoboken (N.J.): Wiley Blackwell, 2019.

DALFES, H. N.; KUKLA, G.; WEISS, H. **Third Millennium BC Climate Change and Old World Collapse**. [S. l.]: Springer Science & Business Media, 2013.

DASSOW, E. V. Freedom in Ancient near East Societies. In: RADNER, K.; ROBSON, E. (org.). **The Oxford handbook of cuneiform culture**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2011. (Oxford handbooks).

DAVIS, M. E.; THOMPSON, L. G. An Andean ice-core record of a Middle Holocene megadrought in North Africa and Asia. **Annals of Glaciology**, [s. l.], v. 43, p. 34–41, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.3189/172756406781812456>

DEMENOCAL, P. B. Cultural Responses to Climate Change During the Late Holocene. **Science**, [s. l.], v. 292, n. 5517, p. 667–673, 2001.

DIAKONOFF, I. M. Extended Families in Old Babylonian Ur. **Zeitschrift für Assyriologie und Vorderasiatische Archäologie**, [s. l.], v. 75, n. 1, 1985.

DIAKONOFF, Igor M. Slave-Labour vs. Non-Slave Labour; The Problem of Definition. In: POWELL, M. A. (org.). **Labor in the ancient Near East**. New Haven, Conn: American Oriental Society, 1987. (American oriental series, v. v. 68).

DIAMOND, J. **Collapse: How Societies Choose to Fail or Succeed**. New York: Penguin Books, 2005.

DICTIONNAIRE UNIVERSEL FRANÇOIS ET LATIN, VULGAIREMENT APPELÉ DICTIONNAIRE DE TRÉVOUX. [S. l.]: par la Compagnie des Libraires Associés, 1771.

DILL, H.-O. Kultur vs. Zivilisation—Genesis zweier anthropologischer Grundbegriffe. **Sitzungsberichte der Leibniz-Sozietät der Wissenschaften zu Berli**, [s. l.], p. 131–158, 2011.

DOMÍNIOS DA HISTÓRIA: ENSAIOS DE TEORIA E METODOLOGIA. 5. ed. Rio de Janeiro (RJ): Campus, 1997.

DOYLE, M. W. **Empires**. Ithaca, N.Y: Cornell University Press, 1986. (Cornell studies in comparative history).

DRAYTON, R.; MOTADEL, D. Discussion: the futures of global history. **Journal of Global History**, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 1–21, 2018.

DRUMMOND, J. A. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Revista Estudos Históricos**, [s. l.], v. 4, n. 8, p. 177–197, 1991.

DUINDAM, J. F. J. **Dynasties: a global history of power, 1300-1800**. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2016.

DUPLA, S. A. **Imaginário e devoção no culto à deusa Mesopotâmica Inanna/Ishtar (2012-1600)**. 224 f. 2019. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR, 2019.

DUPRAT, P. P.; FUNARI, P. P. DISCURSO, GÊNERO LITERÁRIO E HISTÓRICO: A PROPÓSITO DO IMPERADOR CLÁUDIO E DE TÁCITO. **Revista (Entre Parênteses)**, [s. l.], v. 8, n. 2, 2019.

ECO, U. **Interpretação e superinterpretação**. Tradução: Stabel. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador. 1: Uma história dos costumes**. S.l.: [s. n.], 1994.

ESPINDOLA, H. S.; GUIMARÃES, D. J. M. História Ambiental dos Desastres: uma agenda necessária. **Revista Tempo e Argumento**, [s. l.], v. 11, n. 26, p. 560–573, 2019.

FARBER, W. Die Vergöttlichung Narām-Sîns. **Orientalia**, [s. l.], v. 52, n. 1, p. 67–72, 1983.

FAULSEIT, R. K. (org.). **Beyond collapse: archaeological perspectives on resilience, revitalization, and transformation in complex societies**. Carbondale, Illinois: Southern Illinois University Press, 2016.

FERRI, G. K. História global à prova: um balanço sobre críticas e proposições historiográficas. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, [s. l.], v. 1, n. 39, p. 280–293, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/253484.1.39-15>

FIORIN, J. L. **Argumentação**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

FLAHERTY, E. Complexity Theory: Societies as Complex Systems. In: FLAHERTY, E. **Complexity and Resilience in the Social and Ecological Sciences**. London: Palgrave Macmillan UK, 2019. p. 29–76. Disponível em: https://doi.org/10.1057/978-1-137-54978-5_2. Acesso em: 23 fev. 2023.

FLANNERY, K. V. The Cultural Evolution of Civilizations. **Annual Review of Ecology and Systematics**, [s. l.], v. 3, p. 399–426, 1972.

FLEMING, D. E. **Democracy's ancient ancestors: Mari and early collective governance**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2004.

FONSECA, C. F. A. Continuidade, mudança e tempo: o problema da periodização e outros problemas no estudo da História. **Revista de História**, [s. l.], v. 35, n. 72, p. 563–570, 1967. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.1967.126805>

FOSTER, Benjamin R. An Agricultural Archive from Sargonic Akkad. **Acta Sumerologica** 4, [s. l.], p. 7–51, 1982.

FOSTER, Benjamin R. Notes on Sargonic royal progress. **Journal of the Ancient Near Eastern Society**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 29–42, 1980.

FOSTER, Benjamin R. **The Age of Agade: inventing empire in ancient Mesopotamia**. London ; New York, NY: Routledge/Taylor & Francis Group, 2016a.

FOSTER, Benjamin R. **The Age of Agade: inventing empire in ancient Mesopotamia**. London ; New York, NY: Routledge/Taylor & Francis Group, 2016b.

FOSTER, Benjamin R.; FOSTER, K. P. **Civilizations of ancient Iraq**. Princeton: Princeton University Press, 2009.

FOSTER, Benjamin Read. **Administration and use of institutional land in Sargonic Sumer**. Copenhagen: Akademisk forlag, 1982. (Mesopotamia, v. 9).

FOSTER, Benjamin Read. **Before the Muses: an anthology of Akkadian literature**. 3. ed. Bethesda (Md.): CDL press, 2005.

FOSTER, R. D. The Concept of Empire. In: OATHWAITE, W.; TURNER, S. P. (org.). **The Sage handbook of political sociology**. 1st edition. Thousand Oaks, CA: SAGE Inc, 2017. v. 2, p. 445–460.

FRANCELIN, M. M. Abordagens em epistemologia: Bachelard, Morin e a epistemologia da complexidade. **Transinformação**, [s. l.], v. 17, p. 101–109, 2005.

FRANKE, S. kings of Akkad: Sargon and Naram-Sin. In: SASSON, J. M. (org.). **Civilizations of the ancient Near East**. New York: C. Scribner's sons, 1995. p. 831–841.

FRAYNE, D. **Sargonic and Gutian periods, 2334-2113 BC**. Toronto ; Buffalo: University of Toronto Press, 1993. (The Royal inscriptions of Mesopotamia, v. v. 2).

FUNARI, P. P. A. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

GARELLI, P. **O Oriente próximo asiático: das origens as invasões dos povos do mar**. São Paulo: Pioneira: USP, 1982.

GEEVERS, Liesbeth. The Invention of Dynasty. *The Court Historian*, v. 22, n. 2, p. 224-226, 2017.

GELB, I. J. **Sargonic Texts in the Ashmolean Museum, Oxford. Materials for the Assyrian Dictionary 5**. Chicago: University of Chicago Press, 1970.

GELB, I. J.; KIENAST, B. **Die altakkadischen Königsinschriften des dritten Jahrtausends v. Chr.** Stuttgart: F. Steiner, 1990. (Freiburger altorientalische Studien, v. Bd. 7).

GELB, I. J.; STEINKELLER, P.; WHITING, R. M. **Earliest land tenure systems in the Near East: ancient Kudurrus**. Chicago, Ill: Oriental Institute of the University of Chicago, 1991.

GIARDINA, A. Esplosione di tardoantico. *Studi Storici*, [s. l.], v. 40, n. 1, p. 157–180, 1999.

GIBBON, E. **Declínio e Queda do Império Romano**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

GIBBONS, A. How the Akkadian Empire Was Hung Out to Dry. *Science*, [s. l.], v. 261, n. 5124, p. 985–985, 1993.

GLASSNER, J.-J. **La chute d'Akkadé: l'événement et sa mémoire**. [S. l.]: BRD, 1986a.

GLASSNER, J.-J. **La chute d'Akkadé: l'événement et sa mémoire**. Berlin: D. Reimer, 1986b. (Berliner Beiträge zum Vorderen Orient, v. Bd. 5).

GLASSNER, J.-J. **Le Devin historien en Mésopotamie**. Leiden; Boston: BRILL, 2019.

GLASSNER, J.-J. **Mesopotamian chronicles**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2004. (Writings from the ancient world, v. no. 19).

GOLDMAN, M. Antropologia contemporânea, sociedades complexas e outras questões. *Anuário Antropológico*, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 113–153, 1994.

GOOD, D. H.; REUVENY, R. On the Collapse of Historical Civilizations. *American Journal of Agricultural Economics*, [s. l.], v. 91, n. 4, p. 863–879, 2009.

GRAEBER, D.; WENGROW, D. **O despertar de tudo**. 1. ed. [S. l.]: Companhia das Letras, 2022. v. 1

GRAEBER, D.; WENGROW, D. **The dawn of everything: a new history of humanity**. First American edition. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2021.

GRAYSON, A. K. **Assyrian and Babylonian Chronicles**. [S. l.]: Augstin Publishers, 1975. (Series: Texts from Cuneiform Sources 5).

GROSBY, S. Borders and States. In: A COMPANION TO THE ANCIENT NEAR EAST. [S. l.]: John Wiley & Sons, Ltd, 2020. p. 225–241.

GUARINELLO, N. L. Uma Morfologia da História: As Formas da História Antiga. **Politeia - História e Sociedade**, [s. l.], v. 3, n. 1, 2003a.

GUARINELLO, N. L. Uma Morfologia da História: As Formas da História Antiga. **Politeia - História e Sociedade**, [s. l.], v. 3, n. 1, 2003b.

HALLORAN, J. A. **Sumerian lexicon: a dictionary guide to the ancient Sumerian language**. 1. ed. Los Angeles: Logogram Pub, 2006a.

HALLORAN, J. A. **Sumerian lexicon (deletar e corrigir)**. Los Angeles: Logogram Pub, 2006b.

HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Tradução: Janaína Marcoantonio. 30 ed.ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

HARTOG, F. Experiências do tempo: da história universal ã história global? **História, histórias**, [s. l.], v. 1, n. 1, 2013.

HODDER, I. **Theory and practice in archaeology**. Reprinteded. London: Routledge, 1998. (Material cultures).

HOLLANDER, D. B.; HOWE, T. (org.). **A companion to ancient agriculture**. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021. (Blackwell companions to the ancient world).

HOROWITZ, W. **Mesopotamian cosmic geography**. Winona Lake, Ind: Eisenbrauns, 1998. (Mesopotamian civilizations, v. 8).

HROUDA, B. **Mesopotamien: die antiken Kulturen zwischen Euphrat und Tigris**. Orig.-Ausged. München: Beck, 1997. (Beck'sche Reihe C. H. Beck Wissen, v. 2030).

HUEHNERGARD, J. **A grammar of Akkadian**. Atlanta, GA: Scholars Press, 1997. (Harvard Semitic studies, v. no. 45).

HUNTINGTON, S. P. **The clash of civilizations and the remaking of world order**. New York: Simon & Schuster, 1996.

IGGERS, G. Desafios do século XXI à historiografia. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, [s. l.], v. 3, n. 4, p. 105–124, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.15848/hh.v0i4.139>

JACOB L. DAHL. A Babylonian Gang of Potters Reconstructing the Social Organization of Crafts Production in the Late Third Millennium BC Southern Mesopotamia. In: KOGAN, L. E.; LOESOV, S.; TISCHENKO, S. (org.). **City administration in the ancient Near East: proceedings of the 53e Rencontre assyriologique internationale**. Vol. 2. Winona Lake, Ind: Published for the Russian State University for the Humanities by Eisenbrauns, 2010.

JACOBSEN, T. Primitive Democracy in Ancient Mesopotamia. **Journal of Near Eastern Studies**, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 159–172, 1943.

JACOBSEN, T.; ADAMS, R. M. Salt and Silt in Ancient Mesopotamian Agriculture: Progressive changes in soil salinity and sedimentation contributed to the breakup of past

civilizations. *Science*, [s. l.], v. 128, n. 3334, p. 1251–1258, 1958. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.128.3334.1251>

JEAN, C.-F. **Contrats de Larsa. Première série**. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1926. (Textes Cunéiformes, Musée du Louvre, v. 10).

JENNINGS, J. Civilization, or Morgan's Golem. In: KILLING CIVILIZATION: A REASSESSMENT OF EARLY URBANISM AND ITS CONSEQUENCES. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2016. p. 1–23.

JENNINGS, J. **Globalizations and the ancient world**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2011.

JOHNSON, S. A. J. **Why did ancient civilizations fail?** New York, NY: Routledge/Taylor & Francis Group, 2017.

JONKER, G. Transmission from image to imagery. In: JONKER, G. **The topography of remembrance: the dead, tradition and collective memory in Mesopotamia**. Leiden; New York: E.J. Brill, 1995. (Studies in the history of religions, v. 68).

JORDHEIM, H. Against Periodization: Koselleck's Theory of Multiple Temporalities. *History and Theory*, [s. l.], v. 51, n. 2, p. 151–171, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1468-2303.2012.00619.x>

JURSA, M. Agriculture in Bronze Age Mesopotamia. In: HOLLANDER, D. B.; HOWE, T. (org.). **A companion to ancient agriculture**. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2021. (Blackwell companions to the ancient world).

KANIEWSKI, D. *et al.* The 4.2 ka BP event in the Levant. *Climate of the Past*, [s. l.], v. 14, n. 10, p. 1529–1542, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5194/cp-14-1529-2018>

KARAGIANNI, A.; SCHWINDT, J. P.; TSOUPAROPOULOU, C. Materialität. In: DEUTSCHE FORSCHUNGSGEMEINSCHAFT. **Materiale Textkulturen**. [S. l.]: De Gruyter, 2015. p. 33–46. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110371291.33>. Acesso em: 15 jul. 2023.

KAURIN, D. Cyclical theories of social change: Spengler and Toynbee. *Sociologija*, [s. l.], v. 49, n. 4, p. 289–312, 2007.

KNAPPETT, C. Materiality in Archaeological Theory. In: SMITH, C. (org.). **Encyclopedia of Global Archaeology**. New York, NY: Springer, 2014. p. 4700–4708.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

KRAMER, S. N. **Mesopotâmia: O Berço da Civilização**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

LEICK, G. **Historical dictionary of Mesopotamia**. 2. ed. Lanham, Md: Scarecrow Press, 2010a. (Historical dictionaries of ancient civilizations and historical eras, v. no. 26).

LEICK, G. **Mesopotâmia - A Invenção da Cidade**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

- LEICK, G. **Naram-Sin**. In: HISTORICAL DICTIONARY OF MESOPOTAMIA. Lanham: Scarecrow Press, 2010b. p. 124–125.
- LENZI, A. **An introduction to Akkadian literature: contexts and content**. University Park (Pa.): Eisenbrauns, 2019.
- LÉVI-STRAUSS, C. A crise moderna da antropologia. **Revista de Antropologia**, [s. l.], p. 19–26, 1962.
- LIVERANI, M. (org.). **Akkad: The First World Empire : Structure, Ideology, Traditions**. Rome: Sargon, 1993.
- LIVERANI, M. **Antigo Oriente História, Sociedade e Economia**. Tradução: Ivan Esperança Rocha. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- LIVERANI, M. **The ancient Near East: history, society and economy**. Tradução: Soraia Tabatabai. London; New York: Routledge/Taylor & Francis Group, 2014.
- LORENZO VERDERAME. Slavery in Third-Millennium Mesopotamia: An Overview of Sources and Studies. **Journal of Global Slavery**, [s. l.], v. 3, n. 1–2, p. 13–40, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/2405836X-00301003>
- MAGALHÃES, P. T. Império: notas sobre o alcance de um conceito. [s. l.], 2013.
- MANDER, P. War in Mesopotamian Culture. In: ULANOWSKI, K. (org.). **The Religious Aspects of War in the Ancient Near East, Greece, and Rome**. Leiden ; Boston: BRILL, 2016. p. 3–22. Disponível em: https://doi.org/10.1163/9789004324763_003. Acesso em: 29 dez. 2023.
- MARC VAN DE MIEROOP. **A history of the ancient Near East ca. 3000-323 BC**. Third edition. Chichester, West Sussex, UK: John Wiley & Sons Inc, 2016.
- MARTIN, M.; SNELL, D. C. Democracy and Freedom. In: SNELL, D. C. (org.). **A companion to the ancient Near East**. Malden, MA: Blackwell Pub, 2005. (Blackwell companions to the ancient world).
- MARTINS, E. C. de R. VERITAS FILIA TEMPORIS? O CONHECIMENTO HISTÓRICO E A DISTINÇÃO ENTRE FILOSOFIA E TEORIA DA HISTÓRIA. **Síntese: Revista de Filosofia**, [s. l.], v. 36, n. 114, p. 5, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.20911/21769389v36n114p5-25/2009>
- MCMAHON, A. The Akkadian Period: Empire, Environment, and Imagination. In: POTTS, D. T. (org.). **A companion to the archaeology of the ancient Near East**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012.
- MCNEILL, J. R. Global Environmental History: The First 150,000 Years. In: MAULDIN, E. S.; MCNEILL, J. R. (org.). **A companion to global environmental history**. Chichester, West Sussex; Hoboken, N.J: Wiley, 2012.
- MCNEILL, J. R.; MAULDIN, E. S. (org.). **A companion to global environmental history**. Chichester, West Sussex; Hoboken, N.J: Wiley, 2012. (Wiley-Blackwell companions to history).

- MCPHERSON, K. Trading Encounters: from the Euphrates to the Indus in the Bronze Age. **International Journal of Nautical Archaeology**, [s. l.], v. 38, n. 2, p. 429–430, 2009.
- MELVILLE, S. C. Warfare in Mesopotamia. In: SNELL, D. C. (org.). **A Companion to the Ancient Near East**. Second editioned. Chichester: Wiley Blackwell, 2020.
- MENDES, N. M. Um Modelo de Colapso de Sociedades Complexas. **PHOÏNIX**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 157–169, 1995.
- MENESES, U. T. B. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, [s. l.], v. 0, n. 115, p. 103, 1983.
- MICHALOWSKI, P. Commemoration, Writing, and Genre in Ancient Mesopotamia. In: KRAUS, C. *et al.* **The Limits of Historiography**. [S. l.]: BRILL, 1999. p. 69–90.
- MICHALOWSKI, P. Democracy and the rule of law, the assembly, and the first law code. In: CRAWFORD, H. E. W. (org.). **The Sumerian world**. London; New York: Routledge, 2013. (The Routledge worlds).
- MIDDLETON, G. D. Introducing Collapse. In: MIDDLETON, G. D. **Understanding collapse: ancient history and modern myths**. New York, NY: Cambridge University Press, 2017. p. 1–50.
- MILLER, D. Materiality: An Introduction. In: MILLER, D. (org.). **Materiality**. Durham, N.C: Duke University Press, 2005.
- MOMIGLIANO, A.; DI DONATO, R. **The classical foundations of modern historiography**. Berkeley Los Angeles London: University of California Press, 1990. (Sather classical lectures, v. volume 54).
- MONROE, C. M. Money and Traders. In: A COMPANION TO THE ANCIENT NEAR EAST. [S. l.]: John Wiley & Sons, Ltd, 2020. p. 145–164.
- MONTE, M. L. P. do. ‘Rei das Quatro Regiões’: Sargão de Akkad e o modelo imperial na Mesopotâmia. In: LEÃO, D.; RAMOS, J. A.; RODRIGUES, N. S. **Arqueologias de Império**. 1. ed. [S. l.]: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. p. 89–105.
- MORALES, F. A.; SILVA, U. G. da. História Antiga e História Global: afluentes e confluências. **Revista Brasileira de História**, [s. l.], v. 40, p. 125–150, 2020.
- MORGAN, L. H. **Ancient society**. Tucson, Ariz: University of Arizona Press, 1985.
- MORIN, E. **Ciencia Com Consciencia**. Tradução: Maria D. Alexandre. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005a. v. 8
- MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005b.
- MORRIS, I. Empire and Military Organization. In: BANG, P. F.; BAYLY, C. A.; SCHEIDEL, W. (org.). **The Oxford world history of empire**. New York, NY: Oxford University Press, 2021. p. 155–178.
- MORTARI, C. A. **Introdução à lógica**. Sao Paulo: Ed. UNESP, 2001.

- MUNIZ, M. J. Hasty Generalization. In: ARP, R.; BARBONE, S.; BRUCE, M. **Bad arguments: 100 of the most important fallacies in western philosophy**. Hoboken (N.J.): Wiley Blackwell, 2019.
- NIELSEN, J. P. The Family in the Ancient Near East. In: A COMPANION TO THE ANCIENT NEAR EAST. [S. l.]: John Wiley & Sons, Ltd, 2020. p. 111–124.
- NOWAKOWSKA, N. What's in a Word? The Etymology and Historiography of Dynasty – Renaissance Europe and Beyond. **Global Intellectual History**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 453–474, 2022.
- OATES, D.; OATES, J.; MCDONALD, H. **Excavations at Tell Brak**. Cambridge London: McDonald Institute for archaeological research British school of archaeology in Iraq, 2001.
- OLSTEIN, D. A. **Thinking history globally**. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan, 2015.
- OPPENHEIM, A. L. **Letters from Mesopotamia: official business, and private letters on clay tablets from two millennia**. Chicago; London: Chicago, University of Chicago Press, 1967.
- ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2000.
- OTT, M. R.; AST, R. Textkulturen. In: DEUTSCHE FORSCHUNGSGEMEINSCHAFT. **Materiale Textkulturen**. [S. l.]: De Gruyter, 2015. p. 191–198.
- PACHECO, M. F. de S. D. Conceito de civilização. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, [s. l.], n. 13, p. 58–59, 1963.
- PÁDUA, J. A. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**, [s. l.], v. 24, p. 81–101, 2010.
- PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- PAULETTE, T. Grain, Storage, and State Making in Mesopotamia (3200-2000 BC). In: MANZANILLA, L.; ROTHMAN, M. S. (org.). **Storage in ancient complex societies: administration, organization, and control**. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2016.
- PAVIANI, J. **Epistemologia prática: ensino e conhecimento científico**. Caxias do Sul (RS): Educs, 2013.
- PEDROTTI, A. *et al.* Causas e consequências do processo de salinização dos solos. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, [s. l.], p. 1308–1324, 2015.
- PEIRANO, M. G. S. Etnocentrismo às avessas: O Conceito de Sociedade Complexa. (Ethnocentrisme à rebours: le concept de Société Complexe). **Dados — Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 97–115, 1983.
- PERNAU, M.; SACHSENMAIER, D. (org.). **Global conceptual history: a reader**. London; New York: Bloomsbury Academic, 2016.

PILLA, M. C. B. A. Manuais de civilidade, modelos de civilização. **Revista do núcleo de documentação histórica: História em revista**, [s. l.], v. 9, n. 9, p. 105–134, 2003.

PIOTR MICHALOWSKI. The Kingdom of Akkad in Contact with the World. In: RADNER, K.; MOELLER, N.; POTTS, D. T. (org.). **The Oxford history of the ancient Near East**. New York, NY: Oxford University Press, 2020. p. 686–764.

PODANY, A. H. **Brotherhood of kings: how international relations shaped the ancient Near East**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2010.

POLLOCK, S. From Clay to Stone: Material Practices and Writing in Third Millennium Mesopotamia. In: FROM CLAY TO STONE: MATERIAL PRACTICES AND WRITING IN THIRD MILLENNIUM MESOPOTAMIA. [S. l.]: De Gruyter, 2016. p. 277–292.

PONTING, C. **A new green history of the world: the environment and the collapse of great civilizations**. Rev. ed. New York: Penguin Books, 2007.

POSTGATE, J. N. In Search of the First Empires. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**, [s. l.], n. 293, p. 1–13, 1994.

POSTGATE, N. **Early Mesopotamia: Society and Economy at the Dawn of History**. [S. l.]: Taylor & Francis, 2017.

POWELL, M. A. (org.). **Labor in the ancient Near East**. New Haven, Conn: American Oriental Society, 1987.

POWELL, M. A. Salt, Seed, and Yields in Sumerian Agriculture. A Critique of the Theory of Progressive Salinization: [s. l.], v. 75, n. 1, p. 7–38, 1985.

POZZER, Kátia Maria Paim. Os mesopotâmicos tinham fome de quê? Literatura, cultura material e outras histórias. **Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas**, v. 2, n. 2, p. 137-152, 2017.

POZZER, Kátia Maria Paim. Cidades mesopotâmicas: história e representações. **Anos 90**, [s. l.], v. 10, n. 17, p. 61–73, 2003.

POZZER, Katia Maria Paim. Do prazer e da dor em estudar a Antiguidade Oriental: uma reflexão sobre o uso de fontes. **Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos**, [s. l.], n. 8, p. 18–34, 2016.

POZZER, Kátia Maria Paim. Os mesopotâmicos tinham fome de quê? Literatura, cultura material e outras histórias. **Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 137–152, 2018.

PRITCHARD, J. B. **Ancient Near Eastern texts: relating to the Old Testament**. 3rd edition with supplemented. Princeton, N.J: Princeton university press, 1969.

PU, M. **Enemies of civilization: attitudes toward foreigners in ancient Mesopotamia, Egypt, and China**. Albany: State University of New York Press, 2005. (SUNY series in Chinese philosophy and culture).

RADNER, K.; MOELLER, N.; POTTS, D. T. (org.). **The Oxford history of the ancient Near East**. New York, NY: Oxford University Press, 2020.

RADNER, K.; ROBSON, E. (org.). **The Oxford handbook of cuneiform culture**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2011. (Oxford handbooks).

RAN, M.; CHEN, L. The 4.2 ka BP climatic event and its cultural responses. **Quaternary International**, [s. l.], v. 521, p. 158–167, 2019.

RAN, M.; CHEN, L. The 4.2 ka BP climatic event and its cultural responses. **Quaternary International**, [s. l.], v. 521, p. 158–167, 2019b.

RANIERI, L. P.; FATTORI, A. Mãos na argila: notas para uma abordagem da materialidade da escrita cuneiforme. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [s. l.], v. 29, p. 1–34, 2021.

RATTO, A. Historia y física: a propósito de las críticas de Larcher a Voltaire. **Contrastes. Revista Internacional de Filosofía**, [s. l.], v. 20, n. 2, 2015.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 4, p. 265-282, 1996.

REDE, Marcelo. **A Mesopotâmia**. São Paulo: Saraiva, 2002. (Que História é Essa?).

REDE, Marcelo. Família e patrimônio fundiário: notas para o estudo da economia doméstica na antiga Mesopotâmia. **História e Economia**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 71–102, 2007a.

REDE, Marcelo. **Família e patrimônio na antiga Mesopotâmia**. Rio de Janeiro: Mauad X Editora Ltda, 2007b.

REDE, Marcelo. História e cultura material. In: **NOVOS DOMÍNIOS DA HISTÓRIA**. [S. l.: s. n.], 2012.

REDE, Marcelo. História e cultura material. In: **CARDOSO, C. F. S. (Ciro F. S.; VAINFAS, R. (org.). Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

REDE, Marcelo. O “rei de justiça”: soberania e ordenamento na antiga Mesopotâmia. **Phoînix**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 135–146, 2009.

REDE, Marcelo. Práticas funerárias, culto aos ancestrais e transmissão do patrimônio familiar na Babilônia antiga. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, [s. l.], n. 14, p. 117–138, 2004.

REINER, E. *et al.* (org.). **The Assyrian dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago. Vol. 17 Pt. 1: Š / Erica Reiner, ed.-in-charge Ša-Šap / Erica Reiner, ed.-in-charge**. 2. printed. Chicago, Ill: Oriental Inst., 2004a. v. 17

REINER, E. *et al.* (org.). **The Assyrian dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago. Vol. 17 Pt. 2: Š / Erica Reiner, ed.-in-charge Šaq - Šil / Erica Reiner, ed.-in-charge**. 2. printed. Chicago, Ill: Oriental Inst. [u.a.], 2004b. v. 17

REINER, E. *et al.* **The Assyrian dictionary of the Oriental Institute of the University of Chicago. vol. 18: T.** Chicago: The Oriental Institute, 2006. v. 18

RICHERSON, Peter J.; BOYD, Robert. Complex societies: The evolutionary origins of a crude superorganism. *Human nature*, v. 10, p. 253-289, 1999.

RIEHL, S. Climate and agriculture in the ancient Near East: a synthesis of the archaeobotanical and stable carbon isotope evidence. **Vegetation History and Archaeobotany**, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 43–51, 2008.

ROCHBERG, F. The Expression of Terrestrial and Celestial order in Ancient Mesopotamia. In: TALBERT, R. J. A. (org.). **Ancient perspectives: maps and their place in Mesopotamia, Egypt, Greece, and Rome.** Chicago; London: The University of Chicago Press, 2012.

SALLABERGER, W.; PRUSS, A. Home and Work in Early Bronze Age Mesopotamia: “Ration Lists” and “Private Houses” at Tell Beydar/Nadaba. In: STEINKELLER, P.; HUDSON, M. **Labor in the ancient world: a colloquium held at Hirschbach (Saxony), April 2005.** Dresden: ISLET, 2015. (International Scholars Conference on Ancient Near Eastern Economies, v. volume 5).

SALLES, V. O.; MATOS, E. A. S. Á. de. A Teoria da Complexidade de Edgar Morin e o Ensino de Ciência e Tecnologia. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, [s. l.], v. 10, n. 1, 2017.

SÁNCHEZ, Estefanía Bernabé; POZZER, Katia Maria Paim. Eu, Enheduanna. **Revista Enunciação: Revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRRJ.** Seropédica, RJ: PPGFIL-UFRRJ, 2023. Vol. 8, n. 2 (2023), p. 1-21, 2023.

SANTAMARÍA, V. A. La crítica de Rousseau al concepto de civilización. **Nuevo Pensamiento**, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 13, 2013.

SANT’ANNA, H. M. de. Políbio e os princípios de sua investigação histórica: algumas considerações. **Revista Mundo Antigo**, [s. l.], v. 01, n. 02, 2012.

SANTOS, D. V. C. dos. De tablet para tablet - novas ferramentas para a pesquisa e o ensino da história das culturas cuneiformes na era digital. **Revista Tempo e Argumento**, [s. l.], v. 6, n. 12, p. 212–241, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/2175180306122014212>

SANTOS, D. V. C. dos; CONTADOR, A. L.; CRESCENCIO, A. A. REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO DA CIDADE NA EPOPÉIA DE GILGAMESH: A URUK DAS GRANDES MURALHAS. **Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais – UEG/UnU**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 115–129, 2012.

SAZONOV, V. Some Remarks Concerning the Development of the Theology of War in Ancient Mesopotamia. In: ULANOWSKI, K. (org.). **The Religious Aspects of War in the Ancient Near East, Greece, and Rome.** [S. l.]: BRILL, 2016. p. 23–50.

SCHRAKAMP, I. **Krieger und Waffen im frühen Mesopotamien: Organisation und Bewaffnung des Militärs in fröhndynastischer und sargonischer Zeit.** 283 f. 2010. Dissertação (Mestrado) - Philipps-Universität, Marburg, 2010.

- SCHRAKAMP, I. The kingdom of Akkad: A view from within. In: RADNER, K.; MOELLER, N.; POTTS, D. T. (org.). **The Oxford history of the ancient Near East**. New York, NY: Oxford University Press, 2020.
- SCHWARTZ, G. M.; NICHOLS, J. J. (org.). **After collapse: the regeneration of complex societies**. Tucson, Ariz: The University of Arizona Press, 2006.
- SCURLOCK, J. Oaths, ancient Near East. In: BAGNALL, R. S. *et al.* (org.). **The Encyclopedia of Ancient History**. 1. ed. [S. l.]: Wiley, 2012.
- SELZ, G. J. **Sumerer und Akkader Geschichte, Gesellschaft, Kultur**. 3ed. München: C.H. Beck, 2016.
- SERVICE, E. R.; WHITE, L. A.; SAHLINS, M. **Evolution and culture**. S.l: The University of Michigan Press, 1988.
- SHAR-KALI-SARRI. In: HISTORICAL DICTIONARY OF MESOPOTAMIA. Lanham: Scarecrow Press, 2010. p. 159.
- SHENNAN, S. “dark age” in Archaeology/systems collapse. In: RENFREW, C.; BAHN, P. G. (org.). **Archaeology: the key concepts**. London, U.K.; New York: Routledge, 2005.
- SILVA, U. G. da. Os modo(s) de produção asiático(s) e o orientalismo em Marx. **Revista de Estudos Orientais**, [s. l.], n. 8, p. 119–130, 2010.
- SILVA, U. G. da. Outra história global é possível? Desocidentalizando a história da historiografia ea história antiga. **Esboços: histórias em contextos globais**, [s. l.], v. 26, n. 43, p. 473–485, 2019.
- SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2. ed. Sao Paulo: Editora Contexto, 2022.
- SNELL, D. C. (org.). **A companion to the ancient Near East**. Malden, MA: Blackwell Pub, 2005. (Blackwell companions to the ancient world).
- SOLLBERGER, E. The Rulers of Lagaš. **Journal of Cuneiform Studies**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 279–291, 1967. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1359377>
- SPENGLER, O. **Decline of the West: Perspectives of World-History**. Tradução: Charles Francis Atkinson. London, UK: G. Allen & Unwin, 1926. v. 1
- STAUBWASSER, M.; WEISS, H. Holocene Climate and Cultural Evolution in Late Prehistoric–Early Historic West Asia. **Quaternary Research**, [s. l.], v. 66, n. 3, p. 372–387, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.yqres.2006.09.001>
- STEINKELLER, P. Early political development in Mesopotamia and the origins of the Sargonic empire. [s. l.], v. 5, History of the Ancient Near East. Studies ; HANE. S, p. 107–129, 1993.
- STEINKELLER, P. Introduction. Labor in the Early States: An Early Mesopotamian. In: STEINKELLER, P.; HUDSON, M. **Labor in the ancient world: a colloquium held at**

Hirschbach (Saxony), April 2005. Dresden: ISLET, 2015a. (International Scholars Conference on Ancient Near Eastern Economies, v. volume 5).

STEINKELLER, P. The Employment of Labor on National Building Projects in the Ur III Period. In: STEINKELLER, P.; HUDSON, M. **Labor in the ancient world: a colloquium held at Hirschbach (Saxony), April 2005.** Dresden: ISLET, 2015b. (International Scholars Conference on Ancient Near Eastern Economies, v. volume 5).p. 137–236.

STEINKELLER, P. The Question of Marḥaši: A Contribution to the Historical Geography of Iran in the Third Millennium B.C. **Zeitschrift für Assyriologie und Vorderasiatische Archäologie**, [s. l.], v. 72, n. 2, p. 237–265, 1982.

STEINKELLER, P.; HUDSON, M. **Labor in the ancient world: a colloquium held at Hirschbach (Saxony), April 2005.** Dresden: ISLET, 2015. (International Scholars Conference on Ancient Near Eastern Economies, v. volume 5).

STIEBING, W. H.; HELFT, S. N. **Ancient Near Eastern history and culture.** Third editioned. New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2018.

STOL, M. Old babylonian Corvée (tupsikku). In: HOUWINK TEN CATE, P. H. J.; HOUT, T. P. J. van den; ROOS, J. de (org.). **Studio historiae ardens: ancient Near Eastern studies presented to Philo H.J. Houwink ten Cate on the occasion of his 65th birthday.** Istanbul: Nederlands Historisch-Archaeologisch Instituut te Istanbul, 1995. (Uitgaven van het Nederlands Historisch-Archaeologisch Instituut te Istanbul, v. 74).

SUMNER, W. M. **Early urban life in the land of Anshan: excavations at Tal-e Malyan in the highlands of Iran.** Philadelphia: University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, 2003. (University Museum monograph, v. 117).

TAINTER, J. A. How Scholars Explain Collapse. In: CENTENO, M. *et al.* **How Worlds Collapse.** 1. ed. New York: Routledge, 2023. p. 25–36. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781003331384-4>. Acesso em: 1 mar. 2023.

TAINTER, J. A. Sustainability of complex societies. **Futures**, [s. l.], v. 27, n. 4, p. 397–407, 1995.

TAINTER, J. A. **The collapse of complex societies.** Cambridge, Cambridgeshire ; New York: Cambridge University Press, 1988a. (New studies in archaeology).

TAINTER, J. A. **The collapse of complex societies.** Cambridge, Cambridgeshire ; New York: Cambridge University Press, 1988b. (New studies in archaeology).

THUCYDIDES, THE PELOPONNESIAN WAR, BOOK 3, CHAPTER 62. [S. l.], [s. d.]. Disponível em:

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0199:book=3:chapter=62&highlight=dunastei%2Fa>. Acesso em: 21 mar. 2023.

TILLEY, C. Y. Introduction. In: TILLEY, C. Y. *et al.* (org.). **Handbook of material culture.** Paperback editioned. Los Angeles London New Delhi Singapore Washington, DC: Sage, 2013.

TOYNBEE, A. J. **A Study of History**. London; New York; Toronto: Oxford University Press, 1948. *E-book*.

TSOUPAROPOULOU, C. Deconstructing Textuality, Reconstructing Materiality. In: DECONSTRUCTING TEXTUALITY, RECONSTRUCTING MATERIALITY. [S. l.]: De Gruyter, 2016. p. 257–276. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110459630-012>. Acesso em: 12 jul. 2023.

VAN DE MIEROOP, M. **A history of the ancient Near East, ca. 3000-323 B.C.** 2. ed. Malden, MA: Blackwell Pub, 2007. (Blackwell history of the ancient world).

VIRTANEN, N. M. **The Collapse of the Akkadian Empire: A Review of Historical and Textual Sources**. 72 f. 2019. Mestrado em História - University of Helsinki, Helsinki, 2019.

VISICATO, G. **The power and the writing: the early scribes of Mesopotamia**. Bethesda (Md.): CDL Press, 2000.

WARBURTON, D. A. Labor, ancient Near East. In: BAGNALL, R. S. *et al.* (org.). **The Encyclopedia of Ancient History**. 1. ed. [S. l.]: Wiley, 2012.

WARBURTON, D. A. Working. In: A COMPANION TO THE ANCIENT NEAR EAST. [S. l.]: John Wiley & Sons, Ltd, 2020. p. 181–200.

WATANABE, T. K. *et al.* Oman corals suggest that a stronger winter shamal season caused the Akkadian Empire (Mesopotamia) collapse. **Geology**, [s. l.], v. 47, n. 12, p. 1141–1145, 2019.

WEISS, H. *et al.* The Genesis and Collapse of Third Millennium North Mesopotamian Civilization. **Science**, [s. l.], v. 261, n. 5124, p. 995–1004, 1993a.

WEISS, H. *et al.* The Genesis and Collapse of Third Millennium North Mesopotamian Civilization. **Science**, [s. l.], v. 261, n. 5124, p. 995–1004, 1993b. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.261.5124.995>

WEISS, Harvey. **4.2 ka BP Megadrought and the Akkadian Collapse**. [S. l.]: Oxford University Press, 2017. v. 1

WEISS, Harvey *et al.* Revising the Contours of History at Tell Leilan. **Annales Archéologiques Arabes Syriennes**, [s. l.], v. 45, n. 28, p. 59–74, 2002.

WESTENHOLZ, A. The old akkadian period: history and culture. In: ATTINGER, P.; WÄFLER, M. (org.). **Akkade-Zeit und Ur III-Zeit**. Freiburg, Schweiz : Göttingen: Universitätsverlag ; Vandenhoeck & Ruprecht, 1999.

WESTENHOLZ, J. G. In the service of the gods: The ministering clergy. In: CRAWFORD, H. E. W. (org.). **The Sumerian world**. London; New York: Routledge, 2013. (The Routledge worlds). p. 246–274.

WESTENHOLZ, J. G. **Legends of the kings of Akkade: the texts**. Winona Lake, Ind: Eisenbrauns, 1997. (Mesopotamian civilizations, v. 7).

WESTENHOLZ, J. G. The Old Akkadian Evidence for the Destruction of Name and Destruction of Person. In: **ICONOCLASM AND TEXT DESTRUCTION IN THE ANCIENT NEAR EAST AND BEYOND**. Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago, 2012.

WHITE, S. Climate Change in Global Environmental History. In: MCNEILL, J. R.; MAULDIN, E. S. (org.). **A companion to global environmental history**. Chichester, West Sussex; Hoboken, N.J: Wiley, 2012. (Wiley-Blackwell companions to history).

WIGGERMANN, F. A. M. Agriculture as civilization: Sage, farmers, and barbarians. In: RADNER, K.; ROBSON, E. (org.). **The Oxford handbook of cuneiform culture**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2011. (Oxford handbooks).

WILKINSON, T. J. Introduction to Geography, Climate, Topography, and Hydrology. In: POTTS, D. T. (org.). **A companion to the archaeology of the ancient Near East**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012.

WINTER, I. J. Touched by the gods: visual evidence for divine status of the rulers in the Ancient Near East. In: BRISCH, N. M. (org.). **Religion and power: divine kingship in the ancient world and beyond**. Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago, 2008.

WINTHROP, R. H. **Dictionary of concepts in cultural anthropology**. New York: Greenwood Press, 1991.

WOOLF, G. Archaeological narratives of the collapse of complex societies. In: , 2017. **Decline and Decline-Narratives in the Greek and Roman World, Proceedings of a Conference held in Oxford in March**. [S. l.: s. n.], 2017. p. 113–122.

WORSTER, D. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, [s. l.], v. 4, n. 8, p. 198–215, 1991.

YOFFEE, N. The Collapse of Complex Societies. In: **MYTHS OF THE ARCHAIC STATE: EVOLUTION OF THE EARLIEST CITIES, STATES AND CIVILIZATIONS**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 131–160.

ZDEBSKYI, J. de F. **A deusa precisa ser satisfeita: guerra, morte e sexo na Suméria nos atributos da deusa Inanna**. 2022. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2022.

ZETTLER, R. L. *et al.* (org.). **Treasures from the royal tombs of Ur**. Philadelphia: University of Pennsylvania, Museum of Archaeology and Anthropology, 1998.